

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Estelas e Estátuas-menires

no Centro e Norte de Portugal e Sudoeste da
Meseta Superior

Vol. I

António Martino Venhuizen Correia

2010

Faculdade de Letras
Universidade de Coimbra

Estelas e Estátuas-menires

no Centro e Norte de Portugal e Sudoeste da Meseta Superior

Dissertação de Mestrado em **Arqueologia e Território** apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, sob a orientação da Professora Doutora Raquel Maria da Rosa Vilaça.

António Martino Venhuizen Correia

2010

Índice

Índice	2
I – Introdução	4
II – Entre Douro e Minho	11
1 – Sistematização dos monumentos	11
2 – Geologia e Litologia	14
3 – Contexto e Enquadramento Geomorfológico	15
4 – Considerações Finais	20
III – Trás-os-Montes e Alto Douro	23
1 – Sistematização dos monumentos	24
2 – Geologia e Litologia	34
3 – Contexto e Enquadramento Geomorfológico	37
4 – Considerações Finais	43
IV – Beira Central e Ocidental	47
1 – Sistematização dos monumentos	47
2 – Geologia e Litologia	50
3 – Contexto e Enquadramento Geomorfológico	51
4 – Considerações Finais	53
V – Centro e Sul da Beira Interior e Serra de Gata	54
1 – Os ídolos-estela de tipo “Hurdes-Gata”	55
1.1 – Sistematização dos monumentos	55
1.2 – Geologia e Litologia	59
1.3 – Contexto e Enquadramento Geomorfológico	61
1.4 – Considerações Finais	65
2 – As “estelas de guerreiro”	67
2.1 – Sistematização dos monumentos	67
2.2 – Geologia e Litologia	70

2.3 – Contexto e Enquadramento Geomorfológico _____	72
2.4 – Considerações Finais _____	77
3 – Outras representações antropomórficas _____	79
3.1 – Sistematização dos monumentos _____	79
3.2 – Geologia e Litologia _____	83
3.3 – Contexto e Enquadramento Geomorfológico _____	84
3.4 – Considerações Finais _____	86
VI - Conclusões Finais _____	89
VII - Bibliografia _____	98

I – Introdução

O presente trabalho tem como objecto de estudo as estátuas-menires e estelas pré-históricas conhecidas no espaço hoje correspondente ao Centro e Norte de Portugal e, ainda, o Sudoeste da Meseta Superior, integrando o sistema da Serra de Gata (tendo como fronteira meridional o Rio Tejo – ver Fig. 1). Mais do que um exame exaustivo e aprofundado do reportório iconográfico presente nas diferentes peças, ou de um estudo de índole mais tipológica, pretende-se analisar o enquadramento geo-morfológico de cada exemplar. Desta forma, tenta-se focar a forma como se inter-relacionaram, ao longo do tempo, os monumentos, a paisagem e as populações. Pretende-se encarar a estatuária pré-histórica enquanto elemento humanizador da paisagem e veículo de apropriação da mesma.

Para tal levou-se a cabo uma inserção cartográfica das peças, cruzando-se dados sobre a orografia, hidrografia, litologia e outros elementos que, em cada caso concreto, foram considerados pertinentes. Contudo, não foi possível em todos os casos observar estes elementos e levar a cabo esta análise de uma forma tão precisa como seria desejável. Tal advém do facto de, principalmente no caso dos monumentos identificados há mais tempo, muita da informação sobre o seu local exacto de achado ser insuficiente ou se ter perdido. Um segundo problema resulta das peças serem muitas vezes identificadas isoladas e fora de qualquer contexto arqueológico evidente ou directo. Tal contribui para que, nalguns casos, seja delicado determinar se estamos perante o contexto original de implantação da peça ou se, pelo contrário, a peça já teria sido previamente deslocada. Também o facto de muitos monumentos terem sido identificados de forma isolada e de forma fortuita coloca sérias dificuldades à aferição de cronologias. Ressalve-se que (e como se irá abordando no decorrer do trabalho), apesar disto, grande parte das peças tradicionalmente consideradas como descontextualizadas poderão não estar, na verdade, absolutamente desprovidas de contexto. Na ausência de contexto arqueológico, poderemos procurar no contexto geo-morfológico indícios que integrem os monumentos numa paisagem. Como afirma Leonardo García Sanjuán, a propósito da publicação de duas estelas de guerreiro perto de Sevilha, “é necessário passar de uma abordagem centrada no artefacto para uma abordagem contextual”, advogando “a existência de elementos fundamentais de continuidade funcional e conceptual entre as estelas de guerreiro a paisagem ancestral

que as rodeava” (GARCÍA SANJUÁN, 2006: 12-13). Acreditamos que esta posição é válida de igual modo para as estelas “de guerreiro” como para as restantes representações antropomórficas pré-históricas.

Dado a multiplicação de termos e conceitos presentes na bibliografia referente a esta temática, importa definir os quatro tipos formais empregados no trabalho agora apresentado:

- Estela: Monumento pétreo, tendencialmente lajiforme, que se destina a ser implantado verticalmente no solo e no qual se encontram representados um ou vários motivos, usualmente gravados (RENFREW e BAHN, 2004: 586). Estes motivos costumam ainda ser gravados em faces planas ou intencionalmente alisadas do monumento.
- Estela-menir: Semelhante ao tipo acima definido, destacando-se pelas suas dimensões nitidamente maiores, podendo por vezes ostentar uma configuração fálica, similar a um menir.
- Ídolo-estela: Peça esteliforme que representa exclusivamente um único personagem antropomórfico (possivelmente um ídolo), onde a representação assenta quase exclusivamente na gravação, não se verificando geralmente talhe do suporte. Dentro desta denominação são incluídos os *ídolos-guijarro* ou *guijarro-estela* (como são definidos em ALMAGRO GORBEA, 1977: 194-201) ou ídolos-seixo, conjunto de monumentos cujo suporte é, muitas vezes (se bem que não exclusivamente), constituído por blocos rochosos de configuração arredondada, bastante rolados, apresentando-se o personagem aí gravado usualmente diademado. Para além da esquematização da face e do diadema, é ainda habitual a representação de colares, cinturão ou, ainda, dos membros superiores e inferiores.
- Estátuas-menires: Este será, porventura, o mais vasto e heterogéneo dos quatro tipos aqui definidos. Nesta categoria pretendem-se incluir todos os monumentos onde se verifica “um sistema idêntico de representações antropomórficas esculpidas” (BUENO RAMÍREZ, 1990: 87). Tratam-se assim de peças onde se procurou uma

antropomorfização formal do suporte em si (por oposição aos outros três tipos, onde esta dimensão antropomórfica reside apenas nos motivos decorativos), obtendo-se geralmente um monumento destinado a ser observado tridimensionalmente (ARNAL, 1976: 21). De notar que, nalguns destes monumentos (em particular nos exemplares presumivelmente mais arcaicos), esta antropomorfização pode não se apresentar de forma evidente, estando muitas vezes conjugada com uma configuração simultaneamente fálica. Como todos os monumentos aqui descritos, estas peças eram são também concebidas para serem implantadas verticalmente no terreno.

Apesar do trabalho agora apresentado se centrar, em termos genéricos, no estudo de representações antropomórficas em suportes pétreos nesta região da Península Ibérica, estas não constituem um grupo homogéneo. O facto de se tratar de elementos com cronologias diversas e formal e tipologicamente distintos tem implicações na investigação desta temática. Efectivamente, a produção bibliográfica e investigação já desenvolvida sobre cada tipo de monumentos apresenta-se em estágios diferentes e com um volume distinto; poderemos até considerar que, mais do que falar num “estado da arte” a propósito desta temática, seria mais exacto falar em diversos “estados da arte”.

Dentro dos exemplares aqui analisados, aqueles que terão sido porventura mais profundamente tratados pela comunidade científica serão as denominadas “estelas de guerreiro” ou “estelas *extremeñas*” do Bronze Final. Desde a publicação da primeira destas estelas, em finais do séc. XIX (a estela de Solana de Cabañas, Cáceres – ROSSO DE LUNA, 1898), diversos autores têm-se dedicado ao estudo destes monumentos. É já na segunda metade do séc. XX, contudo, que aparecem as obras porventura mais importantes sobre o tema. Em 1966, Martín Almagro Basch publica “Las Estelas Decoradas del Suroeste Peninsular”, *corpus* que sistematiza os monumentos até então conhecidos e avança com uma proposta de divisão e classificação tipológica dos exemplares. Note-se que esta obra integra não apenas as chamadas “estelas de guerreiro”, como também as “estelas alentejanas” (ostentando frequentemente o característico motivo bi-ancoriforme), que o autor divide em Tipo II e Tipo I, respectivamente (ALMAGRO BASCH, 1966: 197), para além de estelas que fogem aos cânones de ambos os tipos, como a de Longroiva ou as estelas de S. Martinho I e III.

É uma obra que irá ainda impulsionar diversos estudos subsequentes em ambos os lados da fronteira. Um destes estudos foi o trabalho publicado em 1977 por Mário

Varela Gomes e Jorge Pinho Monteiro onde, para além da publicação de dois novos monumentos (uma “estela alentejana” [Ervidel I] e uma “estela de guerreiro” [Ervidel II]), levam a cabo um estudo comparado, apresentando contributos relevantes para um debate das tipologias (mantendo em termos gerais, contudo, a proposta de Almagro Basch) e discutindo as origens e filiações destes monumentos (GOMES e MONTEIRO, 1974/1977). Verifica-se ainda nesta obra uma abordagem às representações antropomórficas diademadas e aos ídolos posteriormente denominados de tipo “Hurdes-Gata”, que adiante abordaremos. No mesmo ano, Almagro Gorbea publicou a sua obra “El Bronce Final y el Período Orientalizante en Extremadura”, onde aborda de forma aprofundada a problemática das “estelas de guerreiro” do Bronze Final e salienta a sua relação com os processos de hierarquização social (voltando a fazer uma sistematização importante destes monumentos mais tarde – ALMAGRO GORBEA, 1993). Se até então a generalidade dos autores encaravam as “estelas de guerreiro” como derivando das “estelas alentejanas”, também no ano de 1977 surge um artigo de M. Bendala Galán, onde o autor propõe que os dois grupos sejam encarados como tendo um desenvolvimento independente. É ainda opinião que as peças de ambos os grupos teriam significados e funcionalidades distintas; as “estelas alentejanas” destinaram-se a ser depositadas horizontalmente, cobrindo o túmulo, enquanto as “estelas de guerreiro” estariam fincadas na vertical e teriam uma forte significação religioso-ritual (BENDALA GALÁN, 1977).

Nos anos 80 existe um aumento significativo dos monumentos identificados e publicados (CELESTINO PÉREZ, 2001: 33-36). Entre estes contam-se duas novas “estelas de guerreiro” identificadas em território português: Baraçal (CURADO, 1984) e Fóios (CURADO, 1986). A elevada quantidade de novos dados leva ao aparecimento de novos estudos, destacando-se os trabalhos de Barceló (BARCELÓ, 1988; 1989a e 1989b; 1992). Como Fernando Patrício Curado tinha já apontado aquando da publicação da estela do Baraçal, também Barceló aponta para esta estela como se tratando de um dos exemplares mais antigos, identificando a zona a Norte da Extremadura espanhola como o núcleo geográfico onde teriam surgido primeiramente as estelas deste tipo, vendo um carácter arcaizante na utilização do alto-relevo da estela do Baraçal (BARCELÓ, 1989a: 148, 163).

Já nos anos 90, Celestino Pérez (1990) publica um artigo intitulado “Las Estelas Decoradas del Suroeste peninsular”. Aqui, para além de realçar a importância da presença da figura humana explícita nalguns monumentos (por oposição àqueles em que

apenas estão gravados objectos), Celestino propõe, de certa forma, uma mudança de paradigma na abordagem aos monumentos. Valoriza o estudo das estelas com base na sua dispersão geográfica, propondo uma tipologia com base em zonas geográficas (ideia que continua a manter na sua obra publicada em 2001). Esta valorização do contexto geográfico vai ser também explorada por Marisa Ruíz-Gálvez Priego e Eduardo Galán Domingo (RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO e GALÁN DOMINGO, 1991). Para além de defenderem a existência de uma relação entre a implantação dos monumentos e pontos de trânsito (em concreto rotas comerciais e vias de transumância), desempenhando o papel de pontos de referência na paisagem, renegam a dimensão funerária das estelas enquanto marcadores de sepulturas (ideia geralmente aceite até então sem verdadeira discussão). Eduardo Galán Domingo, em “Estelas, Paisaje y Territorio en el Bronce Final del Suroeste de la Península Ibérica”, publicado em 1993, mantém esta ideia e elege as estelas como veículo admissível para a reconstituição das vias e caminhos pré-históricos. No final dos anos 90 há que destacar os artigos de Moreno Arrastio (1995; 1998), autor que defende a associação das “estelas de guerreiro” a elites guerreiras que controlariam o tráfico de escravos na Península Ibérica.

Nos anos 2000 surgem duas grandes obras de referência dedicadas em exclusivo a estes monumentos. Os trabalhos de Celestino Pérez (2001) e a de Richard Harrison (2004) apresentam um olhar global sobre a investigação desta temática, apresentando um catálogo exaustivo e sistematizando os dados até então conhecidos. Nos últimos anos, porém, e já depois da publicação destas obras, apareceu um número significativo de novas “estelas de guerreiro” na Beira Interior / Serra de Gata (Pedra da Atalaia I [VILAÇA, SANTOS e GOMES, no prelo], Baraçal II [VILAÇA, SANTOS e MARQUES, no prelo], Aldeia Velha [VILAÇA, OSÓRIO e SANTOS, no prelo], Robleda [MARTÍN BENITO, 2009]), que vêm exigir a revisão de algumas considerações antes propostas. Tal será abordado adiante no presente trabalho, estando estes quatro novos monumentos integrados no catálogo aqui apresentados. Nos anos mais próximos, são ainda de salientar os recentes trabalhos vindos a ser desenvolvidos por Marta Díaz-Guardamino Uribe (2006, 2008, 2010).

Além das “estelas de guerreiro”, um outro grupo de monumentos que tem sido estudado (muitas vezes em associação com as ditas “estelas de guerreiro”) é o das representações antropomórficas diademadas. Pelo menos desde os inícios do séc. XX que se conhecem exemplos na estatuária pré-histórica peninsular de exemplares que ostentam diademas (como, por exemplo, as peças de Quinta do Couquinho ou do Crato

– VASCONCELOS, 1910). Com a publicação, nos inícios dos anos 70, dos sete exemplares de Hernán Pérez (ALMAGRO BASCH, 1972), a investigação neste campo ganha novo ímpeto. Cinco anos após a publicação destes monumentos, Martín Almagro Gorbea apresenta uma primeira proposta de classificação tipológica de peças antropomorfas diademadas (ALMAGRO GORBEA, 1977), na sua já mencionada obra sobre o Bronze Final na Extremadura espanhola. É nos anos 80, porém, que se regista uma verdadeira alteração do quadro, com a identificação de diversos novos monumentos e subsequente produção bibliográfica (SANTOS, 2009: 9). Entre os trabalhos mais relevantes produzidos neste período destacam-se aqueles publicados por Primitiva Bueno Ramírez, em particular o seu artigo publicado em 1987 em que define o chamado tipo “Hurdes-Gata”, onde engloba os ídolos diademados de Hernán Pérez e outros iconográfica e formalmente similares encontrados na região da Serra de Gata (BUENO RAMÍREZ, 1987). A mesma autora irá, posteriormente, aprofundar esta temática (por exemplo: BUENO RAMÍREZ, 1990; BUENO RAMÍREZ e GONZÁLEZ CORDERO, 1995; BUENO RAMÍREZ *et al.*, 2005a, 2005b, 2008). Nos anos 90 assiste-se ainda à publicação de um artigo de Almagro Gorbea (já referido), onde sistematiza e divide tipologicamente os monumentos antropomórficos peninsulares, incluindo os ídolos de tipo “Hurdes-Gata” (ALMAGRO GORBEA, 1993).

Dada a dificuldade em inserir a maioria dos restantes monumentos tratados no presente trabalho em grupos tipológicos distintos, devido à heterogenia formal e cronológica bem patente, a investigação sobre estas estátuas-menires revela um carácter muito mais fraccionado do que aquilo que se testemunha para as “estelas de guerreiro” ou para os monumentos diademados. Algumas das obras mais relevantes para o estudo destas peças apareceram na segunda metade da década de 70 do séc. XX (ver, por exemplo, ARNAL, 1976). Esta obra, não sendo centrada na realidade existente na Península Ibérica (não deixando de a abordar, todavia), revela-se fundamental para um enquadramento global destes monumentos e o estabelecimento de paralelos extrapeninsulares. Uma das primeiras apresentações de carácter sistemático das estátuas-menires conhecidas no Norte de Portugal surge no ano de 1990, publicado por Vítor e Susana Oliveira Jorge, na sequência de uma comunicação proferida no mesmo ano em Avignon (JORGE e JORGE, 1990 e 1993). Não contando com as publicações de carácter mais geral (como CARDOSO, 2002), grande parte dos trabalhos escritos sobre o assunto tende a apresentar uma visão que incide essencialmente sobre casos particulares (como aquando da publicação de uma nova peça) ou sobre realidades

regionais de âmbito mais restrito. Não se deverá deixar de mencionar a realização, na cidade do Sabugal, do colóquio dedicado exclusivamente às estelas e estátuas-menires (ocorrido nos dias 23 e 24 de Outubro de 2009).

O trabalho agora apresentado pretende assim expor uma visão de conjunto sobre as estelas e estátuas-menires conhecidas no Centro e Norte de Portugal e na órbita da Serra de Gata. Pretende-se assim abordar alguns aspectos desta realidade num quadro geográfico que, apresentando características geo-morfológicas variadas no seu seio, se afirma como uma unidade geográfica coerente no Ocidente da Península Ibérica.

II – Entre Douro e Minho

A zona mais ocidental do Norte de Portugal apresenta um conjunto de oito monumentos (ver Fig. 1 e Fig. 2):

- Boulhosa, Monção / Paredes de Coura (VASCONCELOS, 1910);
- Casal de Insalde, Paredes de Coura (VASCONCELOS, 1910; GOMES, 2006);
- Ermida, Ponte de Barca (BAPTISTA, 1985);
- Cova da Moura, Caminha (JORGE, 2002);
- Afife, Viana do Castelo (SILVA, 2003);
- S. Bartolomeu do Mar, Esposende (JORGE *et al.*, 1986);
- Lameira, Celorico de Basto (SAMPAIO, 2007);
- Castro da Barrega, Celorico de Basto (SAMPAIO, 2007).

Os limites geográficos aqui definidos para delimitar esta zona compõem pelo Rio Douro (a Sul), o Rio Minho (a Norte), a Oeste a linha de costa atlântica e a Este o sistema montanhoso formado pelas serras do Gerês, Cabeceira, Alvão e Marão. Apresenta assim uma correspondência quase exacta com os limites administrativos dos distritos de Viana do Castelo, Braga e Porto. Em termos geológicos, o substrato granítico é preponderante em quase toda a região (“Carta Hidrogeológica de Portugal” à escala de 1:1 000 000, Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos, 1970; “Carta Litológica de Portugal” à escala de 1:1 000 000, Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos, 1967).

1 – Sistematização dos monumentos

O monumento encontrado na Serra da Boulhosa (ver entrada nº1 do catálogo – vol. II, p. 8) apresenta-se como uma figuração de um tronco humano, envergando adornos. Pode assim ter paralelos com a estátua de Faiões, Chaves (ALMEIDA e JORGE, 1979). Na estátua-menir surge também ainda uma cabeça muito esquemática, sub-triangular; é possível que tal se passasse igualmente com a peça de Faiões, visto que a parte superior deste monumento se encontra fracturada. Como na de Faiões, no pescoço da estátua-menir da Boulhosa desenham-se colares múltiplos, semi-circulares (no caso de Faiões, estes colares apresentam uma configuração em “V” aberto). Ao

contrário do que durante muito tempo se aceitou, é possível que o exemplar da Boulhosa esteja armado (mesmo que a gravação da lâmina tenha sido feita num momento distinto da biografia do monumento). Existe ainda a possibilidade deste monumento ter sido recolhido nas imediações de um monumento megalítico. Num dos levantamentos publicados desta peça (BUENO RAMÍREZ *et al.*, 2005: 608) parece existir uma lâmina virada para cima gravada no centro do cinturão que a figura também ostenta. Tal aproximaria esta estátua-menir do monumento presumivelmente diademado de Los Santos, onde é visível, para além de uma lâmina semelhante (BUENO RAMÍREZ *et al.*, 2005: 612), um motivo serpenteante de orientação sub-vertical, o que também se verifica no monumento da Boulhosa (motivo este que, de resto, é bem conhecido dos monumentos megalíticos: ver por exemplo a estela-menir do Monte da Ribeira, Reguengos de Monsaraz [GONÇALVES, 1999: 61] ou menir da Caramujeira, Lagoa [CARDOSO, 2002: 228; BALBÍN BEHRMANN e BUENO RAMÍREZ, 1993: 55]). Poderão estes elementos apontar para uma cronologia calcolítica ou do Bronze Inicial, admitindo-se porém que possa chegar ao Bronze Médio.

Como no caso da peça da Boulhosa, a estela de Casal de Insalde (entrada nº2 do catálogo em anexo – vol. II, p. 10), Paredes de Coura, poderia ter estado igualmente relacionada com alguma estrutura megalítica, talvez algum tipo de “santuário” (JORGE e JORGE, 1990; GOMES, 2006: 278). Apresenta na metade superior uma decoração escutiforme geométrica em quadrados, progressivamente incluídos uns nos outros, encimada por uma banda de linhas e covinhas dispostas de forma simétrica, acompanhadas da representação de dois machados. Poderá ser visto ainda neste monumento uma representação muito esquemática e algo abstracta de uma figura humana (JORGE e JORGE, 1990), com a gravação de um “cabeça” com olhos e possível definição de “ombros” nos cantos boleados do monumento. O seu possível contexto megalítico e os paralelos iconográficos que se podem estabelecer com a arte dolménica da Bretanha ou com a arte funerária na Irlanda (JORGE e JORGE, 1990: 307 e 309; GOMES, 2006) apontam para uma cronologia inscrita no Neolítico Final (IV milénio a. C.). O possível escudo em “rectângulos imbuídos” é ainda um motivo que aparece também na arte rupestre marroquina do Alto-Atlas (escudos de tipo II de Malhomme, segundo CHENORKIAN, 1988: 168).

Á estátua-menir encontrada na aldeia da Ermida (entrada nº3 – vol. II, p. 12), Ponte da Barca (BAPTISTA, 1982; 1985), apresenta-se como um monumento claramente antropomórfico, feminino, com representação da face, seios e decoração em

espinha no tronco. António Martinho Baptista (BAPTISTA, 1985: 38) atribui a esta estátua uma cronologia inserida no Calcolítico Final / Bronze Inicial (ao contrário de Vítor e Susana Oliveira Jorge, que o atribuem, com reservas, ao Bronze Final – JORGE e JORGE, 1990: 309). Devido a paralelos que se podem estabelecer com outras peças (nomeadamente através da decoração em espinha, presente em monumentos como o da Serra da Nave II [CRUZ, 2001: pp. 174-176]), parece-nos como mais prudente a cronologia proposta por António Martinho Baptista.

Se é possível que as estelas de Casal de Insalde e da Boulhosa estivessem associadas a estruturas megalíticas, este facto é claro no caso dos monumentos de Afife (entrada nº 5 – vol. II, p. 15) e Cova da Moura (entrada nº 4 – vol. II, p. 14), integrados em *dolmens*. No monumento de Afife foram identificados seis esteios decorados, sendo que apenas um ostenta a gravação de um motivo antropomórfico, estilizado (laje 6 – SILVA, 2003: 273). Já o exemplar de Cova da Moura, antropomorfizado e possivelmente feminino, representado com os braços cruzados sobre o peito, foi identificado em escavação ocorrida nos anos 30 do séc. XX; foi testemunhado neste *dolmen* um ritual de incineração datado do Bronze Final, admitindo-se que o monumento pudesse estar associado a este ritual (segundo DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, 2010: catálogo nº 45). Deverão, assim, ter as peças de Afife e Cova da Moura um cronologia integrada no Neolítico ou Calcolítico (SILVA, 1993: 27), sendo que no caso da última, tal não será tão claro.

A estátua-menir de S. Bartolomeu do Mar (entrada nº 6 – vol. II, p. 17), é um exemplo de um monumento cujo carácter antropomórfico se apresenta bastante obscuro. Neste exemplar apenas se adivinha pelo estreitamento no topo, podendo dar a ideia de “ombros” e de um “pescoço”. A peça encontra-se fracturada no topo, não sendo de excluir a possível existência de uma “cabeça” (um pouco como poderá acontecer na estátua de Faiões); provavelmente tratar-se-ia, de uma cabeça muito esquemática, como aquela que encontramos na estátua-menir da Boulhosa. O monólito de S. Bartolomeu do Mar é ainda decorado por diversas covinhas, podendo ser inserido cronologicamente no Neolítico / Calcolítico.

Os monumentos de Celorico de Basto (Lameira [entrada nº 7 – vol. II, p. 19] e Castro da Barrega [entrada nº 8 – vol. II, p. 21] – SAMPAIO, 2007) podem ser relacionados entre si, mas mais pela proximidade geográfica do que propriamente por uma proximidade morfológica ou estilística. A pequena estátua da Lameira apresenta uma configuração antropomórfica, resumindo-se os motivos gravados a dois pequenos

olhos. O monumento de Celorico de Basto, por seu turno, apresenta uma configuração lajiforme. Os motivos gravados aproximam-se muito daqueles que encontramos nos ídolos-estela de “Hurdes-Gata” (BUENO RAMÍREZ, 1987) ou no monumento da Quinta do Couquinho, Moncorvo (VASCONCELOS, 1910). À semelhança destes monumentos, também poderemos atribuir a estela de Castro da Barrega ao Bronze Médio ou Inicial, admitindo que possa recuar ao Calcolítico Final, assim como acontece com o pequeno ídolo da Lameira.

2 – Geologia e Litologia

Os monumentos minhotos da Serra da Boulhosa e de Casal de Insalde (ambos em granito) localizam-se numa zona predominantemente granítica (com alguma presença ainda de xistos e grauvaques). A freguesia de Insalde (Paredes de Coura), em concreto, situa-se numa zona onde grandes maciços de granitos alcalinos de grão médio fazem fronteira com um complexo xisto-magmatítico (“Carta Geológica de Portugal”, folha 1-C Caminha, à escala de 1:50 000, 1962). O quadro geológico da zona da Ermida (Ponte da Barca), onde apareceu a estátua feminina, é igualmente caracterizado pela predominância de rochas intrusivas, hercínicas, predominando os granitos alcalinos não-porfíroides (“Carta Geológica de Portugal, folha 5-B Ponte da Barca, à escala 1:50 000, 1974). O monumento aí identificado foi elaborado usando um bloco de granito local (BAPTISTA, 1985: 12) de grão médio e cor clara.

A zona costeira de Caminha e Viana do Castelo, onde se localizam os túmulos megalíticos de Cova da Moura e Afife, caracterizam-se pela co-existência de um substrato granítico, que se estende quase até à costa, e zonas de depósitos arenosos quaternários. Na estátua-menir de S. Bartolomeu do Mar (Esposende) foi utilizado granito de grão médio / grosseiro, com muitos cristais de quartzo. Foi identificado igualmente em zona costeira, onde a geologia é marcada não só pela presença de depósitos de areias aluvionais e dunas característicos de praias antigas (com profundidades que variam entre os 12 m e os 20 m), como também do substrato granítico (não-porfíroide, de grão médio), que se desenvolve a cerca de 200 m para Este da estátua e se estende do mar para o interior do território (“Carta Geológica de Portugal”, folha 5-C Barcelos, à escala de 1:50 000, 1969).

No caso do ídolo-estela do Castro de Barrega, Celorico de Basto, o monte onde foi encontrado esta peça insere-se num quadro litológico onde predominam igualmente os granitos e, em menor escala, xistos e grauvaques. De referir também que o vale

adjacente ao monte apresenta profundos depósitos aluvionais holocénicos (SAMPAIO, 2007: 57). Quadro semelhante caracteriza a zona do monumento da Lameira, encontrado a cerca de 5 km para Norte da estela do Castro da Barrega.

Devido a este quadro litológico, não será surpreendente que o granito tenha sido eleito como suporte na totalidade destas oito peças. Tal se explicará não só pela facilidade em obter esta matéria-prima (mesmo nos casos dos monumentos mais litorais, onde o substrato geológico é constituído predominantemente por depósitos arenosos quaternários, existe sempre uma proximidade relativa a zonas graníticas), como pelas características favoráveis que apresenta à sua utilização enquanto suporte pétreo.

3 – Contexto e enquadramento geo-morfológico

Ao analisar os monumentos antropomórficos que apareceram entre o Douro e o Minho, estamos a lidar com uma realidade até certo ponto heterógina, tanto a nível cronológico, como a nível da própria morfologia dos suportes. Também a nível do enquadramento geo-morfológico destes exemplares encontramos, em muitos casos, características bastante distintas entre si. No entanto, parece ser aceitável ver uma relação na maioria destes oito exemplares entre a sua localização e a existência de túmulos megalíticos. Assim, temos dois monumentos indubitavelmente integrados em túmulos megalíticos – Afife e Cova da Moura. Também o pequeno ídolo da Lameira teria sido encontrado perto de um túmulo megalítico, bastante deteriorado. No que toca aos exemplares da Serra da Boulhosa e de Casal de Insalde, admite-se também a possibilidade de estes estarem em associação com monumentos deste tipo. A estátua-menir da Ermida foi encontrada descontextualizada, incorporada numa parede de uma construção na aldeia. No entanto, não se pode deixar de assinalar a presença de monumentos megalíticos na zona e, principalmente, a proximidade com o lugar da Bouça do Colado, onde foi identificado por António Martinho Baptista, em 1979, um complexo de gravuras rupestres (BAPTISTA, 1985: 17-18). O cabeço onde se descobriu o monumento de Castro da Barrega, não possuindo vestígios de túmulos megalíticos, foi contudo identificado como se tratando de um povoado pré-histórico (e daí advém o topónimo). S. Bartolomeu do Mar aparece como um caso onde será mais complicado definir um contexto, já que foi identificado e está implantado no meio de um campo de cultivo de milho, próximo da costa, sem testemunhos arqueológicos na envolvência imediata que o contextualizem directamente.

O facto da informação sobre o local de achado exacto de alguns monumentos (particularmente no caso do exemplar da Boulhosa, encontrado nos inícios do séc. XX) ser hoje relativamente obscura dificulta, como será lógico, a interpretação da sua inserção na geo-morfologia local. Podemos apontar no entanto que os dois monumentos terão aparecido em áreas relativamente próximas, já que a Serra da Boulhosa se trata de uma pequena serra imediatamente a Norte de Paredes de Coura, estando a localidade de Insalde implantada no sopé desta serra, encaixada entre diversos cursos de água, que descem as encostas e que confluem no Ribeiro da Pantanha (ver Fig. 3). Apresenta uma altitude máxima que ultrapassa os 800 m (842 m no marco geodésico de Cotão, localizado a menos de 4 km para Este de Insalde). A Serra da Boulhosa (e o cabeço de Cotão em concreto) apresenta-se como um ponto interessante sobre o ponto de vista de controlo visual sobre eventuais vias de passagem. Este cabeço é sobranceiro a um profundo vale que corta este diminuto sistema montanhoso, afigurando-se como um ponto preferencial para a travessia deste relevante acidente na paisagem. Pela zona Sul do vale corre a Ribeira de Frades, enquanto a Norte o vale dá acesso ao Rio da Gadanha. Esta ideia de passagem preferencial é reforçada se atendermos que, para Sul, permite a comunicação com o amplo vale (cerca de 3 km de largura) que dá acesso a Arcos de Valdevez (a cerca de 10 km) e a Porte de Barca (topónimo que, por si só, evoca a ideia de ponto de passagem). Seguindo o vale de Cotão para Norte, por seu turno, este abre-se sobre uma extensa região de relevos suaves, claramente cercada por uma linha de elevações bem acentuadas. Cria-se assim uma região de configuração quase semi-circular, fechada a Sul por acidentes orográficos e a Norte pelo Rio Minho, onde se situa a localidade fronteiriça de Monção (de Monção à Serra da Boulhosa distarão, aproximadamente, 12 km). Ao marcar de forma clara o limite meridional da região aplanada a Sul de Monção, o papel da Serra da Boulhosa enquanto lugar natural de fronteira poderá também sair reforçado.

O lugar de Casal de Insalde, por seu turno, fica localizado imediatamente a Sul da aldeia de Insalde (a uma altitude de 458 m), perto do ponto onde o Regato de Cabanelas desagua no Rio das Porreiras. Admitindo que este seria o local original de implantação do monumento, estamos perante um monumento implantado numa zona de vale, no sopé da Serra da Boulhosa. Não teria assim condições excepcionais de controlo visual sobre a paisagem envolvente, mas por outro lado, será talvez de valorizar a situação deste ponto em relação à hidrografia local: para além de estar muito próximo dos cursos já referidos (e concretamente perto do ponto onde esses dois se encontram),

o Rio de Codecede corre a apenas 400 m para Sudeste, ponto onde conflui com o Rio das Porreiras e dão origem ao Ribeiro da Pantanha.

O conhecimento sobre local original de implantação da estátua-menir da Ermida também se perdeu no tempo, tendo esta sido encontrada a integrar uma parede na aldeia. Imagina-se, contudo, que não terá vindo de muito longe, quer pelo tipo de pedra utilizado, um granito semelhante ao que se pode encontrar na zona (BAPTISTA, 1985: 7), quer pela documentada dificuldade que existiria em fazer circular um monumento deste tipo pela região (BAPTISTA, 1985: 14). A aldeia da Ermida fica localizada numa plataforma da Serra Amarela, a cerca de 550 m de altitude. Esta plataforma apresenta uma configuração de esporão triangular, encaixada entre dois vales extremamente profundos e bem acentuados. No vale a Sudoeste corre o Ribeiro de Carcerelha, enquanto no vale a Norte corre o Rio de Froufe (afluente do rio Lima, cujo curso se encontra também muito próximo – ver Fig. 4). Ainda que fora do contexto original (o que coloca muitas reticências a qualquer conclusão a que se possa chegar) e admitindo que este não se situaria muito distante, a implantação deste monumento num ponto alto, na proximidade de vales tão marcados, por onde correm cursos de água relevantes no contexto regional, e com um amplo controlo visual sobre o espaço envolvente, poderá apontar por uma inserção deste tipo de monumentos em pontos estratégicos no âmbito da apreensão do espaço por parte das populações. Se o papel dos vales adjacentes enquanto vias de passagem não deverá ser posta de parte (até pela rede de caminhos hoje existente, que aproveita em grande parte as zonas de vale), poderá ainda ser equacionada a hipótese da estátua-menir da Ermida provir originalmente não da vertente Noroeste da Serra Amarela (onde foi identificada), mas da vertente oposta, a Sudeste. O sopé da vertente Sudeste da Serra, hoje marcado pela conhecida Barragem de Vilarinho das Furnas, oferece condições naturalmente favoráveis ao trânsito de pessoas. De tal modo assim acontece que, em época romana, passaria por esta importante zona de vale (que faz a separação entre as Serras Amarela e do Gerês) parte do trajecto da Via XVIII do Itinerário de Antonino (a também conhecida como “Geira Romana” – LEMOS e BAPTISTA, 1995/96).

Os monumentos de Afife e Cova da Moura impõem-nos uma leitura algo distinta, já que não se tratam de monumentos isolados na paisagem, mas parte integrante de estruturas megalíticas. O *dolmen* de Cova da Moura (ou Mamoa da Aspra) está situado cerca de 8 km a Sul de Caminha, na zona de Vila Praia de Âncora. Aspra localiza-se ao centro de um vale aplanado, pela qual corre o Rio Âncora (nas margens

do qual se situa a povoação). Este vale apresenta-se como uma unidade geográfica bem definida: a Norte está delimitado por um conjunto de cabeços que formam uma pequena serra próxima do mar, sendo o mais elevado destes cumes o alto da Espiga, com 410 m de altitude (apresentando este monte condições verdadeiramente excepcionais de visibilidade sobre o território envolvente); a Sul é limitado pela Serra de Santa Luzia, um grande planalto granítico com 550 m de altitude máxima; a Este é delineado pela Serra de Arga, a maior e mais interior das serras na zona, com uma altitude máxima que ultrapassa os 800 m (814 m no Alto do Espinheiro; finalmente, a Oeste, faz fronteira com o Oceano Atlântico. Afirma-se assim como uma via de preferência de acesso à costa a partir da região da Serra de Arga e do interior do território.

A menos de 4,5 km a Sudoeste do *dolmen* de Cova da Moura, o *dolmen* de Afife (ou da Ereira) destaca-se pela sua extraordinária proximidade com a linha de costa (cerca de 400 m). Está rodeado hoje por um pequeno pinhal, situando-se a uma cota muito baixa, numa paisagem tendencialmente plana. Ligeiramente para Sul, encontra-se a foz do Rio de Cabanas. Obviamente que tal proximidade com o mar acarreta dificuldades à interpretação do enquadramento geo-morfológico local, já que as linhas de costa se encontram particularmente expostas, ao longo do tempo, a variações naturais. No entanto, é notório que a sua implantação não procurou um lugar que se destacasse naturalmente na paisagem. Ao invés, é credível que tenha sido aproveitada a inexistência virtual de relevos na envolvência para potenciar o valor do monumento enquanto referência espacial na paisagem. Em todo o caso, o motivo antropomórfico estaria, ao contrário do que aconteceria na generalidade dos monumentos aqui abordados, intencionalmente escondido. Estamos portanto a lidar com diferentes estratégias de visibilidade: enquanto nalguns casos existe conferir uma dimensão de “monumentalidade” à representação da figura humana, no sentido de haver uma preocupação com a exibição “pública” deste elemento que não se esgota no “presente social”, mas projectando-se no tempo e no espaço; noutros, como acontece no *dolmen* de Afife, a representação da figura antropomorfa está intencionalmente escondida, resguardada dos olhares externos (CRIADO-BOADO, 1995: 198-199).

Contrastando com o que acontece na situação de Afife, a estátua-menir de S. Bartolomeu do Mar trata-se um de um exemplo manifesto de uma outra posição perante a visibilidade do objecto. Este monumento foi encontrado implantado no meio de um campo de milho (assumindo-se que tenha sido identificado *in situ*), a cerca de 600 m / 700 m da costa. Uma vez mais a geo-morfologia local caracteriza-se por cotas perto do

nível médio das águas do mar (cerca de 12 m de altitude). Contudo, a cerca de 800 m para Oeste, levanta-se no terreno uma elevação imponente de vertentes abruptas (monte de Sanfins, com uma altitude máxima de 237 m e tendo a vertente oeste uma inclinação média que rondará os 55%), no sopé da qual se desenvolveu a povoação de S. Bartolomeu do Mar (ou somente Mar). A ausência de acidentes orográficos relevantes na imediata envolvência do menir poderá uma vez mais indicar a procura de condições que favorecessem a observação do monumento a partir de distâncias maiores. Em S. Bartolomeu do Mar, como em Afife, temos também de reflectir sobre o papel da criação destes monumentos enquanto referências espaciais; na ausência de marcos naturais proeminentes na paisagem (“monumentos naturais”), poderá ter-se procurado na construção de monumentos artificiais uma forma de apreender o espaço, através da criação de referências espaciais na paisagem. Poderemos sempre equacionar a hipótese desta estratégia ter contemplado também a implantação de monumentos em materiais percíveis (em concreto a madeira), não deixando qualquer vestígio arqueológico da sua presença.

Por fim, falta referir os dois monumentos encontrados na zona de Celorico de Basto. Como já se disse, o pequeno ídolo antropomórfico da Lameira, foi encontrado no início dos anos 90 perto de um túmulo megalítico bastante destruído. Situa-se numa zona tendencialmente planáltica, com uma altitude a rondar os 670 m. Junto à localidade de Lameira encontram-se alguns cumes que se salientam na paisagem, nomeadamente o cabeço de Foles (718 m, a Oeste), o Alto do Couto (732 m, a Sudeste) ou o monte de S. Pedro (746 m, a Este). A zona de Lameira situa-se junto a uma área aplanada (Plainas de Pedroso), na extremidade Norte de um pequeno mas claramente delimitado vale (identificado na Carta Militar com o micro-topónimo de Áfricas), por onde corre o Ribeiro da Lameira. A Noroeste, o relevo apresenta-se como uma área de descida abrupta (zona de Alto do Picoto / Regadas). Por esta encosta do planalto desce o Ribeiro da Lameirinha, através de um vale estreito e bem marcado, indo desaguar na Ribeira de Docim (perto de S. Gens). Aqui a paisagem apresenta-se a uma cota nitidamente inferior e com relevos pouco acentuados. Todos estes factores contribuem para que a região da Lameira se ofereça como uma plataforma rica em recursos hídricos e com condições favorecidas de visibilidade sobre toda a paisagem que se desenrola a Noroeste.

A cerca de 5,5 km para Sul da Lameira, encontra-se o povoado pré-histórico do Castro da Barrega, onde apareceu a laje com decoração antropomórfica. O monte em

questão (no sopé do qual se localiza a aldeia da Barrega) é uma elevação com uma altitude máxima de 744 m que, não sendo o cume mais elevado na região (a menos de 2 km para Norte levanta-se o cabeço do Outeiro Furado, com 835 m de altitude), se destaca ainda assim na paisagem. Com vertentes bem acentuadas, apresenta um controlo visual notável sobre a paisagem envolvente a Oeste, Sul e a Este. A Este, particularmente, é claramente observável o vale da Ribeira de Infesta. Este vale, a cerca de 2,2 km para Este do Castro da Barrega, apresenta-se com uma orientação Norte-Sul, com quase 10 km de comprimento, sendo bastante profundo (com uma diferença de cotas, em relação ao topo do monte, de 440 m). A zona da povoação de Infesta, junto ao vale, apresenta-se como potencialmente estratégica, já que se estabelece numa zona de confluência de vales. Vindo de Este, o vale do Moinho do Fundo (pequeno curso subsidiário da Ribeira de Infesta) vem desembocar no vale de Infesta, numa intersecção quase perpendicular. A cerca de 1 km para Sul encontra-se a intersecção do vale da Ribeira do Cais com o vale da Ribeira de Infesta. Cria-se assim um sistema de vales comunicantes com uma orientação Este – Oeste, com um comprimento total de aproximadamente 6 km, ligando as povoações de Carvalho e Oasais a Celorico de Basto e interceptando o vale da Ribeira de Infesta. O monte do Castro da Barrega assume então uma posição dominante no que concerne ao controlo visual sobre estas vias naturais de passagem. A Sul abarca o vale da Ribeira do Cais e a Este o vale da Ribeira de Infesta, existindo ainda inter-visibilidade com a aldeia homónima, centro desta autêntica “encruzilhada natural”.

4 – Considerações gerais

Na zona geográfica em análise neste capítulo, é possível constatar uma certa relação entre a existência de representações antropomórficas em suportes pétreos e a existência de túmulos megalíticos. Tal acontece em pelo menos três dos oito casos identificados (Cova da Moura, Afife e Lameira), sendo que tal contagem possa ascender ao número de cinco, se efectivamente os exemplares da Serra da Boulhosa e de Casal de Insalde estivessem originalmente associados de igual modo a estruturas megalíticas. O exemplar da Boulhosa poderá ser tomado como posterior, relativamente a estes outros exemplares, visto que aqui é possível identificar o mesmo léxico iconográfico utilizado noutros monumentos (colares múltiplos e cinturão), em particular com os ídolos-estela de tipo “Hurdes-Gata” (BUENO RAMÍREZ, 1987), que poderão pertencer ao Calcolítico ou já à Idade do Bronze. A estátua-menir de S. Bartolomeu do Mar estará

também ligada ao fenómeno megalítico (não dolménico), já que se trata, em última instância, de um menir vagamente antropomorfizado (em época posterior?).

Estes monumentos terão todos uma cronologia recuada, neolítica ou calcolítica. Pode-se contudo admitir, como já se disse, uma cronologia mais recente para a estátua da Boulhosa, que tanto poderá ser calcolítica como pertencer já ao Bronze Inicial / Médio. Como defende António Martinho Baptista (1985), parece credível apontar para a estátua-menir da Ermida uma datação de período Calcolítico, possivelmente Calcolítico Final / Bronze Inicial. Integrado no Bronze Inicial / Médio (ou Bronze Pleno, se se preferir a designação) deverá estar ainda o monumento do Castro da Barrega.

É certamente complicado tentar ver neste conjunto de monumento padrões de inserção na paisagem, tanto pelas lacunas existentes na informação respeitante a alguns, quer pelo número relativamente restrito de exemplares identificados, para além da própria dimensão reduzida de alguns. No entanto, é patente que existem monumentos (Cova da Moura, Afife, S. Bartolomeu do Mar, Insalde) onde não parece haver uma procura de pontos de domínio visual sobre a paisagem. No caso de Cova da Moura, Afife e S. Bartolomeu do Mar, relacionam-se com áreas de orografias suaves, mais próximos do litoral, em zonas onde o terreno se pauta pela reduzida existência de obstáculos, tanto trânsito de pessoas, como à observação dos monumentos a relativamente grandes distâncias. Poderá sair assim reforçado o seu papel enquanto referências espaciais, em funcionamento estreito com as vias de circulação na paisagem. Em Casal de Insalde (como, de resto, também em Cova da Moura) poderá ser vista uma relação entre o monumento e os cursos hidrográficos, relevantes tanto pela sua dimensão ritual e simbólica, quer enquanto elementos definidores da paisagem e essenciais à vida quotidiana das populações. Deve ser ainda valorizado a possível associação entre cursos de água e vias preferenciais de passagem, já que o curso de um rio tende a evitar naturalmente os relevos do terreno.

O monumento da Lameira, tendo sido encontrado junto a vestígios de um monumento megalítico, insere-se porém num outro quadro geomorfológico, já que o sítio de implantação do *dolmen* possibilitava um controlo visual sobre uma parte importante da paisagem – poderia o monumento da Boulhosa provir de um quadro semelhante? Apesar do lugar exacto de origem do monumento não ser conhecido, é provável que o monumento da Serra da Boulhosa tenha aparecido numa linha de cumeada (para isso aponta a toponímia, que coloca o lugar da Boulhosa a cerca de 2 km a Oeste do alto de Cotão, de onde se seria possível a observação do vale a Este). Da

localização (ainda que algo genérica) do monumento da Boulhosa, há assim a reter a relativa possível proximidade com um vale bastante importante nas dinâmicas de movimento regionais, assim como o papel desta cumeada enquanto fronteira natural (característica que podemos observar noutros monumentos, como na estela “de guerreiro” do Bronze Final encontrada em Robleda, Salamanca [MARTÍN BENITO, 2009], abordada mais à frente neste trabalho). A estátua da Ermida, com uma cronologia que poderá ser aproximadamente coincidente com a do monumento da Boulhosa, parece demonstrar um tipo de implantação semelhante (com todas as reservas que as condições de achado desta estátua-menir implicam), em zonas altas, com boas condições de visibilidade sobre o território e proximidade com importantes vales. O mesmo poderia ser dito em relação ao monumento do Castro da Barrega (que se integra sensivelmente no mesmo período cronológico destes dois últimos monumentos, sendo talvez um pouco mais tardio).

Assim, em conclusão, observa-se que existe na região de entre o Douro e Minho uma preponderância para os monumentos mais recentes (ou seja, integrados no Calcolítico [Final] / Idade do Bronze) aparecerem em lugares altos e associados a relevos que se destacam na paisagem. Por oposição, nos monumentos mais antigos (neolíticos / calcolíticos, sendo a única possível exceção o pequeno ídolo da Lameira, se aceitarmos que tenha uma cronologia mais recuada que o vizinho exemplar do Castro da Barrega e se o local da sua identificação se tratar, de facto, da sua localização original) tal tendência não parece existir.

III – Trás-os-Montes, Alto Douro e Ocidente da Meseta Superior¹

A região de Trás-os-Montes e Alto Douro, que compreende a zona mais oriental do Norte de Portugal, assim como a região mais ocidental da Meseta Superior apresenta um conjunto de quarenta e um monumentos, distribuídos por dezasseis sítios (ver Fig. 1 e Fig. 2):

- Faiões, Chaves (ALMEIDA e JORGE, 1979);
- Chaves, Chaves (ALMEIDA e JORGE, 1980);
- Bouça, Mirandela (SANCHES e JORGE, 1987);
- Marco, Vila Pouca de Aguiar (LOPES *et al.*, 1994);
- Vilarinho de Samardã I e II, Vila Real (COWELL, 2009);
- Alijó K, Alijó (SOUSA, 1996);
- Pena Mosqueira 3 I – IV, Mogadouro (SANCHES, 1985);
- Cabeço da Mina I – XXI, Vila Flor (JORGE, 1999c);
- Quinta do Couquinho, Moncorvo (VASCONCELOS, 1910);
- Quinta de Vila Maior, Moncorvo (REBANDA, 2002);
- Moncorvo, Moncorvo (VASCONCELOS, 1910);
- Santa Luzia I e II (SANTOS JÚNIOR, 1975);
- Alto da Escrita, Tabuaço (CARVALHO *et al.*, 1999);
- Longroiva, Mêda (ALMAGRO BASCH, 1966);
- Ataúdes, Figueira de Castelo Rodrigo (VILAÇA *et al.*, 2001);
- Tremedal de Tormes, Salamanca (LÓPEZ PLAZA *et al.*, 1996).

Correspondendo aproximadamente aos distritos de Vila Real e Bragança, entende-se para efeitos do presente trabalho como fronteira da região de Trás-os-Montes e Alto Douro os seguintes limites: a Sul, as margens do Rio Douro, prolongando-se pelo Norte da Beira Interior (até à Serra da Marofa); a Oeste a cadeia montanhosa formada pelas serras do Gerês, Cabeceira, Alvão e Marão; a Norte, o limite é estabelecido pela fronteira nacional entre Portugal e Espanha; a Este decidiu-se englobar a região de Tremedal de Tormes (Salamanca), localizada na Meseta Superior, perto do Rio Douro.

¹ Aguardam ainda publicação a estátua-menir de Cruz de Cepos e as estelas decoradas de Cervos, Montalegre (ALVES e REIS, no prelo). O mesmo acontece com as estelas de Picote, Miranda do Douro (PINTO, 2005; SANCHES, no prelo). De referir ainda, no Alto Douro, a possível estela identificada no sítio do Prado, Vila Nova de Foz Côa (COIXÃO, 1999: 110).

Também nesta área do Norte de Portugal, o granito é predominante na geologia regional; na zona oriental (Bragança) existe igualmente uma importante presença de xistos, grauvaques e quartzitos (“Carta Hidrogeológica de Portugal” à escala de 1:1 000 000, Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos, 1970; “Carta Litológica de Portugal” à escala de 1:1 000 000, Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos, 1967).

1 – Sistematização dos monumentos

Foi já referida, a propósito do monumento da Serra da Boulhosa, a estátua-menir de Faiões [entrada nº 9 – vol. II, p. 24], encontrada perto de Chaves (mais concretamente na chamada Veiga de Chaves). Este monumento é claramente antropomórfico, representando um tronco humano (sem cabeça, mas podendo estar ter existido) onde foram gravados alguns elementos repetidos amiúde nas estelas e estátuas-menires peninsulares, como colares (múltiplos, no anverso) e armas (neste caso, uma arma de lâmina curta e larga, numa das faces laterais). O reverso do monumento (ou a face que se convencionou tratar como reverso, já que tanto o anverso como o reverso estão decorados, não sendo totalmente claro qual o lado destinado a uma maior exposição) destaca-se pela presença de dois motivos semelhantes entre si, sobrepostos. Apresentam estes motivos uma configuração sub-trapezoidal, sendo por isso comumente designados como “insígnias sub-trapezoidais”.

Já se escreveu sobre o papel deste motivo enquanto símbolo de prestígio (ALMEIDA e JORGE, 1979: 18; ALMAGRO GORBEA, 1993: 126; CRUZ, 2001: 176; VILAÇA *et al.*, 2001: 76); a associação constante entre este símbolo a peças destinadas a ser abertamente exibidas, ligadas a elites detentoras de algum tipo de poder (social, guerreiro e / ou religioso), reforça esta ideia. Dois outros monumentos na região de Trás-os-Montes e Alto Douro ostentam este atributo: é parcialmente visível na estátua-menir de Chaves [entrada nº 10 – vol. II, p. 26], encontrada muito próxima da de Faiões; é também observável no topo da estátua-menir da Bouça. Aparece ainda noutros monumentos da Beira Central e do Alto Douro: é claramente identificável como elemento central nas estátuas-menires de Serra da Nave I (Moimenta da Beira – CRUZ, 2001: 173-174), Ataúdes e Tremedal de Tormes. Pode-se igualmente considerar este motivo como estando presente no “tronco” (ou vestuário) das figuras antropomórficas da estátua-menir de Serra da Nave II (Moimenta da Beira – CRUZ, 2001: 174-176) e da estela de Longroiva (Mêda – ALMAGRO BASCH, 1966: 108-109). No caso concreto

da estela de Longroiva, as linhas do motivo apresentam um carácter bastante rectilíneo, por oposição às linhas mais arqueadas patentes nos outros exemplos; aproxima-se assim muito do motivo que encontramos gravado no reverso da estátua-menir, mais tardia, de S. João de Ver (Santa Maria da Feira [?] – JORGE e JORGE, 1983; SILVA, 2007).

As estátuas-menires de Chaves e da Bouça [entrada nº11 – vol. II, p. 29], revelam de forma evidente uma simbologia fálica, notória na própria configuração dos monumentos. A estátua-menir fálica de Chaves foi encontrada em 1980, situando-se assim a apenas 3 km para Sudoeste da estátua de Faiões. Naquilo que pode ser encarado como a intenção de conferir uma dimensão antropomórfica a esta peça, observa-se a estratégia encontrada para individualizar a cabeça, através de uma gola / sulco largo. Tal vem criar uma certa ambiguidade entre a dimensão fálica e a dimensão antropomórfica do monumento; a representação da cabeça evoca em simultâneo a representação de uma glande peniana. Como na estátua de Faiões, existe, no corpo da estátua, representação de armas, além da já referida “insígnia” sub-trapezoidal (cuja metade inferior está hoje muito erodida pela acção das águas). Sendo um exemplar com claras afinidade ao monumento da Bouça, distinguem-se, contudo, pela diferença de dimensões: a de Chaves, com 1,62 m de altura, é nitidamente mais pequena do que a estátua da Bouça (2,45 m de altura).

Se o carácter antropomórfico do exemplar de Chaves poderá não ser imediatamente evidente, esta situação manifesta-se ainda mais no menir antropomorfizado da Bouça, Mirandela. Não existe aqui uma representação evidente da figura humana; esta pode-se apenas inferir a partir da “insígnia” sub-trapezoidal gravada num dos lados do menir, junto à parte superior do monumento. Tratar-se-á presumivelmente de um menir pré-existente, reaproveitado e ao qual se procurou incutir um novo significado simbólico, através da gravação do referido motivo sub-trapezoidal. No topo do menir, pode ser ainda vista uma representação muito esquemática da cabeça, de forma semelhante ao que acontece na estátua de Chaves; aqui, contudo, a cabeça tem um carácter ainda menos explícito, podendo-se tratar igualmente da glande peniana deste monumento fálico.

O Bronze Final foi proposto como cronologia para estes três monumentos (Faiões, Chaves e Bouça – JORGE e JORGE, 1990; JORGE, 1995, nº 13 e 14). Tal é, contudo, passível de ser posto em questão. Devido aos paralelismos formais com o monumento da Serra da Boulhosa (com o qual apresenta algumas afinidades), o exemplar de Faiões poderá datar do Bronze Inicial ou Médio. Se tal se verificar (e pelo

facto dos monumentos ostentarem todos uma iconografia semelhante, principalmente pela presença da “insígnia” sub-trapezoidal), tal poderá admitir uma cronologia similar para os outros dois exemplares. Uma cronologia integrada no Bronze Final, contudo, não poderá ser totalmente excluída, por via de paralelos conhecidos na Sardenha (CARDOSO, 2002: 396).

No caso dos outros dois monumentos, há de se realçar que ambos os exemplares apresentam a dificuldade de revelarem poucos ou nenhuns elementos que permitam a leitura de uma cronologia clara. Contudo, é notório que os dois têm uma configuração marcadamente fálica. Tal poderá ser tido como um elemento arcaizante, indiciando uma maior antiguidade dos monumentos do que aquela que tem sido proposta. Poderá, como já se referiu, testemunhar uma reutilização de monumentos mais antigos (talvez calcolíticos) – esta posição é fortalecida se atendermos ao facto da estátua-menir da Bouça ter sido encontrada perto do povoado calcolítico da Muralha (JORGE, 1995, nº 13). Quanto ao monumento de Chaves, podemos observar que o colar (em ogiva invertida) gravado junto ao sulco do pescoço, se aproxima muito daquele que encontramos gravado no monumento de Aveny (Eure, Normandia – ARNAL, 1976: 135 e 139), encontrado num monumento megalítico datado do Neolítico Final. Assim, parece-nos aceitável e até prudente recuar a cronologia destes monumentos. Estaremos possivelmente na presença de monumentos calcolíticos, talvez reutilizados durante o Bronze Inicial ou Médio.

Esta presença de monumentos que reúnem em si uma certa ambivalência entre a dimensão antropomórfica e a simbologia fálica não se esgota nos monumentos já referidos do Norte de Portugal (S. Bartolomeu do Mar, Chaves e Bouça). Tal ocorre também em dois monumentos da região de Castelo Branco: na conhecida estela (ou estela-menir) de S. Martinho II (Castelo Branco – ALMAGRO BASCH, 1966: 36-38) e no recentemente identificado monumento de Corgas (Fundão – BANHA *et al.*, 2009). Voltaremos assim a este tema mais à frente neste trabalho.

Na zona de Vila Real e Vila Pouca de Aguiar aparecem outros três monumentos: a estátua-menir do Marco (ou da Barrela – entrada nº 12 do catálogo, vol. II, p. 31), Vila Pouca de Aguiar; e os dois monumentos de Vilarinho de Samardã [entradas nº 13 e nº 14 – vol. II, p. 33 e p. 35], Vila Real. São três monumentos que, apesar de se localizarem numa zona geograficamente restrita, apresentam características bastante distintas entre si. A estátua do Marco, de feição antropomórfica / cruciforme, destaca-se pela ausência de qualquer tipo de gravação ou decoração. A sua configuração

cruciforme, contudo, faz lembrar outros monumentos em que nos deparamos com uma representação dos braços através de meros “cotos”, acompanhados de uma cabeça esquemática (como podemos testemunhar nos monumentos de Faiões ou da Boulhosa). Na recente Carta Arqueológica concelhia (BATATA *et al.*, 2008: 163), este monumento é datado genericamente como pertencente à Idade do Bronze ou à Idade do Ferro. De realçar que o monumento (supostamente *in situ*) encontra-se nas imediações da via romana que conduzia às conhecidas minas de Jales e Trêsminas (LOPES *et al.*, 1994: 147), sendo que pelo menos as minas de Jales já seriam exploradas em época pré-romana (BATATA *et al.*, 2008: 165).

As duas estátuas-menires de Vilarinho de Samardã, publicadas recentemente, estão ainda pouco estudadas. O monumento I caracteriza-se por ser uma robusta estátua antropomórfica de corpo inteiro com 1,70 m de altura, onde figuram inclusivamente as pernas do personagem, de forma esquematizada. O rosto é apresentado com uma configuração sub-trapezoidal, no interior do qual três pontos gravados (dispostos num triângulo equilátero) representam os olhos e a boca. A figura apresenta ainda outros motivos, nomeadamente um cinturão e uma possível correia sobre o peito. Não é um monumento que apresente paralelos imediatos dentro do conjunto de monumentos em estudo. Contudo, podemos ver que o contorno da moldura que enquadra a face se aproxima do contorno da “face” que vemos nos monumentos de Moncorvo (VASCONCELOS, 1910) e de Santa Luzia I (SANTOS JÚNIOR, 1975). No entanto, a utilização do baixo-relevo, como acontece nestas duas estátuas, não se verifica aqui. O monumento II é de dimensões consideravelmente menores (0,55 m de altura máxima), com uma configuração ovóide que lembra outros exemplares conhecidos na Península Ibérica, como o monumento leonês de Rodicol (ALMAGRO BASCH, 1969: 322-323). Está decorado em todo o redor do monumento, com motivos gravados abstractos (ou cujo significado nos escapa) e linhas de *fossettes*. No sítio de Santa Luzia foram ainda identificados diversos berrões da Idade do Ferro. Esta associação entre berrões e monumentos antropomórficos pré-históricos tem paralelos, em Trás-o-Montes, no sítio de Puio – Picote, Miranda do Douro (PINTO, 2005: 77).

A menos de 10 km para Este dos monumentos de Vilarinho de Samardã encontrou-se, em finais do séc. XIX, uma peça vagamente antropomórfica. O achado deu-se aquando da escavação de um *dolmen* a Norte de Alijó, o monumento K do núcleo megalítico da Parafita (entrada nº 15 – vol. II, p. 36). Trata-se de um monumento granítico de feição quadrangular, com 0,30 m de altura por 0,25 m de largura. O

contorno da peça está marcado na totalidade por uma canelura. No topo, um pequeno motivo trapezoidal parece afigurar-se como uma cabeça, “antropomorfizando” a peça. Igualmente em contexto de túmulos megalíticos foram identificados os quatro exemplares da mamoa 3 de Pena Mosqueira, Mogadouro (SANCHES, 1985). As peças I, II e III encontravam-se associadas a uma inumação individual na zona central do monumento, inumação essa onde foi possível testemunhar a presença do ritual do ocre. A estela I estava colocada na extremidade da mancha de ocre, naquilo que seria a cabeceira da sepultura; a estela apresenta decoração pintada com ocre (naquilo que será um motivo antropomorfo, ou talvez zoomorfo), tendo sido ainda identificados junto a esta estela uma série de dentes humanos e várias contas de colar (o conjunto de contas de colar encontradas nesta mamoa ronda as 2000). A estela II estava colocada sobre a mancha de ocre. Todas as suas faces apresentam vestígios de ocre e, apesar de não ter havido qualquer gravação ou talhe sobre o suporte, este apresenta uma configuração natural vagamente antropomórfica, o que poderá ter sido utilizado de forma intencional. Fora da mancha de ocre estava colocada a estela III, uma pequena laje com 0,27 m de altura e igualmente sem gravação, mas com vestígios de pintura com ocre. O monumento IV, por seu turno, encontrava-se encaixado na couraça da mamoa. Com cerca de 1 m de altura, é o maior dos quatro exemplares identificados. Foi-lhe conferida uma figuração vagamente antropomórfica, através de um estreitamento na extremidade distal. Atendendo ao contexto em que se inserem, terão estes monumentos uma cronologia que pertencerá ao Neolítico Final ou já ao Calcolítico (SANCHES, 1985: 112).

O sítio do Cabeço da Mina (JORGE e JORGE, 1990; JORGE, 1999c) revelou-se como um sítio deveras singular. Neste pequeno monte perto de Vila Flor (Bragança) foram identificados diversos alinhamentos de estelas, tendo-se identificado pelo menos vinte e um monumentos antropomórficos (entradas nº 20 a nº 40 – vol. II, p. 42 a p. 72); não se recolheu, contudo, qualquer outro tipo de registo arqueológico (DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, 2010: catálogo, nº 120). O monumento I será talvez o mais emblemático. Foi encontrado completo e em relativamente bom estado de conservação, medindo 0,86 m de altura. Apresenta uma face delimitada por um motivo em “T” arqueado. Esta estratégia de representação da face, delimitando a zona dos olhos com um motivo em “T” regista-se noutros monumentos, dentro e fora do âmbito peninsular, sendo por norma inseridos cronologicamente no Calcolítico. Encontramos então paralelos no Sul de França (nomeadamente nos monumentos da região de Nimes e do

rio Durance), ou nos monumentos peninsulares de Asqueroza, perto de Granada, ou Villar del Ala, em Soria (ARNAL, 1976; este último exemplar, contudo, poderá ser mais tardio: ver ROMERO CARNICEIRO, 1981); este motivo ocorre ainda de forma clara no rosto do monumento antropomórfico de Quinta de Vila Maior, em Moncorvo. Pode-se ainda considerar algum tipo de relação entre este motivo em “T” e a moldura de configuração similar que encontramos nas estátuas-menires de Moncorvo e Santa Luzia I; há que ter em atenção, contudo, que aqui este motivo foi efectuado em alto-relevo, e não através de gravação, como nos restantes exemplos. O monumento I do Cabeço da Mina apresenta ainda, na extremidade inferior, uma banda larga (possível cinturão) e linhas sub-circulares paralelas gravadas na zona do peito, similares aos motivos em “X arqueado” que encontramos nos monumentos italianos de Castelluccio dei Sauri, Foggia (dados genericamente do Calcolítico / Idade do Bronze – ARNAL, 1976, fig. 74-75; ROBB, 2009: 164).

Para além de Cabeço da Mina I, este motivo em “X arqueado” é visível ainda nos exemplares de Cabeço da Mina X e Cabeço da Mina XX, dos quais se conservam apenas fragmentos (sendo que, nestas duas situações, o motivo não é composto por linhas paralelas, mas por sulcos simples). Podemos observar nas estátuas do Sul da Itália que estes arcos estão associados a representações de seios, conotando-os assim com a esfera do feminino. Esta representação dos seios, todavia, não se verifica nos monumentos do Cabeço da Mina, pelo que não é possível afirmar com certeza que estamos perante representações femininas. Também para estes motivos semi-circulares a arte pré-histórica marroquina oferece paralelos, concretamente nas representações de escudos de tipo III de Malhomme (segundo CHENORKIAN, 1988: 180).

Se os monumentos I, X e XX podem ser considerados como fazendo parte de uma mesma categoria tipológica, por via dos motivos que exibem, existe um outro grupo que se destaca pela presença de representações de colares múltiplos. Integram esta categoria os monumentos III, IV, XIX. Nenhum destes se encontra completo; no entanto, no caso de Cabeço da Mina IV conservou-se a parte superior do monumento, onde vemos gravado um rosto esquemático, composto por duas covinhas (olhos) e um pequeno traço vertical (nariz), sob o qual aparecem os colares. O exemplar de Cabeço da Mina V consiste num fragmento inferior de um destes ídolos-estela, onde é visível apenas parte de uma banda larga (semelhante ao suposto cinturão de Cabeço da Mina I), no interior do qual se encontra uma *fossette*. Este tipo de cinturão, em banda lisa, repete-se nos exemplares IX, XIII e XXI. O já mencionado monumento X apresenta, para além

do motivo em “X arqueado”, um cinturão preenchido por um motivo em *zig-zag*. Este tipo de banda com decoração interna em *zig-zag* repete-se ainda nos fragmentos de Cabeço da Mina XIV, XV, XVI, XVII e XVIII, sendo nestes exemplares o único motivo que se preserva. Em termos de monumentos onde são visíveis cinturões, falta referir a presença de um terceiro tipo, composto por uma incisão horizontal singular; tal ocorre em Cabeço da Mina III e XI.

Os monumentos VI, VII e XII apresentam uma decoração muito simples, composta apenas por duas pequenas covinhas junto ao topo, representando talvez um par de olhos. Apesar de as suas dimensões variarem significativamente entre si, são todos eles monumentos relativamente pequenos: o exemplar de Cabeço da Mina VI trata-se apenas de um fragmento de 0,27 m de altura; a peça de Cabeço da Mina VII encontra-se completa, tendo uma altura de 0,38 m; no exemplar de Cabeço da Mina XII, apesar de algumas fracturas, estas não deverão afectar significativamente o comprimento total da peça, que mede à volta de 0,65 m.

Debruçando-nos agora sobre os monumentos II e VIII, não se pode deixar de notar que se distinguem dos restantes monumentos encontrados. Ambos apresentam um desenho cruciforme, em “X”, delimitado por duas incisões paralelas, uma acima do “X”, outra abaixo do referido motivo. Tal representação encontra paralelos na estátua-menir de Villar del Ala, Soria (ARNAL, 1976; ROMERO CARNICEIRO, 1981). Na estela de Cabeço da Mina II, este motivo aparece gravado em ambas as faces do monumento. Numa delas (anverso), por baixo deste motivo foi gravado um motivo zoomórfico (um quadrúpede), com um traço mais fino (o que indicia que tal terá ocorrido num momento distinto). O monumento VIII, por seu lado, apresenta uma escotadura semi-circular talhada no lado direito do monumento; devido às fracturas que o suporte sofreu, não é possível confirmar se esta escotadura estaria igualmente presente no lado esquerdo da estátua-menir.

Para finalizar, o monumento XXI merece uma análise mais detalhada. Trata-se de um ídolo-estela com 0,68 m de altura e 0,32 m de largura. Apesar de se encontrar fracturada no canto superior direito, tal não afecta a observação de uma face esquemática, composta por olhos, um pequeno nariz e uma boca. Na zona do “peito” foram gravadas duas linhas sub-verticais, aproximadamente paralelas. Entre elas desenham-se sete linhas arqueadas paralelas, tendencialmente horizontais; representarão provavelmente colares, ou talvez parte de algum traje. Na zona inferior do terço mesial do suporte foi gravada uma banda lisa composta por duas linhas horizontais paralelas,

representando um cinturão. A meio do cinturão saem três curtos sulcos, podendo representar possíveis adereços do cinturão. O terço inferior do monumento encontra-se nitidamente preparado para ser fincado no solo. Este é então um monumento que, formalmente, se aproxima muito dos ídolos de tipo “Hurdes-Gata” (BUENO RAMÍREZ, 1984) ou de monumentos como o da Quinta do Couquinho, do Crato (VASCONCELOS, 1910) ou o de Arronches (ALMAGRO BASCH, 1966); há que atentar ao facto de, aqui, não haver qualquer vestígio de representação de um diadema, elemento típico destes monumentos.

No caso do ídolo-estela da Quinta do Couquinho (entrada nº 41 – vol, II, p. 74), Moncorvo, esta representação do diadema não se reveste, contudo, de um carácter evidente. Enquanto os ídolos “Hurdes-Gata” tendem a apresentar diademas subdivididos internamente por motivos quadriculados, aqui o possível diadema apresentasse como uma simples incisão em arco, delimitando a parte superior do anverso. É um monumento com apenas 0,31 m de altura, de configuração arredondada, o que uma vez mais o aproxima dos chamados ídolos-seixo (ou *ídolos-guijarro*) da Serra de Gata. Para além do suposto diadema, a composição decorativa do monumento caracteriza-se por apresentar colares múltiplos e dois olhos, enquadrados por um motivo em “H deitado”. Podemos encontrar semelhante estratégia na representação facial doutros monumentos europeus, como a estátua-menir de Fontdouce, no Languedoque Oriental, datada do Neolítico Final (ARNAL, 1976: 95-96). Como tal, será aceitável admitir, para o monumento da Quinta do Couquinho, uma cronologia calcolítica, como avançaram Vítor e Susana de Oliveira Jorge (1990: 309).

Também no concelho de Moncorvo foi encontrado o monumento da Quinta de Vila Maior (entrada nº 42 – vol. II, p. 76), encontrada no decorrer de trabalhos agrícolas. Mede 1,57 m de altura e apresenta várias semelhanças com os monumentos de Cabeço da Mina, particularmente com Cabeço da Mina I. No rosto são visíveis os olhos enquadrados por um motivo em “T arqueado”; cada extremidade superior desta figura termina num círculo de 12 cm de diâmetro, sob os olhos. Sobre a “sobancelha” direita são visíveis ainda dois pequenos traços. Entre as duas circunferências do rosto (representações das “maças-do-rosto”? tatuagens / pinturas faciais?) foi gravada uma pequena boca curvilínea. Foram ainda gravadas sete linhas arqueadas paralelas, sobre o peito, representando colares. Sob este motivo, e contíguo à parte superior do cinturão, foi gravado um motivo sub-rectangular, no interior do qual se desenham duas linhas verticais paralelas, mais finas. O cinturão, por seu lado, não apresenta qualquer

decoreção no interior. Toda a área da composição é contornada ainda por linhas gravadas. Devido às francas semelhanças com os monumentos de Cabeço da Mina, será de crer que tenham uma cronologia semelhante.

O concelho de Moncorvo conhece ainda um terceiro exemplar (entrada nº 43 – vol. II, p. 78). A proveniência exacta desta estátua-menir, conhecida desde os inícios do séc. XX, é contudo desconhecida. É uma estátua em tudo semelhante ao monumento I encontrado no monte de Santa Luzia, Freixo de Espada à Cinta. Em ambos os casos se conservou apenas o topo da estátua. Também nos dois exemplares existiu a utilização do alto e baixo-relevo para criar uma moldura sensivelmente semi-circular (com uma configuração mais sub-rectangular do exemplar de Moncorvo). Tal faz lembrar vagamente uma face humana, sendo visível no topo um nariz em relevo ligado a esta moldura do rosto. Como já se mencionou, esta representação do rosto poderá ter um certo paralelo aos rostos com motivos em “T”. Tal valida uma atribuição destes dois monumentos ao Calcolítico, com fazem Vítor e Susana Oliveira Jorge (1990: 309), em concordância com Jean Arnal (1976: 188).

No monte de Santa Luzia estaria localizado um povoado da Idade do Ferro, destacando-se pelo elevado número de “berrões” aí identificados (SANTOS JÚNIOR, 1975); a presença da estátua de Santa Luzia I (entrada nº 44 – vol. II, p. 80) neste monte poderá indicar uma ocupação mais antiga do sítio. Aqui apareceu ainda um segundo monumento, algo atípico, denominado de Santa Luzia II (entrada nº 45 – vol. II, p. 82). Trata-se de um fragmento 0,32 m de altura, encontrado numa parede, onde se podem observar diversos motivos em U, paralelos. Devido à falta de contexto e paralelos para a peça, revela-se muito difícil avançar com uma proposta cronológica para o monumento.

Nas imediações da margem Sul do Rio Douro, perto de Tabuaço, foi identificada a estela do Alto da Escrita (entrada nº 46 – vol. II, p. 83). Trata-se de um monumento sub-paralelepípedo com 1,66 m de altura. Apresenta uma decoreção relativamente simples, aparecendo gravado um conjunto de elementos comuns a muitos outros monumentos estudados: junto ao topo, são visíveis no anverso uma série de colares, semi-circulares, sobre os quase se desenha um motivo rectilíneo, que se prolonga para a face esquerda do monumento; a meio do suporte representou-se um cinturão, em banda horizontal larga com covinhas alinhadas no anverso e na face esquerda; existe, perto do cinturão, de um motivo pontiagudo que se poderá tratar de uma arma. Estes elementos poderão uma vez mais apontar para uma cronologia do Bronze Inicial ou Médio (como

defende João Luís Cardoso, que a atribui ao “Bronze Pleno” ou, em alternativa, ao Calcolítico: CARDOSO, 2002, p. 343). Tal proposta é compatível com a cronologia proposta pelos publicadores, que a atribuem à transição entre o III e o II milénio (CARVALHO *et al.*, 1999: 256).

Uma outra estela do Bronze Inicial conhecida no Alto Douro / Norte da Beira Interior é a estela de Longroiva (entrada nº 47 – vol. II, p. 85), Mêda. A estela, com 2,40 m de altura, está decorada apenas no anverso, onde se expõe a representação de um personagem armado. Este personagem exibe uma panóplia de armas e adornos, remetendo para uma ostentação de poder por parte de uma elite guerreira. O antropomorfo apresenta um possível colar e envergará uma veste – a configuração destes motivos aproxima-se da já referida “insígnia” sub-trapezoidal. Das diversas armas apresentadas (punhal / espada curta, arco e alabarda), aquela que permite uma datação mais precisa do monumento será a alabarda. Com a nervura central claramente representada, integrar-se-á no tipo “Carrapatas”, atribuível ao Bronze Inicial (JORGE e JORGE, 1990: 305).

Na região do Alto Douro destacam-se ainda outros dois monumentos: no Norte da Beira Interior, a estátua-menir de Ataúdes (entrada nº 48 – vol. II, p. 87); na Meseta Superior espanhola, a estátua-menir de Tremedal de Tormes (entrada nº 49 – vol. II, p. 89). São duas peças antropomorfizadas e formalmente muito próximas. No centro do anverso, ambas possuem a “insígnia” sub-trapezoidal (sendo que no caso de Tremedal de Tormes esta aparenta estar suspensa ao pescoço). Nos dois monumentos o peito é decorado com bandas horizontais paralelas (veste? couraça? tatuagens?); no terço inferior do anverso da estátua de Tremedal de Tormes é visível um singo de interpretação duvidosa, podendo-se tratar de uma esquematização das pernas. O facto dos monumentos se apresentarem armados facilita a sua datação. Na estátua de Tremedal as armas apresentam-se tenuemente gravadas em ambos os lados da peça (uma de lâmina larga e curta e outra de lâmina mais estreita e alongada) não sendo claro se pertencerão a um momento distinto da gravação dos restantes elementos). Na de Ataúdes vemos, no reverso, a gravação de uma espada embainhada, suspensa numa corrente, acompanhada de uma forma sub-rectangular que pode traduzir a presença do cabo de uma segunda arma (talvez uma alabarda). A larga empunhadura desta espada termina em botão, apresentando rebites, enquanto a bainha termina em conteira elipsoidal com travessão central. Uma conteira semelhante aparece na estela de Ourique, atribuída ao Bronze Médio (JORGE, 1995, nº 75). De referir ainda os óbvios

paralelos que estas duas estátuas-menires apresentam com a estátua de Valdefuentes de Sangusín (SANTONJA GÓMEZ e SANTONJA ALONSO, 1978).

2 – Geologia e Litologia

Como se abordou já, na zona de Chaves foram identificados, dois monumentos: a estátua-menir de Faiões e a estátua-menir de Chaves, distando entre elas cerca de 3 km. Em ambos os casos o suporte utilizado foi o granito, mantendo a tendência que já se testemunhou na zona mais litoral do Norte de Portugal. A região da Veiga de Chaves, na periferia da qual ocorreram os achados, caracteriza-se pela presença de um terraço quaternário de depósitos aluviais arcóscico-argilosos e cascalheiras (com 10-12 m de cota – ALMEIDA e JORGE, 1979, p. 7; “Carta Geológica de Portugal”, folha 6-B Chaves, à escala de 1:50 000). A zona envolvente à Veiga de Chaves caracteriza-se geologicamente pela presença de granitos hercínicos (que, de resto, caracterizam a generalidade do Noroeste de Portugal). A Oeste / Noroeste predominam os granitos alcalinos de duas micas; a Este sobressaem os granitos calco-alcalinos, porfiróides e biotíticos; a Sudeste desenvolve-se um complexo xisto-granítico. Desta forma, poder-se-á ver na utilização do granito nestes monumentos um fenómeno de aproveitamento pragmático da matéria-prima local. Em contraste, na região da Bouça (Mirandela), predominam os xistos e grauvaques. O menir da Bouça, encontrado perto do Rio Rabaçal, foi apesar disso elaborado igualmente em granito. Já que se trata de um menir reaproveitado, traduzirá assim uma procura deliberada desta matéria-prima, eventualmente pelas suas propriedades mais adequadas à finalidade a que se destinava.

A estátua-menir do Marco / Barrela (Vila Pouca de Aguiar) é mais um monumento que vem atestar uma certa hegemonia dos suportes graníticos nos monumentos do Norte português. A região onde está implantada é essencialmente granítica. É também uma região extremamente rica em recursos minérios – predominantemente ouro e prata, mas também chumbo e estanho (“Carta Mineira de Portugal”, à escala de 1:500 000, Serviços Geológicos de Portugal, 1960). De realçar de novo que o monumento (supostamente *in situ*) se encontra nas imediações da via romana que conduzia às conhecidas minas de Jales e Trêsminas (LOPES *et al.*, 1994: 147). O monumento afigura-se como um granito local, “amarelado, de grão médio, com moscovite e rara biotite” (LOPES *et al.*, 1994: 147).

Entre Vila Pouca de Aguiar e Vila Real encontram-se os monumentos de Vilarinho de Samardã I e II. Os monumentos, ambos elaborados em granito de grão

médio / fino, encontram-se sensivelmente a meio de uma comprida zona de vale (que se desenvolve quase em linha recta, com cerca de 30 km de comprimento), ligando Vila Pouca de Aguiar a Vila Real, e por onde corre o Rio Corgo, afluente do Douro. O vale caracteriza-se pela presença de depósitos de aluvião, enquanto a litologia da região circundante se caracteriza essencialmente pela presença de granitos hercínicos. De apontar ainda que este vale se situa ao longo de uma comprida falha geológica (uma das mais compridas do Norte de Portugal – “Carta Litológica de Portugal” à escala de 1:1 000 000, Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos, 1967), que, vinda do Centro de Portugal, passa pela área de Vila Real, depois por Vila Pouca de Aguiar e seguindo de seguida para Norte, até à região de Chaves.

O monumento megalítico de Alijó K, onde apareceu uma peça vagamente antropomorfizada em granito, localiza-se a norte de Alijó. Esta é uma região onde efectivamente predominam os granitos (de grão médio a fino), registando-se ainda a existência de manchas de quartzo, metagrauvaques e filitos (“Carta Geológica de Portugal”, folha 10-D Alijó, à escala de 1:50 000, 1987).

Os monumentos da necrópole megalítica de Pena Mosqueira, na órbita da Serra do Mogadouro, integram-se numa paisagem marcada, a nível do substrato geológica, por uma grande diversidade. Nesta área, a Sudeste da serra, existem grandes manchas de granitos intercaladas por manchas de xistos, quartzitos, arenitos e conglomerados. As lajes pintadas que aqui apareceram reflectem de alguma forma esta diversidade, sendo duas delas em granito (I e IV) e duas em quartzito (II e III).

O vale da Ribeira da Vilarça (“Carta Geológica de Portugal”, folha 11-C Torre de Moncorvo, à escala de 1:50 000, 1988) destaca-se como uma unidade muito interessante para o presente estudo, já que aí se localiza (na extremidade setentrional do vale) o sítio do Cabeço da Mina (Vila Flor); na extremidade meridional do vale, perto da foz da Ribeira da Vilarça, apareceu o monumento de Quinta de Vila Maior (Moncorvo, sendo que este poderia estar fora da sua localização original). As cotas mais baixas do vale são marcadas pela presença de depósitos de aluvião, flanqueadas em ambos os lados (Este e Oeste) por manchas de depósitos de cascalheiras, arenitos e argilas. A Noroeste, o vale é delimitado pela presença de filitos e metagrauvaques. A zona central do vale é ladeada, tanto no lado oriental como no ocidental, por manchas de granitos, conhecidos Granitos de Zedes - Cabeça Boa (caracterizando-se por serem granitos porfiróides, de matriz média / grosseira de duas micas). Encaixado no meio destes granitos, no lado Oeste do vale, aparece uma pequena mancha de granitos de grão

médio e duas micas (denominados de Granitos de Estevais), onde se encontrou o exemplar de Quinta de Vila Maior.

No concelho de Moncorvo apareceram ainda, como já se referiu, outros dois monumentos, ambos em granito: Moncorvo e Quinta do Couquinho. Sabe-se pouco sobre as circunstâncias e localização de achado destas peças (principalmente no caso da estátua-menir de Moncorvo), pelo que o enquadramento geológico destas peças será sempre algo problemático. A Quinta do Couquinho localiza-se numa paisagem acidentada, essencialmente granítica, a Oeste do terço mesial do Vale da Vilarça. Numa tentativa de contextualizar o monumento de Moncorvo, poder-se-á apontar que a região de Torre de Moncorvo é caracterizada pela presença de formações xistosas e, igualmente, de algumas manchas graníticas (“Carta Geológica de Portugal”, folha 11-C Torre de Moncorvo, à escala de 1:50 000, 1988). Este é, de resto, um panorama semelhante ao que encontramos na região de Freixo da Espada à Cinta, onde apareceram os monumentos de Santa Luzia I e II, também eles em granito.

A estátua-menir do Alto da Escrita (Tabuaço), a Sul do Rio Douro e junto ao Rio Távora, insere-se numa zona de fronteira entre um complexo granítico hercínico e um complexo xisto-grauváquico, tendo-se mais uma vez optado pela utilização do granito como suporte do monumento. Ainda no Alto Douro, a estela de Longroiva (Mêda), foi encontrada numa zona de vale, marcado geologicamente pela existência de uma falha ao longo do seu comprimento. Uma vez mais o suporte eleito para a elaboração deste monumento foi o granito, apesar de se encontrar num ambiente marcado pela presença de xistos e arenitos (Arenitos de Longroiva). Tal não deixa de ser relevante, uma vez que pode indiciar uma preferência deliberada para a utilização deste tipo de rocha, mesmo em situações onde não seria difícil obter outro tipo de matéria-prima para utilizar como suporte.

Mais um monumento granítico é a estátua-menir de Ataúdes, Figueira de Castelo Rodrigo. Esta região apresenta, a Norte, uma predominância de granitos, enquanto a Sul se podem encontrar xistos e grauvaques, assim como depósito de cascalheira. A zona da Quinta de Ataúdes, em concreto, encontra-se numa zona marcada por um complexo xisto-granito-migmatítico e manchas de granito não-porfiróide de grão fino (“Carta Geológica de Portugal”, folha 15-D Figueira de Castelo Rodrigo, à escala de 1:50 000, 1960). O monumento mesetenho de Tremedal de Tormes, Salamanca, é constituído por um bloco paralelepípedo de granito de grão médio. Está integrado na Meseta Superior, nas imediações do Rio Tormes (a Sul / Este do Rio Douro, do qual é afluente, e a Norte

de Salamanca). Situa-se numa zona de fronteira entre uma paisagem fortemente granítica (na qual se integra) que se desenvolve para Oeste em direcção ao Douro, e uma paisagem marcada essencialmente pela presença de conglomerados, arenitos e argilas (“Mapa Geológico de la Península Ibérica, Baleares y Canarias”, à escala de 1: 1 000 000, Instituto Tecnológico Geominero de España, 1994).

3 – Contexto e enquadramento geo-morfológico

A Veiga de Chaves (na periferia da qual foram encontrados os monumentos de Faiões e Chaves) trata-se de uma zona aplanada muito fértil, que se desenvolve ao longo do Rio Tâmega (ver Fig. 5). A “Carreira de Pedra”, caminho situado a cerca de 400 m da aldeia de Faiões, seria o sítio onde primeiramente foi identificada a estátua-menir de Faiões, a uma altitude que rondaria os 365 m. De referir que esta zona apresenta inúmeros vestígios arqueológicos, quer de épocas históricas, quer pré-históricas: a 500 m do sítio onde ocorreu o achado existiriam sepulturas escavadas na rocha; no vizinho monte de Nozelos existem testemunhos de um castro; o povoado pré-histórico, mais tarde romanizado, de S. Lourenço encontra-se a apenas 4 km para Sudeste; no Alto de Pinacoulhe, a 2 km para Sul, terá aparecido um depósito de bronze; a 6 km Oeste situam-se as gravuras do Outeiro do Machado (ver ALMEIDA e JORGE, 1979:10). Apesar deste quadro, a peça estava “desinserida de um contexto arqueológico preciso” (JORGE, 1995: nº 2). A cerca de 3 km de Faiões, o monumento de Chaves foi dragado do leito do Rio Tâmega, à saída da cidade. Foi identificado a uma altitude de 348 m, numa zona de vau, a cerca de 10 m da ponte romana (na qual poderá ter sido incorporada aquando da sua construção, no tempo de Augusto – ALMEIDA e JORGE, 1980: 5).

A Veiga de Chaves caracteriza-se, geomorfologicamente, por ser uma zona de vale pouco profunda, de orografia aplanada, fechada a Sul pela extremidade setentrional da Serra do Alvão (zona de Vila Pouca de Aguiar), e bem definida a Noroeste pelos relevos da órbita da Serra do Barroso e a Sudeste por uma cadeia de relevos, que se apresentam na continuação do complexo montanhoso da Serra da Padrela. É precisamente no sopé destes relevos que se encontra a aldeia de Faiões (em concreto, no sopé do Alto da Regueira, que se encontra rodeado por outros cabeços, como o Alto do Mineral, Alto da Porqueira ou Alto da Ferradosa, que atingem altitudes que rondam e ultrapassam os 600 m). Hidrograficamente é ainda uma área muito rica. Faiões dista menos de 2 km do Rio Tâmega, sendo ainda atravessada pela Ribeira de Avelelas, que

tem a sua nascente a Este, no Alto do Mariola (800 m de altitude); a Norte da aldeia corre a Ribeira de Arcosso. Como deixa adivinhar o próprio topónimo de “Carreiro de Pedra”, a zona onde se deu o achado da estátua-menir de Faiões, revela condições naturais favoráveis ao trânsito (assim como acontece na generalidade da Veiga de Chaves). Quanto à estátua-menir de Chaves, considerações mais precisas sobre a sua inserção geo-morfológica serão, naturalmente, mais difíceis, por via do achado ter ocorrido claramente fora do seu contexto original.

A cerca de 20 km da Veiga de Chaves, na zona de Mirandela, apareceu o menir reutilizado da Bouça (ver Fig. 5). Foi encontrada fora de contexto, a Sul da aldeia da Bouça, perto do cruzamento que liga a Valpaços (identificado na Carta Militar como “Cruzamento da Bouça”). Segundo uma versão, teria sido encontrada numa propriedade do Visconde da Bouça no sítio do Contado, perto da ponte de Vale de Telhas (ou seja, a cerca 2,5 / 3 km para Sudoeste da Bouça) e vindo no início dos anos 80 do séc. XX para o local onde foi identificada, para ser usada nos alicerces de uma construção. Uma segunda versão indica o castro da Muralha Grande (ligeiramente a norte do sítio do Contado) como a origem do monumento, confirmando também que o seu transporte, com tractor, para o cruzamento se destinava à sua utilização numa construção.

O enquadramento geo-morfológico preciso da localização original da estátua-menir é assim desconhecido. No entanto, não existem muitas dúvidas de que terá vindo das imediações do rio Rabaçal. O Rio Rabaçal corre a Oeste da povoação da Bouça, num vale bem marcado (estando o leito a uma cota que rondará os 300 m de altitude). Este vale atravessa toda uma vasta região planáltica, cuja uma altitude média rondará os 400 m. Deverá assim ter consistido num marco paisagístico importante para as populações que aí habitaram. Afigura-se como um lugar natural de fronteira por excelência, tanto que na actualidade marca a fronteira entre os distritos de Bragança e Vila Real; tal dado não deverá ser ignorado ao reflectir sobre a inserção deste monumento na paisagem.

A estátua-menir cruciforme do Marco, Vila Pouca de Aguiar (ver Fig. 6), aparece arqueologicamente contextualizada (como já se referiu anteriormente) pela sua proximidade às minas de Jales e Trêsminas. Estes importantes complexos mineiros desenvolveram-se sobretudo em época romana, onde se explorava essencialmente o ouro (BATATA *et al.*, 2008: 128-136; 164-166). As minas de Jales, todavia, terão sofrido exploração anterior, pelo menos desde o Bronze Final e durante a Idade do Ferro (BATATA *et al.*, 2008: 165), o que as tornaria sensivelmente contemporâneas da

estátua-menir. O facto da estátua de Jales estar implantada junto à via romana que conduzia ao complexo mineiro de Jales (e aceitando-se que o monumento estará, ao que tudo indica, *in situ*) deixa assim admitir a sua associação a um caminho pré-existente de acesso às minas, caminho esse que continuaria a ter sido utilizado mais tarde, em época romana.

Na Veiga de Samardã, grande zona de vale aplanado que segue o Rio Corgo, que ligando Vila Pouca de Aguiar a Vila Real, foram identificados dois monumentos (Vilarinho de Samardã I e II – ver Fig. 6). Serve de separação entre a Serra do Alvão e o limite meridional da Serra da Falperra. Encontrada a cerca de 1 km a norte da povoação de Vilarinho de Samardã apareceu a estátua-menir de Vilarinho de Samardã I, numa pequena elevação a 815 m de altitude, na encosta Este da Serra do Alvão; o monumento de Vilarinho de Samardã II foi identificado a pouca distância da primeira. Esta localização dos monumentos integra-se no traçado óptimo entre Vila Real e Vila Pouca de Aguiar. De notar que a geo-morfologia desta área apresenta várias semelhanças com a Veiga de Chaves, onde apareceram igualmente dois monumentos. De salientar ainda a existência, no vale do Corgo, da existência de um monumento megalítico próximo dos monumentos (COWELL, 2009: 6).

O monumento de Alijó K estaria integrado, como anteriormente se expôs, num monumento funerário, na necrópole megalítica da Perafita. Esta localiza-se perto da população homónima, junto ao caminho que conduz do Pópulo a Asnela. A zona de Pópulo / Perafita / Asnela apresenta-se como uma zona aproximadamente planáltica a Norte de Alijó, delimitada a Este e a Oeste por declives bem marcados, por onde correm, respectivamente, o Rio Tinhela e o Rio Pinhão. A Sul, o planalto é delimitado por uma linha de cumeada, constituída por uma série de cabeços: Cabeço do Vale, Cabeço do Ramalho, Cabeço dos Fetos, Cabeço da Cerca, Cabeço do Carril e Alto das Madorras. O caminho de Pópulo em direcção a Asnela (a Norte), faz-se por uma paisagem de relevos pouco acidentados, que sobe gradualmente de uma altitude que ronda os 800 m até aos 954 m (marco geodésico de Asnela). Em termos orográficos, de registar ainda a presença, a Sul, do Ribeiro do João Pires e, a Nordeste, do Regato de Martim de Ovelha, que nasce na zona aplanada perto de Asnela, descendo depois por uma encosta acentuada.

Igualmente em contexto megalítico apareceram os quatro monumentos do sítio de Pena Mosqueira. Esta plataforma aplanada localiza-se a Sul da povoação de Sanhoane (Mogadouro), a 745 m de altitude. A paisagem planáltica onde se insere, em

pleno Planalto Mirandês e na órbita da Serra do Mogadouro, apresenta relevos suaves, com altitudes que variam entre os 700 m e os 800 m. No centro deste planalto, e a Norte de Pena Mosqueira, levantam-se os chamados Cimos do Mogadouro, relevos que rondam os 1000 m de altitude, compostos pelas pequenas serras de Castanheira, Variz e Figueira). O planalto é delimitado, em termos genéricos, pelo Rio Sabor a Oeste, pelo Rio Douro a Este (cujo vale se apresenta muito acentuado) e Noroeste pelos rios Maçãs e Angueiras. O monumento 3, em particular, localiza-se a menos de 1 km a Sul da Ribeira de Vale Cabreiro, num local de fácil acesso e ocupando uma posição destacada no terreno (SANCHES, 1985: 97).

O sítio do Cabeço da Mina, Vila Flor, apresenta-se como uma pequena elevação de topo aplanado, com uma cota máxima de 219 m de altitude, a cerca de 13 km a Sul da Serra de Bornes. Situa-se sensivelmente a meio do vale da Vilariça (TAVARES, 2002), perto da sua extremidade Norte. Este vale afigura-se como uma via natural de acesso preferencial aos rios Sabor e Douro; desemboca na foz da Ribeira da Vilariça, afluente do Sabor, rio que se conflui para o Douro somente 3 km mais a Sul. Dos diversos cursos de água presentes nesta zona, o mais destacado será a Ribeira da Vilariça, que desce ao longo de todo o comprimento do vale, e cujo curso corre a cerca de 600 m para Este do Cabeço da Mina. Na margem oposta (a cerca de 1100 m para Nordeste) destacam-se na paisagem algumas elevações, nomeadamente os montes da Senhora das Angústias e Cabeço. Se o vale onde o Cabeço da Mina está implantado se caracteriza por relevos pouco acentuados, o terreno muda depois radicalmente quer a Este, quer a Oeste, apresentando uma paisagem muito acidentada.

Para além do interesse intrínseco que este sítio encerra, tal será redobrado se atentarmos ao facto deste não ser o único monumento encontrado no Vale da Vilariça (ver Fig. 7). A cerca de 15 km para Sul, na extremidade oposta do vale, encontrou-se o monumento da Quinta de Vila Maior. Apesar de poder estar fora do seu contexto original (foram identificados no mesmo sítio vestígios de ocupação romana, o que poderá testemunhar uma reutilização da estela), a sua importância não deverá ser menosprezada. Desde logo, este monumento será sensivelmente contemporâneo dos monumentos do Cabeço da Mina, com alguns dos quais apresenta certos paralelos. Em segundo lugar, situa-se numa zona chave do ponto de vista hidrográfico: a Ribeira da Vilariça desagua no Rio Sabor a cerca de 1200 m para Nordeste, enquanto o próprio Sabor vai desaguar no Douro a menos de 2 km para Sul. Junto à Quinta de Vila Maior corre ainda a Ribeira dos Cavalos, outro afluente do Sabor. Orograficamente, localiza-se

numa zona baixa, aplanada e rodeada de grandes relevos, não apresentando condições especiais de visibilidade sobre a paisagem envolvente.

A Quinta do Couquinho localiza-se nas margens do Ribeiro Grande, no fundo de um vale de vertentes abruptas, entre as localidades de Nabo (Vila Flor) e Vide (Moncorvo). Encontra-se rodeada quase na totalidade por uma paisagem extremamente acidentada; apenas para Este os relevos são menos acentuados, permitindo a comunicação com o Vale da Vilariça através do vale do Ribeiro Grande (sendo que este ribeiro é um afluente da Ribeira da Vilariça, cujo curso corre a cerca de 4,5 km a Este da Quinta do Couquinho). Apesar das circunstâncias concretas de achado do monumento aqui encontrado não serem hoje muito claras (tendo este sido dado a conhecer em inícios do séc. XX), vem reforçar uma vez mais a importância da zona do Vale da Vilariça neste âmbito. Esta longa zona de vale (com mais de 20 km de comprimento) apresenta-se como uma via natural por excelência, ligando as faldas meridionais da Serra de Bornes aos rios Sabor e Douro. Neste vale existem assim três sítios onde foram identificados exemplos de estatuária antropomórfica pré-histórica; as características destas estátuas deixam admitir ainda que estes monumentos sejam contemporâneos (em sentido lato), datando talvez do Calcolítico ou inícios da Idade do Bronze. Sensivelmente a meio do terço Norte do vale aparece então o sítio do Cabeço da Mina, com os seus múltiplos monumentos, apontando para um sítio com uma forte carga simbólica e importância ritual; a Oeste do terço médio do Vale da Vilariça, e em comunicação directa com o mesmo, situa-se a Quinta do Couquinho, cujo ídolo aí identificado apresenta alguns paralelos com o monumento XXI do Cabeço da Mina; por fim, no terço Sul do vale, e já junto à foz da Ribeira da Vilariça, encontrou-se o exemplar da Quinta de Vila Maior, que apresenta uma vez mais evidentes paralelos com as estátuas do Cabeço da Mina, em particular com o icónico monumento I. De frisar ainda que no concelho de Moncorvo apareceu ainda o fragmento de uma outra estátua-menir, cuja proveniência exacta é desconhecida; contudo, não será de afastar liminarmente a hipótese desta se localizar de igual modo na esfera deste vale.

O monte de Santa Luzia (Freixo de Espada à Cinta) localiza-se a cerca de 30 km para Este do Vale da Vilariça, junto ao Rio Douro (que desempenha aqui o papel de fronteira internacional entre Portugal e Espanha). Neste monte, a cerca de 3 km para Nordeste de Freixo de Espada à Cinta, foram identificados vários “berrões” da Idade do Ferro, assim como duas estátuas mais antigas. A estátua (possivelmente calcolítica) de

Santa Luzia I apresenta claras semelhanças com o supramencionado exemplar do concelho de Moncorvo, enquanto a estátua de Santa Luzia II se apresenta mais obscura.

Em termos geo-morfológicos, Santa Luzia integra-se nas margens montanhosas do Douro, atingindo uma altitude de 520 m (marco geodésico de Santa Luzia). A Oeste, o seu controlo visual sobre a paisagem encontra-se limitado pela existência de diversos relevos mais elevados. Para Norte, Sul e Este, contudo, os relevos apresentam todas cotas inferiores, descendo irregularmente em direcção ao Rio Douro (que corre a cerca de 2 km, registando uma altitude de 200 m, aproximadamente). Afirma-se então o monte de Santa Luzia como um ponto estratégico para o controlo visual sobre o vale do Douro, factor que deverá ter contribuído para a ocupação deste sítio em momentos cronologicamente distintos.

No concelho de Tabuaço foi identificada uma estela no sítio do Alto da Escrita (929 m de altitude), a cerca de 2300 m a Sudoeste da vila de Tabuaço (ver Fig. 8). Situava-se a numa pequena plataforma a uma altitude de 860 m, entre os cabeços do Alto da Escrita e Calhau Grande. Nas imediações podem-se encontrar pequenas nascentes de água. O Alto da Escrita está integrado no planalto que se desenvolve ao Rio Távora, que o delimita a Este; a Norte faz fronteira com o Douro e a Oeste com o Rio Tedo. Encontra-se a cerca de 5 km da foz do Rio Távora (afluente do Douro). Possui ainda um amplo alcance visual sobre a paisagem envolvente, bastante acidentada, assim como sobre a plataforma sobranceira ao Távora onde se instala a vila de Tabuaço. Segundo os seus publicadores, este monumento estaria também em relação com uma passagem natural. Esta passagem seria usada pelo menos em época romana, deixando este monumento admitir uma utilização já anterior da mesma (CARVALHO *et al.*, 1999: 256).

Igualmente no Sul do Alto Douro foi encontrada a bem conhecida estela de Longroiva (Mêda), datada do Bronze Inicial. A estela apareceu na Quinta Nova da Canameira (a cerca de 5 km a Norte da povoação de Longroiva), situada numa zona de vale, muito próxima da Ribeira dos Piscos (afluente do Rio Côa) e da Ribeira Centieira (afluente da Ribeira de Piscos) – ver Fig. 9. A estela terá sido encontrada, efectivamente, perto da foz da Ribeira Centieira, onde o vale da Ribeira dos Piscos (um vale encaixado entre relevos de vertentes bem acentuadas, que serpenteia até ao Côa) se abre para o vale da Ribeira Centeira. O vale por onde corre a Ribeira Centeira configura-se como um vale aplanado (cuja largura média rondará os 500 m) acentuadamente ladeado por relevos abruptos. A morfologia deste vale conduz a que

este se apresente como uma via natural de passagem, com cerca de 6 km de comprimento, orientada num eixo Norte-Sul (na actualidade, a um troço da E802 acompanha este trajecto); a visibilidade sobre o território envolvente é, contudo, reduzida.

Na zona de Figueira de Castelo Rodrigo, na antiga Quinta dos Ataúdes (hoje Quinta dos Marcelinos) apareceu uma estátua-menir do Bronze Inicial / Médio. O local onde se identificou primeiramente a estátua-menir de Ataúdes situa-se num grande planalto, a cerca de 620 m de altitude, integrado no prolongamento sudoeste da Meseta Superior. A Este este planalto é delimitado pelo profundo vale fronteiro do Douro (a cerca de 7 km), enquanto a Oeste (a cerca de 15 km) este é circunscrito pelo vale do Côa. A 5 km para Oeste da Quinta dos Ataúdes levantam-se no planalto os relevos da Serra da Marofa. A orografia local não é muito acidentada, registando-se a Norte da Quinta dos Ataúdes dois pequenos cabeços, pouco pronunciados: Cabeço da Pedreira e Cabeço dos Ataúdes. Hidrograficamente apresenta-se como um ponto muito rico, sendo uma área atravessada por alguns cursos de água de pequena dimensão, para além de se encontrar muito próxima da Ribeira de Aguiar (correndo esta a menos de 1,5 km para Este).

Para finalizar, falta analisar a implantação geo-morfológica do exemplar de Tremedal de Tormes, tipologicamente muito próximo da estátua-menir de Ataúdes. O exacto local de achado do monumento é hoje desconhecido, sabendo-se apenas que terá sido encontrada nos arredores de Tremedal de Tormes (Salamanca). Esta localidade salamantina está integrada em pela Meseta Superior, a cerca de 800 m de altitude, numa região fortemente planáltica. Junto a Tremedal de Tormes corre a Ribeira de Tremedal (a cerca de 1,5 km para Este), afluente do Rio Tormes, correndo este a cerca de 12 km para Nordeste. O rio desemboca depois na grande albufeira artificial de Almendra, antes de desaguar no Douro. De registar ainda a presença, junto a Tremedal de Tormes, de nascentes de águas termais, para junto das quais terá sido levado o monumento num primeiro momento após a sua identificação.

4 – Considerações gerais

Se nos oito monumentos identificados na região de Entre Douro e Minho, três deles encontravam-se associados a monumentos megalíticos (havendo ainda a hipótese de tal acontecer com outros dois), na região de Trás-os-Montes e Alto Douro tal fenómeno não se verifica com igual representatividade. Dos quarenta monumentos

localizados, apenas cinco monumentos estavam associados a túmulos megalíticos; ademais, acrescente-se o facto destes cinco monumentos se distribuírem por dois sítios apenas – *dolmen* de Alijó K (com um exemplar) e de Pena Mosqueira 3 (com quatro exemplares). Três dos quatro exemplares de Pena Mosqueira apresentam a particularidade ainda de exibirem pintura a ocre, o que não foi possível comprovar em nenhum outro monumento (mesmo admitindo que tal pudesse ter ocorrido).

Como se admitiu anteriormente para a estátua-menir da Serra da Boulhosa, o monumento da Bouça (Mirandela), um menir provavelmente reutilizado em época posterior, poderá ser valorizada também a importância da sua pretensa localização enquanto zona de fronteira (junto ao Rio Rabaçal, que desempenha hoje o papel de fronteira distrital). Se acrescentarmos ainda o facto do Castro da Muralha Grande se implantar também nas margens do Rio Rabaçal (podendo ter sido daqui que proveio originalmente o menir), sai reforçado o papel que o rio terá tido na humanização desta paisagem transmontana na Pré-história Recente. A ocupação do monte de Santa Luzia (Freixo de Espada à Cinta) poderá ter obedecido a uma dinâmica similar, já que o cabeço, sobranceiro ao profundo vale do Douro (que aqui delinea a fronteira entre Portugal e Espanha). Como atestam as estátuas de Santa Luzia I e II e os vários “berrões” aí encontrados, este sítio terá conhecido uma ocupação numa diacronia alargada (do Calcolítico à Idade do Ferro, mesmo que de forma não contínua), tendo o Douro como pano de fundo. A ligação entre a implantação de monumentos e a hidrografia não será, no conjunto dos monumentos desta região, um factor a descurar. Para além dos casos já mencionados, os seguintes monumentos poder-se-ão relacionar igualmente com cursos de água: Faiões e Chaves; Vilarinho de Samardã I e II; Cabeço da Mina, Quinta do Couquinho e Quinta de Vila Maior; Longroiva; Alto da Escrita; Ataúdes e Tremedal de Tormes.

Os monumentos de Ataúdes e de Tremedal de Tormes, apesar de formalmente muito próximos, distam um do outro cerca de 65 km. No entanto, também a geomorfologia dos sítios onde foram localizados apresenta vários paralelos. Ambos se inseriam em paisagens planálticas, sem relevos muito acentuados nas imediações, e com abundantes recursos hídricos – de lembrar que o monumento de Ataúdes foi encontrado nas obras de construção de uma pequena represa, enquanto na zona de Tremedal de Tormes existem diversos cursos de água, assim como referências a fontes termais. No caso do Alto da Escrita (Tabuaço) esta relação poderá não ser tão directa; contudo, o

Alto da Escrita apresenta ótimas condições de controlo visual sobre a paisagem envolvente, na área onde o Távora desagua no Douro.

As estátuas-menires de Faiões e Chaves estão as duas localizadas na Veiga de Chaves, que se desenvolve ao longo do Rio Tâmega. O monumento de Chaves foi mesmo encontrado no seu leito, apesar de estar nitidamente fora da sua localização original. A zona de Faiões, para além da proximidade com o Tâmega, tem a registar a presença de inúmeros cursos de água, como a Ribeira de Avelas. Também no caso dos dois monumentos de Vilarinho de Samardã há a registar a proximidade com o Rio Corgo. Os sítios na órbita do Vale da Vilariça (Cabeço da Mina, Quinta do Couquinho e Quinta de Vila Maior) associam-se naturalmente ao traçado da Ribeira a Vilariça. De notar que a Quinta do Couquinho localiza-se nas margens do Ribeiro Grande, afluente da Ribeira da Vilariça, enquanto a Quinta de Vila Maior se encontra num ponto potencialmente emblemático, entre a foz da Ribeira da Vilariça e a foz do Sabor, muito próxima ainda da Ribeira dos Cavalos e do Rio Douro. Também a estela de Longroiva foi encontrada numa zona de vale, perto da confluência entre as ribeiras Centieira e a dos Piscos. Com efeito, estas quatro zonas (Veiga de Chaves, Veiga de Samardã, Vale da Vilariça e Vale de Longroiva) apresentam vários paralelos na sua geo-morfologia. São zonas aplanadas de vale, bem delimitadas por relevos, desenvolvendo-se ao longo de importantes cursos de água. Afiguram-se assim como zonas preferenciais de passagem, possuindo condições naturais que facilitarão o trânsito de pessoas. Note-se ainda que estes monumentos se integrarão todos num período cronológico relativamente consistente, do Calcolítico / Calcolítico Final ao Bronze Inicial / Médio.

Esta relação entre vias naturais de passagem e a implantação de monumentos revela-se como um dos factores melhor testemunhados no conjunto dos exemplares de Trás-os-Montes e Alto Douro. Para além dos sítios já mencionados (na Veiga de Chaves, Veiga de Samardã, Vale da Vilariça e Vale de Longroiva), esta característica estender-se-á ainda a pelo menos outros dois casos: a estátua-menir do Marco (Vila Pouca de Aguiar) e a estela do Alto da Escrita (Tabuaço). Já se referiu anteriormente a existência de uma zona natural de passagem perto do Alto da Escrita, quer seria usada pelo menos em época romana, devendo o seu período de utilização remontar a períodos anteriores. Também a estátua-menir do Marco (Bronze Final / Idade do Ferro) estará associada à via romana de acesso às Minas de Jales (com testemunhos de exploração pré-romana), devendo marcar então a existência de um caminho anterior de acesso às minas. Confirmando-se estes cenários, os monumentos do Alto da Escrita e do Marco

atestarão dinâmicas de continuidade nos padrões de movimento das populações a nível local.

Também o monumento megalítico de Alijó K estará localizado numa zona preferencial de passagem, como atesta a presença do pequeno caminho junto à necrópole, que liga as aldeias de Pópulo e Asnela. O túmulo megalítico de Pena Mosqueira 3 está inserido numa paisagem aplanada, havendo um fácil acesso ao monumento. Poderia desempenhar um papel relevante no quadro do movimento de pessoas, designadamente através da criação de referências espaciais. Contudo, se os padrões de movimento poderão ter alguma relação com a implantação de monumentos, tal não significa automaticamente que estes terão servido “marcos” visíveis a grandes distâncias. Tal será concebível, a título de exemplo, no caso dos monumentos megalíticos. Em muitas outras circunstâncias tal não será credível, dada as reduzidas dimensões dos exemplares.

IV – Beira Central e Ocidental

Na Beira Central encontram-se cinco monumentos, incluindo-se ainda um sexto exemplar (S. João de Ver, Santa Maria da Feira), que possivelmente estaria já integrado na zona mais litoral da Beira Ocidental (ver Fig. 1 e Fig. 2):

- S. João de Ver, Santa Maria da Feira [?] (JORGE e JORGE, 1983);
- Chão do Brinco, Cinfães (SILVA, 1993; 2003);
- Caparrosa, Tondela (GOMES e MONTEIRO, 1974/1977; GOMES, 1993);
- Serra da Nave I e II, Moimenta da Beira (CRUZ, 2001);
- Orca dos Padrões, Mangualde (CARVALHO e GOMES, 1995).

A Beira Central insere-se no Centro de Portugal, correspondendo sensivelmente ao distrito de Viseu. É delimitada a Norte pelo Rio Douro, enquanto o Rio Mondego pode ser tomado como o limite meridional. A Sudeste, a Serra da Estrela (e os relevos na sua órbita) separam a Beira Central da Beira Interior; igual papel desempenha, a Este, o complexo de relevos a ocidente do Rio Távora, como as serras da Lapa e de Leomil. A Oeste a fronteira desta região desenhar-se-á pela linha de relevos composta pelas serras de Montemuro, Arada e do Caramulo. Note-se que, por uma questão de organização, se decidiu agregar a estes cinco exemplares um sexto monumento, a estátua-menir de S. João de Ver (supostamente proveniente da zona de Santa Maria da Feira). Em rigor, a referida estátua não se integraria na Beira Central, mas sim na Beira Litoral, região onde é exemplar único. Geologicamente, a Beira Central apresenta um substrato rochoso composto, essencialmente, por granitos (“Carta Hidrogeológica de Portugal” à escala de 1:1 000 000, Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos, 1970; “Carta Litológica de Portugal” à escala de 1:1 000 000, Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos, 1967).

1 – Sistematização dos monumentos

Dos seis monumentos identificados na Beira Central, dois estavam inseridos em monumentos megalíticos: Chão do Brinco (SILVA, 2003) e Orca dos Padrões (CARVALHO e GOMES, 1995). A estela de Chão do Brinco (entrada nº 51 do catálogo – vol. II, p. 95), Cinfães, servia de esteio de cabeceira num *dolmen*, tendo sido identificada durante a da escavação do mesmo. Deverá ter uma cronologia inserida no

Neolítico ou Calcolítico; tal é concordante com a moldura em “T” alongado que delimita a face (muito esquemática) gravada sobre o suporte (ARNAL, 1976: 188). O exemplar da Orca dos Padrões (entrada nº 55 – vol. II, p. 105), Mangualde, será provavelmente neolítico. Estava igualmente integrado num monumento megalítico, um *dolmen* de corredor; podendo tratar-se de uma reutilização de um monumento mais antigo. O *dolmen* datará do Neolítico, com possível reutilização no Calcolítico Final / Bronze Inicial. O suporte apresenta algumas covinhas, assim como um sulco largo, que delimitaria uma possível cabeça arredondada, antropomorfizando vagamente o suporte.

A estela-menir da Caparrosa (entrada nº 52 – vol. II, p. 97), Tondela, apresenta diversas singularidades que a distinguem das restantes peças. Desde logo, é manifesta a sua sucessiva (re)apropriação numa longa diacronia (atestada pelos diferentes motivos que foram sendo nela gravados, desde o Neolítico até aos inícios do séc. XIX), conferindo-lhe papel distinto na estruturação local do espaço ao longo de milénios. Esta estela, com 2,80 m de altura acima do solo, encontrava-se colocada na extremidade de um alinhamento de monólitos mais pequenos, datando provavelmente do Neolítico (Final?). Teria tido, num primeiro momento da sua existência, uma função eminentemente ritual, talvez ligada a cultos solares. Para tal aponta o facto de apresentar um motivo circular raiado no topo; além disso, a orientação da peça (e do alinhamento) foi concebido de tal forma que, posicionando-se o observador junto ao monumento durante o solstício de Inverno, é possível observar, ao nascer do dia, o sol a surgir por detrás dos relevos imediatamente defronte (onde existem vestígios de túmulos megalíticos). A orientação do conjunto possibilita ainda uma optimização das condições de luminosidade, que facilitam a observação das gravuras, particularmente durante os equinócios e o solstício de Verão (GOMES, 1993: 14).

A reutilização deste monumento em diversos momentos nos milénios seguintes comprova-se, como se referiu, pelo complexo conjunto de motivos que apresenta. Segundo Mário Varela Gomes (GOMES, 1993), existem motivos (concretamente várias *fossettes*) que serão provavelmente calcolíticos, uma cabeça que poderá pertencer à Idade do Ferro, para além de gravados que pertencem com segurança à Idade Média, Idade Moderna e ainda inícios da Idade Contemporânea. Seguramente que, durante a Pré-História, este monumento desempenharia, para além de uma estrutura ritual, o papel de referência espacial, marcando a concepção que as populações tinham daquela paisagem com que interagiam. Tal valor de elemento estruturante do espaço manteve-se, mesmo após o desaparecimento do seu valor religioso / ritual original.

Uma cruz de Cristo gravada no reverso do monumento atesta o seu uso como marco territorial em época medieval (o que, de resto, não é incomum acontecer com estes monumentos), já que esta zona teria pertencido durante a Idade Média à Ordem de Cristo (GOMES, 1993: 18). A gravação de duas letras “T” nas faces do monumento, durante a Idade Moderna, estará ligada ao uso do monumento enquanto delimitador do concelho de Tondela. Por último, duas datas aparecem gravadas (1801 e 1804), relacionando-se com prováveis levantamentos cadastrais. De notar que, ainda hoje, a estela-menir serve de fronteira entre as freguesias de Boa Aldeia e Caparrosa e, simultaneamente, entre os concelhos de Viseu e Tondela. É assim patente que o monumento foi sendo sucessivamente reinterpretado e reapropriado pelas diferentes comunidades que habitaram este espaço, num exemplo singular de resiliência.

Os dois monumentos da Serra da Nave (entradas nº 53 e nº 54 – vol. II, p. 101 e p. 103), Moimenta da Beira, apesar de distintos entre si, deverão ser sensivelmente contemporâneos (datando talvez do Bronze Inicial ou Médio). Ambos apresentam a já abordada “insígnia” sub-trapezoidal (de forma evidente no caso de Serra da Nave I, porventura de maneira mais obscura no caso de Serra da Nave II), presente igualmente noutros monumentos já abordados, como Faiões (ALMEIDA e JORGE, 1979), Chaves (ALMEIDA e JORGE, 1980), Bouça (SANCHES e JORGE, 1987), Tremedal de Tormes (LÓPEZ PLAZA *et al.*, 1996) ou Ataúdes (VILAÇA *et al.*, 2001).

O monumento II da Serra da Nave apresenta ainda outros elementos que se repetem amiúde neste tipo de peças (nomeadamente nos ídolos de tipo Hurdes-Gata): cinturão (decorado com covinhas alinhadas), colar múltiplo e um elemento representado na cabeça (diadema / capacete?). Parece ainda envergar uma veste, formando no centro uma forma que lembra a “insígnia” sub-trapezoidal. Esta representação da veste aberta ao centro pode ter paralelos nos monumentos do Bronze Final de S. Martinho I (ALMAGRO BASCH, 1966) e, a julgar por um levantamento mais recente (VILAÇA *et al.*, 2004), também no monumento de S. Martinho III. Os referidos elementos aproximam o exemplar II da Serra da Nave da estela do Alto da Escrita, Tabuaço (CARVALHO *et al.*, 1999). O manto do monumento da Serra da Nave apresenta, ainda, decoração em espinha, motivo que encontramos também na estátua feminina da Ermida, Ponte da Barca (datada, recorde-se, do Calcolítico Final / Bronze Inicial; BAPTISTA, 1985).

Deste conjunto de monumentos em análise, a estátua-menir de S. João de Ver (JORGE e JORGE, 1986 [entrada nº 50 – vol. II, p. 92]) será presumivelmente o mais

recente. Adquirida a um antiquário, a origem da estátua não é totalmente clara, admitindo-se que provenha da região de Santa Maria da Feira. Apresenta uma forma claramente antropomórfica, representando um guerreiro, envergando um capacete e uma arma embainhada (sendo ainda possível que envergasse um punhal de antenas ao pescoço e um escudo junto à sua base [SILVA, 2007]). A configuração do monumento manifesta inequívocas ligações à estatuária guerreira da chamada “cultura castreja”. É também possível estabelecer paralelos, a nível europeu, com monumentos hallstatianos, particularmente com as estátuas de Rottenburg am Neckar, Alemanha (BONENFANT e GUILLAUMET, 1998: 72). Não haverá assim muitas dúvidas em atribuir o exemplar de S. João de Ver à primeira Idade do Ferro.

2 – Geologia e Litologia

Na elaboração da estátua-menir de S. João de Ver foi empregado como suporte um monólito de granito. Tendo sempre em atenção que a proveniência exacta desta segunda peça é muito incerta, não podemos deixar de observar que a região de Santa Maria da Feira apresenta, predominantemente, xistos e grauvaques, com depósitos aluvionais nas zonas mais costeiras. A zona de S. João de Ver, em concreto (“Carta Geológica de Portugal”, folha 13-A Espinho, à escala de 1:50 000, 1962), caracteriza-se pela presença de um complexo xisto-grauváquico (migmatitos, gnaisses, micaxistos e xistos luzentes). A cerca de 800 m para Sudoeste da povoação de S. João de Ver encontramos depósitos de praia aluviais de praia antiga com 120-130 m. A região mais próxima onde aparecem granitos situa-se a cerca de 2,5 km para Sul da povoação de S. João de Ver, onde encontramos granitos alcalinos de grão médio, leucocráticos, de duas micas – poderemos admitir a possibilidade do suporte provir desta zona, aceitando também que o monumento pudesse ter sido implantado nalgum ponto não muito afastado. Para Norte, o substrato granítico localiza-se a 16 km de S. João de Ver, onde aparecem granitos porfiróides, predominantemente biotíticos.

Os dois monumentos da Serra da Nave, assim como a estela de Chão do Brinco, apresentam suportes graníticos. Tal não será surpreendente, já que todos se localizam em zonas predominantemente graníticas. A zona de Cinfães, onde se localiza o monumento de Chão do Brinco, insere-se na região granítica das margens do Rio Douro. Também a zona das Serras da Nave / Leomil, Moimenta da Beira, apresentam um substrato marcadamente granítico. Tal ocorre similarmente na zona de Tondela, onde apareceu o monumento da Caparrosa. Esta estela-menir, em granito, localiza-se

precisamente numa zona granítica, com a presença ainda, a Norte, de algumas manchas xisto-grauvácicas e, a Sudeste, uma pequena região de depósitos arcóxico-argilosos (“Carta Geológica de Portugal”, folha 17-C Santa Comba Dão, à escala de 1:50 000, 1962). Por último, a estela granítica encontrada na Orca dos Padrões, Mangualde, insere-se uma vez mais numa zona essencialmente granítica, nos planaltos centrais do Norte das Beiras (pode-se ainda fazer referência ao facto de nas imediações da aldeia de Cunha Baixa, a Norte da Orca dos Padrões, existirem diversas minas de urânio).

Vemos assim que, na Beira Central, a totalidade dos monumentos foram elaborados utilizando suportes em granito. Tal está em conformidade não só com o ambiente geológico em que estão incluídos (apontando para uma utilização preferencial de matéria-prima local), como prolongam a predominância desta rocha enquanto suporte, que se verifica (como já anteriormente se apresentou) na generalidade do Norte de Portugal.

3 – Contexto e Enquadramento geo-morfológico

Devido às circunstâncias em que foi identificada a estátua-menir de S. João de Ver, seria problemático tecer quaisquer considerações precisas sobre o seu enquadramento geomorfológico. Podemos apenas constatar que a região de S. João de Ver, Santa Maria da Feira, apresenta uma orografia de cotas baixas (entre os 100 e os 200 m de altitude), tendencialmente com relevos suaves. Existem ainda diversos cursos de água na zona, como as pequenas ribeiras de S. Bento, da Crujeira, de Gueifar ou as ribeiras de Belmiro e ou de Beire, de maiores dimensões.

O sítio de Chão do Brinco localiza-se a quase 1000 m de altitude, sobre o vale da aldeia de Ervilhais, a Norte da Serra de Montemuro (a cerca de 6 km para Sudoeste de Cinfães – ver Fig. 8). A cerca de 1,5 km a Este do lugar de Chão do Brinco encontra-se um cume destacado na paisagem, denominado Alto do Miradouro (1033 m de altitude). Chão do Brinco implanta-se na vertente oposta à aldeia de Ervilhais, correndo pelo vale o Ribeiro de Santa Marinha, afluente do Rio Ardena. Este comprido vale (com cerca de 10 km) é abastecido por uma série de pequenos cursos de água, desenhando-se segundo uma orientação Nordeste / Sudoeste, desde o Rio Douro até ao Rio Ardena. O sítio de Chão do Brinco implanta-se portanto assim num ponto sobranceiro a uma potencial via de comunicação entre os rios Douro e Ardena, existindo controlo visual sobre o vale.

A estela-menir da Caparrosa, por seu turno, encontra-se a 484 m de altitude, numa barreira junto à E.N.228 (barreira criada aquando da construção desta) e serve,

como se disse anteriormente, de marco divisório entre as freguesias de Boa Aldeia e Caparrosa. Situa-se numa região predominantemente florestada com pinheiros, na vertente nascente de um pequeno relevo cortado pela estrada. A Sul corre a Ribeira das Lanças, afluente do Rio Dinha (cujo percurso passa a cerca de 1 km para Este do sítio da estela-menir), rio que por sua vez é subsidiário do Rio Dão. O monumento encontra-se claramente *in situ*, estando na extremidade de um alinhamento de oito monólitos mais pequenos (< 1,20 m acima do solo), com cerca de 10 m de comprimento (estando o monólito mais afastado a uma cota mais alta em cerca de 1,5 m, atestando a grande inclinação do terreno).

As duas estátuas da Serra da Nave foram identificadas, como se disse, com uma diferença de poucos quilómetros entre si (ver Fig. 8). A estátua-menir de Serra da Nave I parece ter sido identificada *in situ*, numa plataforma aplanada do topo da Serra da Nave (a cerca de 950 m de altitude). Existem nesta região vários cursos hidrográficos importantes, como o Ribeiro da Nave (com a nascente a cerca de 2 km para Norte), a Ribeira dos Cubos (que nasce a cerca de 300 m) e o Corgo da Requeixada (cuja nascente se encontra a cerca de 1,5 km para Nordeste), contribuindo para a potencialidade agrícola dos terrenos locais. Já no caso do monumento de Serra da Nave II, e apesar de ter sido encontrada no sítio do Trogal, informações orais relataram que teria sido transportada das imediações da Quinta da Nave / Quinta dos Caetanos, ou seja, a cerca de 1,5 km para Sul e a 2,5 km da estátua-menir I. Esta localização (a 940 m de altitude), contudo, não seria também a sua implantação original, como se pode deduzir por um cruciforme gravado no anverso e pela informação de que estaria também aqui posicionada de forma invertida. É possível contudo que esta anterior localização não distasse muito da localização original, talvez perto do Ribeiro da Nave, que corre a menos de 300 m. Como no caso da estátua I, também aqui a zona é rica em recursos hídricos e com elevados índices de humidade, o que teria proporcionado bons pastos para o gado.

Por último, o sítio da Orca dos Padrões encontra-se localizado nos planaltos centrais do Norte das Beiras, junto a uma pequena elevação (Padrões) com 470 m de altitude. A cerca de 3,5 km para Sul corre, por um vale bem marcado, o Rio Mondego, enquanto o curso do Rio Dão se encontra a cerca de 10 km para Norte. A nível local, os cursos mais relevantes serão a Ribeira do Castelo e o Rio do Castelo.

4 – Considerações Gerais

Dos seis monumentos aqui analisados, três (Chão do Brinco, Caparrosa e Orca dos Padrões) estão directamente associados a estruturas megalíticas; dois deles estavam integrados em estruturas funerárias (Chão do Brinco e Orca dos Padrões), enquanto o monumento da Caparrosa se insere num monumento de cariz ritual, cujo significado preciso é hoje difícil de alcançar. No caso das restantes três estátuas-menires (Serra da Nave I e II e S. João de Ver), que terão aparecidas isoladas na paisagem, estas representam duas situações distintas (tanto pelas condições de achado, como pela própria cronologia das peças). Os dois exemplares da Serra da Nave, sendo formalmente distintos entre si, encontram-se inseridos numa paisagem geo-morfologicamente bem definida e coerente, que as integra e contextualiza. Testemunham a atracção que esta zona (hidrograficamente rica, sendo bastante fértil e favorável à prática quer da agricultura, quer da pastorícia) desempenhou sobre as populações do passado, traduzindo uma das estratégias encontradas com vista à humanização e apropriação deste espaço. Já no caso de S. João de Ver, qualquer leitura que se pretenda fazer deste monumento será mais problemática. Contudo, traduzirá certamente uma das primeiras manifestações das estátuas de guerreiro que, na Idade do Ferro, irão marcar o Norte de Portugal e a Galiza. Note-se ainda que, confirmando-se a localização geral comumente aceite para a peça, este exemplar mais arcaico terá sido encontrado numa zona ligeiramente mais meridional que aquela onde irão aparecer as estátuas ditas “galaico-lusitanas”.

V – Centro e Sul da Beira Interior e Serra de Gata

A região composta pela zona central e meridional da Beira Interior e a Serra de Gata apresenta um total de trinta e oito monumentos, distribuídos por vinte e cinco sítios diferentes² (ver Fig. 1 e Fig. 2):

- Valdefuentes de Sangusín, Salamanca (SANTONJA GÓMEZ e SANTONJA ALONSO, 1978);
- Los Santos, Cáceres (BUENO RAMÍREZ *et al.*, 2005);
- A-de-Moura, Santana de Azinha (SILVA, 2000);
- Ciudad Rodrigo I e II, Salamanca (ALMAGRO BASCH, 1969; BUENO RAMÍREZ, 1990; SEVILLANO SAN JOSÉ, 1991);
- Agallas, Salamanca (BENITO DEL REY *et al.*, 1987);
- El Cerezal I e II, Cáceres (SEVILLANO SAN JOSÉ, 1982; BUENO RAMÍREZ, 1990; SEVILLANO SAN JOSÉ, 1991);
- Riomalo de Abajo, Caminomorisco (BUENO RAMÍREZ, 1990);
- Arrocerozo, Caminomorisco (BUENO RAMÍREZ e GONZÁLEZ CORDERO, 1995);
- Cambroncino, Cáceres (BUENO RAMÍREZ, 1990; SEVILLANO SAN JOSÉ, 1991);
- Robledillo de Gata, Cáceres (SEVILLANO SAN JOSÉ, 1974);
- Hernán Pérez I – VII e estela de Hernán Pérez, Cáceres (ALMAGRO BASCH, 1972);
- Pedra da Atalaia I e II, Celorico da Beira (VILAÇA, SANTOS e GOMES, no prelo);
- Aldeia Velha, Sabugal (VILAÇA, OSÓRIO e SANTOS, no prelo);
- Baraçal I e II, Sabugal (CURADO, 1984; VILAÇA, SANTOS e MARQUES, no prelo);
- Robleda, Salamanca (MARTÍN BENITO, 2009);
- Fóios, Sabugal (CURADO, 1986);

² Existe ainda outro monumento, a estela antropomórfica dos Zebros, Idanha-a-Nova, que aguarda publicação: CARDOSO, João Luís; HENRIQUES, Francisco e CHAMBINO, Mário (no prelo) – “A estela antropomórfica dos Zebros 2 (Zebreira, Idanha-a-Nova)”, *Actas das IV Jornadas Raianas – Estelas e estátuas-menires: da Pré à Proto-história (23 e 24 de Outubro de 2009, Sabugal)*, Sabugal: Museu do Sabugal. Além deste exemplar, teria sido encontrado ainda um monumento antropomorfo no lugar de La Coronita (Cáceres), perto de El Cerezal; o exemplar, contudo, ter-se-á perdido (BUENO RAMÍREZ e GONZÁLEZ CORDERO, 1995: 104).

- Meimão, Penamacor (ALMAGRO BASCH, 1966);
- San Martín de Trevejo, Cáceres (FIGUEROLA PANIAGUA, 1982);
- Segura de Toro, Cáceres (DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, 2010: catálogo, nº 164);
- Jarandilla, Cáceres (DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, 2010: catálogo, nº 311);
- Guadalperal, Cáceres (DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, 2010: catálogo, nº 52);
- La Cerca I e III, Cáceres ((DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, 2010: catálogo, nº 17 e 18);
- Corgas, Fundão (BANHA *et al.*, 2009);
- S. Martinho I – III (ALMAGRO BASCH, 1966).

A região aqui definida como Centro e Sul da Beira Interior e Serra de Gata corresponde em termos genéricos à zona na envolvência do Sudoeste da Meseta Superior. Compreende assim os distritos portugueses de Guarda e Castelo Branco, prolongando-se a parte da Meseta Superior espanhola, na órbita da Serra de Gata / Cordilheira Central. A Sul, a região estende-se até ao Rio Tejo.

Na região definida foi identificado, como acima está patente, um elevado número de monumentos. Estes apresentam-se como um conjunto formalmente heterogéneo; é possível, contudo, definir aqui distintos grupos tipológicos, claramente reconhecíveis e já bem conhecidos da bibliografia. Devido a este facto, e por uma questão de pragmatismo, o presente capítulo irá ser subdividido em três partes: a primeira dedicada aos ídolos-estela do tipo “Hurdes-Gata”; numa segunda parte, serão abordados as chamadas “estelas de guerreiro” do Bronze Final; finalmente, na terceira parte, será abordado o conjunto dos restantes monumentos.

1 – Os “ídolos-estela” de tipo Hurdes-Gata

1.1 – Sistematização dos monumentos

No Norte da província espanhola de Cáceres, assim como no Sul da província de Salamanca, têm vindo a ser identificados uma série de monumentos pré-históricos antropomorfos formalmente muito semelhantes. A repetição de elementos formais e

iconográficos que apresentam, aliada à sua inserção num espaço geográfico preciso, levou a eu fossem agrupados tipologicamente dentro do denominado grupo “Hurdes-Gata” (BUENO RAMÍREZ, 1987, 1990: 95-107; BUENO RAMÍREZ e GONZALEZ CORDERO, 1995).

A maioria dos monumentos deste tipo integra-se naquilo a que se pode chamar “íolos-seixo” (ou *íolos-guijarro*), onde o suporte é muitas vezes constituído por blocos rochosos rolados de configuração mais ou menos arredondada. Estas peças esteliformes representam um único personagem antropomórfico (possivelmente um ídolo), ostentando diversos elementos de cariz ritual. O ídolo é representado, usualmente, envergando um diadema, colocado acima da face. Para além da esquematização da face (com olhos, nariz e / ou boca) e do diadema, é ainda habitual a representação de colares, cinturão ou, ainda, dos membros superiores e / ou inferiores. Poderão existir também representações de armas / lâminas (BUENO RAMÍREZ, 1984: 97; BUENO RAMÍREZ *et al.*, 2005), que não terão sido obrigatoriamente gravadas no mesmo momento da restante composição. De notar ainda que, em termos de técnica decorativa utilizada na elaboração do monumento, existe uma evidente preponderância da gravação em traço largo de secção em “U”. Martín Almagro Gorbea, na sua obra *El Bronce Final y el Período Orientalizante en Extremadura* abordou igualmente estes monumentos (onde os “íolos-estela” aparecem associados aos monumentos do Bronze Final de S. Martinho I e II), tendo avançado com uma proposta para a divisão e classificação tipológica destas representações antropomórficas diademadas (ALMAGRO GORBEA, 1977: 196; tipologia revista mais tarde e publicada em ALMAGRO GORBEA, 1993).

Como se referiu, estes monumentos tendem a aparecer numa área geográfica relativamente definida. A grande maioria dos exemplares aparece na região da Serra de Gata, havendo, contudo, exemplares fora desta zona que ostentam motivos muito similares. Podem-se estabelecer então paralelos entre os ídolos deste tipo com monumentos como o de Quinta do Couquinho (VASCONCELOS, 1910), o de A-de-Moura (SILVA, 2000) ou o do Castro da Barrega (SAMPAIO, 2007). Na zona da Serra de Gata são conhecidos vários monumentos, nomeadamente: Ciudad Rodrigo I e II, Agallas, Riomalo de Abajo, El Cerezal I e II, Cambroncino, Robledillo de Gata, Arrocerozo e Hernán Pérez I-VII (ALMAGRO BASCH, 1969, 1972; ALMAGRO GORBEA, 1977; BENITO DEL REY *et al.*, 1987; BUENO RAMÍREZ, 1984; BUENO RAMÍREZ e GONZÁLEZ CORDERO, 1995; SEVILLANO SAN JOSÉ, 1982, 1991 –

entradas nº 59 a nº 74 do catálogo – vol. II, p. 113 a p. 143). A cronologia destes monumentos tem sido amplamente discutida. Primitiva Bueno Ramírez e Antonio González Cordero (1995) encaram estes monumentos como tendo uma relação com o fenómeno megalítico, atribuindo-lhes uma cronologia que se situaria no Neolítico Final ou Calcolítico (aceitando, contudo, que esta pudesse chegar à Idade do Bronze [RAMÍREZ e GONZÁLEZ CORDERO, 1995: 96]), apontando o último quarto do IV milénio a.C. / primeira metade do III milénio a. C. como cronologia dos monumentos mais antigos (RAMÍREZ e GONZÁLEZ CORDERO, 1995: 102). Num artigo mais recente, Maria João Santos (SANTOS, 2009) resume a história da investigação destes monumentos diademados e colige os argumentos que apontam para uma cronologia mais recente, aceitando a autora que estes ídolos poderão datar do Bronze Final, tendo assim coexistido com as “estelas de guerreiro”. Relembremos que, nas imediações do local onde apareceu a “estela de guerreiro” de Hernán Pérez, foram encontrados também sete “ídolos-estela”. De resto, Almagro Gorbea tinha já deixado em aberto uma possível associação destes monumentos ao Bronze Final (ALMAGRO GORBEA, 1977: 200). Por outro lado, a presença de diademas em estruturas funerárias da cultura de El Argar está documentada, como acontece no caso da sepultura 9 da necrópole de Fuente Álamo (ARANDA JIMÉNEZ e ESQUIVEL GUERRERO, 2006: 129). Parece assim mais prudente aceitar para estas peças uma cronologia que vá desde o Calcolítico ao Bronze Inicial / Médio, deixando espaço a uma eventual relação destas com as “estelas de guerreiro”, aparentemente posteriores.

Na zona de Ciudad Rodrigo, Salamanca, foram identificados dois exemplares, como atrás se afirmou. O ídolo de Ciudad Rodrigo I apareceu por volta de 1930 no interior dos limites da cidade, aquando da realização de obras; o ídolo II foi identificado em 1965 no castro de Lerilla, nas proximidades de Ciudad Rodrigo. Apesar de evidentes dissimilaridades entre os dois monumentos a nível da forma e dimensão dos suportes (enquanto o ídolo I mede cerca de 0,40 m de comprimento, o monumento II atinge os 1,20 m), ambos ostentam a representação de um personagem diademado, envergando colares. Para além da representação esquemática da face e dos membros superiores, o ídolo I apresenta ainda os membros inferiores gravados (também de forma esquemática). Apenas o exemplar II apresenta um (possível) cinturão.

Mais a Sul, nos limites setentrionais da Serra de Gata, foi identificado no Inverno de 1983 o monumento de Agallas. Apresentando uma configuração alongada, como acontece com Ciudad Rodrigo II, é ligeiramente mais pequeno (1,03 m de

comprimento). Uma vez mais o personagem parece ostentar um diadema, cujos traços se prolongam para formar o colar múltiplo. Entre os membros superiores, parece estar gravado uma forma fechada, talvez algum símbolo com conotação sexual (à semelhança do que foi proposto para o caso da estátua-menir de A-de-Moura – SILVA, 2000). Poderá ainda ter sido gravada uma arma (alabarda) sobre o braço esquerdo da figura, num traço muito mais fino do que o empregado nos restantes elementos da composição (BUENO RAMÍREZ *et al.*, 2005). A lâmina, de formato triangular, está orientada para o interior do monumento. O cabo, sub-rectangular, desce verticalmente a partir da lâmina.

Num raio de 3 km da povoação de El Cerezal, no Norte da província de Cáceres, identificaram-se dois ídolos-estela. Ambos os monumentos estão muito erodidos. No primeiro, contudo, ainda é visível a representação de um personagem antropomórfico, encimado por um diadema. No segundo monumento apenas se conserva, no topo, o diadema e parte do rosto (que teria uma configuração ovalada), havendo ainda vestígios da representação de um cinturão. De salientar que o ídolo de El Cerezal I, ao contrário do que ocorre na maioria destes monumentos, não apresenta os característicos colares múltiplos, mas ao invés ostenta um colar único, com possível pendente.

O pequeno ídolo (menos de 40 cm de comprimento) de Riomalo de Abajo, Caminomorisco, foi encontrado fora do seu contexto original. Apresenta este monumento todos os elementos que caracterizam os ídolos de tipo “Hurdes-Gata” (diadema, colares, cinturão, rosto, membros superiores e inferiores). Entre o diadema e os colares, contudo, assiste-se à representação de uma figuração circular ausente na maioria dos outros ídolos, de onde parte uma banda decorada. Tratar-se-á provavelmente de mais um objecto de adorno, cujo significado exacto nos escapa. Não longe de Caminomorisco, perto da localidade de Arrocereso, deu-se a identificação de um outro ídolo-estela. Apresenta-se mais próximo do monumento de Riomalo de Abajo, a nível da composição decorativa. O diadema, colocado na parte superior do monumento, é encimado por uma fileira de pequenos pontos, existindo ainda dois pequenos apêndices que saem de cada um dos lados do diadema. A figura apresenta ainda, ao pescoço, colares múltiplos, colocados entre os braços. Uma linha horizontal (cinturão?) fecha a composição.

Na peça de Cambroncino, Cáceres, os motivos gravados apresentam-se de forma mais esquemática do que o supramencionado ídolo de Riomalo de Abajo. A figura humana, encontra-se porém representada de corpo inteiro (incluindo membros

superiores e inferiores, abrangendo as mãos e pés). Os únicos objectos de adorno que exhibe são os colares, ao pescoço, e o diadema, sobre a cabeça. No ano de 1973, em Robledillo de Gata, Cáceres, foi encontrado ainda outro monumento antropomórfico diademado. A estratégia de representação do diadema e dos colares é semelhante ao que encontramos no caso do ídolo de Agallas (com o qual, de resto, é bastante idêntico em termos formais). O diadema e os colares encontram-se no prolongamento um dos outros, circundando a face ovalada. Foram ainda gravados os membros superiores, não havendo todavia vestígio de cinturão ou dos membros inferiores. Como no exemplar de Arrocerezo, o diadema encontra-se circunscrito por uma série de pequenos pontos alinhados.

Por fim, falta abordar os sete ídolos encontrados em Hernán Pérez, Cáceres, perto da “estela de guerreiro”. Destes sete exemplares, os únicos que não se apresentam diademados são aqueles cuja parte superior se encontra fracturada (Hernán Pérez III e VII). De resto, todos tendem a apresentar os mesmos motivos: diadema, colares múltiplos, rosto, membros superiores (com mãos) e cinturão (quer em banda decorada com pontos alinhados, quer através de uma linha simples; o único onde o cinturão está ausente é o monumento de Hernán Pérez I, devido à fractura do suporte). Em quase todos os exemplares seguiu-se a estratégia de representar os diademas e os colares no prolongamento uns dos outros, através de linhas elipsoidais concêntricas ao rosto do personagem. A excepção é o ídolo de Hernán Pérez VI, assim como hipoteticamente o ídolo VII.

1.2 – Geologia e Litologia

A nível do tipo de rocha utilizado como suporte, os monumentos de tipo “Hurdes-Gata” apresentam-se como uma realidade deveras heterogénea (todas as informações sobre a geologia da região tratada nesta secção têm como fonte principal o “Mapa Geológico de la Península Ibérica, Baleares y Canarias”, à escala de 1: 1 000 000, Instituto Tecnológico Geominero de España, 1994). Ciudad Rodrigo insere-se num ambiente geológico dominado pela presença de arenitos, conglomerados, argilas, calcários e rochas vulcânicas. Os dois monumentos encontrados na zona traduzirão assim um aproveitamento de matéria-prima local, já que o monumento de Ciudad Rodrigo I foi gravado num bloco de basalto negro, enquanto no monumento de Ciudad Rodrigo II se trata de um bloco de arenito.

A Sul de Ciudad Rodrigo, a zona da Serra de Gata (onde aparece a grande maioria dos ídolos deste tipo) caracteriza-se pela presença maioritária de xistos, assim como de gnaisses, mármore e rochas vulcânicas. A Serra de Gata encontra-se rodeada a Sul, Este e Oeste por grandes manchas de substrato granítico; a Nordeste regista-se ainda uma presença significativa de quartzitos. Desta forma, no caso dos monumentos com suportes xistoso identificados na região (Agallas, El Cerezal I e II, Robledillo de Gata e Hernán Pérez I) podemos uma vez mais testemunhar um provável aproveitamento de matéria-prima local. Tal acontecerá também no caso dos ídolos elaborados em blocos de conglomerados, como os exemplares de Riomalo de Abajo e o de Arrocerezo (ambos em blocos de grauvaque). O monumento de Cambroncino, encontrado em plena Serra de Gata, trata-se de um bloco de diabase bastante rolado, cuja origem poderá ter estado ou na própria Serra de Gata, ou nas suas imediações directas.

O caso particular do sítio de Hernán Pérez não deixa, uma vez mais, de se destacar pela sua singularidade. Os oito monumentos aqui encontrados (sete “ídolos-estela”, para além da “estela de guerreiro”, adiante referida) apresentam uma grande diversidade a nível da matéria-prima empregada em cada um:

- Hernán Pérez I: xisto, de cor negra;
- Hernán Pérez II: granito, de cor cinzenta-escura;
- Hernán Pérez III: calcário, de cor negra e bastante compacto;
- Hernán Pérez IV: basalto, de cor negra;
- Hernán Pérez V: granito, de cor rosácea e grão fino;
- Hernán Pérez VI: granito;
- Hernán Pérez VII: granito, de cor cinzenta e grão grosseiro.

Apesar de bastante próximos em termos geográficos e de se tratar de um conjunto de monumentos tipológica e iconograficamente muito semelhantes, podemos observar com facilidade o carácter profundamente heterogéneo, em particular a nível do tipo de rocha que compõe os diferentes exemplares (granitos, calcário, basalto e xisto). Note-se que, apesar da existência de uma certa variedade das cores dos diferentes suportes (estando presentes cinzentos, tons rosáceos e tonalidades mais negras), existe uma clara preponderância pelos suportes de cor mais escura. Tal poderá não indiciar uma

preocupação, aquando da elaboração destes monumentos, não tanto com o tipo de rocha utilizado no suporte, mas sim com o efeito cromático e visual obtido. Se tal se verificar, o aproveitamento de índole predominantemente pragmática de matérias-primas locais, que parece caracterizar muitas das outras ocorrências aqui referidas, poderá não ter sido um factor de primeira ordem (ou, pelos menos, não o único factor) no caso dos monumentos de Hernán Pérez. Tal hipótese poderá ser reforçada pelo facto de não existirem, na região, afloramentos graníticos do mesmo tipo de rocha usado na elaboração do monumento de Hernán Pérez VII (ALMAGRO BASCH, 1972: 99).

1.3 – Contexto e enquadramento geo-morfológico

Falando de contextos geo-morfológicos, os monumentos conhecidos na área em estudo de tipo “Hurdes-Gata” podem-se dividir genericamente em dois grupos: aqueles que foram identificados nas zonas montanhosas da Serra de Gata e aqueles identificados na órbita da mesma (ver Fig. 13). Os dois monumentos de Ciudad Rodrigo inserem-se neste último grupo. No caso de Ciudad Rodrigo I, a peça estaria fora do seu contexto original, já que terá aparecido no decurso de obras na Praça do Trigo (possivelmente onde hoje se encontra a Praça do Poeta Cristóbal de Castillejo), por volta de 1930. O enquadramento geo-morfológico que se poderá dar para esta peça será, deste modo, sempre muito limitado. Apenas se poderá caracterizar genericamente a região onde ocorreu o achado, tratando-se esta de uma paisagem planáltica, sem relevo acentuados, como é característico das paisagens da Meseta Superior (ou Sub-meseta Norte). No campo da hidrografia, Ciudad Rodrigo encontra-se implantada junto ao Rio Águeda. Numa região de clima mediterrânico, com Verões bastante quentes e secos, o Rio Águeda poderá ter-se afirmado ao longo do tempo como um factor importante nas estratégias de ocupação do território.

Efectivamente, o segundo monumento identificado na região de Ciudad Rodrigo parece manter esta relação com o Rio Águeda. O ídolo denominado de Ciudad Rodrigo II apareceu a cerca de 11 km a Sudeste do primeiro exemplar, no ano de 1965. Foi encontrado no castro abandonado de Lerilla, perto da povoação de Zamarra. A zona de Zamarra é marcada pelos rios Águeda (que corre a Oeste) e Barbadillo (a Sul), afluente do primeiro (e perto do qual terá sido achado o monumento em questão). É uma área planáltica integrada na Meseta Superior, onde os maiores acidentes orográficos que há a registar são os vales por onde correm os referidos rios, assim como duas pequenas

serras, que delimitam esta paisagem: a Sul a Serra de Canchera, pertencente ao sistema da Serra de Gata, e a Este a Serra del Carazo.

A cerca de 8 km a Sul de Zamarra foi encontrado o “ídolo-estela” de Agallas. Encontrada no Inverno de 1983, no decurso do levantamento dos bens móveis pertencentes à diocese de Ciudad Rodrigo, levado a cabo por José Ignacio Martín Benito. A peça estava fincada no solo, servindo de marco em terrenos pertencentes à Igreja de S. Pedro de Agallas. A pequena localidade de Agallas situa-se numa zona de relevos suaves, na orla Norte da Serra de Gata. Localiza-se a uma altitude média de 817 m, sendo a paisagem a Sul francamente marcada pela silhueta da Serra de Gata, que se levanta no horizonte.

Os três “ídolos-estela” supramencionados demonstram a presença deste tipo de representação antropomórfica na Meseta Superior. É na Serra de Gata que a presença destes monumentos se afirma de forma mais clara. Dois dos ídolos que encontramos nesta paisagem bastante acidentada são os dois exemplares de El Cerezal, na comarca de Las Hurdes. O monumento de El Cerezal I terá sido encontrado em 1979 por um guarda-florestal (que o transportou depois para sua casa), estando incorporado num pequeno muro de divisão de propriedade, junto aos limites de um corta-fogo. Informações orais avançam que a peça, antes de ter sido utilizada no muro, teria estado encontrada fincada no chão, perto de umas lajes que teriam o aspecto de sepulturas (SEVILLANO SAN JOSÉ, 1982: 165). O referido muro localizar-se-ia numa encosta a cerca de 1 km da povoação de El Cerezal e a 3 km de Nuñomoral, numa vertente do monte orientada a Sudeste. A paisagem é extremamente acidentada, com relevos acentuados entrecortados por vales profundos, por onde correm diversos cursos de água. O ídolo de El Cerezal II situava-se a pouco mais de 1,5 km a Nordeste do primeiro monumento. Estaria localizada a cerca de 1 km para Oeste de El Cerezal, numa encosta junto a um caminho que liga as povoações de Fragosa a Asegur.

Quando foi encontrado, o pequeno ídolo de Riomalo de Abajo estava integrado num muro divisório de propriedade junto ao Rio Ladrillar. É possível que tenha vindo originalmente da povoação de Cabaloria (hoje abandonada), muito próxima de Riomalo de Abajo. O local de achado situa-se numa zona de vale, perto da foz do Rio Ladrillar (que desagua num meandro do Rio Alagón), a Este de Riomalo de Abajo. O Rio Ladrillar corre ao longo de um profundo vale, com mais de 15 km de comprimento, ligando Riomalo de Abajo (na extremidade Sudeste) a Riomalo de Arriba (na extremidade Noroeste). A Este de Riomalo de Abajo, na margem contrária do Rio

Ladrillar, levanta-se a Serra del Castillo, uma pequena serra integrada no sistema da Serra de Gata. O rio apresenta-se assim como uma zona natural de fronteira, o que sai reforçado pelo facto de, na actualidade, servir como fronteira entre a *comunidad* de Castela e Leão e a *comunidad* da Extremadura.

Perto da aldeia de Cambroncino, a cerca de 5 km a Nordeste da localidade de Caminomorisco (e a cerca de 7 km a Sul do ídolo de El Cerezal I), identificou-se mais um “ídolo-estela” do tipo “Hurdes-Gata”. Como o exemplar de Riomalo de Abajo, também o ídolo de Cambroncino foi encontrado numa zona de vale, próximo de um curso de água, o Arroyo de Cambroncino. Apesar de ter sido encontrado fora do seu contexto original (estaria aproveitado numas colmeias pertencentes a Vicente Martín Iglesias), poderemos assumir que o seu local de implantação original se situaria algures nas imediações, tratando-se talvez de um bloco rolado proveniente do leito do Arroyo de Cambroncino. A aldeia de Cambroncino insere-se nos limites meridionais da Serra de Gata, numa zona de vale rodeada por relevos acentuados e de cotas elevadas (principalmente a Norte), para onde confluem uma série de vales bem marcados.

Também na região Sul da Serra de Gata, a pouco mais de 8 km para Oeste de Cambroncino, foi achado o ídolo de Arrocerezo (a cerca de 3,5 km a Sudoeste de Caminomorisco). Arrocerezo é uma pequena povoação (*alquería*), hoje abandonada, na parte meridional do complexo montanhoso da Serra de Gata. Foi encontrado este “ídolo-estela” num banco de pedra no interior da povoação. Povoação esta que se localiza-se na vertente Sudeste de um pequeno monte (com cerca de 640 m de altitude), sobranceira ao Rio de los Angeles. É uma zona interessante a nível das vias naturais de passagem; junto à vertente Norte do monte de Arrocerezo desenvolve-se uma comprida zona de vale (com quase 25 km de comprimento), de orientação Este – Oeste, que marca o limite meridional deste sistema montanhoso e por onde, na actualidade, passa a EX-204 (Coria – Salamanca).

No lado ocidental da Serra de Gata, perto da povoação de Robledillo de Gata, localizou-se uma outra representação antropomórfica diademada. Foi identificada após a publicação de uma notícia no diário “Extremadura” de Cáceres, do dia 27 de Novembro de 1973. O artigo dava conta do achado do monumento por parte de um estudante, ao lado de um caminho que subia um monte, nas imediações de Robledillo de Gata, parecendo ter sido removido por uma máquina para a construção do caminho. Esta localidade está implantada numa encosta de um comprido vale da Serra de Gata, a cerca de 576 m de altitude, encaixada entre relevos bem marcados. É uma zona rica

hidrograficamente, alimentada pelos diversos cursos de água que descem das vertentes e atravessam a povoação. O exemplar estaria localizado numa destas encostas nas imediações da povoação, no lugar de El Bardal. É interessante constatar a implantação de Robledillo de Gata e a sua potencial relação com o sítio de Hernán Pérez, tópico que irá ser abordado adiante. Robledillo de Gata marca a extremidade setentrional de um longo vale, com cerca de 12 km de comprimento quase em linha recta. Com uma orientação sensivelmente Nordeste – Sudoeste, este vale tem o seu término meridional na zona da povoação de Cadalso, abrindo-se depois para o Norte da Meseta Inferior (ou Sub-meseta Sul).

A cerca de 3,5 km a Este de Cadalso foram encontrados os monumentos de Hernán Pérez (sendo que os monumentos II, III, IV, V e VI se encontrariam a sensivelmente 3 km desta povoação). Tanto a “estela de guerreiro” como os “ídolo-estela” de Hernán Pérez estavam localizados no sopé das Serras de los Angeles e del Moro, pertencentes ao sistema da Serra de Gata, a 2,5 – 3 km da povoação de Hernán Pérez. É uma zona de relevos não muito acentuados, na zona meridional da Serra de Gata e nos contrafortes orientais dos relevos que delimitam a vertente oriental do grande vale de Cadalso – Robledillo de Gata. Em termos hidrográficos encontravam-se situadas entre o Rio Arrago e o seu afluente, Arroyo de las Herrerías. Este enclave entre os dois cursos de água é ainda irrigado por três cursos mais pequenos, afluentes do Arroyo de las Herrerías, que correm com orientações mais ou menos paralelas (de Noroeste para Sudeste): Regato de las Helechosas, Regato del Perro e Arroyo Canillas. Todos os exemplares, à excepção de Hernán Pérez VII, estavam colocados na faixa de terra entre os dois primeiros cursos de água, enquanto Hernán Pérez VII se encontrava entre os dois últimos.

A identificação destas peças deu-se quando Julio Moriano, alcaide de Hernán Pérez, alertou Luis Blanco, seu conhecido, para a existência uma pedra gravada perto da povoação. Ambos fizeram então chegar, em 1971, um esboço da peça a Martín Almagro, conservador do Museu Arqueológico Nacional em Madrid. Luis Blanco comunicou ainda que Julio Moriano lhe tinha referido a existência de outras pedras gravadas, a Noroeste da povoação, descobertas aquando de trabalhos efectuados há alguns anos na floresta. As peças foram de seguida recolhidas e levadas para o Museu Arqueológico Nacional, em Madrid.

O exemplar de Hernán Pérez I, em concreto, terá aparecido no ponto mais alto de uma pequena elevação, conhecida localmente como Teso del Medio ou Teso del

Cabezo, perto do monumento megalítico de Chanquero (ALMAGRO BASCH, 1972: 86). O monumento II foi encontrado a menos de 1 km para Noroeste do primeiro, depositado numa zona plana, perto da margem esquerda do Regato de las Helechosas. A cerca de 800 m a Norte de Hernán Pérez II foram encontrados os exemplares III, IV, V e VI, assim como a “estela de guerreiro”. Perto destes monumentos teriam sido igualmente encontradas grandes lajes de xisto que aparentavam formar sepulturas, talvez cistas (ALMAGRO BASCH, 1972: 85, 91-92). Por fim, o fragmento conhecido como Hernán Pérez VII, terá aparecido a cerca de 700 m a Este deste local.

1.4 – Considerações Gerais

Os casos acima expostos atestam a presença, na Serra de Gata, de uma homogeneidade formal e iconográfica que contrasta como a heterogenia de que o fenómeno das representações antropomórficas se reveste noutras zonas geográficas já abordadas. A repetição sistemática dos mesmos motivos iconográficos, com um grau de variabilidade relativamente baixo entre as diferentes composições, sustenta a hipótese de estarmos a lidar com realidades não só cronologicamente muito próximas, como a existência de relações culturais estreitas a nível regional. Primitiva Bueno Ramírez e Antonio González Cordero avançam mesmo com a hipótese destes monumentos testemunharem uma importante unidade social, religiosa ou cultural entre as populações que os geraram (BUENO RAMÍREZ e GONZÁLEZ CORDERO, 1995: 101).

Os mesmos autores discutem ainda a questão da contextualização cultural destes ídolos (BUENO RAMÍREZ e GONZÁLEZ CORDERO, 1995: 100-104). Apesar de, em alguns exemplares, a informação sobre as suas condições concretas de achado da peça ser escassa e / ou algo precária, e de muitas vezes os monumentos se encontrarem manifestamente foram do seu contexto original, os autores acreditam poder relacionar estas representações antropomórficas ao mundo funerário megalítico. Efectivamente, foram já abordados no presente trabalho diversos exemplos onde se assiste a uma associação entre peças antropomórficas e túmulos megalíticos. Tal associação será particularmente evidente em Hernán Pérez, já que na zona por onde se dispersavam as estelas é também conhecida a presença de pelo menos três túmulos megalíticos (El Chanquero, Prado del Castaño e Arroyo de Canillas), para além das já mencionadas possíveis cistas (ALMAGRO BASCH, 1972: 85 e 92; ALMAGRO GORBEA, 1977). Importa ainda registar a proximidade existente entre alguns monumentos (concretamente os exemplares de El Cerezal, de Cambroncino, Riomalo e de

Arrocerezo) e sepulturas ou povoados calcolíticos (BUENO RAMÍREZ e GONZÁLEZ CORDERO, 1995: 102). No Centro e Norte de Portugal, tal associação verifica-se nos casos dos *dolmens* de Cova da Moura, Afife, Pena Mosqueira 3 ou da Orca dos Padrões, para além dos exemplares de Lameira ou Alijó K.

A análise da implantação geo-morfológica dos monumentos conhecidos poderá adicionar outros elementos interessantes. Apesar de, uma vez mais, esta análise estar condicionada em muitos casos pelo desconhecimento do local e contexto originais de colocação das peças, existem elementos que não deverão ser descurados. Como se referiu, o exemplar de Robledillo de Gata situa-se na extremidade setentrional de um monumental vale, que parte da zona de Cadalso; os “ídolos-estelas” de Hernán Pérez terão sido encontrados a apenas 2,5 km a oriente da extremidade meridional do vale. Este vale apresenta-se claramente como uma via preferencial de acesso ao interior da Serra de Gata, a partir dos planaltos da Meseta Inferior. Verifica-se assim a presença de monumentos nas zonas extremas desta importante via natural de passagem (mesmo que no caso de Hernán Pérez não exista uma relação directa de controlo visual sobre o vale em questão). Os monumentos de Hernán Pérez marcam igualmente o limite Sul da Serra de Gata, implantando-se nos contrafortes meridionais da serra. Também os monumentos que apareceram nas imediações de Caminomorisco (o de Arrocerezo e o de Cambroncino, a cerca de 15 km e 25 km para Este de Hernán Pérez, respectivamente) se implantam em zonas de relevos de cota menos elevada, na zona de fronteira entre a paisagem montanhosa da Serra de Gata e a paisagem planáltica da Meseta Inferior.

O ídolo de Riomalo de Abajo, identificado num vale na zona oriental da Serra de Gata, está presente também numa zona de fronteira por excelência. Riomalo de Abajo localiza-se na fronteira administrativa entre a Extremadura espanhola e Castela e Leão. O longo do vale do Rio Ladrillar, perto do qual terá aparecido o monumento, apresenta-se como um rasgo colossal e bem marcado na orografia regional, desempenhando ainda o papel de fronteira natural entre as serras de Gata e del Castillo. Riomalo de Abajo situa-se na extremidade Sul do vale; proximidade com o Rio Ladrillar e com a sua foz (que desagua no Rio Alagón, estando a foz localizada a cerca de 800 m de Riomalo de Abajo) também poderá ser significativa. Por último, será de apontar o facto de ambos os monumentos de El Cerezal terem sido identificados em encostas sobranceiras a importantes vales que atravessam o interior da Serra de Gata.

2 – As “estelas de guerreiro”

2.1 – Sistematização dos monumentos

As “estelas de guerreiro” apresentam-se, no Ocidente da Península Ibérica, como um grupo coeso e coerente de monumentos, por via de uma repetição sistemática dos elementos nelas gravados, em particular:

- armas ofensivas: essencialmente espadas e lanças, havendo também testemunhos de arcos;
- armas defensivas: escudos (normalmente com a característica escotadura em “V”) e, por vezes, capacetes;
- objectos de adorno e / ou de tratamento da imagem pessoal: fíbulas, pentes, espelhos, lâminas de barbear (?);
- objectos musicais: essencialmente liras;
- carros: de duas rodas e representados de forma esquemática;
- figura humana: acompanhada ou não de outras figuras antropomórficas ou zoomórficas, rodeada pelos seus objectos.

Além do mais, esta iconografia tão consistente nelas inscritas, para além de facilitar um agrupamento tipológico, tem ainda a vantagem de documentar de forma sólida a sua cronologia (no caso, atribuída ao Bronze Final). Contudo, o seu estudo tem sido dificultado (à semelhança do que ocorre em grande parte das estelas e estátuas antropomórficas pré e proto-históricas na Península Ibérica) pela ausência de um contexto arqueológico claro, situação agravada pelas circunstâncias fortuitas e mal documentadas em que se deu o achado da grande maioria destes monumentos.

Conhecidas desde finais do séc. XIX (com a publicação da notícia da estela de Solana de Cabañas por Mario Rosso de Luna [ROSSO de LUNA, 1898]), as “estelas de guerreiro” estavam primeiramente atribuídas quase em exclusividade à Extremadura espanhola (sendo por isso denominadas frequentemente como “estelas extremeñas”). A primeira identificação de uma “estela de guerreiro” do Bronze Final a Norte do Rio Tejo ocorre em 1903, com o monumento II do Monte de S. Martinho, Castelo Branco (ALMAGRO BASCH, 1966: 36-38 [entrada nº 92 – vol. II, p. 177]), onde apareceram igualmente duas outras estelas, provavelmente contemporâneas (ALMAGRO BASCH, 1966: 32-35; 39-40 [entradas nº 91 e nº 93 – vol. II, p. 175 e p. 180]). Este monumento,

podendo efectivamente ser integrado no conjunto das “estelas de guerreiro”, não apresenta contudo muitos dos elementos mais característicos deste tipo de estelas, nomeadamente a lança e o escudo. O primeiro monumento a Norte do Tejo onde estes elementos estão parcialmente presentes é a estela de Meimão (nº 83 – vol. II, p. 161), Sabugal (Guarda), encontrada em 1953 (ALMAGRO BASCH, 1966: 100-101). Aqui são visíveis uma espada (apesar de algo danificada), a ponta de uma lança e parte de um escudo, com cravos. Em Hernán Pérez (nº 75 – vol. II, p. 145), Cáceres (na envolvência da Serra de Gata), foi encontrada uma outra “estela de guerreiro” quase vinte anos depois, em 1971, na zona onde foram igualmente identificados, como já se abordou, os sete ídolos-estela de Hernán Pérez (ALMAGRO BASCH, 1972). Neste monumento, igualmente deteriorado, é visível parte de uma lâmina, provavelmente de uma espada, assim como parte de um escudo. O mau estado de conservação da estela não permite, porém, a observação de outros elementos.

A identificação acima da linha do Tejo de uma “estela de guerreiro” completa e onde é bem visível a tríade “ortodoxa” composta pela espada / escudo de escotadura em “V” / lança ocorre apenas em finais da década de 70 do séc. XX (no ano de 1978), com a identificação da estela do Baraçal (nº 79 – vol. II, p. 153), perto da aldeia do Baraçal, Sabugal (Guarda) (CURADO, 1984). De notar que a estela do Baraçal se destaca no seio das “estelas de guerreiro” pela técnica decorativa empregada. Efectivamente, a utilização do alto-relevo nestes monumentos não é usual (em oposição ao que se verifica nas chamadas “estelas alentejanas” – ALMAGRO BASCH, 1966: 197; GOMES e MONTEIRO, 1974/1977); conhece-se, contudo, noutros monumentos ligeiramente mais antigos, como a adiante abordada estátua-menir de Corgas (Fundão). Tal poderá, desta forma, apontar para um carácter mais arcaizante ao monumento do Baraçal (hoje Baraçal I).

De então para cá, os achados deste tipo multiplicaram-se na região do Sabugal, assim como aconteceu na região vizinha da Serra de Gata. Três anos apenas após o aparecimento da estela do Baraçal I foi encontrada, perto de San Martín de Trevejo, nos contrafortes meridionais da Serra de Gata, uma outra “estela de guerreiro” (FIGUEROLA PANIAGUA, 1982 [nº 84 – vol. II, p. 163]). Neste monumento, para além da espada, escudo e lança, estava também figurado um espelho. Foi posteriormente publicada uma outra estela do mesmo tipo na região do Sabugal, desta vez na aldeia de Fóios (CURADO, 1986 [nº 82 – vol. II, p. 159]). Apesar de ter sido primeiramente encontrada (soterrada) nos anos 30 do séc. XX nas imediações de Fóios,

a estela foi incorporada na construção de uma habitação e veio a ser identificada apenas em meados dos anos 80 do século passado. É um monumento onde aparecem representados os motivos característicos (lança, escudo e espada), acompanhados de uma possível fíbula (sendo que a existência de uma fíbula neste monumento não é clara).

Nos últimos anos esta região (Guarda / Sabugal – Serra de Gata) conheceu uma nova “explosão” de achados, tendo sido identificados cinco novas “estelas de guerreiro” (e que vêm por em causa as divisões tipológicas adscritas a zonas geográficas nos moldes propostos por Celestino Pérez [2001: 44 e seguintes] – VILAÇA, SANTOS e GOMES, no prelo; VILAÇA, SANTOS e MARQUES, no prelo). Perto de Celorico da Beira, na elevação da Pedra da Atalaia, foi encontrada, durante trabalhos para a instalação de um parque eólico na Serra do Ralo, a estela da Pedra da Atalaia I (juntamente com um monumento mais pequeno, Pedra da Atalaia II, com uma representação de um motivo quadriculado [nº76 e nº77 – vol. II, p. 147 e p. 149]). Este monumento apresenta na extremidade superior a representação de um escudo de escotadura em “V”, acompanhado de uma espada e de um espelho. Na aldeia do Baraçal, perto da qual tinha sido já sido identificada uma estela, foi agora identificada uma segunda estela, integrada numa construção. Neste monumento foi gravado um escudo (também ele com a escotadura em “V”), acompanhado de uma lança e de uma espada, para além de um espelho de cabo galonado (VILAÇA, 2007b: 150 [nº 80 – vol. II, p. 155]). Não longe do Baraçal, na Aldeia Velha (e também localizada numa habitação), apareceu um outro monumento deste tipo, onde o escudo de escotadura em “V” coexiste com uma lança, uma espada (ou talvez se trate de uma arma de um só gume – VILAÇA, SANTOS e MARQUES, no prelo), uma representação de uma face humana, provavelmente ostentando um capacete, e um signo cujo significado não foi ainda descortinado [nº 78 – vol. II, p. 151]. A última “estela de guerreiro” identificada nesta região até ao momento foi a estela de Robleda (nº 81 – vol. II, p. 157), Salamanca, dada a conhecer em finais de 2009. No monumento figura um escudo, encimado por uma lança de cabo curto e um espelho, enquanto na zona inferior se apresenta uma lâmina de espada (incompleta, mas semelhante à lâmina que encontramos na estela de Hernán Pérez).

Por fim, são de mencionar os três monumentos encontrados no Monte de S. Martinho, Castelo Branco. Apesar da peça I e III não se enquadrarem de forma rigorosa no seio das “estelas de guerreiro”, pela iconografia apresentada, serão todos

monumentos genericamente contemporâneos, datando do Bronze Final (ALMAGRO BASCH, 1966: 32-40). O monumento I apresenta dois personagens envergando capacetes com chifres e possivelmente escudos (podendo existir uma representação de um terceiro ser antropomórfico, de maiores dimensões – ALARCÃO, 2001: 334). Na zona inferior encontra-se duas linhas paralelas que ocupam toda a largura da estela, sendo que entre as duas é observável uma outra linha paralela, pontilhada, composta por 23 pequenos orifícios. Da linha inferior saem, perpendicularmente, uma série de dezasseis linhas, resultando numa configuração semelhante a um cinturão. Um motivo similar parece também no monumento III. Nesta peça, a superfície é ainda decorada por uma possível lâmina (ALMAGRO BASCH, 1966: 40) ou, em oposição, uma veste (VILAÇA *et al.*, 2004). O monumento de S. Martinho II apresenta uma configuração fálica (podendo ser um reaproveitamento de um monumento mais antigo). Um das faces foi preparada e alisada, procedendo-se depois à gravação dos motivos. A cena aqui representada ostenta uma possível cena de caça, com um antropomorfo armado com um arco e flecha. A personagem humana está acompanhada por uma série de objectos (fíbula, espelho, aljava e uma forma ovalada) e por um possível canídeo. Estão figurados também dois quadrúpedes e possíveis aves.

2.2 – Geologia e Litologia

Perto de Celorico da Beira foram identificados os dois monumentos de Pedra da Atalaia. As estelas de Pedra da Atalaia I e II apareceram na Serra do Ralo (Celorico da Beira), numa paisagem marcadamente granítica. A litologia local caracteriza-se por uma predominância de granitos porfiróides e aplogranitos granodioríticos, essencialmente moscovíticos (“Carta Geológica de Portugal”, folha 17-B Fornos de Algodres, à escala de 1:50 000, 1950).

Na região do Sabugal têm aparecido diversos monumentos deste tipo – Baraçal I e II, Aldeia Velha, Fóios e Meimão. Em termos geológicos, caracteriza-se esta zona por uma coexistência de um substrato xistoso e granítico. A própria cidade do Sabugal localiza-se perto de uma zona de fronteira entre o substrato granítico, a Norte, e o complexo xisto-grauváquico, que se desenvolve para Sul. Já a vila de Penamacor, no concelho da qual apareceu o monumento de Meimão, localiza-se nas imediações a uma mancha granítica (que se desenvolve para Sul), circunscrita por um substrato composto de xistos e grauvaques. Se atentarmos à matéria-prima utilizada como suporte nestes cinco monumentos, vemos que eles se distribuem dois grupos: temos, de um lado, os

monumentos em granito (Baraçal I, Baraçal II e Aldeia Velha) e, do outro, dois monumentos onde se recorreu a lajes de xisto (Fóios e Meimão).

A Aldeia Velha, onde surgiu um exemplar, localiza-se numa zona marcada pela presença de um substrato granítico, composto essencialmente por granitos porfiróides de grão grosseiro (“Carta Geológica Portugal”, folha 18-D Nave de Haver, à escala 1:50 000, 1966). Já a aldeia do Baraçal, onde apareceram duas estelas, insere-se numa zona granítica, onde predominam os granitos porfiróides, existindo ainda um mancha de granitos não-porfiróides a Nordeste e, a 3 km para Sudeste, um substrato xistoso com intercalações gresosas e quartzíticas (“Carta Geológica de Portugal”, folha 18-C Guarda, à escala de 1:50 000, 1963).

A aldeia de Fóios, onde apareceu uma estela em xisto, insere-se numa paisagem essencialmente xistosa (xistos mosqueados), existindo contudo, a cerca de 1,5 km para Sudeste da povoação de Fóios, um substrato de granitos porfiróides de duas micas, predominantemente biotíticos (“Carta Geológica de Portugal”, folha 21-B Quadrazais, à escala 1:50 000, 1960). O monte da Cabeça Gorda, onde terá sido identificado outro monumento em xisto conhecido nesta área, a estela de Meimão (encontrada a cerca de 13 km a Norte da vila de Penamacor), implanta-se numa paisagem geologicamente caracterizada por se integrar no complexo xisto-grauváquico da Serra da Malcata.

Podemos ver assim que, analisando os monumentos da região Sabugal – Penamacor, os monumentos graníticos localizam-se quase todos a Norte da cidade do Sabugal (com a estela da Aldeia Velha a Este), ou seja, precisamente na zona mais granítica. Por seu turno, os dois monumentos xistosos localizam-se mais para Sul, em zonas xisto-grauváquicas. Parece então haver aqui uma relação directa entre o ambiente geológico local e o tipo de rocha utilizada, numa lógica pragmática de aproveitamento de matéria-prima abundante na zona.

A cidade de Castelo Branco, junto à qual foram localizados os três monumentos de S. Martinho (no monte que lhes dá nome), localiza-se no limite meridional de uma grande mancha granítica composta por granitos porfiróides hercínicos de grão grosseiro (“Carta Geológica de Portugal”, folha 24-D Castelo Branco, à escala de 1:50 000, 1966). Este substrato granítico corta uma crista de quartzitos com biotites, com uma orientação Noroeste – Sudeste, cuja extremidade a Sudeste termina imediatamente a Norte do Monte de S. Martinho. O monte em concreto localiza-se numa pequena faixa de corneanas e xistos mosqueados, imediatamente a Sudeste de Castelo Branco. A Sul do Monte de S. Martinho predominam os xistos e grauvaques, que se desenvolvem até à

margem do Rio Pônsul. A margem Norte do Pônsul caracteriza-se pela presença de manchas de cascalheiras com intercalações argilo-areosas e de arcoses da Beira Baixa. Nesta margem, e desenvolvendo-se paralelamente ao curso do rio, existe também uma falha geológica. Na margem Sul do Rio Pônsul, os arcoses da Beira Baixa (depósitos sedimentares terciários) são claramente predominantes.

Do lado espanhol, a zona de Serra de Gata (onde apareceram as “estelas de guerreiro” de Robleda, San Martín de Trevejo e Hernán Pérez) apresenta um ambiente maioritariamente xistoso, intercalado por grandes manchas granitóides. Das três “estelas de guerreiro” existentes na envolvência da Serra de Gata, apenas a estela de San Martín de Trevejo (a que está mais próxima da fronteira) se insere num ambiente predominantemente granítico (“Mapa Geológico de la Península Ibérica, Baleares y Canarias”, à escala de 1: 1 000 000, Instituto Tecnológico Geominero de España, 1994).

2.3 – Contexto e Enquadramento geo-morfológico

Se é verdade que a maioria destas peças aparenta estar arqueologicamente descontextualizada, poderá ser precipitada a assumpção de inexistência total de contexto para todos estes monumentos. Não havendo nas imediações elementos arqueológicos que enquadrem estas estelas, teremos então de procurar o seu contexto noutros elementos, concretamente na paisagem em que se inserem. Na sua relação com a paisagem e as circunstâncias de achado, poderemos dividir as treze estelas do Bronze Final conhecidas para a região (incluindo os monumentos que, não sendo “estelas de guerreiro” típicas, a elas se associam: S. Martinho I, S. Martinho III e Pedra da Atalaia II) em dois grupos:

- Sem contexto: no caso das peças francamente descontextualizadas (movidas da sua localização original para serem integradas em construções, por exemplo) e cuja memória do local de origem se perdeu. Inserem-se nesta categoria os monumentos de Baraçal II e Aldeia Velha. A estela de Fóios, apesar de encontrada integrando uma construção, poderá considerar-se como tendo potencial contexto, já que a informação da área onde terá sido primeiramente encontrada chegou até nós.
- Com potencial contexto: peças que, não apresentando um contexto arqueológico claro e imediato, se conseguem inserir numa paisagem, sendo possível analisar a sua relação com a geo-morfologia local.

Apesar de se considerar aqui as estelas do Baraçal II (VILAÇA, OSÓRIO e SANTOS, no prelo) e Aldeia Velha (VILAÇA, SANTOS e MARQUES, no prelo) como sendo descontextualizadas, tal poderá não ser totalmente preciso, já que em ambos os casos existem alguns elementos que permitem a formulação de hipóteses sobre os seus possíveis contextos gerais. A estela do Baraçal II (encontrada na aldeia do Baraçal, que se localiza a 817 m de altitude) tem de ser encarada sempre na sua relação com a estela do Baraçal I. Não será certamente mera coincidência a identificação de dois monumentos tão semelhantes na mesma zona; poderemos assumir que o contexto geral da estela II será o mesmo da estela I. De notar ainda que estes dois exemplares são mais um caso de uma lista já considerável de monumentos que aparecem ou em grupos, ou aos pares, numa mesma zona, mais ou menos restrita – este é um cenário que é consistente com a existência de determinados lugares de importante significação ritual e simbólica (santuários ou necrópoles, talvez). Já no caso da estela da Aldeia Velha, pistas sobre o possível contexto do monumento poderão estar na toponímia local; apesar do monumento ter sido identificado na povoação (povoação que apresenta uma cota média de 890 m de altitude), a existência na zona de uma serra denominada Serra Alta / Serra do Homem de Pedra, a sudoeste, poderá indiciar um hipotético local de origem do monumento (VILAÇA, OSÓRIO e SANTOS, no prelo). Apresenta-se a aldeia como uma posição com um controlo visual privilegiado sobre toda a zona do Alto Côa, dado que não será de descurar.

Excluindo então estes dois exemplares, todos os outros monumentos conhecidos nesta região poderão ser vistos como tendo potencial contexto e são passíveis de uma análise da sua inserção geo-morfológica. Os monumentos de Pedra da Atalaia localizam-se a 1013 m de altitude, num cume da Serra do Ralo, a Sul de Celorico da Beira (VILAÇA, SANTOS e GOMES, no prelo; ver Fig. 10). Várias linhas de água descem, nas imediações, as encostas da serra, como o Ribeiro da Marinha. Esta é uma localização que se destaca na paisagem e que tem sobre ela um amplo controlo visual. Se atendermos à posição que a Serra do Ralo ocupa no contexto da geografia regional, é interessante constatar que o controlo visual exercido a partir da linha de cumeada onde foram identificados os monumentos incide sobre zonas estratégicas, nomeadamente por se apresentarem como vias preferenciais de passagem. A Serra do Ralo marca o limite setentrional do complexo montanhoso da Serra da Estrela. Desta forma, quem pretendesse evitar os relevos acidentados da Serra da Estrela, contornando-os pelo lado

Norte, seria conduzido para a zona aplanada que se apresenta entre a Serra do Ralo e Celorico da Beira. Para além de ser uma zona favorável à circulação (não será por acaso que, nos nossos dias, é exactamente por aqui que passa a auto-estrada que liga Vilar Formoso a Aveiro), é também por esta zona de relevos pouco marcados que corre o Rio Mondego, a cerca de 370 m de altitude (passando o curso deste a Norte de Celorico da Beira). Assim, as estelas da Serra do Ralo inserem-se num ponto estratégico da paisagem local, com visibilidade sobre vias naturais de passagem próximas do curso de um rio relevante como o Mondego.

A estela do Baraçal I, por seu lado, insere-se num cenário totalmente distinto. Apesar de não ter sido encontrada *in situ* (estava tombada sobre um caminho, a cerca de 730 m de altitude), pode-se assumir que a localização original seria algures nas imediações (ver Fig. 11). A paisagem onde se insere caracteriza-se pela proximidade com o Ribeiro do Moinho Fernandes e também com o Rio Côa (este último localizado a cerca de 800 m, não existindo visibilidade sobre o mesmo a partir do sítio onde foi identificada a estela) e ausência de relevos muito acentuados (os relevos existentes apresentam um inclinação que atingirá, no máximo, os 3,5%). A relativa estabilidade de cotas, aliada à proximidade do curso do Ribeiro do Moinho Fernandes e do Côa, poderia fazer com que esta zona se apresentasse como uma zona preferencial de passagem.

A zona da aldeia de Fóios (Sabugal), a norte da Serra da Malcata, é igualmente marcada pela presença do Rio Côa (ver Fig. 11). A estela deverá ter sido encontrada pela primeira vez nos anos 30 do séc. XX no sítio de Eiras, no terço inicial do Côa (a cerca de 3,5 km da nascente), a cerca de 1050 m de altitude. Esta zona, sobranceira ao vale por onde se situa a aldeia de Fóios e pelo qual corre o Rio Côa, apresenta boas condições de visibilidade sobre o mesmo. Podemos encarar os rios e as suas margens como vias preferenciais de trânsito, tanto pelo seu papel enquanto referência na paisagem, a sua importância enquanto recurso hídrico (especialmente relevante quando se tratam de movimentações a longa distância), como ainda pelo facto do leito dos rios se desenvolver, regra geral, por cotas relativamente estáveis (como é evidente, um rio não sobe naturalmente para um terreno de cota mais elevada), o que por si só facilitará o trânsito de pessoas. Tendo em conta estes factores, o vale de Fóios afigura-se como um ponto potencialmente estratégico que marcaria as dinâmicas de movimento nesta área.

No decurso de uma prospecção efectuada no Verão de 2009 com Marcos Osório e Raquel Vilaça, foi possível identificar o monte da Cabeça Gorda, onde apareceu a

estela de Meimão, através de informações orais de um habitante local que conservava ainda memórias sobre o achamento da estela (ver Fig. 11 e Fig 12). Esta elevação situa-se a cerca de 2,3 km a Sudeste da aldeia de Meimão, perto do limite setentrional do concelho de Penamacor. Encontra-se inserido numa paisagem xistosa bastante acidentada, num ponto próximo das Ribeiras do Arrebetão e da Meimoa, com um óptimo controlo visual sobre todo o espaço a Sul, em particular sobre o vale de Meimão. A proximidade com o referido vale não poderá ser menosprezada. Efectivamente, este vale apresenta-se como uma “cicatriz” no terreno com mais de 17 km de comprimento, atravessando todo o complexo montanhoso da Serra da Malcata, com uma orientação aproximadamente Norte – Sul e com uma configuração quase rectilínea. Desta forma, afigura-se como uma das vias naturais que melhores condições ofereceria à travessia da Serra da Malcata por parte de pessoas e animais.

Esta serra encontra-se no prolongamento da Serra de Gata. O sistema montanhoso por elas formado que delimita a Sul o planalto de Sabugal – Guarda, que pode ser considerado como o término ocidental da Meseta Superior. É precisamente num esporão nos contrafortes meridionais da Serra de Gata que apareceu um dos três monumentos deste tipo conhecidos na Serra de Gata. A “estela de guerreiro” de San Martín de Trevejo (Cáceres) situava-se apenas a pouco mais de 12 km de distância da estela de Fóios. Terá sido encontrada a cerca de 865 m de altitude, numa elevação sobranceira ao vale de San Martín de Trevejo, onde se localiza a povoação e por onde corre a Ribeira de San Martín. O local do achado apresentaria boas condições de controlo visual sobre a paisagem envolvente, principalmente sobre o vale a Oeste, mas também sobre o vale a Este e sobre toda a paisagem aplanada que se desenvolve para Sul.

Localizada a cerca de 25 km para Este da estela de San Martín de Trevejo, a “estela de guerreiro” de Hernán Pérez (Cáceres) não se tratou de um achado isolado. Numa zona com cerca de 1 km² de área foram identificadas, para além deste monumento, sete ídolos-estela diademados (sendo que os monumentos III a VI foram encontrados junto à estela, a cerca de 450 m de altitude), em possível relação com monumentos megalíticos (ALMAGRO BASCH, 1972: 85; BUENO RAMÍREZ e GONZÁLEZ CORDERO, 1995: 96). Esta é uma região que se localiza no sistema da Serra de Gata, no sopé das serras de los Angeles e del Moro. Em termos hidrográficos, a zona dos achados é marcada essencialmente por três cursos de água: os regatos de las Helechosas, del Perro (sendo que foi entre estes dois que apareceu a estela) e o Arroyo

Canillas. Todos os três são afluentes do Arroyo de las Herrerías, que por sua vez é subsidiário do Rio Arrago (que corre a Sul / Sudoeste da zona dos achados. Em termos orográficos, esta zona é marcada por relevos suaves que descem do sistema montanhoso a Norte. Se a localização do monumento não parece apresentar condições excepcionais de visibilidade sobre o território, existe um pormenor que não se pode deixar de apontar. A cerca de 2,5 km para Nordeste do sítio onde apareceu a “estela de guerreiro”, e transpondo uma pequena linha de cumeada, deparamo-nos com o término Sudoeste de um comprido vale (e onde se localiza a povoação de Cadalso), que se desenvolve depois para Nordeste. Este vale, bem acentuado e ladeado por relevos abruptos, apresenta uma configuração rectilínea e mede mais de 11 km, separando a Serra de los Angeles da Serra de Gata. Curiosamente, exactamente no término oposto do vale (extremo Nordeste), encontra-se a povoação de Robledillo de Gata, junto à qual apareceu um ídolo-estela (SEVILLANO SAN JOSÉ, 1974).

A cerca de 7,5 km para Noroeste de Robledillo de Gata foi recentemente identificada a “estela de guerreiro” de Robleda (Salamanca). Encontrada a 875 m de altitude aquando da realização de obras num caminho florestal, este monumento localizava-se a 100 m de um pequeno ribeiro no pinhal de Descargamaría (sendo possível que a estela tenha sido encontrada deslocada da sua situação original). Este pinhal situa-se numa zona planáltica mesetenha na vertente Norte da Serra de Gata. Se o local exacto onde apareceu a estela não apresenta nenhuma evidente característica geomorfológica que o distinga, não podemos deixar de notar que, a 1 km para Sudeste existe uma linha de cumeada, com boas condições de visibilidade sobre o planalto que se desenvolve para Norte. Mais, esta linha de cumeada marca o limite Norte da Serra de Gata, tendo hoje em dia relevância administrativa, já que marca também a linha de fronteira entre a *comunidad* de Castela e Leão e a *comunidad* da Extremadura. Apresenta-se portanto como um ponto de fronteira natural na paisagem, tendo acabado por alargar esse valor à própria organização política do território – cenário que poderá ter-se manifestado de forma análoga no passado (ver Fig. 13). Assim sendo, a estela de Robleda ganha um novo interesse. Podemos admitir a hipótese desta estela ter sido originalmente implantada junto a esta linha de cumeada, marcando um local de fronteira (um pouco à semelhança do que tem sido sugerido para alguns depósitos metálicos – VILAÇA, 2007a: 44; 62-63).

Por último, é de focar o caso dos três monumentos do Monte de S. Martinho (ver Fig. 16). Localizado a cerca de 3 km a Sudeste da cidade de Castelo-Branco, atinge os

431 m de altitude e apresenta-se como uma elevação isolada e destacada (*inselberg*) na paisagem aplanada que a circunda. A Ribeira da Senhora de Mércules corre através de um vale a menos de 1 km para Este, numa paisagem que é ainda marcada pelo Rio Pônsul (a cerca de 4 km para Sudeste) e por diversos cursos mais pequenos seus subsidiários. O monte (onde actualmente existe uma capela, traduzindo uma resiliência no tempo de fenómenos de ritualização do espaço) situa-se numa posição panóptica, com visibilidade privilegiada sobre toda a paisagem envolvente.

2.4 – Considerações Gerais

Fazendo uma análise de conjunto dos monumentos considerados como tendo potencial contexto, podemos ver que na maioria dos casos a localização destes monumentos pode ser relacionada com vias naturais de passagem. No caso da estela do Baraçal I, a estela encontra-se localizada em paisagens de relevos pouco acentuados, ou seja, estaria localizada em paisagens onde o movimento era facilitado do ponto de vista orográfico. É possível relacionar ainda a sua implantação com a proximidade do Ribeiro do Moinho Fernandes, o que poderá reforçar esta ideia de espaço de trânsito preferencial. Nos restantes casos, porém, a situação é diferente.

Todos os monumentos apareceram em pontos potencialmente estratégicos nas dinâmicas de movimento no espaço. Contudo, ao contrário, da estela do Baraçal I, esta relação não se estabelece através da implantação da estela na própria via de passagem. Ao invés, os monumentos tendem a ser encontrados em pontos onde existem um bom controlo visual sobre a paisagem envolvente e, em particular, sobre vias preferenciais de passagem. Este facto é particularmente explícito nos monumentos de Pedra da Atalaia e na estela de Meimão, mas verificando-se também no caso do monumento de Fóios. As estelas de San Martín de Trevejo e do S. Martinho localizam-se igualmente bem posicionadas para um controlo visual sobre a paisagem envolvente. No caso de Hernán Pérez tal estratégia de visibilidade não se verifica. Contudo, não podemos esquecer a proximidade desta estela com o colossal vale que liga a povoação de Cadalso a Robledillo de Gata. A estela de Robleda pode testemunhar ainda, como já se expôs, um outro factor; para além de um bom alcance visual sobre o planalto meseteno a Norte, a cumeada próxima do sítio onde foi encontrado o monumento poderá ser valorizada enquanto lugar natural de fronteira.

Não podemos esquecer ainda que em grande parte destes sítios (particularmente nos casos de Pedra da Atalaia, Meimão, San Martín de Trevejo e de S. Martinho) a

paisagem que se abarca é verdadeiramente monumental. Este aproveitamento do valor cénico da paisagem não será nem inocente, nem meramente casual. É credível que tal factor tenha sido deliberadamente integrado nas estratégias de ritualização do espaço. Acrescente-se que estes sítios são lugares altos, ou seja, existe uma proximidade com o céu (e, por associação, poderemos admitir com o mundo transcendente), o que intensifica o seu potencial simbólico. Relembre-se que estão documentados, na Idade do Ferro, rituais de exposição e descarnamento dos corpos (por abutres, vistas como aves sagradas) de guerreiros caídos em combate na Península Ibérica (RUÍZ ZAPATERO e LORRIO, 1995: 235-236). Poderão as estelas testemunhar locais onde ocorreriam cerimónias fúnebres semelhantes, fazendo remontar ao Bronze Final esta tradição da Idade do Ferro?

Seria também interessante pensar na hipótese do mundo funerário funcionar em estreita relação com as vias naturais (o que já se documentou, por exemplo, no caso de túmulos megalíticos galegos – CRIADO-BOADO *et al.*, 1990/1991; 1997). Se as estelas possuírem efectivamente uma conotação funerária e estiverem ligadas à perpetuação da memória dos antepassados (ou então se representarem heróis / divindades guerreiras), o facto de se manifestarem tendencialmente implantadas em pontos estratégicos no que concerne ao controlo visual de vias naturais de movimento, poderá traduzir uma intenção de colocar o antepassado / divindade numa posição de protector ou controlador dessa(s) mesma(s) via(s).

Por último, há ainda que equacionar o papel destes pontos marcados pelas estelas (e por essa via humanizados) na definição daquilo que Christopher Tilley expõe como “uma maneira correcta (socialmente condicionada) de se mover” na paisagem (TILLEY, 1994: 28). Avança este autor o exemplo etnológico dos Gabbra, povo que habita as regiões fronteiriças entre o Quénia e a Etiópia e subsiste, essencialmente, da criação de camelos (de lembrar que este tipo de organização económica, assente na pecuária e pastorícia, será semelhante à das comunidades do Bronze Final da Beira Interior – VILAÇA, 1995: 411). Efectuam os membros deste povo peregrinações periódicas (*jila*) a diferentes montes que se levantam nas planícies. Cada linhagem efectua a sua peregrinação a um determinado monte (e diferente das restantes), que é tido como o local mítico de origem dessa mesma linhagem. Assiste-se assim, no decorrer das cerimónias, a uma materialização espacial das linhagens (um “mapeamento” das linhagens no terreno, na expressão de Tilley [1994: 28]). O percurso da peregrinação até ao monte, contudo, nunca é feito pelo caminho mais curto. Ao

invés, o percurso que os participantes devem efectuar é socialmente regulamentado, assim como a direcção em que se deve efectuar a aproximação ao relevo em questão.

Poderemos equacionar a hipótese das estelas se relacionarem com possíveis cerimónias de peregrinação, talvez de regresso simbólico as origens (como acontece no caso das *jila*) e / ou de prestação de homenagem a um antepassado ou divindade. A estela tanto poderia assinalar, então, o destino final da peregrinação como, noutra cenário, poderia marcar o percurso por onde essa peregrinação deveria passar. A maioria das hipóteses aqui não é mutuamente exclusiva. Assim, a significação das estelas poderá ser múltipla, desempenhando diferentes papéis em simultâneo, não sendo a sua função enquanto elemento funerário e ritual não é necessariamente incompatível com a função de marcador conceptual do espaço.

3 – Outras representações antropomórficas

3.1 – Sistematização dos monumentos

Para além dos monumentos já referidos, existe ainda uma série de monumentos que foge que não se enquadrarão de forma rigorosa dentro das tipologias apresentadas, tanto no Centro e Sul da Beira Interior, como na Serra de Gata. Optou-se assim por integrá-los num terceiro grupo, apesar da evidente heterogenia formal, iconográfica e até cronológica que o conjunto apresentará.

No Centro da Beira Interior portuguesa foi identificada em Novembro do ano 2000 a estátua-menir de A-de-Moura (Santana de Azinha, Guarda – SILVA, 2000 [nº 58 do catálogo em anexo – vol. II, p. 111]). No que concerne à linguagem iconográfica utilizada, este monumento apresenta-se muito próximo dos já referidos “ídolos-estela” de tipo Hurdes-Gata. Optou-se, contudo, por não considerar a pequena estátua-menir de A-de-Moura como pertencente a este grupo tipológico. Para além de se situar fora dos limites geográficos da Serra de Gata, existe uma procura da antropomorfização do suporte através do talhe, ao contrário do que acontece nos monumentos da Serra de Gata, dando uma ténue noção de ombros; existe ainda a utilização do relevo na face do personagem, com vista à representação do nariz. Relembre-se que nos “ídolos-estela” de tipo “Hurdes-Gata” existe uma utilização exclusiva da gravação, para além de não se verificar uma antropomorfização da forma do suporte. Também a estratégia de representação do possível diadema na cabeça do personagem se afasta dos cânones observáveis nos monumentos da Serra de Gata. Outra característica que afasta estes

monumentos é o facto dos motivos representados não se cingirem, no monumento de A-de-Moura, a uma única face da peça, como se verifica na maioria dos “ídolos-estela”.

Ainda assim, o léxico iconográfico utilizado não deixa de se aproximar muito ao presente nos ídolos “Hurdes-Gata”. Não estando aparentemente armada (apesar de tal não ser incontestável, dada a proposta do símbolo sexual se tratar, na verdade, da representação de um pequeno machado – BUENO RAMÍREZ *et al.*, 2005a: 609), esta estátua antropomorfizada é contudo rica em representações de adornos, muitos deles semelhantes aos encontrados nos “ídolos-guijarro”: enverga o que parece ser um diadema (em alternativa, poderá tratar-se da representação de um toucado ou cabelo), para além dos característicos colares múltiplos, um cinturão e um bracelete. A cronologia proposta para esta peça, aquando da sua publicação, baliza-se entre o Calcolítico Final e o Bronze Inicial. No entanto, devido aos paralelos claros que apresenta com os ídolos-estela do tipo “Hurdes-Gata” e se admitirmos que a cronologia destes monumentos se poderá estender ao Bronze Médio (como atrás foi abordado), parece aceitável admitir que a datação da estátua-menir de A-de-Moura poderá de igual modo chegar até ao Bronze Médio. Assinala-se ainda a presença de um possível símbolo sexual na parte inferior do monumento. Poderá tratar-se da representação de um falo, como é sugerido pelo publicador. Porém, não podemos deixar de ver certas semelhanças com os símbolos supostamente sexuais do exemplar leonês de Rodicol (ALMAGRO BASCH, 1969), que parecem ter uma conotação feminina. Outro paralelo que pode ser apontado será com o motivo sub-rectangular já descrito no ídolo de Agallas.

O monumento de Los Santos (nº57 – vol. II, p. 109), Salamanca, encontrado a Nordeste da Serra de Gata na Meseta Superior, é outro caso de uma peça que, apesar de não se poder integrar rigorosamente no seio dos ídolos de tipo “Hurdes-Gata”, apresenta com estes diversos pontos de contacto. De notar que são apresentados levantamentos bastante distintos desta peça. No levantamento apresentado em BUENO RAMÍREZ *et al.*, 2005a: 612, vemos que o monumento apresenta uma série de traços radiais, acompanhados na parte superior por uma linha semi-circular. Estes traços radiais podem constituir um possível diadema; a sua figuração, contudo, não tem paralelos claros com a maioria dos diademas presentes nos “ídolos-estela”, aproximando-se mais daquele que encontramos na estátua-menir de A-de-Moura. Junto a esta linha aparece representado um pequeno motivo, semelhante às “insígnias” sub-trapezoidais, mas de dimensões consideravelmente menores. É acompanhado por um motivo serpentiforme, formado

por duas linhas paralelas, para além de uma série de covinhas. No terço inferior é apresentado um motivo triangular fechado, sendo uma possível lâmina (de alabarda?). Num outro levantamento também apresentado por Primitiva Bueno Ramírez (reproduzido em DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, 2010: catálogo, nº 198), é igualmente apresentada a “moldura” em traços radiais. No centro da composição aparece uma figura antropomórfica, com uma face e braços esquemáticos. Sob a figura humana aparece, em baixo-relevo, um motivo triangular aberto (possível lâmina de alabarda). Devido aos paralelos com os ídolos “Hurdes-Gata”, poderemos admitir que esta peça possua uma cronologia similar.

A cerca de 8 km a Sudoeste de Los Santos foi identificada, nas imediações da povoação de Valdefuentes de Sangusín, a estátua-menir de mesmo nome (nº 56 – vol. II, p. 107). É um exemplar que se aproxima tipologicamente dos já referidos monumentos de Ataúdes (VILAÇA *et al.*, 2010) e Tremedal de Tormes (LÓPEZ PLAZA *et al.*, 1996). No caso de Valdefuentes de Sangusín, a peça destaca-se das outras duas na procura de um maior realismo anatómico. Verifica-se uma preocupação com a representação das pernas e da cabeça (elementos que poderão ter sido representados também no exemplar de Tremedal, de forma menos evidente). Como nos restantes, também aqui a zona do peito do personagem é decorado com bandas horizontais paralelas, representando porventura algum tipo de veste / couraça, as costelas do indivíduo ou mesmo tatuagens / pinturas corporais. Em termos de artefactos presentes, destacam-se as armas ofensivas, desenhadas em posição central no anverso do monumento. Estas consistem numa espada em baixo-relevo e numa alabarda, justapostas no anverso da estátua de Valdefuentes de Sangusín, ocupando uma posição central. De notar que a configuração da cabeça neste monumento se apresenta na mesma tradição que encontramos em monumentos da Península Itálica, em concerto nas ditas estátuas “sem pescoço” (que Jean Arnal atribui ao Calcolítico – ARNAL, 1976: 161-167). Este dado não contradiz a cronologia já proposta para os monumentos de Ataúdes e Tremedal de Tormes, sendo aceitável pensar que também este monumentos terá uma cronologia que se deverá situar no Bronze Inicial ou Médio (aceitando-se que possa recuar ao Calcolítico Final).

Também pertencente à Idade do Bronze deverá ser a estátua-menir de Segura de Toro (nº 85 – vol. II, p. 165), Cáceres, localizada a cerca de 30 km a Sul de Valdefuentes de Sangusín. Esta peça apresenta uma configuração claramente antropomórfica. Tal foi obtido através de uma representação simples mas clara do

tronco, ombros, pescoço e cabeça (de feição arredondada). Nota-se ainda, junto à base, um estreitamento simétrico do suporte. Na cabeça foram gravados os dois olhos e a boca. Sobre o peito, e colocada com uma orientação oblíqua, aparece uma faixa representada em baixo-relevo. Poderá tratar-se de uma espada, com a guarda da empunhadura arredondada, ou de algum tipo de faixa envergada sobre o peito.

A Sul / Sudeste da Serra de Gata, na orla setentrional da Meseta Inferior, encontramos ainda quatro outros monumentos, distribuídos por três sítios distintos; todos eles deverão ter uma cronologia neolítica ou calcolítica. A menos de 30 km a Sudeste de Segura de Toro, perto da povoação de Jarandilla, foi identificada uma pequena estátua-menir (com 60 cm de altura [entrada nº 86 – vol. II, p. 167]). O monumento representa uma figura humana, rodeada por duas cruces e coberta com um traço anguloso, terminando este em dois círculos. Mais a Sul, a cerca de 5 km do Rio Tejo, apareceu o monumento de Guadalperal (nº 87 – vol. II, p. 168). Esta estátua-menir encontrava-se associada ao *dolmen* de “El Tesoro”. O suporte desta estátua foi talhado e afeiçoado com vista à obtenção de uma configuração antropomórfica (mais nitidamente no lado esquerdo da peça, onde se vê de forma clara a representação de um ombro). Por todo o monumento foram gravadas linhas, algumas com uma configuração serpentiforme e outras mais rectas, para além várias covinhas. É igualmente possível observar, no anverso, duas linhas simétricas, em arco e de gravação bastante larga, na zona dos “ombros”. Por fim, de referir outros dois monumentos encontrados na margem Norte do Rio Tejo, encontrados no sítio de La Cerca. Os monumentos de La Cerca I (nº 88 – vol. II, p. 170) e La Cerca III (nº 89 – vol. II, p. 172), estão localizados a cerca de 50 km a Oeste de Guadalperal. Situados perto da Serra de Monfragüe, estes dois monumentos pertencem a um conjunto de três menires aí identificados, sendo que o monumento de La Cerca II não apresenta decoração. Nos dois exemplares decorados, a decoração assume um carácter muito esquemático, resumindo-se a um conjunto de linhas em *zig zag*. Em ambos os monumentos, a decoração cinge-se ao terço superior das peças.

Por fim, em território português, falta referir o monumento encontrado no Sul da Beira Interior. Na Cova da Beira assinala-se a recentemente identificada estátua-menir de Corgas (nº 90 – vol. II, p. 173), Fundação (BANHA *et al.*, 2009). Esta é um bom exemplo da reutilização de que alguns destes monumentos terão sido alvo, onde se testemunha uma alteração do seu carácter fálico original do menir em direcção a uma conotação mais antropomórfica. No caso do referido monumento (de grandes

dimensões, com 2,80 m de altura) tal teria sido obtido através da definição, no topo, de uma cabeça e pescoço / gola e a incorporação, no “corpo” do monumento, de artefactos: uma espada e um bi-ancoriforme – elementos que estão também presentes noutros monumentos mais meridionais, como nas ditas “estelas alentejanas”, onde a técnica de representação em alto-relevo é usual (ALMAGRO BASCH, 1966; GOMES e MONTEIRO, 1976/1977) ou na estela da Tapada da Moita (OLIVEIRA, 1995). A tipologia das armas representadas (que se apresentam em alto-relevo e não gravadas, apresentando por isso a mesma técnica decorativa que distingue a “estela de guerreiro” de Baraçal I, como anteriormente já se abordou) neste monólito atesta uma reutilização do monumento (originalmente de época neolítica ou calcolítica) durante a Idade do Bronze (Bronze Médio / meados do II milénio a. C. – BANHA *et al.*, 2009).

3.2 – Geologia e Litologia

Em ambos os exemplares situados em território português (A-de-Moura e Corgas) verifica-se que foram empregados suportes graníticos para a criação dos monumentos. O concelho da Guarda, onde apareceu o monumento de A-de-Moura, está implantado numa região marcadamente granítica, o que se reflecte na escolha do suporte utilizado. O substrato da zona onde foi localizada a estátua-menir, em concreto, caracteriza-se pela presença de granitos não-porfiróides de grão médio a grosseiro (SILVA, 2000: 229; “Carta Geológica de Portugal”, folha 18-C Guarda, à escala de 1:50 000, 1963). Segundo o publicador, o bloco de granito utilizado na estátua, de grão médio, aparenta tratar-se de um granito local. Já a cidade do Fundão, perto da qual apareceu a estátua-menir de Corgas, está localizada na Cova da Beira, uma região granítica bem delimitada a todo o redor por xistos e grauvaques. A zona onde foi encontrado o monumento, em particular, caracteriza-se pela presença de granodioritos biotíticos e quartzodioritos (BANHA *et al.*, 2009: 4). Desta forma, parece ter existido em ambos os casos um aproveitamento de matéria-prima local na criação destas estátuas-menires.

Também nos dois monumentos encontrados a Nordeste da Serra de Gata (Los Santos e Valdefuentes de Sangusín) parece ter existido uma utilização de matéria-prima local. Segundo o “Mapa Geológico de la Península Ibérica, Baleares y Canarias” (à escala de 1: 1 000 000, Instituto Tecnológico Geominero de España, 1994), a região onde foram identificados estes monumentos (que distam menos de 8 km entre si) apresenta-se como uma zona de fronteira entre uma mancha granítica (a Sul) e um

substrato composto por quartzitos, xistos, arenitos, calcários e rochas vulcânicas (a Norte). Tal quadro reflecte-se nos dois monumentos, já que o mais meridional (Valdefuentes de Sangusín) é composto precisamente por um bloco de granito, enquanto o monumento de Los Santos (mais setentrional) consiste num bloco de quartzito de 1,65 m de altura. A paisagem que envolve Valdefuentes de Sangusín é ainda pontuada por diversos afloramentos graníticos, semelhantes ao utilizado na elaboração da estátua-menir.

No quadrante a Sul / Sudeste da Serra de Gata foram identificadas cinco estátuas-menires. A estátua de Segura de Toro consiste num bloco antropomorfizado de granito. Seguindo a tendência que tem sido observada, insere-se numa zona marcadamente granítica, imediatamente a Sul da Serra de Gata. Cenário semelhante encontramos no caso do pequeno monumento granítico de Jarandilla. No que concerne aos monumentos da margem Norte do Tejo (Guadalperal, La Cerca I e La Cerca III), observa-se que destes apenas o monumento de Guadalperal é granítico. Este exemplar situar-se-ia numa pequena mancha granítica; esta mancha encontra-se rodeada por substratos onde se registam a presença de rochas vulcânicas, grauvaques, conglomerados, arenitos, calcários, argilas e areias de aluvião. O quadro onde os monumentos de La Cerca se inserem, contudo, é distinto. Estas duas peças são constituídas por dois blocos de xisto. A zona onde forma identificados localiza-se num substrato xistoso extremamente vasto, que é atravessado perto do Rio Tejo por uma faixa composta por quartzitos, xistos, arenitos, calcários e rochas vulcânicas. Apesar destes monumentos se distinguirem pelo uso do xisto e não do granito, como ocorre nos restantes casos, verifica-se uma continuidade da preferência por tipos de rocha existentes a nível local.

3.3 – Contexto e Enquadramento geo-morfológico

Devido ao facto do conjunto de monumentos presentemente em análise se distribuir por uma área geográfica muito alargada, as realidades que encontramos são muito heterogéneas. A zona de Valdefuentes de Sangusín e o sítio da localização do monumento apresentam-se deveras interessantes do ponto de vista da geo-morfologia. Como se refere aquando da sua publicação (SANTONJA GÓMEZ e SANTONJA ALONSO, 1978: 19), o exemplar estava localizado numa “posição topograficamente dominante sobre o curso do rio Sangusín”, posicionado a cerca de 890 m de altitude. Para além do mais, o vale de Sangusín integra “o melhor caminho natural que existe no

Oeste do Sistema Central entre as duas sub-mesetas” (ver Fig. 13 e Fig. 14). Já a zona de Los Santos, localizada a menos de 8 km para Norte de Valdefuentes de Sangusín, insere-se na paisagem planáltica característica da Meseta Superior. Situa-se junto ao sopé de um monte que se destaca na paisagem aplanada que o envolve, a partir de onde se têm boas condições de visibilidade sobre o espaço em redor.

Imediatamente a Sul da Serra de Gata, na sua zona oriental, apareceu a estátua-menir de Segura de Toro. Foi encontrada junto a uma parede na colina de Melchor, nas imediações da povoação. Esta colina está integrada no sistema montanhosa da Serra de las Cruces Altas / Serra de Segura. Segura de Toro situa-se num esporão na base destes relevos, a partir de onde se consegue manter um controlo visual sobre a Vía de la Plata, um dos principais caminhos que atravessam a Serra de Béjar (ver Fig. 13 e Fig. 14). Para além do potencial valor simbólico enquanto zona de fronteira, marcando a divisão entre os relevos acidentados e a paisagem plana que se desenvolve na sua base, será de valorizar ainda a relativa proximidade (cerca de 11 km) com o vale do Rio Jerte, localizado a oriente, no sopé oposto da serra. Este comprido vale (com cerca de 50 km de comprimento) desenha-se em linha recta, acompanhando o curso do rio, com um orientação Nordeste / Sudoeste, apresentando-se como uma via natural de ligação entre as duas mesetas. Jarandilla de la Vera situa-se no sopé oriental da linha de cumeada que marca a margem oposta do Vale do Jerte (a cerca de 12 km do mesmo). O exemplar aqui encontrado estava integrado num muro da povoação, tendo-se encontrado o monumento aquando da demolição do muro. Admitindo que tenha provindo das imediações da povoação, estaria integrado numa zona relativamente aplanada, rodeada por relevos bem acentuados e marcada pela existência de diversos cursos de água, que descem as encostas. Efectivamente, Jarandilla de la Vera é uma povoação localizada junto ao Rio Jaranda, afluente do Rio Tiétar. Este rio corre por um desfiladeiro bem evidente que se observa a Oeste / Sudoeste da povoação, desenvolvendo-se para Norte, para os relevos sobranceiros, na órbita da Serra de Gredos. A Sul, a paisagem é eminentemente plana.

A estátua-menir de Guadalperal apareceu a cerca de 35 km a Sudeste de Jarandilla, junto às margens do Rio Tejo. A zona de Peraleda de la Mata, onde apareceu a peça, situa-se perto da povoação de Guadalperal, na Meseta Inferior. Aparece integrada numa paisagem aberta, caracterizada pela ausência de relevos acentuados e é marcada pela presença do Rio Tejo. A Sul da povoação, foi entretanto construída uma barragem, que alterou profundamente a paisagem pré-existente. Como já se referiu,

tratou-se de um achado casual ocorrido depois da escavação, nos anos 90, do *dolmen* de “El Tesoro”, perto do qual apareceu a presente peça. Uma vez mais testemunha-se a associação de uma estátua-menir ao megalitismo funerário.

A cerca de 45 km a jusante de Guadalperal situam-se os monumentos de La Cerca, encontrados também perto das margens do Rio Tejo. A zona onde foram identificados os menires situa-se perto dos rios Tejo e Tiétar (seu afluente). Este é ponto de acesso à vizinha Serra de Monfragüe, localizada a Sul de Malpartida de Plasencia. Na zona existem diversos elementos naturais cuja associação aos monumentos poderá ser significativa, nomeadamente a foz do Tiétar ou a relativa proximidade com a Portilla de Tiétar, vale abrupto e escarpado onde o Rio Tiétar corta a Serra de Monfragüe e a transpõe.

Por fim, falta abordar os dois monumentos situados em território hoje português. Como já se expôs anteriormente, em Santana de Azinha (Guarda) foi identificado o monumento de A-de-Moura (ver Fig. 11). O achado deu-se no ano 2000, tendo sido encontrado por Marcos Osório, arqueólogo da Câmara Municipal do Sabugal, após alerta de um habitante local. Este ídolo foi descoberto junto a um caminho (que liga A-de-Moura à aldeia de Santa Madalena), cravada no solo junto a um pequeno muro. Trata-se de uma zona de vale, perto da Ribeira de Adão, a cerca de 860 m de altitude. O relevo é aqui tendencialmente plano, com acidentes suaves, apresentando alguns afloramentos graníticos (de granitos semelhantes ao utilizado na peça) a destacarem-se na paisagem. A estátua-menir de Corgas (Fundão) está integrada na chamada Cova da Beira (ver Fig. 15). Esta zona é delimitada pelos relevos da Serra da Estrela e Serra da Gardunha. Ambas as serras são visíveis a partir da localização do monumento, assim como outros acidentes menores na paisagem, como a Serra de Peroviseu, a Norte. A cerca de 500 m para Oeste do sítio onde se encontrou a estátua-menir corre a Ribeira do Carvalhal, enquanto a Ribeira da Farinha encontra-se a cerca de 1 km para Nordeste.

3.4 – Considerações Gerais

A heterogenia tipológica e cronológica do conjunto de monumentos em análise no presente capítulo dificulta, naturalmente, a existência e observação de padrões na implantação geo-morfológica dos mesmos. Contudo, parecem existir algumas tendências que poderão ser apontadas. Como se viu, uma percentagem importante destes monumentos está inserida em zonas estratégicas do ponto de vista das dinâmicas de movimento na paisagem. No Nordeste da Serra de Gata, tal facto é particularmente

claro no monumento de Valdefuentes de Sangusín (situando-se no “melhor caminho natural que existe no Oeste do Sistema Central entre as duas Submesetas” – SANTONJA GÓMEZ e SANTONJA ALONSO, 1978: 19); a proximidade e posição topográfica dominante sobre o Rio Sangusín serão também factores que reforçam esta ideia. Devido aos relevos suaves que caracterizam a zona, o monumento vizinho de Los Santos poderá também ser visto com estando inserido numa zona de fácil trânsito com ligação directa à região de Valdefuentes de Sangusín. Para mais, a sua proximidade com um relevo destacado confere-lhe uma potencial localização privilegiada no que toca ao controlo visual sobre a paisagem envolvente.

Também a estátua-menir de Segura de Toro, a Sul da Serra de Gata, localiza-se numa zona preferencial de passagem (como se atesta pela presença na zona da Via de la Plata). Segura de Toro ocupa ainda uma posição sobranceira à Via de la Plata, havendo um controlo visual sobre a mesma. No caso do monumento de Jarandilla, apesar de esta relação deste tipo não ser porventura tão clara, não se poderá desvalorizar a possível associação do monumento ao desfiladeiro do Jaranda, vale bem marcado com cerca de 9 km de comprimento e que permite às zonas interiores da Serra de Gredos. Quer no caso de Segura de Toro, quer no de Jarandilla, ambas as regiões podem ser encaradas ainda como zonas naturais de fronteira, localizadas no interface entre os relevos do Sistema Central e os planaltos da Meseta Inferior.

Nos monumentos encontrados na margem Norte do Rio Tejo (La Cerca I, La Cerca III e Guadalperal) esta ideia de zona de fronteira natural poderá ser também equacionada, devido ao papel claramente marcante que este rio desempenha na divisão do espaço. No caso dos monumentos de La Cerca, em particular, a sua relação com o Rio Tiétar (e particularmente com a sua foz, localizada a cerca de 1 km) será relevante, não só a nível simbólico, como pelo facto do Tiétar se apresentar como a via preferencial de transposição da Serra de Monfragüe e de acesso ao Rio Tejo a partir dos planaltos a Norte (através da Portilla de Tiétar). No caso de Guadalperal, com uma paisagem de cotas muito constantes, não se verifica a existência de elementos paisagísticos que marquem o espaço de forma clara. A ausência de acidentes orográficos, contudo, teria certamente facilitado o movimento de pessoas e animais. Tal ocorre igualmente no caso dos monumentos portugueses (Corgas e A-de-Moura), ambos localizados em zonas de relevos suaves. No caso da estátua-menir de Corgas (para além de testemunhar uma ocupação deste espaço numa longa diacronia, por via da sua reutilização), poder-se-á ainda associar a sua presença ao facto da Cova da Beira se

apresentar como um ponto natural de passagem a nível regional, encaixada entre as serras da Estrela e da Gardunha.

VI – Conclusões Finais

Monumentos, paisagem e estratégias de poder

O estudo da espacialidade das estelas e as estátuas-menires, enquanto elementos simbólicos relevantes para as comunidades pretéritas, fornece sem dúvida pistas sobre as dinâmicas que estiveram na base da construção da relação entre o Homem e o Espaço na Pré-história Recente. Um dos factores mais importantes e imediatos que condiciona a relação entre as comunidades humanas e o espaço envolvente, que condiciona a forma como o conceptualiza e nele se inserem, é a visibilidade. Assim sendo, será sem dúvida importante analisar de que forma as *estratégias de visibilidade* adoptadas por determinada comunidade se reflectem no registo arqueológico e que dados é que tal análise nos fornece (CRIADO BOADO, 1995). No artigo citado, o autor define quatro tipos de estratégias que as comunidades adoptam em relação aos produtos da acção social (nomeadamente em relação aos elementos materiais resultantes): 1) estratégias de carácter inibitório, quando não existe uma vontade expressa de esconder ou evidenciar os produtos da acção social; 2) noutros casos existe uma intencionalidade em esconder os produtos da acção social; 3) pelo contrário, pode existir uma intenção de exhibir os produtos da acção social no presente, ou seja, uma ostentação do produto para dentro e / ou para fora da comunidade, mas sem existir uma intenção de projectar essa exibição no tempo; 4) quando essa intenção existe, estamos perante estratégias de carácter monumental – “a monumentalidade produz resultados intencionais (tanto produtos como efeitos) que se projectam quer no espaço, quer no tempo, (...) podendo também produzir resultados não intencionais que se projectam em ambas as dimensões” (CRIADO BOADO, 1995: 198-199).

Assim sendo, poderemos interpretar legitimamente que as estelas e estátuas-menires como indícios de uma consolidação da monumentalidade enquanto estratégia adoptada pelas comunidades pré-históricas peninsulares e da sua ligação às elites emergentes. Dada a longa diacronia em questão, este fenómeno não incidirá sobre todas as realidades de uma mesma forma. Esta identificação dos monumentos com estratégias de poder deverá ter sido gradualmente mais forte e explícita com o desenvolvimento de uma organização social mais complexa e hierarquizada, particularmente a partir do Calcolítico e culminando nas comunidades do Bronze Final (CARDOSO, 2002: 247-250).

Estelas e estátuas-menires são materialidades simbólicas que, como tal, foram concebidas para veicular uma mensagem, afirmando-se como meios privilegiados de inculcação de ideologias. Timothy Earle define ideologia como sendo “a porção de significado cultural que é usada estrategicamente para instituir dominação política ou resistência, (...) envolvendo ideias, crenças, valores, verdades e mentiras, doutrinas e dogmas” (EARLE, 1997: 143). Contudo, como afirma o mesmo autor, o uso estratégico das ideologias enquanto fonte de poder só se torna conseqüente quando estas são concretizadas “sob a forma de cerimónias, símbolos e monumentos”; desta forma, o poder necessita de concretizar uma materialização das ideologias para que estas se instituem como uma das suas bases de sustentação (EARLE, 1997: 143-144). As estelas e estátuas-menires aparecem assim como elementos simbólicos com uma potencial carga ideológica, o que certamente terá sido explorado pelas classes dominantes.

Susana de Oliveira Jorge aponta que “é já um lugar-comum aceitar que os depósitos e as estelas / estátuas-menires do Bronze Final materializam, de formas diversas, a ascensão de uma liderança hereditária em comunidades disseminadas por vastos territórios peninsulares” (JORGE, 1996/1997: 87). Valoriza também a autora o papel destes monumentos enquanto “referências visuais na paisagem, assinalando vias de comunicação” (JORGE, 1996/1997: 87), em linha do que tinha sido já defendido por Marisa Ruiz-Gálvez Priego e Eduardo Galán Domingo (RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO e GALÁN DOMINGO, 1991; GALÁN DOMINGO, 1993). Porém, a análise feita no presente trabalho às estelas “de guerreiro” na zona geográfica em estudo poderá matizar um pouco esta visão. Desde logo, as (relativamente) reduzidas dimensões de alguns destes monumentos levam-nos a questionar o real potencial destes enquanto referências visuais na paisagem (CELESTINO PÉREZ, 2001: 76). Por outro lado, efectivamente parece possível identificar uma tendência entre a implantação destes monumentos e a existência de vias preferenciais de passagem. Como se apresentou no capítulo V – 2, as estelas do Bronze Final da Beira Interior / Serra de Gata tendem a ocupar pontos na paisagem com um controlo visual sobre o território e, em concreto, sobre vias de passagem. Desta forma, a relação tenha talvez de ser posta de forma inversa. Mais do que marcadores visuais, as estelas funcionariam como marcadores conceptuais, não assinalando vias, mas pontos de controlo sobre as mesmas. Controlo esse que tanto se poderia revestir de um carácter efectivo, levado a cabo pelas comunidades, como de um carácter mais simbólico, desempenhado através da divindade ou antepassado representado no monumento, que tutelaria aquele espaço (podendo-se ligar ao que Jean

Arnal designa por “divindades tutelares” – ARNAL, 1976: 222). A relação de visibilidade estabelecer-se-ia, então, da estela para o espaço. Em suma, não se destinariam a ser observadas na paisagem, mas a “observar” a mesma. Além de pontos de passagem, estratégia semelhante poderia verificar-se ainda em zonas que se poderão considerar como fronteiras naturais. Para isto apontam algumas estelas e estátuas-menires já estudadas, que se localizam perto de elementos geo-morfológicos marcantes, tanto que ainda hoje correspondem a fronteiras administrativas (nomeadamente a estátua-menir da Bouça, os monumentos de Santa Luzia, o ídolo de Riomalo de Abajo ou a estela do Bronze Final de Robleda).

Se admitirmos que os monumentos antropomórficos representam, então, entidades protectoras de pontos estratégicos de uma paisagem humanizada, é assim delicado interpretar os personagens figurados. Estaremos perante divindades ou personagens mitológicas? Ou serão ao invés representações de personagens concretas, pertencentes à classe dominante, como tem sido várias vezes defendido para o caso das estelas “de guerreiro” do Bronze Final, naquilo que Jorge de Alarcão designa por a “velha ideia de que as estelas *extremeñas* foram erigidas por (ou para) chefes” (ALARCÃO, 2001: 326)? Seria também concebível interpretar estas figuras como uma possível conjugação destas duas hipóteses, no caso de estarmos perante representações de antepassados, que em vida teriam desempenhado um papel de destaque no seio da comunidade e que seriam possivelmente divinizados *post-mortem*. Este antepassado mitificado representaria então um elemento identitário de união. No caso dos monumentos masculinos, poderiam traduzir a presença de patriclãs ou *gentes*, enquanto “grupos formados por indivíduos que se reclamam de um antepassado comum em linha masculina” (PANOFF e PERRIN, 1973: 80, 137); ao invés, as estátuas femininas poderão deixar admitir a hipótese de matriclãs, onde perdura a matrilinearidade (PANOFF e PERRIN, 1973: 116). Existem, contudo, exemplares onde se verifica uma associação, no mesmo monumento, de antropomorfos ditos masculinos com figuras consideradas femininas. Tal ocorre em Almadén de la Plata II (GARCÍA SANJUÁN, 2006: 9), onde um personagem armado (e, portanto, entendido como masculino) aparece gravado em conjunto com um personagem diademado (simbologia usualmente associada a personagens femininas). Se, com efeito, se tratarem de figuras de sexos distintos (o que não é de todo indiscutível), teremos de equacionar qual o significado desta representação. Apesar de excepcional, este monumento poderá traduzir a materialização simbólica de uma união matrimonial entre comunidades distintas.

Tratando-se de membros das elites (guerreiras), tal poderá corresponder ao firmamento de uma aliança política, num quadro de “intercâmbio de guerreiros” (ver KRISTIANSEN e LARSSON, 2006: 266). Ainda segundo estes autores, em muitas sociedades patrilineares o estabelecimento de alianças matrimoniais ia muito para além da união de dois indivíduos, criando-se uma rede de obrigações que contribuíam para a aproximação das respectivas comunidades; a título de exemplo, o irmão da mãe ficaria comprometido com deveres em relação aos filhos (masculinos) que nascerem da união (KRISTIANSEN e LARSSON, 2006: 266-267).

Provavelmente não existirá uma resposta única a estas questões, válida para cada um dos casos conhecidos, dada a pluralidade e heterogenia que estes monumentos apresentam e a grande amplitude cronológica aqui testemunhada. Todavia, enquanto elementos ligados às elites detentoras do poder (seja ele económico, bélico ou religioso), será expectável que apresentem reflexos das alterações na estrutura sócio-económica e das dinâmicas de complexificação social que sucederam ao longo da Pré-história Recente na Península Ibérica (CHAPMAN, 1990). Se fizermos uma observação global dos monumentos analisados no presente trabalho, verificamos que naqueles supostamente mais antigos não se tende a verificar uma presença tão explícita e reiterada de armas, quer ofensivas, quer defensivas (fenómeno que atinge a sua expressão mais clara nas “estelas de guerreiro” do Bronze Final). Tal poderá denunciar uma progressiva alteração dos sistemas sociais em direcção a uma sociedade onde as elites guerreiras passam a dominar a esfera religiosa e o poder se torna mais explicitamente associado às elites guerreiras e toda a imagética a elas associada (KRISTIANSEN, 1995: 213). Paralelamente, assistimos a diversos casos onde se testemunha uma adaptação da simbologia do monumento, de uma conotação sexual / fálica em direcção a uma antropomorfização mais evidente da peça; se nos monumentos mais arcaicos encontramos elementos que remetem para uma simbologia fálica, tal está virtualmente ausente nas estelas do Bronze Final da Beira Interior e Serra de Gata (se excluirmos o exemplar de S. Martinho II, uma possível reutilização de um monumento anterior). A reutilização e antropomorfização de monumentos fálicos (evidente em S. Martinho II ou no exemplar de Corgas), em particular, poderão espelhar de forma mais explícita uma alteração de paradigma, em que a importância ritual do guerreiro ganha relevância e visibilidade face a outro tipo de cultos (nomeadamente de fertilidade).

Apesar da referida diversidade formal testemunhada, a existência de determinados grupos iconograficamente coesos levou a que Primitiva Bueno Ramírez e

Antonio González Cordero propusessem (no caso concreto, respeitante aos ídolos “Hurdes-Gata”) que tais casos traduzissem uma unidade religiosa, cultural e social entre estas comunidades (BUENO RAMÍREZ e GONZÁLEZ CORDERO, 1995: 101). Parecendo-nos esta leitura aceitável no contexto da Serra de Gata, não podemos todavia deixar de assinalar os diversos monumentos onde o mesmo reportório iconográfico se repete (total ou parcialmente), por vezes em zonas geográficas muito distintas (Quinta do Couquinho e Cabeço da Mina, Castro da Barrega ou mesmo A-de-Moura são alguns exemplos), onde tal unidade será mais difícil de admitir.

Da observação do catálogo decorre também a constatação de que esta repetição dos motivos gravados (principalmente a face esquemática e os colares múltiplos) está aliada a uma forma muito padronizada de representar os mesmos. Nos monumentos identificados no Norte e Centro Portugal onde estes elementos estão presentes, o suporte mais utilizado é nitidamente o granito. Já na Serra de Gata e sua órbita, o quadro apresenta uma muito maior diversidade. Como se apresentou no capítulo V – 1.2, os monumentos apresentam uma multiplicidade de suportes (em concordância com o substrato geológico regional): para além do granito (4 exemplares), existem monumentos em xisto (5 exemplares), basalto (2 exemplares), grauvaque (2 exemplares), arenito (1 exemplar), diabase (1 exemplar), calcário (1 exemplar). Observa-se porém que, apesar da utilização de suportes variados (e apresentando, conseqüentemente, diferentes condições à gravação das figurações), os motivos gravados mantêm-se relativamente idênticos, quer a nível do desenho, quer a nível da técnica, predominando a gravação em traço largo de secção em “U”.

A diversidade de suportes na órbita da Serra de Gata poderá ser explicada pelo aproveitamento de outros tipos de matérias-primas que o ambiente geológico aqui oferece, não só por uma questão de aproveitamento pragmático dos recursos locais, como pela maior dificuldade à gravação apresentada naturalmente pelo granito (particularmente quando se tratam de suportes com uma granulometria média / grosseira). Fenómeno semelhante poderemos aceitar para estelas “de guerreiro”; se os monumentos localizados em zonas onde tende a predominar o granito elegem este tipo de rocha como suporte, nas zonas onde seria fácil a obtenção de outras rochas (em concreto o xisto), efectua-se um aproveitamento dos materiais disponíveis (ver os exemplos de Meimão, Fóios e Robleda). O xisto, dada a sua clivagem característica, tende ainda a apresentar uma outra vantagem, já que tende a adoptar naturalmente uma configuração esteliforme (como se pode verificar na peça de Fóios). Nos restantes

monumentos, a franca preponderância de granitos poderá ser explicada não só pela facilidade de acesso à matéria-prima, como pela durabilidade que este apresenta (por a oposição a monumentos em calcário, por exemplo, testemunhados de forma residual nos exemplares aqui estudados). Poderemos ver nesta sistemática utilização desta matéria-prima um sintoma de uma intencionalidade em fazer perpetuar no tempo estes testemunhos; tal intenção é, como se abordou, distintiva de fenómenos de “monumentalidade” (ver início do capítulo; CRIADO BOADO, 1995: 199). Os monumentos demarcavam o espaço e estendiam-se no tempo, veiculando significados culturais e sociais que progressivamente se foram perdendo ou reinventando.

Poderemos ver a implantação destes monumentos na paisagem como reflexos de diversas formas de a humanizar, através das quais as comunidades a conceptualizavam e nela se inseriam. São processos de construção social da paisagem, que como tal traduzem lógicas sociais múltiplas. Em alguns casos (como nas estelas “de guerreiro” do Bronze Final), parece existir uma preponderância para a eleição de pontos estratégicos de controlo sobre paisagem, nomeadamente no que concerne a zonas preferenciais de passagem, zonas naturais de fronteira e / ou pontos de excepcional visibilidade sobre o território (veja-se o caso do Monte de S. Martinho, por exemplo). No caso dos ídolos “Hurdes-Gata”, verificando-se por vezes tendência semelhante, poderemos ainda admitir a sua associação a túmulos megalíticos, também eles marcos relevantes na paisagem.

Verificam-se ainda pequenas unidades geo-morfológicas que se distinguem pela presença de monumentos, como sejam o Vale da Vilariça, a Veiga de Samardã, a Veiga de Chaves ou a Serra da Nave. Em monumentos, como o de S. Bartolomeu do Mar, de maiores dimensões e localizados em paisagens onde não se testemunha a existência de marcos naturais evidentes, poderão testemunhar essa necessidade de criação de marcos e referências espaciais. Esta criação de referências poderá estar ligada à sinalização de caminhos, como poderemos admitir no caso da estátua-menir do Marco, assinalando a via de acesso às Minas de Jales. Se as estelas “de guerreiro” estudadas não se evidenciariam de maneira clara na paisagem, existe então uma outra categoria de monumentos que marcam nitidamente a paisagem, funcionando sem dúvida como marcos espaciais, cujo papel muitas vezes se perpetuou no tempo – confira-se os casos da estela-menir da Caparrosa ou da mencionada estátua-menir do Marco. Para além da supracitada estátua de S. Bartolomeu do Mar, poderemos ainda admitir que tal se verificasse noutros monumentos como o da Bouça ou o exemplar mesetenho de

Tremedal de Tormes. Um outro factor passível de ser associado à implantação de monumentos é a proximidade a recursos hídricos. Verificável em exemplares tão distintos como os ídolos de Hernán Pérez e a estátua-menir de Ataúdes, os cursos de água poderão ser efectivamente um elemento transversal, pela multiplicidade de papéis que poderão ter desempenhado: recurso económico de primeira necessidade, via de passagem ou zona de fronteira, para além do potencial significado simbólico e ritual que em si encerram. Por fim, de referir ainda o caso dos monumentos integrados em estruturas funerárias megalíticas. Ao contrário dos demais, estes são exemplares (particularmente aqueles cujos motivos representados se encontravam no interior da estrutura) que adoptam um sentido mais reservado, menos público. Perdem assim protagonismo enquanto marcadores espaciais; esse papel é desempenhado pelo monumento megalítico em que estão integrados.

A ligação entre o fenómeno do megalitismo e as estelas e estátuas-menires tem sido um tópico amplamente discutido. Em algumas estátuas-menires, devido às suas características formais e / ou por se tratarem de monumentos reutilizados, a ligação entre os dois fenómenos está relativamente explícita (confira-se, a este propósito, exemplos como os monumentos da Bouça, Chaves, S. Bartolomeu do Mar ou de Corgas). Todavia, no caso das estelas “de guerreiro” ou dos ídolos-estela de tipo “Hurdes-Gata”, procurar uma relação com o megalitismo (dolménico e não-dolménico) poderá não ser tão pacífico. Como já se disse, alguns autores associam a implantação dos ídolos “Hurdes-Gata”, diademados, à presença de túmulos megalíticos (BUENO RAMÍREZ e GONZÁLEZ CORDERO, 1995; BUENO RAMÍREZ *et al.*, 2005: 578-579). Tal associação (que efectivamente parece existir em diversos casos) apontaria para uma cronologia calcolítica dos monumentos. Contudo, esta atribuição é contestada por Maria João Santos, que afirma que não existe “solidez suficiente para veicular as representações diademadas ao horizonte Calcolítico” (SANTOS, 2009: 15). Argumenta a autora que a albarda gravada no monumento de Hernán Pérez VI (BUENO RAMÍREZ *et al.*, 2005: 609 e 611) não apontará obrigatoriamente para uma atribuição destes exemplares ao Calcolítico, dada a coexistência arqueologicamente documentada de alabardas e espadas em túmulos do Bronze Pleno (SANTOS, 2009: 16). Não poderemos esquecer ainda a proximidade iconográfica que estes ídolos apresentam com as estelas diademadas do Bronze Final, que terão coexistido com as estelas “de guerreiro”. Celestino Pérez rejeita a ideia da explicação residir numa inalterabilidade dos motivos gravados ao longo de cerca de dois milénios (CELESTINO PÉREZ, 2001: 251), o que

nos parece prudente. Parece-nos assim aceitável admitir que estes monumentos se enquadrem na transição do Calcolítico para a Idade do Bronze, admitindo que se estendam até ao Bronze Médio, antecedendo imediatamente os monumentos diademados do Bronze Final. Tal interpretação encontra-se em linha com o que diz uma vez mais Celestino Pérez, propondo ao invés que se entendam as estelas diademadas do Final da Idade do Bronze como representações femininas (por oposição às contemporâneas estelas “de guerreiro”, masculinas) que derivariam possivelmente dos ídolos-estela / *ídolos-guijarro*, sendo que estes por sua vez poderiam já provir das placas calcolíticas (CELESTINO PÉREZ, 2001: 260).

No que toca às estelas “de guerreiro”, se a sua atribuição ao Bronze Final não levanta hoje grandes dúvidas, é mais discutível qual a sua relação com as chamadas estelas “alentejanas” do Bronze Médio (GOMES e MONTEIRO, 1974/1977): terão sofrido um desenvolvimento separado ou, ao invés, derivam as estelas “de guerreiro” das estelas “alentejanas”? Como se abordou já na Introdução do presente trabalho, desde o final dos anos 70 do séc. XX que esta questão tem sido levantada. O primeiro artigo a propor um desenvolvimento independente destes monumentos é da autoria de Bendala Galán (BENDALA GALÁN, 1977), contestando a opinião até então aceite e apontando para a simbologia distinta que cada grupo teria. Todavia, em nossa opinião, a estátua-menir identificada em Corgas, Fundão (BANHA *et al.*, 2009) poderá ser vista como um elemento que vem contrariar esta posição. Aquando da reutilização do monumento, na Idade do Bronze, entre os elementos representados encontra-se o bi-ancoriforme, presente em diversas estelas “alentejanas” (ALMAGRO BASCH, 1966). Como nas ditas estelas “alentejanas”, também aqui a técnica empregada foi o alto-relevo. Já no capítulo IV-2 deste trabalho apontamos para o facto desta característica aproximar o monumento de Corgas não só dos exemplares alentejanos, como também da estela do Baraçal I (que se destaca no seio das estelas “de guerreiro” pela utilização do alto-relevo), exemplares que de resto partilham uma relativa proximidade geográfica. É assim possível que estes monumentos testemunhem um movimento para Norte da tradição representativa das estelas “alentejanas”. O monumento do Baraçal I apareceria então como um testemunho de uma primeira fase de desenvolvimento das estelas “de guerreiro”, onde a utilização do alto-relevo pode ser entendido como um elemento arcaizante. Este cenário vem de encontro o que já tinha sido proposto pelo publicador da estela do Baraçal I (CURADO, 1984), onde apresenta a Beira Interior portuguesa (e em concreto a zona do Sabugal) como o espaço geográfico onde primeiro se terão

desenvolvido as estelas “de guerreiro”. Outro argumento a apoiar esta ideia é apresentado por Celestino Pérez, ao identificar as estelas ditas “básicas” (lança-escudo-espada, nas quais se enquadra a estela do Baraçal I) como traduzindo um primeiro momento de desenvolvimento destes monumentos (CELESTINO PÉREZ, 2001: 99). Não se podendo já aceitar um predomínio das estelas “básicas” na Beira Interior / Serra de Gata (VILAÇA, SANTOS e MARQUES, no prelo; VILAÇA, OSÓRIO e SANTOS, no prelo; VILAÇA, SANTOS e GOMES, no prelo), como defendia Celestino Pérez (2001: 100), tal não invalida obrigatoriamente, em nossa opinião, que seja nesta zona geográfica que poderão ser identificadas as primeiras manifestações dos monumentos deste tipo, que marcam uma parte substantiva do Bronze Final do Ocidente peninsular.

VII – Bibliografía

ALARCÃO, Jorge de (2001) – “Novas perspectivas sobre os Lusitanos (e outros mundos)”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 4, nº 2, Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, pp. 293-349.

ALMAGRO BASCH, Martín (1943) - "Tres nuevos hallazgos del Bronce Final en España", *Ampurias*, 5, pp. 270-280.

ALMAGRO BASCH, Martín (1963) – "Museo Arqueológico Nacional. Adquisiciones de 1958 a 1961. Estela sepulcral grabada de la Granja de Céspedes, en Badajoz", *Memorias de los Museos Arqueológicos Provinciales, 19-22, 1958-61*, Madrid: Ministerio de Educación Nacional, pp. 11-12.

ALMAGRO BASCH, Martín (1966) – *Las estelas decoradas del Suroeste Peninsular*, Bibliotheca Praehistorica Hispana, vol. VIII, Madrid.

ALMAGRO BASCH, Martín (1969) – “El ídolo de Ciudad Rodrigo y el ídolo de Rodicol”, *Trabajos de Prehistoria*, 26, pp. 321-323.

ALMAGRO BASCH, Martín (1972) – “Los ídolos y la estela decorada de Hernán Pérez (Cáceres) y el ídolo-estela de Tabuyo del Monte (Léon)”, *Trabajos de Prehistoria*, 29, pp. 83-124.

ALMAGRO BASCH, Martín (1974) – “Nuevas estelas decoradas de la Península Ibérica”, *Miscelánea Arqueológica*, I, Barcelona, pp. 5-39.

ALMAGRO GORBEA, Martín (1977) - *El Bronce Final y el Período Orientalizante en Extremadura*, Biblioteca Praehistorica Hispanica, 14, Madrid.

ALMAGRO GORBEA, Martín (1993) – “Les steles anthropomorphes de la Péninsule Ibérique”, *Les Représentations humaines du Néolithique à l'Âge du Fer – actes du 115e Congrès des Sociétés Savantes (Avignon, 1990)*, Paris: C.T.H.S.

ALMAGRO GORBEA, Martín (1997) – "La edad del Bronce en la Península Ibérica: periodización y cronología", *Saguntum*, 30, (Homenaje a Milagros Gil-Mascarell), pp. 217-229.

ALMAGRO GORBEA, Martín (1998) – “ ‘Precolonización’ y Cambio Socio-Cultural en el Bronce Atlántico” in JORGE, Susana de Oliveira (ed.) – *Existe um Idade do Bronze Atlântico?*, Lisboa: IPA, pp. 81 – 100.

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de, e JORGE, Vítor Oliveira (1979) – “A Estátua-menir de Faiões (Chaves)”, *Trabalhos do Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto*, 2, Porto: Grupo de Estudos Arqueológicos.

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de, e JORGE, Vítor Oliveira (1980) – “A Estátua-menir fállica de Chaves”, *Trabalhos do Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto*, 6, Porto: Grupo de Estudos Arqueológicos.

ALVES, Lara Bacelar e REIS, Mário (no prelo) – “Memoriais de pedra, símbolos de identidade. As estelas decoradas de Cervos.”, *Actas das IV Jornadas Raianas – Estelas e estátuas-menires: da Pré à Proto-história (23 e 24 de Outubro de 2009, Sabugal)*, Sabugal: Museu do Sabugal.

ARANDA JIMÉNEZ, Gonzalo e ESQUIVEL GUERRERO, José Antonio (2006) – “Ritual funerario e comensalidade en las sociedades de la Edad del Bronce del Suroeste Peninsular: la cultura de El Argar”, *Trabajos de Prehistoria*, vol. 63, nº 2, pp. 117-133.

ARNAL, Jean (1976) – *Les Statues-menhirs, hommes et dieux*, Toulouse: Editions des Hespérides.

BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo e BUENO RAMÍREZ, Primitiva (1993) – “Représentations anthropomorphes mégalithiques au centre de la Péninsule Ibérique”, *Les*

Représentations humaines du Néolithique à l'Âge du Fer – actes du 115e Congrès des Sociétés Savantes (Avignon, 1990), Paris: C.T.H.S.

BANHA, Carlos; VEIGA, André Mota; FERRO, Sara (2009) – “A Estátua-menir de Corgas (Donas, Fundação): contributo para o estudo da Idade do Bronze na Beira Interior”, *AÇAFA online*, 2, Associação de Estudos do Alto Tejo, pp. 1-16 [www.altotejo.org].

BAPTISTA, António Martinho (1982) – “A estátua-menir femininda de Ermida (Ponte da Barca)”, *Arqueologia*, vol. 5, Porto, pp. 67-69.

BAPTISTA, António Martinho (1985) – “A estátua-menir da Ermida (Ponte da Barca, Portugal)”, *O Arqueólogo Português*, III, IV série, Lisboa, pp.7-44.

BARCELÓ, Joan Anton (1988) – “Introducción al razonamiento estadístico aplicado a la Arqueología: un análisis de las estelas antropomorfas de la Península Ibérica”, *Trabajos de Prehistoria*, 45, pp. 51-85.

BARCELÓ, Joan Anton (1989a) – *Arqueología, lógica y estadística: un análisis de las Estelas de la Edad del Bronce en la Península Ibérica*, Barcelona: Universidad Autónoma de Barcelona.

BARCELÓ, Joan Anton (1989b) – “Las estelas decoradas del sudoeste de la península ibérica” in AUBET, M. E. (coord.) – *Tartessos. Arqueologia Protohistórica del Bajo Guadalquivir*, Ed. AUSA, pp. 189-208.

BARCELÓ, Joan Anton (1992) – “Una interpretación socioeconómica del Bronce Final en el sudoeste de la península Ibérica”, *Trabajos de Prehistoria*, 49, pp. 259-275.

BATATA, Carlos; BORGES, Néelson; CORREIA, Heitor e SOUSA, Albertino de (2008) – *Carta Arqueológica do Concelho de Vila Pouca de Aguiar*, Vila Pouca de Aguiar: Câmara Municipal e Ozecarus, Serviços Arqueológicos.

BENDALA GALÁN (1977) – “Notas sobre las estelas decoradas del suroeste y los orígenes de Tartessos”, *Habis*, 8, pp. 117-205.

BENDALA GALÁN, M.; HURTADO, V. e AMORES, F. (1979/1980) – “Tres nuevas estelas de guerreros en la provincia de Córdoba”, *Habis*, 11, pp. 381-390.

BENITO DEL REY, Luis; MARTÍN BENITO, José Ignacio; GRANDE DEL BRIO, Ramón y BENITO ÁLVAREZ, José Manuel (1987) – “Miscelánea arqueológica salmantino-zamorana”, *Studia Zamorensia*, VIII, pp. 9-27.

BLÁZQUEZ MARTÍNEZ, J. M. (1983) – “Las liras de las estelas hispanas de finales de la Edad del Bronce y su origen fenicio”, *Archivo Español de Arqueología*, 56, pp. 213-218.

BLÁZQUEZ MARTÍNEZ, J. M. (1999) – “La guerra en la Hispania Antigua. Las estelas con guerreros”, *Veleia: revista de prehistoria, historia antigua, arqueología y filología clásicas*, 16, pp. 51-60.

BONENFANT, Pierre e GUILLAUMET, Jean-Paul (1998) - *La statuaire anthropomorphe du premier âge du Fer*, Presses Universitaires Franc-Comtoises.

BUENO RAMÍREZ, Primitiva (1983) – “Estatuas-menhir y armas en el Norte de la Península Ibérica”, *Zephyrus*, 36, pp. 153-157.

BUENO RAMÍREZ, Primitiva (1987) – “El grupo Hurdes-Gata en las estelas antropomorfas de Extremadura”, *XVIII Congreso Nacional de Arqueología* (Canárias, 1985), Zaragoza, pp. 449-458.

BUENO RAMÍREZ, Primitiva (1990) – “Statues-menhirs et stèles anthropomorphes de la Péninsule Ibérique”, *L'Anthropologie*, 94, nº 1, pp. 85-110.

BUENO RAMÍREZ, Primitiva y BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo (1995) – “La graphie du serpent dans la culture mégalitique péninsulaire – représentations de plein air et représentations dolméniques”, *L'Anthropologie*, vol. 99, pp. 357-381.

BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo e BARROSO BERMEJO, Rosa (2005a) – “Hiérarchisation et métallurgie : statues armées dans la Péninsule Ibérique” *L'Anthropologie*, vol. 109, n.º 4, pp. 577-640.

BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo e BARROSO BERMEJO, Rosa (2005b) – “La estela armada de Soalar. Valle del Baztán (Navarra)”, *Trabajos de Arqueología Navarra*, 18, pp. 5-40.

BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo e BARROSO BERMEJO, Rosa (2008) – “Dioses y antepasados que salen de las piedras”, *PH67 Especial Monográfico - Boletín del Instituto Andaluz del Patrimonio Histórico*, Consejería de Cultura - Junta de Andalucía, pp. 47 – 61.

BUENO RAMÍREZ, Primitiva e GONZÁLEZ CORDERO, Antonio (1995) – “Nuevos datos para la contextualización arqueológica de estatuas-menhir e estelas antropomorfas en Extremadura” *Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular (Porto, 12-18 de Outubro de 1993)*, Porto, pp. 95-106.

CAMPOS, Nuno (2002) – “Estela antropomórfica. Qta. de Vila Maior, Cabeça Boa”, *Catálogo Museu do Ferro e da Região de Moncorvo*, vol. 1, Torre de Moncorvo, pp. 161-162.

CARDOSO, João Luís (2002) – *Pré-História de Portugal*, Lisboa: Ed. Verbo.

CARDOSO, João Luís; HENRIQUES, Francisco e CHAMBINO, Mário (no prelo) – “A estela antropomórfica dos Zebros 2 (Zebreira, Idanha-a-Nova)”, *Actas das IV Jornadas Raianas – Estelas e estatuas-menires: da Pré à Proto-história (23 e 24 de Outubro de 2009, Sabugal)*, Sabugal: Museu do Sabugal.

CARVALHO, Pedro Sobral e GOMES, Luís Filipe Coutinho (1995) – “A Orca dos Padrões (Mangualde, Viseu)”, *Estudos Pré-Históricos*, III, Viseu, pp. 39-79.

CARVALHO, Pedro Sobral, GOMES, Luís Filipe Coutinho, FRANCISCO, João Paulo Almeida (1999) – “A estátua-menir do Alto da Escrita (Tabuaço, Viseu)”, *Estudos Pré-Históricos*, VII, Viseu, pp. 251-256.

CELESTINO PÉREZ, Sebastian (1985) – “Los carros y las Estelas Decoradas del Suroeste”, *Estudios de Arqueología Extremeña (Homenaje a Canovas Pessini)*, Badajoz, pp. 45-55.

CELESTINO PÉREZ, Sebastian (1990) – “Las Estelas Decoradas del Suroeste peninsular”, *La Cultura Tartésica y Extremadura – Cuadernos Emeritenses*, 2, Mérida, pp. 45-62.

CELESTINO PÉREZ, Sebastian (1995) – “El Periodo Orientalizante en Extremadura”, *Extremadura Arqueológica*, IV, Mérida, pp. 67-89.

CELESTINO PÉREZ, Sebastian (2001) – *Estelas de guerrero y estelas diademazas – la precolonización y formación del mundo tartésico*, Barcelona: Bellaterra Arqueología.

CELESTINO PÉREZ, Sebastian e ENRÍQUEZ NAVASCUÉS, Juan Javier (1981/1982) – “La estela de Capilla (Badajoz)”, *Pyrenae*, 17-18, Barcelona, pp. 203-209.

CELESTINO PÉREZ, Sebastian; ENRÍQUEZ NAVASCUÉS, Juan Javier e RODRÍGUEZ DÍAZ, Alonso (1992) – “Paleoetnología del área extremeña”, *Paleoetnología de la Península Ibérica – Complutum*, 2-3, pp. 311-327.

CHAPMAN, Robert (1990) – *Emerging Complexity: the Later Prehistory of South-east Spain, Iberia and the West Mediterranean*, Cambridge: University Press.

CHENORKIAN, Robert (1988) – *Les Armes Métaliques dans l'Art Protohistorique de l'Occident Méditerranéen*, Marselha: CNRS.

COFFYN, André (1985) – *Le Bronze Final Atlantique dans la Péninsule Ibérique*. Paris: Diffusion de Bocard.

COIXÃO, António Nascimento Sá (1999) – *A Ocupação na Pré-história Recente na Região de Entre Côa e Távora*, Freixo de Numão: ACDR.

COWELL, David (2009) – *Vilarinho Early Bronze Age Statues / A estatuária calcolítica de Vilarinho de Samardã* [publicação online em: <http://www.scribd.com/doc/18982932/Vilarinho-Early-Bronze-Age-Statues-A-Estatuaria-Calcolitica-de-Vilarinho-de-Samarda>].

CRIADO BOADO, Felipe (1995) – “The visibility of archaeological record and the interpretation of social reality” in HODDER, Ian; SHANKS, Michael; ALEXANDRINI, Alexandra; BUCHILI, Victor; CARMAN, John; LAST, Jonathan e LUCAS, Gavin (ed.) – *Interpreting Archaeology: finding meaning in the past*, Londres e Nova Iorque: Routledge, pp. 194-204.

CRIADO BOADO, Felipe; FÁBREGAS VALCARCE, Ramón e VAQUERO LASTRES, Xacobe (1990/1991) – “Concentraciones de túmulos y vías naturales de acceso al interior de Galicia”, *Portugalia*, Nova Série, vol. XI-XII, Porto, pp. 27-38.

CRUZ, Domingos Jesus (1995) – “Cronologia dos monumentos com *tumulus* do Noroeste Peninsular e da Beira Alta”, *Estudos Pré-Históricos*, III, Viseu, pp. 81-119.

CRUZ, Domingos Jesus (2001) – *O Alto-Paiva: Megalítico, diversidade tumular e práticas rituais durante a Pré-História Recente*, Coimbra: Faculdade de Letras – Universidade de Coimbra (policopiado).

CURADO, Fernando Patrício (1984) – “Uma nova estela do Bronze Final na Beira Alta”, *Arqueologia*, 9, Porto, pp. 81-85.

CURADO, Fernando Patrício (1986) – “Mais uma estela do Bronze Final na Beira Alta (Fóios, Sabugal – Guarda)”, *Arqueologia*, 14, Porto, pp. 103-109.

DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, Marta (2006) – “Materialidad y acción social: el caso de las estelas decoradas y estatuas-menhir durante la Prehistoria peninsular”, *Actas do VIII Congresso Internacional de Estelas Funerárias - Museu Nacional de Arqueologia, 16, 17, 18 de Maio de 2005 – O Arqueólogo Português*, suplemento nº 3, Lisboa, pp. 15-33.

DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, Marta (2008) – “Iconical signs, indexical relations: bronze age stelae and statue-menhirs in the Iberian Peninsula”, *Journal of Iberian Archaeology*, vol. 11, pp. 31-45.

DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, Marta (2010) – *Las estelas decoradas en la Prehistoria de la Peninsula Iberica*, Universidad Complutense de Madrid (tese de doutoramento disponibilizada em ficheiro .pdf).

DOMÍNGUEZ de la CONCHA, C.; GONZÁLEZ BORNAY, J. M. e HOZ de BRAVO, J. (2005) – *Catálogo de estelas decoradas (siglos VIII-V a. C.) del Museo Arqueológico Provincial de Badajoz*, Badajoz: Museo Arqueológico Provincial de Badajoz.

EARLE, Timothy (1997) – *How chiefs come to power: the political economy in Prehistory*, Stanford: Stanford University Press.

ENRÍQUEZ NAVASCUÉS, Juan Javier (1982) – “Dos nuevas estelas de guerreros en el Museo Arqueológico Provincial de Badajoz”, *Revista Museos*, 1, Madrid, pp. 65-68.

ENRÍQUEZ NAVASCUÉS, Juan Javier (1983) – “Una nueva estela y tres asadores de bronce procedentes de los alrededores de Orellana la Vieja (Badajoz)”, *Revista Museos*, 2, Madrid, pp. 9-13.

ENRÍQUEZ NAVASCUÉS, Juan Javier (2006) – “Arqueología rural y estelas del Suroeste (desde la tierra, para la tierra y por la tierra)”, *Cuadernos de Arqueología de la Universidad de Navarra*, 14, pp. 151-175.

ENRÍQUEZ NAVASCUÉS, Juan Javier e CELESTINO PÉREZ, Sebastian (1984) – “Nuevas estelas decoradas en la cuenca del Guadiana”, *Trabajos de Prehistoria*, 41, pp. 237-250.

FIGUEROLA PANIAGUA, Miguel García de (1982) – “Nueva estela decorada del tipo II en San Martín de Trevejo (Cáceres)”, *Zephyrus*, 34-35, pp. 173-180.

GALÁN DOMINGO, Eduardo (1993) – *Estelas, Paisaje y Territorio en el Bronce Final del Suroeste de la Península Ibérica*, Complutum, Extra 3, Madrid: Editorial Complutense.

GALÁN DOMINGO, Eduardo (2004a) – "Noroeste y Suroeste: dos ámbitos para el tránsito", *Actas del Congreso: ámbitos tecnológicos, ámbitos de poder. La transición del Bronce Final-Hierro en la Península Ibérica*, Madrid, pp. 1-14.

GALÁN DOMINGO, Eduardo (2004b) – “Las estelas del suroeste: ¿historias de gentiles damas y poderosos guerreros?” [disponível online em: http://man.mcu.es/museo/JornadasSeminarios/acercandonos_al_pasado/archivos_pdf/gagal.pdf].

GARCÍA SANJUÁN, Leonardo (2006) – “The Warrior Stelae in the Iberian Southwest. Symbols of Power in ancestral landscapes.” [disponível online em : <http://www.scribd.com/doc/15691934/GarciaSanjuan-et-al-2006-bronze-age-warrior-stelae-in-Southern-Spain-en>].

GOMES, Mário Varela (1990/1991) – “O Oriente no Ocidente: testemunhos iconográficos na Proto-história do Sul de Portugal.”, *Revista ICALP*, 22/23, pp. 125-177.

GOMES, Mário Varela (1993) – “O Marco de Anta ou Estela-menir de Caparrosa (Tondela – Viseu)”, *Estudos Pré-Históricos*, vol. I, Viseu: Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta.

GOMES, Mário Varela (1994) – “Proto-história do sul de Portugal” in SILVA, Armando Coelho Ferreira e GOMES, Mário Varela, *Proto-história de Portugal*, Lisboa: Universidade Aberta.

GOMES, Mário Varela (2006) – “A estela de Casal de Insalde (Paredes de Coura)”, *Arqueólogo Português*, série 4, vol. 26, pp. 267-288.

GOMES, Mário Varela e MONTEIRO, Jorge Pinho (1974/1977) – “A Estela-menir decorada da Caparrosa - Beira Alta: nota de descoberta”, *O Arqueólogo Português*, VII-IX, III série, Lisboa, p.89-93.

GOMES, Mário Varela e MONTEIRO, Jorge Pinho (1976/1977) – “As estelas decoradas da Herdade de Pomar (Ervidel – Beja) – estudo comparado”, *Setúbal Arqueológica*, II/III, Setúbal, pp. 281 – 343.

GONÇALVES, Vítor S. (1999) – *Reguengos de Monsaraz: territórios megalíticos*, Lisboa: MNA.

GONZÁLEZ CORDERO, Antonio e ALVARADO GONZALO, Manuel de (1989-1990) – “Nuevas estelas decoradas en Extremadura”, *Norba – Revista de Historia*, 10, pp. 59-66.

GONZÁLEZ LEDESMA, Cándido (2007) – "Nueva estela de guerrero encontrada en el entorno del embalse de Orellana (Orellana de la Sierra, Badajoz) ", *Actas del VIII Congreso de Estudios Extremeños*, Badajoz, pp. 596-611.

HARRISON, Richard (2004) – *Symbols and Warriors: Images of the European Bronze Age*, Bristol: Western Academic & Specialist Press Limited.

JORGE, Susana Oliveira (1991) – “A Idade do Bronze: apontamento sobre a natureza dos dados arqueológicos”, *Revista da Faculdade de Letras*, II série, vol. VIII, Porto: Faculdade de Letras, pp. 385-391.

JORGE, Susana Oliveira [ed.] (1995) – *A Idade do Bronze em Portugal: discursos de poder*, Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.

JORGE, Susana Oliveira (1996/1997) – “Diversidade Regional na Idade do Bronze – visibilidade e opacidade do «registo arqueológico»”, *Portugalia*, Nova Série, vols. XVII-XVIII, pp. 77-96.

JORGE, Susana Oliveira (1999a) – *Domesticar a Terra: as primeiras comunidades agrárias em território português*, Lisboa: Gradiva.

JORGE, Susana Oliveira (1999b) – “Bronze Age Stelai and Menhirs of the Iberian Peninsula: discourses of power” in DEMAKOPOULOU, Katie; ELUÈRE, Christiane; JENSEN, Jørgen; JOCKENHÖVEL, Albrecht, MOHEN, Jean-Pierre (eds.) – *Gods and Heroes of the European Bronze Age*, Londres: Thames & Hudson, pp. 114-122.

JORGE, Susana Oliveira (1999c) – “Cabeço da Mina (Vila Flor, Portugal): A Late Prehistoric Sanctuary with ‘Stelai’ of the Iberian Peninsula” in DEMAKOPOULOU, Katie; ELUÈRE, Christiane; JENSEN, Jørgen; JOCKENHÖVEL, Albrecht, MOHEN, Jean-Pierre (eds.) – *Gods and Heroes of the European Bronze Age*, Londres: Thames & Hudson, pp. 137-141.

JORGE, Vítor Oliveira (1987) – “Megalitismo de Entre-Douro-e-Minho e de Trás-os-Montes (Norte de Portugal): conhecimentos actuais e linhas de pesquisa a desenvolver”, *Revista da Faculdade de Letras*, II série, vol. IV, Porto: Faculdade de Letras, pp. 270-286.

JORGE, Vítor Oliveira, BAPTISTA, António Martinho e GONÇALVES, António A. H. Bacelar (1986) – “Menir de S. Bartolomeu do Mar (Esposende)”, *Boletim Cultural de Esposende*, 9-10, Esposende: Câmara Municipal de Esposende, pp. 13-20.

JORGE, Vítor Oliveira e JORGE, Susana Oliveira (1983) – “Nótula preliminar sobre uma nova estátua-menir no Norte de Portugal”, *Arqueologia*, 7, Porto, pp. 44-81.

JORGE, Vítor Oliveira e JORGE, Susana Oliveira (1990) – “Statues-menhirs et stèles du Nord du Portugal”, *Revista da Faculdade de Letras*, II série, vol. VII, Porto: Faculdade de Letras, pp. 304-313.

JORGE, Vítor Oliveira e JORGE, Susana Oliveira (1993) – “Statues-menhirs et stèles du Nord du Portugal”, *Les Représentations humaines du Néolithique à l’Âge du Fer – actes du 115e Congrès des Sociétés Savantes (Avignon, 1990)*, Paris: C.T.H.S.

KRISTIANSEN, Kristian (1995) – “Value, ranking and consumption in the European Bronze Age” in MILLER, Daniel, ROWLANDS, Michael e TILLEY, Christopher (ed.) – *Domination and Resistance*, Londres e Nova Iorque: Routledge.

KRISTIANSEN, Kristian e LARSSON, Thomas (2006) – *La emergencia de la sociedad del Bronce: viajes, transmisiones y transformaciones*, Barcelona: Bellaterra Arqueología.

LEMOS, Francisco de Sande e BAPTISTA, António Martinho (1995/96) – “Estudo de um troço da Via XVIII do Itinerário de Antonino na Serra do Gerês (Geira Romana)”, *Cadernos de Arqueologia*, série II, 12-13, pp. 113-133.

LOPES, António Baptista; SILVA, Armando Coelho; PARENTE, João Ribeiro; CENTENO, Rui M. S. (1994) – “A estátua-estela do Marco (Vreia de Jales, Vila Pouca de Aguiar)”, *Portugalia*, 15, Porto, pp. 147-150.

LÓPEZ PLAZA, Maria Socorro, SEVILLANO JOSÉ, Maria Cármen e GRANDE DEL BRÍO, Ramón (1996) – “Estatua-menhir de Tremedal de Tormes (Salamanca)”, *Zephyrus*, 49, Salamanca, pp. 295-303.

MARTÍN BENITO, José Ignacio (2009) – “Hallazgo arqueológico en El Rebollar – una estela de la Edad del Bronce en Robleda (Salamanca)” [publicado *on-line* em:

<http://patrimoniodecastillayleon.blogspot.com/2009/11/hallazgo-arqueologico-en-el-rebollar.html>].

MORENO ARRASTIO, Francisco José (1995) – "La estela de Arroyo Manzanas (Las Herencias II, Toledo)", *Gerión*, nº 13, Madrid: Servicio de Publicaciones de la Universidad Complutense, pp. 275-294.

MORENO ARRASTIO, Francisco José (1998) – "Sobre la obviedad, las estelas decoradas y sus agrupaciones", *Gerión*, nº 16, Madrid: Servicio de Publicaciones de la Universidad Complutense, pp. 49-84.

OLIVEIRA, J. (1995) – "A Estela Decorada da Tapada da Moita" in JORGE, Susana de Oliveira (ed.) – *A Idade do Bronze em Portugal: discursos de poder*, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia, pp.100-101.

PANOFF, Michel e PERRIN, Michel (1973) – *Dicionário de Etnologia*, Lisboa: Edições 70.

PARREIRA, Rui (1998) – "As arquitecturas como factor de construção da paisagem na Idade do Bronze do Alentejo interior" in JORGE, Susana de Oliveira (ed.) – *Existe um Idade do Bronze Atlântico?*, Lisboa: IPA, pp. 267 – 273.

PERICOT, Luis (1951) – "Nuevos aspectos del problema de las estelas grabadas extremeñas", *Zephyrus*, 2, pp. 83-88.

PELLICER CATALÁN, Manuel (2000) – "El proceso orientalizante en el occidente Ibérico", *Huelva Arqueológica*, nº 16, pp. 89-134.

PINTO, Dulcineia (2005) – "Notas para a caracterização da estação do Puio – Picote, Miranda do Douro", *Portugalia*, Nova Série, vol. XXVI, pp. 77-112.

PORTELA HERNANDO, D. e JIMÉNEZ RODRIGO, J. C. (1996) – "Una nueva estela de guerrero: La estatua-menhir-estela de guerrero de Talavera de la Reina", *Revista de Arqueología*, 188, pp. 36-43.

RENFREW, Colin e BAHN, Paul (2004) – *Archaeology: theories, methods and practice*, Londres: Thames & Hudson, 4ª edição (1ª edição – 1991).

ROBB, John (2009) – "People of Stone: stelae, personhood, and society in pre-historic Europe", *Journal of Archaeological Method and Theory*, 16, Springer Netherlands, pp. 162-183.

RODRIGUES, A. V. (1958) – "Novos elementos para o estudo da Idade do Bronze. A estela de Meimão.", *Studium Generale*, vol. V, pp. 5-10.

RODRIGUES, A. V. (1966) – "Termas de Meda", *Enciclopédia Luso-Brasileira*, vol. IV, Verbo, pp. 89-96.

ROMERO CARNICEIRO, Fernando (1981) – "La estatua-menhir de Villar del Ala. Nuevos datos para su estudio", *Numantia*, I, pp. 17-23.

ROSSO DE LUNA, Mario (1898) – "Lápida sepulcral de Solana de Cabañas, en el partido de Logrosán (Cáceres)", *Boletín de la Real Academia de la Historia*, tomo 32, III, Madrid, pp. 179-182.

ROWLANDS, Michael (1994) – "From 'the Gift' to Market Economies: the ideology and politics of European Iron Age Studies" in KRISTIANSEN, Kristian e JENSEN, Jorgen (ed.) – *Europe in the First Millenium B.C.*, JR Collis Publications, Sheffield, p. 1-5.

RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, Marisa (1995) – "Depositos del Bronce Final: ¿Sagrado o profano? ¿Sagrado y, a la vez, profano?" in RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, Marisa (ed.) – *Ritos de Paso y Puntos de Paso: la ría de Huelva en el mundo del Bronce Final Europeo*, Madrid: Servicio de Publicaciones de la Universidad Complutense, pp. 21-32.

RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, Marisa e GALÁN DOMINGO, Eduardo (1991) – "Las estelas del Suroeste como hitos de vías ganaderas y rutas comerciales", *Trabajos de Prehistoria*, 48, Madrid, pp. 257-273.

SAMPAIO, Jorge Davide (2007) – "A estela antropomórfica do Castro de Barrega (Borba da Montanha, Celorico de Basto, Braga)", *Conimbriga*, XLVI, pp. 53-71.

SANCHES, Maria de Jesus (1985) – "A Mamoa 3 de Pena Mosqueira, Sanhoane (Mogadouro)", *Arqueologia*, 15, Porto, pp. 94-115.

SANCHES, Maria de Jesus e JORGE, Vítor Oliveira (1987) – "A «estátua-menir» da Bouça (Mirandela)", *Arqueologia*, 16, Porto, pp. 78-82.

SANTONJA GÓMEZ, M. e SANTONJA ALONSO, M. (1978) – "La estatua-menhir de Valdefuentes de Sangusín (Salamanca)", *Boletín Informativo de la Asociación Española de Amigos de la Arqueología*, 10, pp. 19-24.

SANTOS, André Tomás (2008) – "O Sabugal no contexto da Pré-história da Beira Interior", *Museu do Sabugal - Coleção Arqueológica*, Sabugal, pp. 11-25.

SANTOS, Maria João (2009) – "Estelas diademadas: revisão de criterios de clasificación", *Herakleion*, 2, pp. 7-40.

SANTOS JÚNIOR, Joaquim Rodrigues dos (1975) – "A cultura dos berrões no Nordeste de Portugal", *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. XXII, fasc. 4, Porto, pp. 353-516.

SAYANS CASTAÑOS, Marceliano (1966) – "Estela de guerrero céltico de Segura de Toro (Cáceres) y otros hallazgos", *IX Congreso Nacional de Arqueología*, pp. 206-209.

SEVILLANO SAN JOSÉ, Maria del Carmen (1974) – "Un nuevo ídolo de la Edad del Bronce aparecido en Robledillo de Gata (Cáceres)", *Zephyrus*, 25, pp. 145-150.

SEVILLANO SAN JOSÉ, Maria del Carmen (1977/1978) – "Noticia de un grabado en las Erias (Cáceres)", *Zephyrus*, 28-29, pp. 229-233.

SEVILLANO SAN JOSÉ, Maria del Carmen (1982) – "Un nuevo hallazgo en Extremadura: el ídolo-estela de El Cerezal", *Zephyrus*, 34-35, pp. 165-171.

SEVILLANO SAN JOSÉ, Maria del Carmen (1991) – "Conexiones de las estelas antropomorfas salmantinas y extremeñas. Análisis de nuevos datos para su estudio en la provincia de Salamanca", *Del Paleolítico a la Historia*, Salamanca: Museu de Salamanca, pp. 99-116.

SILVA, Armando Coelho Ferreira da (2007) – *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*, Paços de Ferreira, 2ª edição (1ª edição – 1986).

SILVA, Eduardo Lopes da (1993) – "Représentations humaines sur deux monuments mégalithiques de la région Nord du Portugal", *Les Représentations humaines du Néolithique à l'Âge du Fer – actes du 115e Congrès des Sociétés Savantes (Avignon, 1990)*, Paris: C.T.H.S.

SILVA, Eduardo Lopes da (2003) – "Novos dados sobre o megalitismo do Norte de Portugal", *Muitas Antas, Pouca Gente? Origens e Espaços do Megalitismo – Actas do II Colóquio Internacional sobre Megalitismo*, pp. 269-279.

SILVA, Marcos Daniel Osório da (2000) – "Estátua-menir de A-de-Moura (Santana de Azinha, Guarda)", *Estudos Pré-Históricos*, VIII, Viseu, pp. 229-236.

SOUSA, Orlando (1996) - *Estatuária Antropomórfica Pré e Proto-histórica do Norte de Portugal*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

TAVARES, Higinio (2002) – "Vale da Vilariga", *Catálogo Museu do Ferro e da Região de Moncorvo*, vol. 1, Torre de Moncorvo, p. 162.

TOMÁS MUÑOZ, Juan (2009) – “La estela de Robleda” [publicado *on-line* em: <http://patrimoniodecastillayleon.blogspot.com/2009/12/la-estela-de-robleda.html>].

VALIENTE, J. y PRADO, S. (1977/1978) – “Estelas decoradas de Aldea del Rey (Ciudad Real)”, *Archivo Español de Arqueología*, 50-51, Madrid, pp. 375-386.

VAQUERIZO GIL, D. (1985) – “Dos nuevas estelas de guerrero en la provincia de Badajoz”, *XVII Congreso Nacional de Arqueología (Logroño, 1983)*, Zaragoza, pp. 465-472.

VASCONCELOS, José Leite de (1910) – “Esculturas pré-históricas do Museu Etnológico Português”, *Arqueólogo Português*, série 1, vol. 15, n.º. 1-12, pp. 31-39.

VIANA, Abel (1958) – “A Cova da Moura, Carreço (Caminha)”, *Actas do I Congresso Nacional de Arqueologia*, pp. 481-497.

VILAÇA, Raquel (1995) – *Aspectos do Povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos Finais da Idade do Bronze*, Trabalhos de Arqueologia, 9, Lisboa: IPPAR.

VILAÇA, Raquel (1998) – “Hierarquização e conflito no Bronze Final da Beira Interior” in JORGE, Susana de Oliveira (ed.) – *Existe um Idade do Bronze Atlântico?*, Lisboa: IPA, pp. 203 – 217.

VILAÇA, Raquel (2004) – “O monte de S. Martinho, Castelo Branco, na Idade do Bronze”, *Arqueologia: coleções de Francisco Tavares Proença Júnior*, Castelo Branco, pp. 54-61.

VILAÇA, Raquel (2007a) – *Depósitos de bronze do território português: um debate em aberto*, Conimbriga, anexos 5, Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

VILAÇA, Raquel (2007b) – “Todos os caminhos vão dar ao Ocidente: trocas e contactos no Bronze Final”, *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 15, Oeiras, pp. 135-154.

VILAÇA, Raquel (2008a) – “A Proto-História no Museu do Sabugal”, *Museu do Sabugal - Coleção Arqueológica*, Sabugal, pp. 39-51.

VILAÇA, Raquel (2008b) – *Através das Beiras: Pré-História e Proto-História*, Coimbra: Palimage.

VILAÇA, Raquel (2009) – “Pré e Proto-história. Celorico antes dos Romanos”, AA. VV., *Celorico da Beira Através da História*, Câmara Municipal de Celorico da Beira / Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

VILAÇA, Raquel; CRUZ, Domingos Jesus; SANTOS, André Tomás; MARQUES, João Nuno (2001) – “A Estátua-menir de ‘Ataúdes’ (Figueira de Castelo Rodrigo, Guarda) no seu contexto regional”, *Estudos Pré-Históricos*, vol. IX, Viseu: Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta, pp. 69-82.

VILAÇA, Raquel; OSÓRIO, Marcos e SANTOS, André Tomás (no prelo) – “Nova peça insculturada da região raiana do Sabugal (Beira Interior, Portugal): uma primeira abordagem”, *Actas das IV Jornadas Raianas – Estelas e estátuas-menires: da Pré à Proto-história (23 e 24 de Outubro de 2009, Sabugal)*, Sabugal: Museu do Sabugal.

VILAÇA, Raquel; SANTOS, André Tomás e GOMES, Sofia Melo (no prelo) – “As estelas de Pedra da Atalaia (Celorico da Beira, Guarda) no seu contexto geoarqueológico”, *Actas das IV Jornadas Raianas – Estelas e estátuas-menires: da Pré à Proto-história (23 e 24 de Outubro de 2009, Sabugal)*, Sabugal: Museu do Sabugal.

VILAÇA, Raquel; SANTOS, André Tomás e MARQUES, João Nuno (2004) – “O monte de S. Martinho na Idade do Bronze: Estátua-menir-76, Estátua-menir-77 e Menir-78”, *Arqueologia: Coleções de Francisco Tavares Proença Júnior*, Castelo Branco, pp. 159-165.

VILAÇA, Raquel; SANTOS, André Tomás; MARQUES, João Nuno (no prelo) – “As Estelas do Baraçal, Sabugal (Beira Interior, Portugal)”, *Actas das IV Jornadas*

Raianas – Estelas e estátuas-menires: da Pré à Proto-história (23 e 24 de Outubro de 2009, Sabugal), Sabugal: Museu do Sabugal.

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Estelas e Estátuas-menires

no Centro e Norte de Portugal e Sudoeste da
Meseta Superior

Vol. II

António Martino Venhuizen Correia

2010

Faculdade de Letras
Universidade de Coimbra

Estelas e Estátuas-menires

no Centro e Norte de Portugal e Sudoeste da Meseta Superior

ANEXOS

Catálogo e Cartografia

António Martino Venhuizen Correia

2010

Faculdade de Letras

Universidade de Coimbra

Índice Onomástico

A-de-Moura – p.111
Afiŕe – p.15
Agallas – p.117
Aldeia Velha – p.151
Alij3 K – p.36
Alto da Escrita – p.83
Arrocerezo – p.126
Ataúdes – p.87
Baraçal I – p.153
Baraçal II – p.155
Bouça – p.29
Boulhosa – p.8
Cabeço da Mina I – p.42
Cabeço da Mina II – p.44
Cabeço da Mina III – p.46
Cabeço da Mina IV – p.48
Cabeço da Mina V – p. 50
Cabeço da Mina VI – p. 51
Cabeço da Mina VII – p. 52
Cabeço da Mina VIII – p.54
Cabeço da Mina IX – p.56
Cabeço da Mina X – p.57
Cabeço da Mina XI – p.59
Cabeço da Mina XII – p.60
Cabeço da Mina XIII – p.62
Cabeço da Mina XIV – p.63
Cabeço da Mina XV – p.64
Cabeço da Mina XVI – p.65
Cabeço da Mina XVII – p.66
Cabeço da Mina XVIII – p.67
Cabeço da Mina XIX – p.69
Cabeço da Mina XX – p.70
Cabeço da Mina XXI – p.72
Cambroncino – p.127
Caparrosa – p.97
Casal de Insalde – p.10
Castro da Barrega – p.21
Chaves – p.26
Chão do Brinco – p.95
Ciudad Rodrigo I – p.113
Ciudad Rodrigo II – p.115
Corgas – p.173
Cova da Moura – p.14
El Cerezal I – p.119
El Cerezal II – p.121
Ermida – p.12
Faiões – p.24

Fóios – p.159
Guadalperal – p.168
Hernán Pérez – p.145
Hernán Pérez I – p.131
Hernán Pérez II – p.133
Hernán Pérez III – p.135
Hernán Pérez IV – p.137
Hernán Pérez V – p.139
Hernán Pérez VI – p.141
Hernán Pérez VII – p. 143
Jarandilla – p.167
La Cerca I – p.170
La Cerca III – p.172
Lameira – p.19
Longroiva – p.85
Los Santos – p.109
Marco – p.31
Meimão – p.161
Moncorvo – p.78
Orca dos Padrões – p.105
Pedra da Atalaia I – p.147
Pedra da Atalaia II – p. 149
Pena Mosqueira 3 I – p.37
Pena Mosqueira 3 II – p.39
Pena Mosqueira 3 III – p.40
Pena Mosqueira 3 IV – p.41
Quinta de Vila Maior – p.76
Quinta do Couquinho – p.74
Riomalo de Abajo – p.124
Robleda – p.157
Robledillo de Gata – p.129
S. Bartolomeu do Mar – p.17
S. João de Ver – p.92
S. Martinho I – p.175
S. Martinho II – p.177
S. Martinho III – p.180
San Martín de Trevejo – p.163
Santa Luzia I – p.80
Santa Luzia II – p.82
Segura de Toro – p.165
Serra da Nave I – p.101
Serra da Nave II – p.103
Tremedal de Tormes – p.89
Valdefuentes de Sangusín – p.107
Vilarinho de Samardã I – p.33
Vilarinho de Samardã II – p.35

Catálogo de monumentos

Introdução ao Catálogo

O presente catálogo de estelas e estátuas-menires do Centro e Norte de Portugal e Sudoeste da Meseta Superior foi elaborado de forma que os monumentos apareçam ordenados de Norte para Sul. Cada entrada contemple doze tópicos fundamentais. Estes tópicos são aqui discriminados e o seu sentido explicitado:

Figura: Será apresentado um desenho ou fotografia do monumento em questão. Aquando da existência de diferentes levantamentos, e nos casos em que tal se justifique (como, por exemplo, se estes possuírem diferenças significativas entre si) poderá ser apresentado mais do que um desenho.

Tipo: Classificação da peça quanto à sua tipologia: estela, estela-menir, ídolo-estela, estátua-menir. Devido à grande heterogeneidade morfológica que os exemplares testemunham, nalguns casos concretos a sua inserção numa ou noutra categoria pode revelar-se problemática e discutível (cada um destes conceitos está definido na introdução do trabalho).

- Estela
- Estela-menir
- Ídolo-estela
- Estátuas-menires

Localização: Localização do sítio onde foi identificada a peça, indicando o topónimo e as divisões administrativas em que se insere. São também fornecidas, sempre que possível, as coordenadas geográficas (WGS84).

Enquadramento geo-morfológico: Nos casos em que tal for possível, apresentar-se-á uma breve contextualização sobre as condições geográficas da zona onde apareceu a peça, tendo particular atenção a factores como a orografia ou a hidrografia.

Medidas: Enunciação das dimensões (máximas e/ou médias) em metros da peça, nomeadamente, altura, largura e espessura.

Suporte: Identificação do tipo de rocha utilizado na realização do monumento, assim como uma breve e genérica caracterização morfológica do mesmo.

Condições de achado: Circunstâncias em que se deu a identificação da peça.

Conservação: Caracterização do estado de conservação do monumento.

Técnica: Técnicas utilizadas na representação dos motivos figurados.

Motivos: Descrição detalhada dos motivos representados na peça. Ao identificar a posição dos motivos na peça, são usados os seguintes conceitos: “anverso” para a face que se depara ao observador; “reverso” para a face oposta; “esquerda” para o lado esquerdo do monumento; “direita” para o lado direito do monumento. De notar que quando se referem os lados “esquerdo” e “direito” estes correspondem (salvo indicação contrária) aos lados esquerdo e direito da própria peça a partir do anverso, e não do observador.

Cronologia: Proposta de enquadramento cronológico para a peça.

Paradeiro: Localização actual da peça.

Bibliografia: Principais referências bibliográficas. Em vez de se encontrarem listadas segundo a ordem habitual (por apelido do autor em ordem alfabética), irão ser ordenadas por data de publicação, dando assim uma melhor ideia da diacronia da produção bibliográfica sobre as peças.

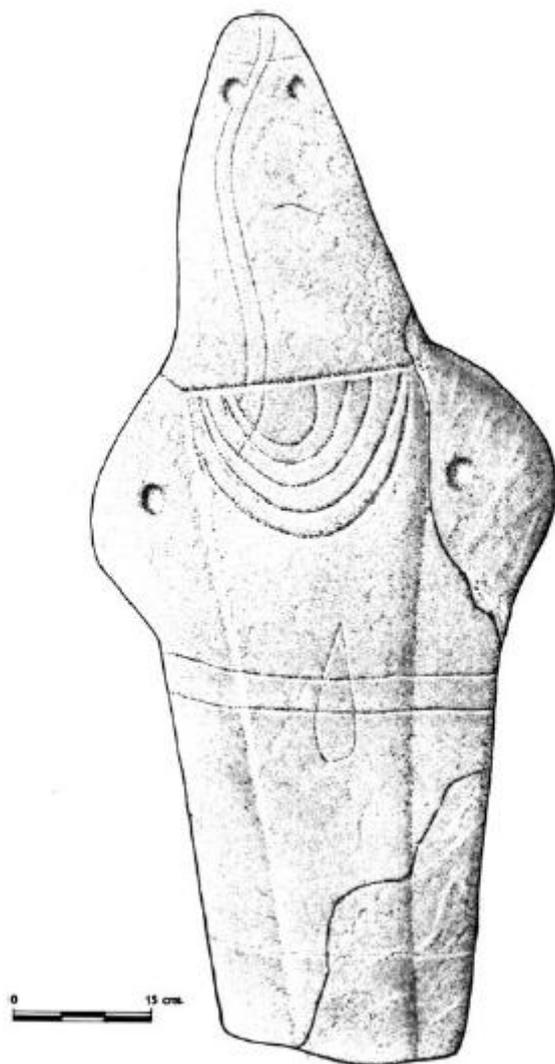
As peças deste catálogo estarão organizadas segundo as zonas geográficas em que estão inseridas. Definem-se, para efeitos do presente trabalho, quatro zonas:

- I. Entre Douro e Minho: zona mais litoral do Norte de Portugal, tendo como limites o Rio Douro (a Sul), o Rio Minho (a Norte), a Oeste a linha de costa atlântica e a Este o sistema montanhoso formado pelas serras do Gerês, Cabeceira, Alvão e Marão. Apresenta assim uma correspondência quase exacta com os limites administrativos dos distritos de Viana do Castelo, Braga e Porto.
- II. Trás-os-Montes e Alto Douro: zona mais interior do Norte de Portugal; os limites definidos para esta zona consituem-se, a Sul, pelas margens do Rio Douro, prolongando-se pelo Norte da Beira Interior (até à Serra da Marofa); a Oeste a cadeia montanhosa formada pelas serras do Gerês, Cabeceira, Alvão e Marão; a Norte e o limite é estabelecido pela fronteira nacional entre Portugal e Espanha; a Este decidiu-se englobar a região de Tremedal de Tormes (Salamanca), localizada na Meseta Superior, perto do Rio Douro. Corresponde assim, *grossa modo*, aos actuais distritos de Vila Real e Bragança.
- III. Beira Central: zona central de Portugal, correspondendo sensivelmente ao distrito de Viseu. É delimitada a Norte pelo Rio Douro, enquanto o Rio Mondego define o limite meridional. A Sudeste, a Serra da Estrela (e os relevos na sua órbita) separam a Beira Central da Beira Interior; igual papel desempenha, a Este, o complexo de relevos a ocidente do Rio Távora, como as serras da Lapa e de Leomil. A Oeste a fronteira desta região desenhar-se-á pela linha de relevos composta pelas serras de Montemuro, Arada e do Caramulo. Note-se que se optou por incluir nesta área o monumento de S. João de Ver (Santa Maria da Feira), apesar de este se situar, em rigor, já na Beira Litoral.
- IV. Centro e Sul da Beira Interior e Serra de Gata: zona na órbita do Sudoeste da Meseta Superior, compreendendo os distritos portugueses de Guarda e Castelo Branco, prolongando-se a parte da Meseta Superior espanhola e Norte de Cáceres. Engloba assim os monumentos na órbita da Cordilheira Central, tendo como limite meridional o Rio Tejo.

I – Entre Douro e Minho

- 1 – Boulhosa
- 2 – Casal de Insalde
- 3 – Ermida
- 4 – Cova da Moura
- 5 – Afife
- 6 – S. Bartolomeu do Mar
- 7 – Lameira
- 8 – Castro da Barrega

1 – Boulhosa



(BUENO RAMÍREZ *et al.*, 2005)

Tipo: Estátua-menir

Localização: Serra da Boulhosa, Monção / Paredes de Coura (Viana do Castelo).

Enquadramento geo-morfológico: A Serra da Boulhosa apresenta-se como um planalto no Alto Minho, zona predominantemente granítica.

Medidas: 1,12 m de altura; 0,54 m de largura máxima; 0,08 m de espessura máxima.

Suporte: Laje antropomorfizada de granito.

Condições de achado: Após ter sido informado da existência desta estátua-menir na Serra da Boulhosa (que teria aparecido perto de um *dolmen*), Leite de Vasconcelos visitou o monumento a 23 de Agosto de 1905, tendo tratado imediatamente de o enviar para Lisboa, para o então Museu Etnológico Português.

Conservação: As partes fracturadas (ver desenho) foram encontradas separadas do monumento, tendo sido posteriormente restauradas no Museu. O restauro fez-se através da colagem com gesso dos fragmentos, tendo-se depois pintado o gesso com uma tonalidade semelhante à da pedra.

Técnica: Gravação em laje antropomorfizada e utilização de relevo.

Motivos:

- Cabeça: A cabeça da figura apresenta-se talhada com uma forma sub-triangular, com duas covinhas perto do topo, representando talvez os olhos. De notar ainda duas linhas paralelas serpenteantes, que passam junto ao olho direito da figura e descem até ao colar.
- Colar: No “pescoço” (representado por um sulco horizontal) do monumento está representado um colar múltiplo, constituído por cinco linhas tendencialmente semi-circulares e concêntricas.
- Seios (?): O corpo da estátua está representado em relevo, enquanto para ambos os lados saem dois “apêndices”, representando os ombros. Em ambos os ombros encontramos uma covinha, o que pode ser interpretado como uma representação muito esquemática dos seios, segundo o publicador (VASCONCELOS, 1910: 32).
- Cinturão: A meio do monumento estão desenhadas duas linhas paralelas e horizontais, figurando provavelmente um cinto / cinturão.
- Arma: No levantamento apresentado em BUENO RAMÍREZ *et al.*, 2005, identificou-se a meio do cinturão uma forma que aparenta ser uma lâmina, talvez de uma faca ou punhal.

Cronologia: Calcolítico – Bronze Médio.

Paradeiro: Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa.

Bibliografia:

VASCONCELOS, José Leite de (1910) – “Esculturas pré-históricas do Museu Etnológico Português”, *Arqueólogo Português*, série 1, vol. 15, nº. 1-12, pp. 31-39.

ARNAL, Jean (1976) – *Les Statues-menhirs, hommes et dieux*, Toulouse: Editions des Hespérides.

JORGE, Vítor Oliveira e JORGE, Susana Oliveira (1990) – “Statues-menhirs et stèles du Nord du Portugal”, *Revista da Faculdade de Letras*, II série, vol. VII, Porto: Faculdade de Letras, pp. 304-313;

JORGE, Vítor Oliveira e JORGE, Susana Oliveira (1993) – “Statues-menhirs et stèles du Nord du Portugal”, *Les Représentations humaines du Néolithique à l'Âge du Fer – actes du 115e Congrès des Sociétés Savantes (Avignon, 1990)*, Paris: C.T.H.S.

BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo e BARROSO BERMEJO, Rosa (2005) – “Hiérarchisation et métallurgie: statues armées dans la Péninsule Ibérique” *L'Anthropologie*, vol. 109, n.º 4, pp. 577-640.

2 – Casal de Insalde



(GOMES, 2006)

Tipo: Estela

Localização: Casal, Insalde, Paredes de Coura (Viana do Castelo) - 41° 56' 45" Lat. N; 8° 32' 12" Long. W.

Enquadramento geo-morfológico: A freguesia de Insalde (a 15 km a Noroeste de Ponte de Lima) caracteriza-se por um relevo relativamente acidentado, variando entre os 500 e os 600 m de altitude, sendo circunscrita a Norte pelo Rio Minho e a Sul pelo Rio Lima. A localidade de Insalde está localizada no sopé da Serra da Boulhosa, na confluência de diversos cursos de água de pequena dimensão, que depois se juntam no Ribeiro da Pantanha.

Medidas: 1,75 m de altura; 0,76 m de largura máxima; 0,19 m de espessura máxima.

Suporte: Laje de granito.

Condições de achado: Foi encontrado num campo de milho no lugar de Casal, perto de Insalde, tendo depois sido o monumento oferecido a Leite de Vasconcelos, que o depositou no então Museu Ethnológico Português.

Conservação: Em boas condições de conservação.

Técnica: Gravação profunda por percussão (indirecta), seguida de abrasão. A superfície da metade superior do monumento (a única a apresentar decoração) foi previamente preparada.

Motivos:

- Banda superior: No topo do monumento, ocupando toda a largura do anverso, aparece uma banda horizontal que, sendo estreita (14 cm de altura), é bastante rica em termos decorativos. É tripartida em secções de cerca de 21 cm (que Mário Varela Gomes acredita ser a unidade métrica que estrutura todo o monumento – GOMES, 2006, p. 271). Na zona central aparece uma representação de uma face humana. Esta é constituída por dois círculos (olhos) e por uma forma vertical alongada (nariz). A face (provavelmente num momento posterior aos motivos geométricos) não se encontra perfeitamente centrada e é ladeada por duas composições relativamente simétricas, constituída por linhas angulosas que circunscrevem aquilo que parecem ser armas. Tratar-se-ão talvez de dois machados ou de um machado e uma enxó. Sobre a face foram ainda gravadas quatro covinhas (com um diâmetro máximo de 2,5 cm), numa disposição cruciforme. Estas covinhas terão sido o último elemento a ser gravado.
- Rectângulos: A metade superior do monumento é marcada por um conjunto de quinze rectângulos concêntricos, medindo o conjunto 84 cm de altura e 63 cm de largura e apresentando um intervalo médio de 2 cm entre si. Esta composição, que ocupa 80% da metade superior da estela, teria sido o primeiro motivo a ser gravado na estela.

Cronologia: Neolítico Final.

Paradeiro: Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa.

Bibliografia:

VASCONCELOS, José Leite de (1910) – “Esculturas pré-históricas do Museu Etnológico Português”, *Arqueólogo Português*, série 1, vol. 15, nº. 1-12, pp. 31-39.

JORGE, Vítor Oliveira e JORGE, Susana Oliveira (1990) – “Statues-menhirs et stèles du Nord du Portugal”, *Revista da Faculdade de Letras*, II série, vol. VII, Porto: Faculdade de Letras, pp. 304-313.

JORGE, Vítor Oliveira e JORGE, Susana Oliveira (1993) – “Statues-menhirs et stèles du Nord du Portugal”, *Les Représentations humaines du Néolithique à l'Âge du Fer – actes du 115e Congrès des Sociétés Savantes (Avignon, 1990)*, Paris: C.T.H.S.

GOMES, Mário Varela (2006) – “A estela de Casal de Insalde (Paredes de Coura)”, *Arqueólogo Português*, série 4, vol. 26, pp. 267-288.

3 – Ermida



(BAPTISTA, 1985)

Tipo: Estátua-menir

Localização: Ermida, Ponte da Barca (Viana do Castelo) - 41° 49' 14" Lat. N; 8° 15' 24" Long. W.

Enquadramento geo-morfológico: A aldeia da Ermida, onde foi encontrada a peça, localiza-se na margem de um planalto da Serra Amarela, a cerca de 500 m de altitude. Imediatamente a Norte o relevo desce abruptamente (numa encosta em socalcos) para um profundo vale onde corre o rio de Froufe, enquanto a Oeste / Sul o planalto é definido pelo ribeiro de Carcerelha. A vegetação local é predominantemente rasteira, excepto junto aos cursos de água. A conjugação de diversos factores geo-morfológicos e sociais levou a que, até ao final do séc. XX, a economia local se continuasse a basear, essencialmente, na actividade pastorícia (gado bovino e ovicaprino).

Medidas: 1,50 m de altura; 0,45 m de largura máxima; 0,29 m de espessura máxima.

Suporte: Bloco granítico de grão médio e cor clara.

Condições de achado: O monumento foi identificado em 1981 por António Martinho Baptista (após informação de Henrique Barreto Nunes), incorporado numa parede sem argamassa na aldeia da Ermida. Apesar de não estar, claramente, no seu contexto original, é provável que a estátua não tivesse vindo de muito longe. Por um lado, o tipo de granito assemelha-se aos granitos locais. Por outro lado, o transporte de grandes cargas a longas distâncias, pelos carreiros serranos locais, não seria muito fácil. De lembrar que em inícios do séc. XX, aquando do transporte para Ponte da Barca de uma peça identificada na região (conhecida como Pedra dos Namorados), Rocha Peixoto classificou tal tarefa como “empresa memorável” (segundo BAPTISTA, 1985:14).

Conservação: A peça está completa, genericamente em boas condições de conservação.

Técnica: Gravação larga e profunda, por picotagem e posterior alisamento, em bloco antropomorfizado com o anverso alisado.

Motivos: Apenas o anverso do monumento se encontra decorado.

- Cabeça: No topo do monumento aparece a cabeça da figura, polida e arredondada. A face da figura é delimitada na parte superior por um semi-círculo, sob o qual dois pequenos pontos representam os olhos. De ambos os lados dos olhos, pequenas incisões representam as orelhas. O nariz, alongado, arranca dos olhos e termina junto a um pequeno traço, representando a boca. A face da figura é limitada por uma profunda incisão em “V”, representando o queixo.
- Peito: O terço mesial da estátua apresenta também decoração, ao contrário da base. É, efectivamente, a parte do monumento mais profusamente decorada. Na parte superior do peito, onde se adivinha o início dos braços, estão desenhados dois seios, dando a esta estátua uma conotação feminina. Cada um dos seios é composto por dois círculos concêntricos com uma covinha no centro. No meio dos seios passa uma incisão vertical, terminando esta num traço horizontal que separa o peito da base. O seio direito é enquadrado na parte superior por um arco. Por baixo de ambos aparecem duas incisões sub-horizontais, sugerindo talvez braços. Sob estas linhas o anverso da estátua está totalmente decorado com motivos “em dupla espinha” (veste curta / cinturão? Pinturas corporais / tatuagens?).

Cronologia: Calcolítico Final / Bronze Inicial.

Paradeiro: Museu da Ermida (Ermida, Ponte da Barca).

Bibliografia:

BAPTISTA, António Martinho (1982) – “A estátua-menir feminina de Ermida (Ponte de Barca)”, *Arqueologia*, vol. 5, Porto, pp. 67-69.

BAPTISTA, António Martinho (1985) – “A estátua-menir da Ermida (Ponte da Barca, Portugal)”, *O Arqueólogo Português*, III, IV série, Lisboa, p.7-44.

JORGE, Vítor Oliveira e JORGE, Susana Oliveira (1990) – “Statues-menhirs et stèles du Nord du Portugal”, *Revista da Faculdade de Letras*, II série, vol. VII, Porto: Faculdade de Letras, pp. 304-313.

JORGE, Vítor Oliveira e JORGE, Susana Oliveira (1993) – “Statues-menhirs et stèles du Nord du Portugal”, *Les Représentations humaines du Néolithique à l'Âge du Fer – actes du 115e Congrès des Sociétés Savantes (Avignon, 1990)*, Paris: C.T.H.S.

JORGE, Susana de Oliveira [ed.] (1995) – *A Idade do Bronze em Portugal: discursos de poder*, Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.

4 - Cova da Moura

[Sem Imagem]

Tipo: Estátua-menir

Localização: Cova da Moura, Carreço, Caminha (Viana do Castelo) – 41° 48' 11" Lat. N; 8° 50' 19" Long. W.

Enquadramento geo-morfológico: O sítio de Aspra fica localizado a quase 8 km a Sul de Caminha, nas margens do Rio Âncora e numa zona de vale aberto e plano.

Medidas: 0,65 m de altura; 0,60 m de largura; 0,34 m de grossura.

Suporte: Laje antropomorfizada em granito.

Condições de achado: Encontrada num túmulo megalítico, durante escavações efectuadas nos anos 30 do séc. XX, cujo espólio recolhido permite associar a um ritual de incineração do Bronze Final.

Conservação:

Técnica: Gravação e talhe.

Motivos: A laje foi talhada de forma a alcançar-se uma configuração antropomórfica, com cabeça e ombros. A peça apresentaria depois gravados os olhos, nariz, boca e braços, estando estes cruzados à altura do seio esquerdo (sexo feminino?).

Cronologia: Neolítico / Calcolítico (?).

Paradeiro: Não existe informação.

Bibliografia:

VIANA, Abel (1958) – “A Cova da Moura, Carreço (Caminha)”, *Actas do I Congresso Nacional de Arqueologia*, pp. 481-497.

DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, Marta (2010) – *Las estelas decoradas en la Prehistoria de la Peninsula Iberica*, Universidad Complutense de Madrid (tese de doutoramento em ficheiro .pdf), catálogo: nº 45.

5 – Afife



(SILVA, 1993)

Tipo: Estela

Localização: Afife, Ereira (Viana do Castelo) – 41° 46' 18" Lat. N; 8° 52' 12" Long. W.

Enquadramento geo-morfológico: O *dolmen* onde a peça se integra localiza-se a cerca de 400 m da costa.

Medidas: cerca de 3 m de altura; 0,75 m de largura.

Suporte: Laje de granito.

Condições de achado: O monumento (laje 6) serve de esteio no *dolmen* de Ereira / Afife, identificado através de escavação recente do sítio.

Conservação: Os motivos estão algo deteriorados.

Técnica: Gravação.

Motivos: No centro da laje aparece representado um antropomorfo estilizado, ocupando quase toda a superfície. As mãos conservam-se parcialmente; cada uma parece ter seis dedos.

Cronologia: Neolítico /Calcolítico.

Paradeiro: *In situ*.

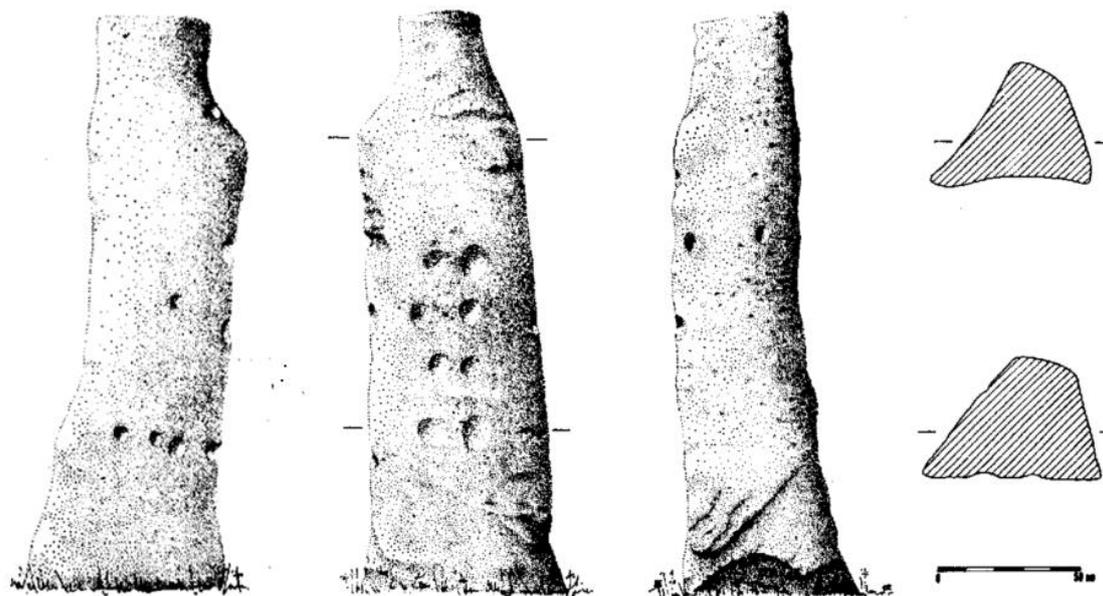
Bibliografia:

SILVA, Eduardo Lopes da (1993) – “Représentations humaines sur deux monuments mégalithiques de la région Nord du Portugal”, *Les Représentations humaines du Néolithique à l'Âge du Fer – actes du 115e Congrès des Sociétés Savantes (Avignon, 1990)*, Paris: C.T.H.S.

SILVA, Eduardo Lopes da (2003) – “Novos dados sobre o megalitismo do Norte de Portugal”, *Muitas Antas, Pouca Gente? Origens e Espaços do Megalitismo – Actas do II Colóquio Internacional sobre Megalitismo*, pp. 269-279;

DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, Marta (2010) – *Las estelas decoradas en la Prehistoria de la Península Iberica*, Universidad Complutense de Madrid (tese de doutoramento em ficheiro .pdf), catálogo: n.º 45.

6 – S. Bartolomeu do Mar



(JORGE *et al.*, 1986)

Tipo: Estátua-menir

Localização: S. Bartolomeu do Mar, Esposende (Braga) – 41° 34' 17" Lat. N; 8° 47' 28" Long. W.

Enquadramento geo-morfológico: Localiza-se muito perto da costa (o Oceano Atlântico encontra-se a cerca de 700 / 750 m para Oeste), numa zona de depósitos de antiga praia com cerca de 15-25 m de profundidade. Na altura da sua identificação, a zona onde se encontrava era utilizada para o cultivo de milho, nas imediações da igreja construída nos inícios do séc. XX (“igreja nova”).

Medidas: 2,10 m de altura acima do solo; 0,72 m de espessura máxima na base, cerca de 0,60 m na parte mesial e cerca de 0,40 m no topo.

Suporte: Bloco granítico de secção sub-triangular, grão médio / grosso e com muitos cristais de quartzo.

Condições de achado: Identificada em Agosto de 1979 num meio de um campo de milho por Nuno Costa Machado, aluno de Arquitectura. Em Agosto de 1980 voltou ao mesmo local para nova observação e efectuou em Outubro do mesmo ano nova visita, para fotografar o monumento depois de o milho ter sido cortado. Entrou seguidamente em contacto com Vítor Oliveira Jorge da Faculdade de Letras do Porto, que visitou o monumento em 1984, acompanhado de C.-T. Le Roux.

Conservação: Encontra-se bastante erodida e fracturada na extremidade superior.

Técnica: Gravação de covinhas num bloco afeiçoado, vagamente antropomorfizado através de um estreitamento no topo, dando a ideia de um “pescoço”.

Motivos: Seguindo o desenho acima apresentado, serão denominadas as diferentes faces do monumento como Face 1, 2 e 3, sendo que a face 2 é a que está representada ao centro do desenho e parece corresponder ao anverso do monumento.

- Face 1: Esta face apresenta cinco covinhas. Três estão alinhadas horizontalmente perto da base do monumento. São acompanhadas por mais duas covinhas, uma a meio da face 1 e uma outra junto ao topo, no “pescoço” da estátua-menir.
- Face 2: Parecendo ser a face principal do monumento, é marcada por oito covinhas a meio do monumento. Estas estão dispostas em quatro pares, alinhados no centro da face

segundo um eixo vertical. Uma outra covinha encontra-se junto à aresta que separa a face 1 da face 2, no seguimento das três referidas na face 1. Alinhadas verticalmente com esta *fossette* encontram-se outras duas covinhas, na parte central do monumento. Uma última covinha foi gravada junto à aresta que separa a face 3 da face 2.

- Face 3: É a face que menos covinhas apresenta, somente duas. Estão localizadas um pouco mais acima das anteriores, orientadas horizontalmente.

Cronologia: Neolítico – Calcolítico.

Paradeiro: À data da publicação permanecia no local onde foi identificada.

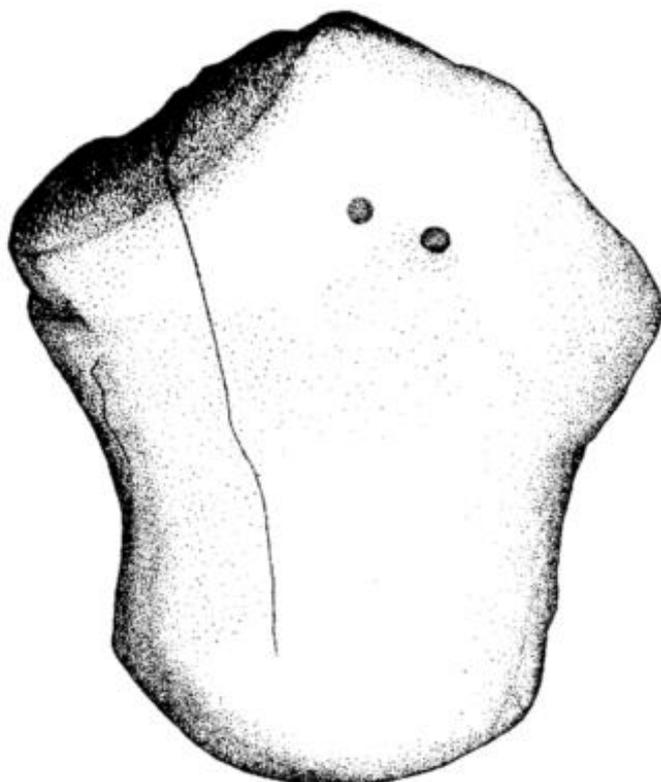
Bibliografia:

JORGE, Vítor Oliveira, BAPTISTA, António Martinho e GONÇALVES, António A. H. Bacelar (1986) – “Menir de S. Bartolomeu do Mar (Esposende)”, *Boletim Cultural de Esposende*, 9-10, Esposende: Câmara Municipal de Esposende, pp. 13-20.

JORGE, Vítor Oliveira e JORGE, Susana Oliveira (1990) – “Statues-menhirs et stèles du Nord du Portugal”, *Revista da Faculdade de Letras*, II série, vol. VII, Porto: Faculdade de Letras, pp. 304-313.

JORGE, Vítor Oliveira e JORGE, Susana Oliveira (1993) – “Statues-menhirs et stèles du Nord du Portugal”, *Les Représentations humaines du Néolithique à l'Âge du Fer – actes du 115e Congrès des Sociétés Savantes (Avignon, 1990)*, Paris: C.T.H.S.

7 - Lameira



(SAMPAIO, 2007)

Tipo: Estátua-menir.

Localização: Lameira, Rego, Celorico de Basto (Braga) – 41° 26' 33" Lat. N; 8° 05' 20" Long. W.

Enquadramento geo-morfológico: Foi encontrada numa área planáltica (a rondar os 670 m de altitude) a cerca de 5,5 km a Norte do Castro da Barrega. Na zona correm diversos cursos de água, sendo os mais importantes o Ribeiro da Lameira e o Ribeiro da Lameirinha.

Medidas: 0,15m de altura; 0,13 m largura; 0,05 m de grossura.

Suporte: Bloco antropomorfizado de gneisse granítico.

Condições de achado: Encontrada nos inícios dos anos 90, junto a um túmulo bastante degradado.

Conservação: Apresenta uma fina fractura vertical, no lado direito do monumento.

Técnica: Gravação e talhe.

Motivos: O bloco foi afeiçoado de forma a adquirir uma configuração aproximadamente antropomórfica, tendo sido gravados dois pequenos olhos.

Cronologia: Calcolítico – Idade do Bronze.

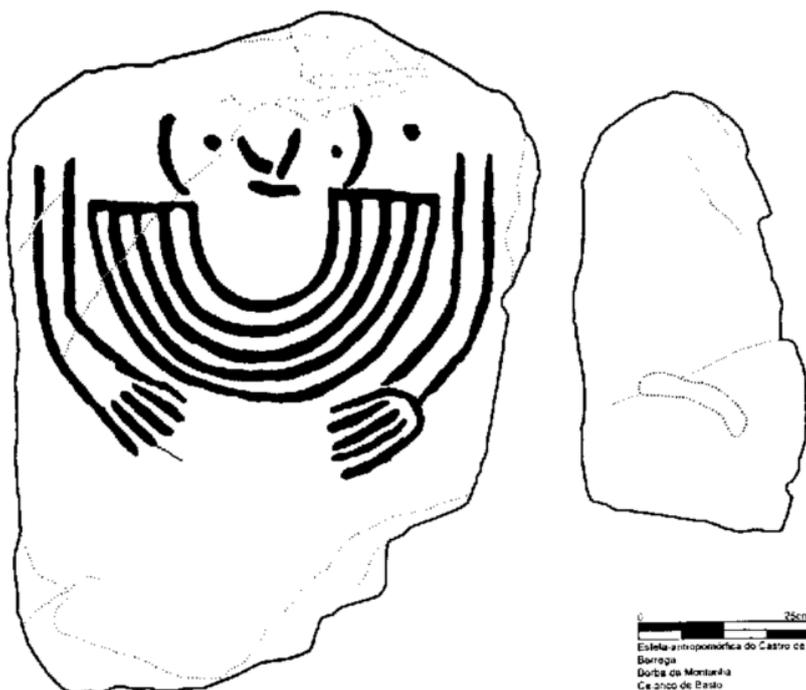
Paradeiro: Não existe informação.

Bibliografia:

SAMPAIO, Jorge Davide (2007) – “A estela antropomórfica do Castro de Barrega (Borba da Montanha, Celorico de Basto, Braga)”, *Conimbriga*, XLVI, pp. 53-71;

DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, Marta (2010) – *Las estelas decoradas en la Prehistoria de la Peninsula Iberica*, Universidad Complutense de Madrid (tese de doutoramento em ficheiro .pdf), catálogo: n° 57.

8 – Castro da Barrega



(SAMPAIO, 2007)

Tipo: Ídolo-estela

Localização: Castro da Barrega, Borba da Montanha, Celorico de Basto (Braga) – 41° 23' 27" Lat. N; 8° 04' 16" Long. W.

Enquadramento geo-morfológico: Situava-se o monumento numa das zonas mais elevadas do monte do Castro de Barrega (744 m de altitude). Este monte, a Este da aldeia de Barrega, está integrado numa paisagem muito heterogénea, tendo contacto para Norte com o planalto da Lameira. A Nordeste ergue-se a Serra do Viso, enquanto a Serra de Calvelo se localiza a Oeste do relevo. A partir do monte tem-se um controlo visual sobre o cruzamento de dois vales, um com orientação Este - Oeste (que liga a aldeia de Carvalho a Celorico de Basto) e outro com uma orientação Norte – Sul. Em termos orográficos, encontra-se este monte muito próximo da Ribeira de Santa Natália, subsidiária do Rio Tâmega. A região é, de facto, rica em recursos hídricos, o que, aliado à composição dos solos (depósitos holocénicos de grande espessura, no vale contíguo), torna esta região favorável à prática agrícola. Geologicamente, a área caracteriza-se essencialmente por grandes manchas de granitos porfiróides de duas micas e grão grosseiro, essencialmente biotítico.

Medidas: 0,79 m de altura máxima; 0,59 m de largura no topo; 0,25 m de diâmetro na parte mesial.

Suporte: Laje sub-rectangular de granito.

Condições de achado: O monumento foi identificado em finais de 2005 por Jorge Davide Sampaio, depois de indicação de um habitante local (Celestino Magalhães), aquando da preparação da Carta Arqueológica de Celorico de Basto. Celestino Magalhães tinha encontrado o exemplar no sítio do povoado pré-histórico do Castro de Barrega (ou Roda da Santinha), trazendo-o com um rebocador para um terreno privado, onde foi posteriormente recolhido.

Conservação: Bom estado de conservação dos motivos gravados, apesar de diversas fracturas do suporte.

Técnica: Gravação por picotagem seguida de abrasão, de sulco de secção em “U” sobre suporte previamente alisado. Nas mãos, a secção do traço aproxima-se mais de um “V”.

Motivos:

- Rosto: O monumento apresenta, no topo, uma representação esquemática de um rosto. Esta representação foi conseguida pela gravação de dois arcos (que não se tocam), que definem uma área elipsoidal. Dentro desta área foram gravados dois pontos afastados (olhos), entre os quais aparecem dois traços convergentes, em “V” aberto (que, no entanto, não se tocam), formando o nariz. Sob o nariz aparece uma representação da boca através de um sulco horizontal. De notar ainda a presença de um terceiro ponto, ao lado do rosto.
- Colar: Por baixo do rosto, ocupando aquilo que seria o peito da figura, existe a representação de um colar múltiplo. É composto por um conjunto de cinco arcos semi-circulares, paralelos. Na zona dos ombros / pescoço são fechados, de ambos os lados, por linhas horizontais.
- Braços: De cada lado dos monumentos (partindo sensivelmente à altura dos olhos) estão desenhados os dois braços. Cada um é composto por duas linhas paralelas, verticais no início, flectindo depois para o interior da composição. Cada uma delas termina numa mão, com os cinco dedos presentes, paralelos e com sensivelmente a mesma orientação dos sulcos dos braços.

Cronologia: Bronze Médio.

Paradeiro: Não existe informação.

Bibliografia:

SAMPAIO, Jorge Davide (2007) – “A estela antropomórfica do Castro de Barrega (Borba da Montanha, Celorico de Basto, Braga)”, *Conimbriga*, XLVI, pp. 53-71.

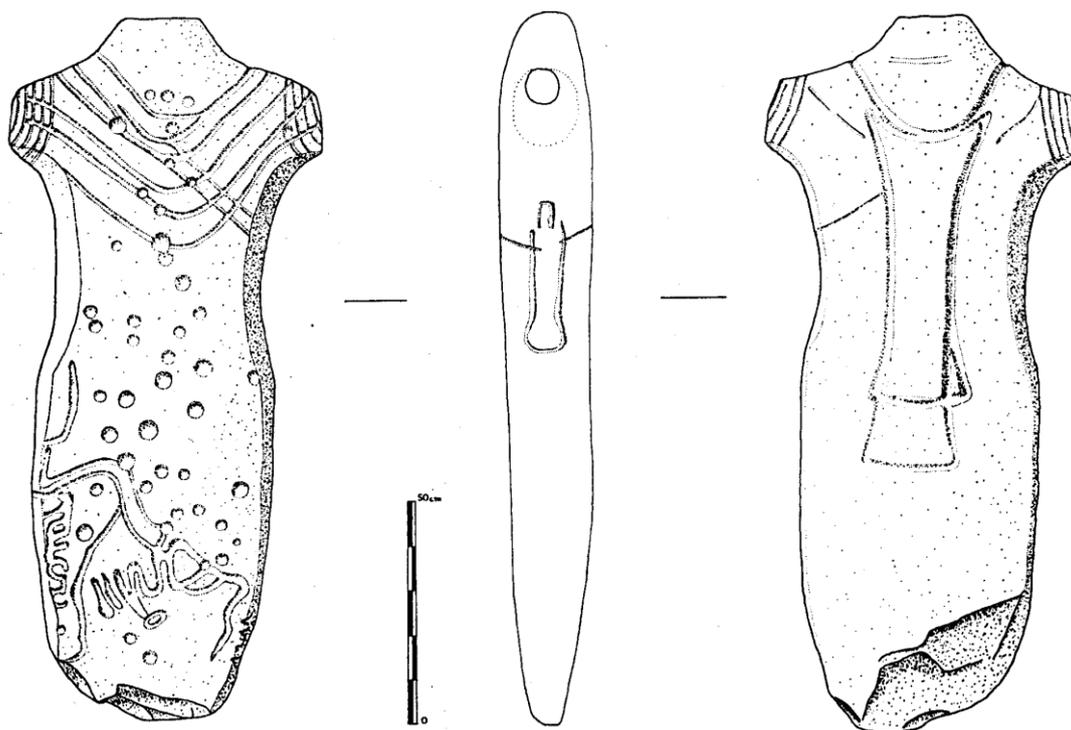
II – Trás-os-Montes e Alto Douro e Sudoeste da Meseta Superior¹

- 9 – Faiões
- 10 – Chaves
- 11 – Bouça
- 12 – Marco
- 13 – Vilarinho de Samardã I
- 14 – Vilarinho de Samardã II
- 15 – Alijó K
- 16 – Pena Mosqueira 3 I
- 17 – Pena Mosqueira 3 II
- 18 – Pena Mosqueira 3 III
- 19 – Pena Mosqueira 3 IV
- 20 – Cabeço da Mina I
- 21 – Cabeço da Mina II
- 22 – Cabeço da Mina III
- 23 – Cabeço da Mina IV
- 24 – Cabeço da Mina V
- 25 – Cabeço da Mina VI
- 26 – Cabeço da Mina VII
- 27 – Cabeço da Mina VIII
- 28 – Cabeço da Mina IX
- 29 – Cabeço da Mina X
- 30 – Cabeço da Mina XI
- 31 – Cabeço da Mina XII
- 32 – Cabeço da Mina XIII
- 33 – Cabeço da Mina XIV
- 34 – Cabeço da Mina XV
- 35 – Cabeço da Mina XVI
- 36 – Cabeço da Mina XVII
- 37 – Cabeço da Mina XVIII
- 38 – Cabeço da Mina XIX
- 39 – Cabeço da Mina XX
- 40 – Cabeço da Mina XXI
- 41 – Quinta do Couquinho
- 42 – Quinta de Vila Maior
- 43 – Moncorvo
- 44 – Santa Luzia I
- 45 – Santa Luzia II

¹ Aguardam ainda publicação a estátua-menir de Cruz de Cepos e as estelas decoradas de Cervos (Montalegre): ALVES, Lara Bacelar e REIS, Mário (no prelo) – “Memoriais de pedra, símbolos de identidade. As estelas decoradas de Cervos.”, *Actas das IV Jornadas Raianas – Estelas e estátuas-menires: da Pré à Proto-história (23 e 24 de Outubro de 2009, Sabugal)*, Sabugal: Museu do Sabugal. O mesmo acontece com as estelas de Picote (Miranda do Douro): SANCHES, Maria de Jesus (no prelo) – “As estelas de Picote (Miranda do Douro) no conjunto das estelas da Pré-história em Trás-os-Montes”, *Actas das IV Jornadas Raianas – Estelas e estátuas-menires: da Pré à Proto-história (23 e 24 de Outubro de 2009, Sabugal)*, Sabugal: Museu do Sabugal. De referir ainda, no Alto Douro, a possível estela identificada no sítio do Prazo, Vila Nova de Foz Côa: SÁ COIXÃO, António do Nascimento (1999) – *A Ocupação na Pré-história Recente na Região de Entre Côa e Távora*, Freixo de Numão: ACDR, p. 110.

- 46 – Alto da Escrita
- 47 – Longroiva
- 48 – Ataúdes
- 49 – Tremedal de Tormes

9 – Faiões



(ALMEIDA e JORGE, 1979)

Tipo: Estátua-menir.

Localização: Carreira da Pedra, Faiões, Chaves (Vila Real) – 41° 45' 04" Lat. N; 7° 25' 47" Long. W.

Enquadramento geo-morfológico: A “Carreira de Pedra” é um caminho situado a cerca de 400 m de Faiões, na periferia da Veiga de Chaves. É uma zona muito fértil, geologicamente caracterizada por depósitos quaternários de areias aluvionais (num terraço de 10-12 m), rodeada de manchas de granitos hercínicos e xistos e granitos silúricos. A peça estaria localizada a cerca de 365 m de altitude. De referir ainda que apesar de, arqueologicamente, esta zona apresentar inúmeros vestígios de épocas históricas e pré-históricas (ver ALMEIDA e JORGE, 1979:10), a peça estava “desinserida de um contexto arqueológico preciso” (JORGE, 1995: n° 2).

Medidas: 1,61 m de altura; 0,66 m de largura máxima (na zona dos “braços”), 0,52 m de largura na zona da “cintura”; 0,08 – 0,19 m de espessura.

Suporte: Bloco granítico amarelado de grão médio.

Condições de achado: Encontrada em Maio de 1975 durante a realização de trabalhos com uma máquina no caminho, tendo sido colocado na berma e posteriormente deslocado para uma encruzilhada a cerca de 200 m, onde foi limpa e observada por Amadeu Coelho, presidente da Junta de Freguesia de Faiões. Tendo aí estado cerca de um mês, foi transportada depois para o campo de futebol por jovens locais, onde a fincaram na vertical. Pintaram-na ainda em diversos pontos e instalaram na extremidade uma cabeça moldada em cimento, danificando um pouco a extremidade superior da peça.

Conservação: Em razoáveis condições de conservação, com algumas fracturas e lascamentos.

Técnica: Utilização da gravação por picotagem seguida de polimento (de intensidade variável) em superfície alisada e polida (especialmente nos lados e reverso), num bloco ao qual foi dada uma configuração claramente antropomórfica, com sugestão de cabeça e braços.

Motivos:

- **Veste**: Um sulco bastante profundo (com cerca de 2 cm de profundidade e 2 cm de largura) rodeia o pescoço da figura, prolongando-se para o reverso, parecendo delinear o topo da veste que a personagem envergaria.
- **Colares**: Uma série de cinco sulcos mais ou menos paralelos desenha-se de um braço até ao outro, numa linha curva de feição parabólica que passa pelo peito, podendo ser interpretados como colares. No reverso, apenas se regista um colar, em curva larga e aberta, que se confunde com a correia de suspensão da arma.
- **Braços**: Nas extremidades definidas como braços foram gravadas bandas de linhas paralelas (bandas com cerca de 10 cm) de cinco sulcos, que rodeiam o topo dos braços. Podem ser encarados como se tratando do remate de mangas curtas, ou então como braceletes.
- **Linhas**: O anverso é marcado por diversos conjuntos de linhas; no terço superior do anverso vemos duas oblíquas, rectas e paralelas (sendo que deverão pertencer à correia de sustentação da arma gravada de lado); na extremidade inferior está gravado um conjunto de linhas serpenteantes, de configuração aparentemente abstracta (sendo que estas linhas estariam enterradas quando a estátua-menir estivesse fincada).
- **Covinhas**: Quarenta e cinco covinhas marcam o anverso do monumento, com diâmetros que variam entre os 1,5 cm e os 4 cm. Parecem ser anteriores aos restantes motivos, podendo assim esta estátua-menir ser um reaproveitamento de uma laje com covinhas.
- **Arma**: Do lado esquerdo da peça, imediatamente sob o braço, está desenhada uma arma curta embainhada. A bainha (com eventual conteira na extremidade) termina na zona da cintura, medindo cerca de 47 cm de comprimento. Tanto a bainha como a empunhadura apresentam um formato sub-rectangular. Esta disposta com uma orientação vertical e apresenta algum relevo, estando suspensa, como foi referido, numa correia de sustentação, visível quer no anverso, quer no reverso, acabando perto da(s) insígnia(s) aí desenhada(s).
- **“Insígnia” sub-trapezoidal**: Para além dos motivos já referidos, o reverso da estátua é marcado por dois motivos sub-trapezoidais, sobrepostos. A parte superior é comum a ambos, divergindo apenas na extremidade inferior. A mais curta mede 57 cm de altura e está representada em relevo, enquanto a mais comprida mede cerca de 70 cm e o seu relevo, na extremidade inferior (13 cm), é muito menor.

Cronologia: Bronze Final.

Paradeiro: Museu da Região Flaviense (Chaves).

Bibliografia:

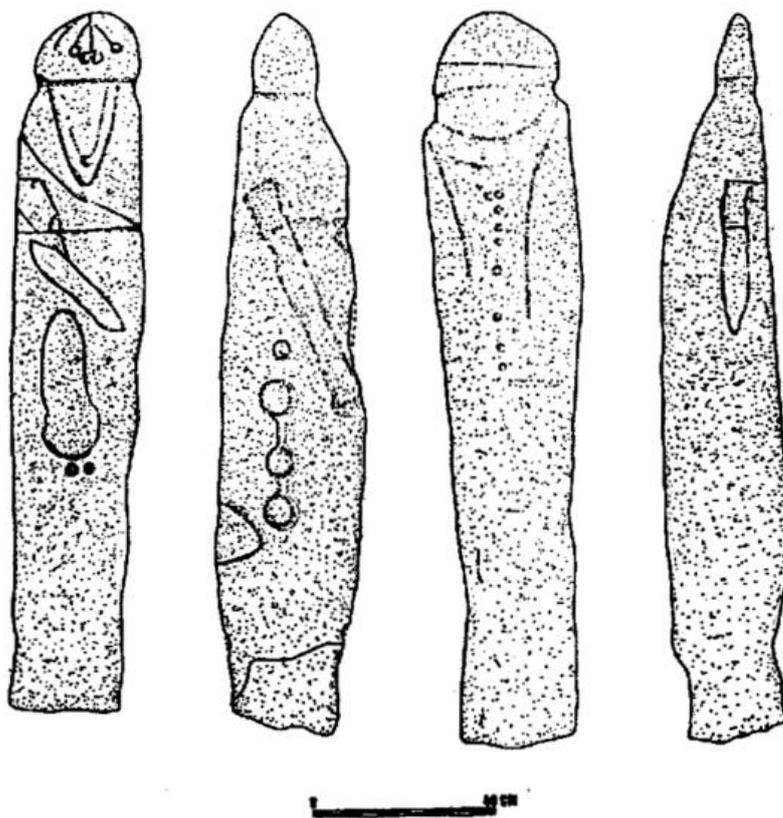
ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de, e JORGE, Vítor Oliveira (1979) – “A Estátua-menir de Faiões (Chaves)”, *Trabalhos do Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto*, 2, Porto: Grupo de Estudos Arqueológicos.

JORGE, Vítor Oliveira e JORGE, Susana Oliveira (1990) – “Statues-menhirs et stèles du Nord du Portugal”, *Revista da Faculdade de Letras*, II série, vol. VII, Porto: Faculdade de Letras, pp. 304-313.

JORGE, Vítor Oliveira e JORGE, Susana Oliveira (1993) – “Statues-menhirs et stèles du Nord du Portugal”, *Les Représentations humaines du Néolithique à l'Âge du Fer – actes du 115e Congrès des Sociétés Savantes (Avignon, 1990)*, Paris: C.T.H.S.

JORGE, Susana de Oliveira [ed.] (1995) – *A Idade do Bronze em Portugal: discursos de poder*, Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.

10 – Chaves



(ALMEIDA e JORGE, 1980)

Tipo: Estátua-menir.

Localização: Chaves (Vila Real) – 41° 44' 30" Lat. N; 7° 27' 48" Long. W.

Enquadramento geo-morfológico: Encontrava-se nitidamente fora da sua localização original, descoberta no leito do rio Tâmega, a cerca de 10 m a montante da ponte romana (na qual poderia ter sido incorporada ao tempo de Augusto). Estava localizada a 348 m de altitude.

Medidas: 1,62 m de altura; 0,31 m de largura e de espessura.

Suporte: Bloco granítico de secção sub-quadrangular.

Condições de achado: A 29 de Agosto de 1980, no decurso de obras de consolidação da ponte romana de Chaves e desassoreamento do rio.

Conservação: A face 3² encontra-se bastante desgastada pela acção da água, devendo este lado ter sido o que esteve mais exposto às correntes do rio. Existem também alguns danos causados durante os trabalhos na ponte e no leito do rio.

Técnica: Gravação por picotagem, normalmente funda e larga, por vezes alisada por abrasão, mais ou menos intensa.

² Irá aqui ser utilizada, para denominar as fazes, a terminologia usada em ALMEIDA e JORGE, 1980: 9 – “Para a sua descrição, dividi-la-emos em quatro lados, chamados sucessivamente, de acordo como observador que em torno dela rode no sentido contrário ao dos ponteiros do relógio, «anverso» ou face 1, «lado esquerdo» ou face 2, «reverso» ou face 3, «lado direito» ou face 4.”

Motivos: As faces 2 e 3 apresentam os motivos gravados em linhas largas, enquanto os motivos das faces 1 e 4 apresentam um desenho com linhas muito mais finas, podendo isto indiciar a presença de dois momentos artísticos distintos. Também não é certo se a cronologia da estátua-menir fálica é contemporânea com a cronologia da gravação dos motivos.

Face 1:

- Cabeça: A cabeça da estátua-menir, arredondada (e tendo simultaneamente a forma da extremidade de um falo), apresenta no topo um sulco vertical (meato uretral?) com 0,8 cm de largura. Bifurca-se depois, acabando a meia altura da cabeça em duas covinhas, ao jeito de olhos. Um terceiro sulco vertical parte do meio da referida bifurcação, terminando numa covinha mais pequena, que por sua vez apresenta outras duas imediatamente abaixo de si (nariz?).
- Pescoço: Um sulco com 2 cm de largura separa a cabeça do corpo da estátua.
- Colares: Partindo das extremidades do referido sulco, duas linhas paralelas, com largura de 1 cm, formam dois arcos sub-triangulares sobre o peito da figura. O arco interior apresenta uma pequena covinha na ponta (possivelmente pendente). Trata-se certamente da representação de um colar duplo, ou de um colar com pendente e o topo de uma veste.
- Correia: Da esquerda para a direita do observador está uma linha diagonal, que atravessa esta face do monumento, podendo ser encarada como a representação de uma correia.
- Cinturão: A correia atinge depois uma linha horizontal com 1 cm de largura (possivelmente outra correia de suspensão ou um cinturão) que atravessa toda a largura desta face e da qual pende uma arma.
- Arma: A arma, com uma inclinação oblíqua semelhante à correia, tem cerca de 30 cm de comprimento e termina em ponta sub-triangular, mais larga que o corpo da arma (conceira de bainha?). A empunhadura, se bem que incompleta, parece ser bastante larga. Tratar-se-á de um punhal ou uma espada curta (ou talvez uma arma de um só gume, tipo machete / falcata).
- Falo (?): Em posição central nesta face está um motivo de difícil interpretação (com 34 cm de altura), podendo ser interpretado como um falo erecto. A figura é acompanhada, na sua parte inferior, de duas covinhas.

Face 2:

- Pescoço: O sulco referido na face 1 prolonga-se nesta face também, agora mais largo, atingindo aqui os 4 cm de largura.
- Correia: Um outro sulco horizontal de 4 cm de largura aparece a cerca de 24 cm do pescoço, representando uma correia de suspensão de arma.
- Espada: A espada, com orientação oblíqua, tem cerca de 56 cm de comprimento, delineada por um sulco com cerca de 2 cm de largura (sendo mais largo na ponta). Toda a arma, incluindo a empunhadura, apresenta uma forma tendencialmente rectangular, estando representada embainhada. Para além disso, a erosão provocada pela acção da água e os danos provocados pela máquina também não ajudam a uma clara leitura deste elemento.
- Círculos: Do lado esquerdo do observador, perto da espada, encontra-se um círculo com cerca de 5 cm de diâmetro, acompanhado mais abaixo de uma cadeia de outros três círculos (com diâmetros maiores, a variarem entre os 7,5 cm e os 9,5 cm) unido por pequenas incisões verticais.
- Arco: Junto ao bordo da peça, por baixo da referida cadeia de círculos, aparece um arco quebrado, com 12 cm no eixo maior.

Face 3:

- Sulco distal: Nesta face, a cabeça apresenta um sulco horizontal com 1 cm de largura.
- Pescoço: O referido sulco das faces anteriores prolonga-se na face 3, atingindo aqui uma largura de 6 cm.
- Colares: Apesar de desgastado pela água, é possível a observação da representação de um colar duplo, composto por dois arcos concêntricos (podendo um deles funcionar não como colar mas como a parte superior de uma veste).
- “Insígnia” sub-trapezoidal: Este motivo, comum a diversas estátuas-menires, aparece aqui na estátua-menir de Chaves bastante erodido e danificado pela acção das máquinas. Apesar disso, é possível ver que partia dos colares com uma orientação vertical,

ocupando toda a parte central desta face. A extremidade inferior é hoje quase imperceptível, devido ao desgaste que o monumento sofreu.

- Covinhas: No interior da referida “insígnia” vemos uma cadeia vertical de pequenas covinhas, com cerca de 2 cm de diâmetro cada. São pelo menos nove (sendo que a máquina pode ter apagado uma outra), em que as duas superiores se diferenciam das restantes por estarem colocadas lado a lado. Esta cadeia mede cerca de 40 cm de comprimento no total.

Face 4:

- Pescoço: Contornando a peça, o sulco adquire aqui uma largura de 7 cm.
- Arma: O único motivo gravado nesta face, para além do sulco, consiste numa arma (punhal, espada curta) colocada na vertical, com a ponta para baixo, junto ao bordo do monumento. A dissimetria da lâmina, por seu lado, pode indicar não uma imperfeição na gravação mas sim a existência de um só gume, como as falcatas da Idade do Ferro. A empunhadura é sub-retangular e de lados côncavos, com ensaio de saliências laterais na extremidade superior, apontando para uma arma do Bronze Final / Idade do Ferro.

Cronologia: Bronze Inicial / Médio.

Paradeiro: Museu da Região Flaviense (Chaves).

Bibliografia:

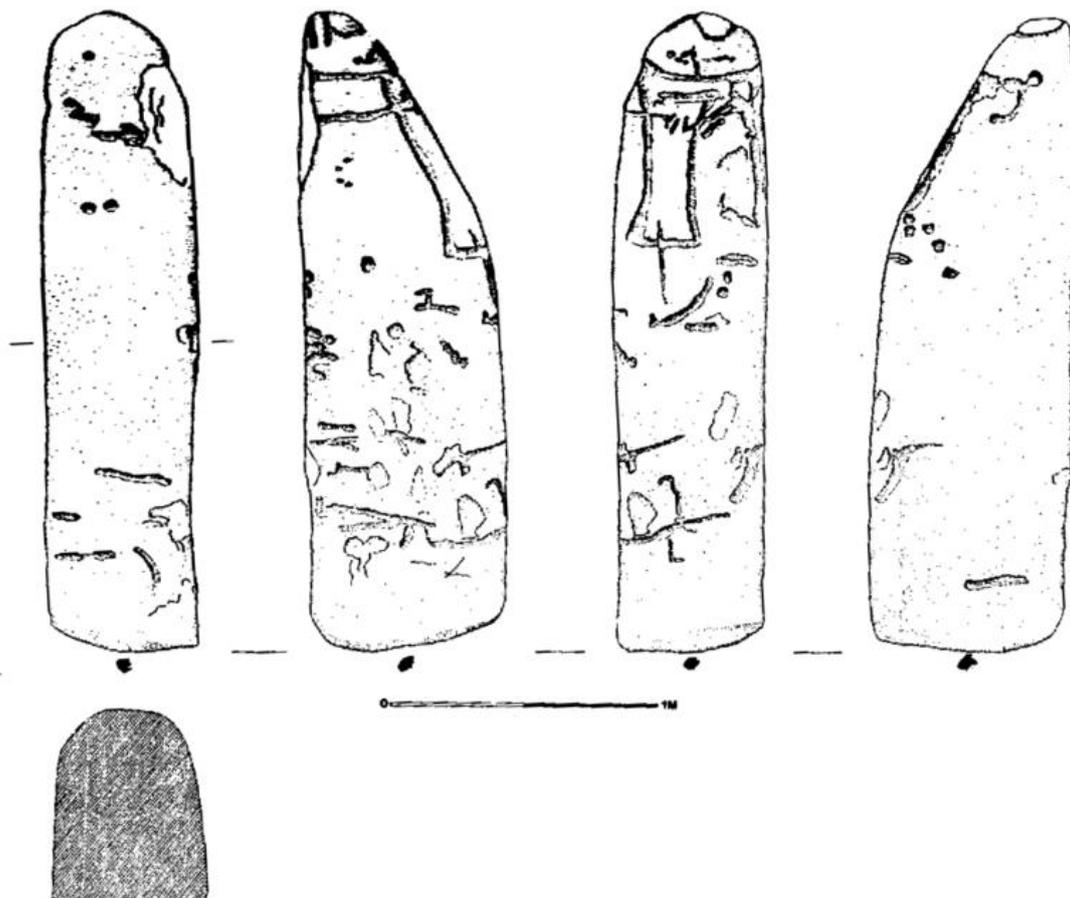
ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de, e JORGE, Vítor Oliveira (1980) – “A Estátua-menir fállica de Chaves”, *Trabalhos do Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto*, 6, Porto: Grupo de Estudos Arqueológicos;

JORGE, Vítor Oliveira e JORGE, Susana Oliveira (1990) – “Statues-menhirs et stèles du Nord du Portugal”, *Revista da Faculdade de Letras*, II série, vol. VII, Porto: Faculdade de Letras, pp. 304-313.

JORGE, Vítor Oliveira e JORGE, Susana Oliveira (1993) – “Statues-menhirs et stèles du Nord du Portugal”, *Les Représentations humaines du Néolithique à l'Âge du Fer – actes du 115e Congrès des Sociétés Savantes (Avignon, 1990)*, Paris: C.T.H.S.

JORGE, Susana de Oliveira [ed.] (1995) – *A Idade do Bronze em Portugal: discursos de poder*, Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, nº 14.

11 – Bouça



(SANCHES e JORGE, 1987)

Tipo: Estátua-menir

Localização: Bouça, Mirandela (Bragança) - 41° 38' 27" Lat. N; 7° 12' 42" Long. W.

Enquadramento geo-morfológico: O enquadramento geo-morfológico preciso da localização original da estátua-menir é desconhecido. No entanto, terá vindo das imediações do rio Rabaçal, região planáltica (a cerca de 400 m de altitude) com alguns relevos geralmente não muito pronunciados. Este planalto é cortado por um vale profundo, por onde corre o rio Rabaçal. O leito do rio encontra-se a cerca de 300 m de altitude.

Medidas: 2,45 m de altura; 0,75 m de espessura máxima.

Suporte: Bloco de granito, tendencialmente cilíndrico, com uma face aplanada e uma face plano-convexa inclinada na zona traseira da parte superior.

Condições de achado: Foi encontrada fora de contexto, a Sul da aldeia da Bouça, perto do cruzamento que liga a Valpaços (identificado na Carta Militar como “Cruzamento da Bouça”). Segundo uma versão, teria sido encontrada numa propriedade do Visconde da Bouça no sítio do Contado, perto da ponte de Vale de Telhas (ou seja, a cerca 2,5 / 3 km para Sudoeste da Bouça) e vindo no início dos anos 80 do séc. XX para o local onde foi identificada, para ser usada nos alicerces de uma construção. Uma segunda versão indica o castro da Muralha Grande (ligeiramente a norte do sítio do Contado) como a origem do monumento, confirmando também que o seu transporte, com tractor, para o cruzamento se destinava à sua utilização numa construção.

Conservação: Em más condições de conservação, bastante erodida e com marcas de arado e de transporte. Alguns dos elementos decorativos (sulcos e covinhas) poderão estar alterados devido à erosão.

Técnica: Gravação por picotagem, com profundidades variáveis, seguido de, nalguns pontos, alisamento por abrasão.

Motivos:

- Extremidade distal: Na extremidade distal destaca-se a gravação de um círculo com duas incisões paralelas (representação do “meandro uretral”). Mais abaixo, um sulco horizontal percorre todas as faces curvas da peça, terminando numa covinha (“face” 4 do desenho). Nas “faces” 2 e 3 vemos uma incisão paralela. Este conjunto de incisões reforça o carácter fálico do monumento.
- “Insígnia” sub-trapezoidal: No reverso do monumento, ocupando uma posição central, é visível a “insígnia” sub-trapezoidal. Encontra-se colocada na vertical, com os lados maiores ligeiramente côncavos, aproximando-o de algumas estátuas-menires conhecidas. É claramente visível, apesar de no canto superior direito se encontrar algo danificada.
- Covinhas: Diversas covinhas forma gravadas no monumento, em todas as “faces” da estátua-menir. De realçar as duas que se encontram dispostas lado a lado no centro do anverso da peça (“face” 1).

Cronologia: Neolítico / Calcolítico, com provável reutilização no Bronze Inicial / Médio.

Paradeiro: Encontra-se disposta na aldeia da Bouça, em frente à Casa do Povo.

Bibliografia:

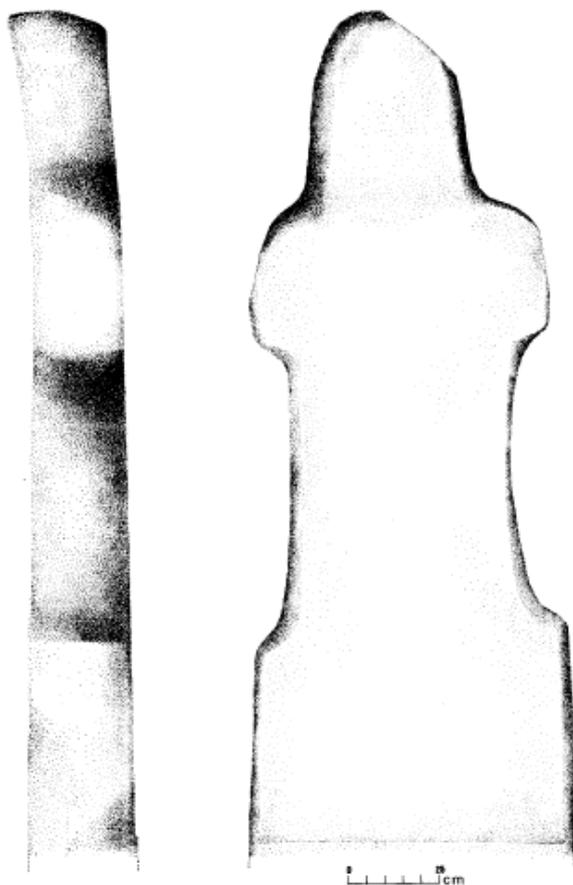
SANCHES, Maria de Jesus e JORGE, Vítor Oliveira (1987) – “A «estátua-menir» da Bouça (Mirandela)”, *Arqueologia*, 16, Porto, pp. 78 -82.

JORGE, Vítor Oliveira (1987) – “Megalitismo de Entre-Douro-e-Minho e de Trás-os-Montes (Norte de Portugal): conhecimentos actuais e linhas de pesquisa a desenvolver”, *Revista da Faculdade de Letras*, II série, vol. IV, Porto: Faculdade de Letras, pp. 270-286.

JORGE, Vítor Oliveira e JORGE, Susana Oliveira (1990) – “Statues-menhirs et stèles du Nord du Portugal”, *Revista da Faculdade de Letras*, II série, vol. VII, Porto: Faculdade de Letras, pp. 304-313.

JORGE, Vítor Oliveira e JORGE, Susana Oliveira (1993) – “Statues-menhirs et stèles du Nord du Portugal”, *Les Représentations humaines du Neolithique a l'Âge du Fer – actes du 115e Congrès des Sociétés Savantes (Avignon, 1990)*, Paris: C.T.H.S.

JORGE, Susana de Oliveira [ed.] (1995) – *A Idade do Bronze em Portugal: discursos de poder*, Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, nº 13.



(LOPES *et al.*, 1994)

Tipo: Estátua-menir

Localização: Marco, Barrela, Vreia de Jales, Vila Pouca de Aguiar (Vila Real) – 41° 25' 24" Lat. N; 7° 36' 01" Long. W.

Enquadramento geo-morfológico: O monumento foi encontrado a uma altitude de 760 m, numa zona sem relevos acentuados junto ao sopé da Serra da Falperra. Existem algumas linhas de água nas imediações, sendo que os cursos mais importantes serão o Rio Pinhão (que corre a cerca de 1 km para Oeste), a Ribeira das Cortinhas (a pouco mais de 1 km para Sudeste) e a Ribeira dos Rebolais (a menos de 1 km para Noroeste).

Medidas: 2,30 m acima do solo; 0,93 m de largura na base, 0,63 m no tronco, 0,88 m nos ombros e 0,39 m na cabeça (tendo esta uma altura máxima de 0,50 m); a espessura máxima (a meio da base) é de 0,29 m.

Suporte: Bloco cruciforme granítico de grão médio.

Condições de achado: Referenciada por João Ribeiro Parente (que a terá encontrado provavelmente *in situ*) durante trabalhos de prospecção arqueológica.

Conservação: Encontra-se ligeiramente fracturada no lado esquerdo da “cabeça”.

Técnica: Talhada a bisel, tendo o anverso sido aplanado.

Motivos: O monumento não apresenta quaisquer motivos gravados. Foi, no entanto, talhado de maneira a conferir-lhe uma dimensão antropomórfica / cruciforme. Apresenta uma cabeça, arredondada, alargando depois na zona do peito / ombros (não se perscrutando indícios de seios), para voltar a estreitar no tronco até à base, mais larga e de configuração rectangular.

Cronologia: Idade do Bronze / Idade do Ferro

Paradeiro: Continua *in situ*.

Bibliografia:

LOPES, António Baptista; SILVA, Armando Coelho; PARENTE, João Ribeiro; CENTENO, Rui M. S. (1994) – “A estátua-estela do Marco (Vreia de Jales, Vila Pouca de Aguiar)”, *Portugalia*, 15, Porto, pp. 147-150;

BATATA, Carlos; BORGES, Néilson; CORREIA, Heitor e SOUSA, Albertino de (2008) – *Carta Arqueológica do Concelho de Vila Pouca de Aguiar*, Vila Pouca de Aguiar: Câmara Municipal e Ozecarus, Serviços Arqueológicos, pp. 163-164.

13 – Vilarinho de Samardã I



(COWELL, 2009)

Tipo: Estátua-menir

Localização: Veiga da Samardã, Vilarinho de Samardã, Vila Real. – 41° 23' 28" Lat. N; 7° 42' 28" Long. W.

Enquadramento geo-morfológico: Encontrada a cerca de 1 km a norte de Vilarinho de Samardã, numa pequena elevação a 815 m de altitude na encosta Este da Serra do Alvão. Esta elevação está integrada no grande vale do Rio Corgo, que liga Vila Real a Vila Pouca de Aguiar, servindo de separação entre as Serra do Alvão e Serra da Falperra.

Medidas: 1,70 m de altura; 0,50 m de largura mínima e 0,80 m de largura máxima; 0,12 m de espessura no topo e 0,30 m na base.

Suporte: Bloco de granito de grão médio.

Condições de achado: Encontrada a cerca de 100 m de um monumento megalítico (CNS 2915).

Conservação: Condições de conservação razoavelmente boas, mas com algumas cicatrizes recentes.

Técnica: Gravação com sulcos largos (aproximadamente 1 cm de largura) e profundos.

Motivos:

- **Rosto**: A estátua-menir apresenta uma representação de uma face humana, delimitada por sulcos e com uma forma sub-trapezoidal. Os olhos e a boca são representados por três pequenas covinhas, dispostas em triângulo invertido. Um sulco de 16 cm, vertical e ligeiramente mais deslocado para o lado esquerdo da estátua, foi gravado na zona do pescoço.
- **Braço**: No lado esquerdo do monumento foi gravado um sulco em arco, que une o limite exterior do monumento a uma forma fechada. Esta forma mede 26,5 cm de comprimento máximo. Poderá ser a representação do antebraço, ou talvez de algum objecto que o personagem estivesse a segurar.

- Peito: Sobre o peito da figura estão representadas duas pequenas covinhas, uma circular e uma outra mais ovalada. Cortando a covinha circular, mais pequena, passa obliquamente um sulco tendencialmente recto, que termina no cinturão.
- Cinturão: Perto da base do monumento está representada uma outra forma oval, bastante alongada (medindo 57 cm de comprimento), que parece representar um cinturão. Na parte inferior da extremidade esquerda deste motivo, uma pequena forma trapezoidal parece pender do cinturão.
- Pernas: Por baixo do cinturão está gravado um sulco vertical, que o une a um outro sulco horizontal, fechando este a composição do espaço decorado. Poderão ser entendido como a representação esquemática de pernas, ou de alguma peça de vestuário utilizada.

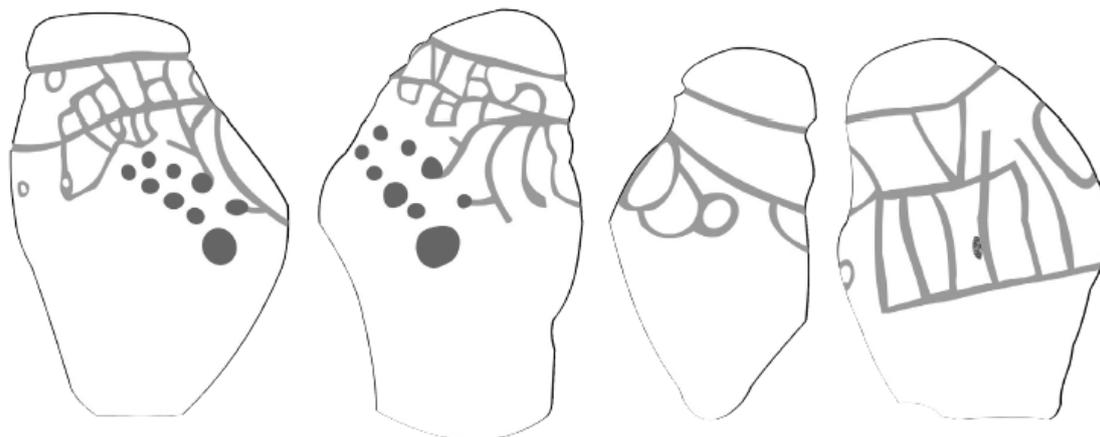
Cronologia: Calcolítico – Bronze Inicial.

Paradeiro: *In situ*.

Bibliografia:

COWELL, David (2009) – *Vilarinho Early Bronze Age Statues / A estatuária calcolítica de Vilarinho de Samardã* [publicação online em: <http://www.scribd.com/doc/18982932/Vilarinho-Early-Bronze-Age-Statues-A-Estatuaria-Calcolitica-de-Vilarinho-de-Samarda>].

14 – Vilarinho de Samardã II



(COWELL, 2009)

Tipo: Estátua-menir

Localização: Veiga da Samardã, Vilarinho de Samardã, Vila Real. – 41° 23' 28" Lat. N; 7° 42' 28" Long. W.

Enquadramento geo-morfológico: Ver Vilarinho de Samardã I.

Medidas: 0,55 m de altura; 0,80 m de largura máxima no “anverso” e 0,35 m de largura máxima no “reverso”.

Suporte: Bloco tendencialmente ovóide, em granito de grão médio / fino.

Condições de achado: Encontrada próxima do monumento I.

Conservação: A peça encontra-se algo deteriorada, quer pela acção do tempo, quer por estragos mais recentes.

Técnica: Gravação, medindo os sulcos entre 1 e 1,5 cm de largura.

Motivos:

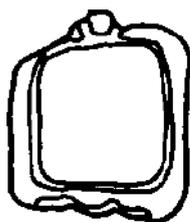
- **Covinhas**: O monumento apresenta uma série de covinhas, dispostas em duas fiadas paralelas, sendo que a última da fileira inferior destaca-se claramente devido as suas dimensões. David Cowell (2009: 30) interpreta estas covinhas como parte de um colar, se o monumento for uma representação de uma cabeça humana.
- **Linhas**: Para além das covinhas, os dois terços superiores da peça estão decorados com uma série de linhas, formando um conjunto de motivos arqueados, circulares e rectangulares, de difícil interpretação.

Cronologia: Calcolítico – Bronze Inicial.

Paradeiro: Não existe informação.

Bibliografia:

COWELL, David (2009) – *Vilarinho Early Bronze Age Statues / A estatuária calcolítica de Vilarinho de Samardã* [publicação online em: <http://www.scribd.com/doc/18982932/Vilarinho-Early-Bronze-Age-Statues-A-Estatuaria-Calcolitica-de-Vilarinho-de-Samarda>].



(DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, 2010)

Tipo: Estela

Localização: Pópulo, Alijó (Vila Real).

Enquadramento geo-morfológico: A zona de Pópulo / Perafita / Asnela apresenta-se como uma zona aproximadamente planáltica a Norte de Alijó, delimitada a Este e a Oeste por vales bem marcados, por onde correm, respectivamente, o Rio Tinhela e o Rio Pinhão. O caminho de Pópulo em direcção a Asnela (a Norte), faz-se por uma paisagem de relevos pouco acidentados, que sobe gradualmente de uma altitude que ronda os 800 m até aos 954 m (marco geodésico de Asnela). Em termos orográficos, de registar ainda a presença, a Sul, do Ribeiro do João Pires e, a Nordeste, do Regato de Martim de Ovelha, que nasce na zona “planáltica” perto de Asnela, descendo depois por uma encosta bem marcada.

Medidas: 0,30 m de altura; 0,25 m de largura; 0,05 m de grossura.

Suporte: Laje quadrangular de granito.

Condições de achado: Encontrado em finais do séc. XIX, aquando da escavação do *dolmen* K do núcleo megalítico da Perafita. O monumento localiza-se perto do caminho que liga as povoações de Pópulo e Asnela.

Conservação: Apresenta-se fracturado.

Técnica: Utilização de relevo.

Motivos: O monumento, de pequenas dimensões, apresenta em ambas faces uma canelura, marcando o contorno da peça. No topo, foi ainda criado um pequeno motivo trapezoidal, conferindo uma dimensão antropomórfica à estela.

Cronologia: Neolítico.

Paradeiro: Não existe informação.

Bibliografia:

SOUSA, Orlando (1996) - *Estatuária Antropomórfica Pré e Proto-histórica do Norte de Portugal*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, Marta (2010) – *Las estelas decoradas en la Prehistoria de la Península Iberica*, Universidad Complutense de Madrid (tese de doutoramento em ficheiro .pdf), catálogo: nº 36.



(SANCHES, 1985)

Tipo: Estela

Localização: Sanhoane, Mogadouro (Bragança) – 41° 21' 36" Lat. N; 6° 34' 35" Long. W.

Enquadramento geo-morfológico: O sítio de Pena Mosqueira localiza-se a Sul de Sanhoane, a 745 m de altitude, numa plataforma aplanada, muito próxima da Ribeira de Vale Cabreiro. A paisagem planáltica onde se insere, na órbita da Serra do Mogadouro, é delimitada a Oeste pelo Rio Sabor e a Este pelo Rio Douro.

Medidas: 0,28 m de altura; 0,20 m de largura.

Suporte: Laje subrectangular em granito.

Condições de achado: As estelas de Pena Mosqueira 3 foram encontradas em trabalhos de escavação arqueológica efectuados em Pena Mosqueira. Na mamoa 3, a de maiores dimensões (cerca de 20 m de diâmetro) e onde se encontraram as estelas, documentou-se a existência de uma inumação primária individual na zona central, associada a uma mancha oval de ocre (onde se encontram 2000 contas de colar). A estela I estava na extremidade desta mancha, juntamente com diversas contas de colar e dentes humanos. Também a estela II se encontrava sobre a mancha de ocre. A estela III estava já fora da mancha, mas apresentava igualmente vestígios de ocre na sua superfície. A estela IV apareceu encaixada na couraça da mamoa.

Conservação: Apresenta-se completa, mas algo deteriorada.

Técnica: Pintura.

Motivos: Existe um motivo pintado em ocre que poderá ser um antropomorfo (ou zoomorfo?).

Cronologia: Neolítico Final / Calcolítico.

Paradeiro: Não existe informação.

Bibliografia:

SANCHES, Maria de Jesus (1985) – “A Mamoa 3 de Pena Mosqueira, Sanhoane (Mogadouro)”, *Arqueologia*, 15, Porto, pp. 94-115;

DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, Marta (2010) – *Las estelas decoradas en la Prehistoria de la Peninsula Iberica*, Universidad Complutense de Madrid (tese de doutoramento em ficheiro .pdf), catálogo: n° 74.

17 – Pena Mosqueira 3 II



(DIAZ-GUARDAMINO, 2010)

Tipo: Estela

Localização: Sanhoane, Mogadouro (Bragança) – 41° 21' 36" Lat. N; 6° 34' 35" Long. W.

Enquadramento geo-morfológico: Ver Pena Mosqueira 3 I.

Medidas: 0,37 m de altura; 0,13 m de largura.

Suporte: Quartzito.

Condições de achado: Ver Pena Mosqueira 3 I.

Conservação: Em bom estado de conservação.

Técnica: Pintura.

Motivos: Existe um aproveitamento da configuração naturalmente antropomorfa do suporte, que estava coberto de ocre em todas as faces.

Cronologia: Neolítico Final / Calcolítico.

Paradeiro: Não existe informação.

Bibliografia:

SANCHES, Maria de Jesus (1985) – “A Mamoia 3 de Pena Mosqueira, Sanhoane (Mogadouro)”, *Arqueologia*, 15, Porto, pp. 94-115;

DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, Marta (2010) – *Las estelas decoradas en la Prehistoria de la Peninsula Iberica*, Universidad Complutense de Madrid (tese de doutoramento em ficheiro .pdf), catálogo: n° 77.

18 – Pena Mosqueira 3 III



(DÍAZ-GUARDAMINO, 2010)

Tipo: Estela

Localização: Sanhoane, Mogadouro (Bragança) – 41° 21' 36" Lat. N; 6° 34' 35" Long. W.

Enquadramento geo-morfológico: Ver Pena Mosqueira 3 I.

Medidas: 0,27 m de altura; 0,19 m de largura.

Suporte: Laje sub-retangular de cantos arredondados, de quartzito.

Condições de achado: Ver Pena Mosqueira 3 I.

Conservação: Em bom estado de conservação.

Técnica: Pintura.

Motivos: Esta laje de quartzito estava coberta de ocre em todas as faces, estando o anverso polido (reaproveitamento de uma mó?).

Cronologia: Neolítico Final / Calcolítico.

Paradeiro: Não existe informação.

Bibliografia:

SANCHES, Maria de Jesus (1985) – “A Mamoia 3 de Pena Mosqueira, Sanhoane (Mogadouro)”, *Arqueologia*, 15, Porto, pp. 94-115;

DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, Marta (2010) – *Las estelas decoradas en la Prehistoria de la Peninsula Iberica*, Universidad Complutense de Madrid (tese de doutoramento em ficheiro .pdf), catálogo: nº 75.

19 – Pena Mosqueira 3 IV

Tipo: Estátua-menir

Localização: Sanhoane, Mogadouro (Bragança) – 41° 21' 36" Lat. N; 6° 34' 35" Long. W.

Enquadramento geo-morfológico: Ver Pena Mosqueira 3 I.

Medidas: Cerca de 1 m de altura; cerca de 0,50 m de largura.

Suporte: Laje granítica antropomorfizada.

Condições de achado: Ver Pena Mosqueira 3 I.

Conservação:

Técnica: Talhe.

Motivos: Este monumento é bastante largo, estreitando na extremidade distal, o que lhe confere uma silhueta vagamente antropomórfica.

Cronologia: Neolítico Final / Calcolítico.

Paradeiro: Não existe informação.

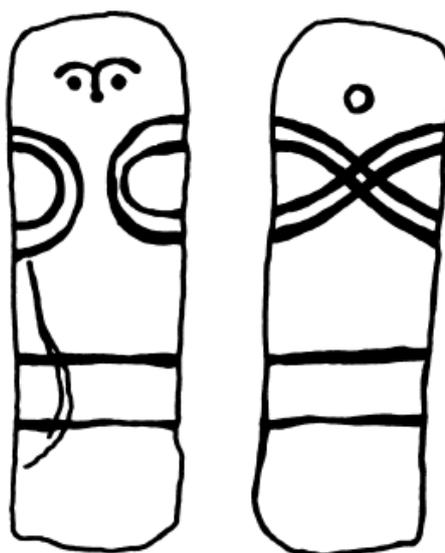
Bibliografia:

SANCHES, Maria de Jesus (1985) – “A Mamoia 3 de Pena Mosqueira, Sanhoane (Mogadouro)”, *Arqueologia*, 15, Porto, pp. 94-115;

DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, Marta (2010) – *Las estelas decoradas en la Prehistoria de la Península Iberica*, Universidad Complutense de Madrid (tese de doutoramento em ficheiro .pdf), catálogo: nº 76.



(JORGE, 1999a)



(Orlando Sousa, segundo JORGE, 1999b e DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, 2010)

Tipo: Ídolo-estela

Localização: Cabeço da Mina, Assares, Vila Flor (Bragança) - 41° 19' 28" Lat. N; 7° 03' 45" Long. W

Enquadramento geo-morfológico: O Cabeço da Mina apresenta-se como uma pequena elevação de topo aplanado, com uma cota máxima de 219 m de altitude, a cerca de 13 km a Sul da Serra de Bornes. Situa-se sensivelmente a meio do vale da Vilarça, via de acesso natural ao Rio Douro. Diversos cursos de água atravessam esta área, sendo o mais importante a Ribeira da Vilarça, cujo leito se situa a cerca de 600 m a Este do Cabeço da Mina. Na margem oposta (a cerca de 1100 m para Nordeste) destacam-se na paisagem algumas elevações, nomeadamente os montes da Senhora das Angústias e Cabeço. Se o vale onde o Cabeço da Mina está implantado se caracteriza por relevos pouco acentuados, o terreno muda depois radicalmente quer a Este, quer a Oeste, apresentando uma paisagem muito acidentada.

Medidas: 0,86 m de altura; 0,26 m de largura; 0,13 m de grossura.

Suporte: Bloco de granito.

Condições de achado: Foi encontrada através de escavações arqueológicas sistemáticas no cabeço, tendo-se identificado alinhamentos de estelas mas, paradoxalmente, nenhum outro tipo de testemunho arqueológico (DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, 2010: catálogo, nº 120).

Conservação: Em bom estado geral de conservação.

Técnica: Gravação.

Motivos:

- Olhos: Duas pequenas covinhas marcam a representação dos olhos. Definindo o nariz e a arcada supraciliar vemos uma moldura em “T” arqueado.
- Peito e reverso: Sobre o peito da figura aparecem dois motivos de linhas paralelas semi-circulares, sensivelmente simétricos. Estas linhas prolongam-se para o reverso, onde se cruzam. Encimando este “X” está um pequeno círculo.

- Cinturão: Circundando todas as faces do monumento, no terço inferior, foi gravado uma banda larga, representando talvez um cinturão.

Cronologia: Calcolítico / Idade do Bronze.

Paradeiro: Propriedade privada.

Bibliografia:

JORGE, Vítor Oliveira e JORGE, Susana Oliveira (1990) – “Statues-menhirs et stèles du Nord du Portugal”, *Revista da Faculdade de Letras*, II série, vol. VII, Porto: Faculdade de Letras, pp. 304-313.

JORGE, Vítor Oliveira e JORGE, Susana Oliveira (1993) – “Statues-menhirs et stèles du Nord du Portugal”, *Les Représentations humaines du Néolithique à l'Âge du Fer – actes du 115e Congrès des Sociétés Savantes (Avignon, 1990)*, Paris: C.T.H.S.

SOUSA, Orlando (1996) - *Estatuária Antropomórfica Pré e Proto-histórica do Norte de Portugal*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

JORGE, Susana Oliveira (1999a) – *Domesticar a Terra: as primeiras comunidades agrárias em território português*, Lisboa: Gradiva;

JORGE, Susana Oliveira (1999b) – “Cabeço da Mina (Vila Flor, Portugal): A Late Prehistoric Sanctuary with ‘Stelai’ of the Iberian Peninsula” in DEMAKOPOULOU, Katie; ELUÈRE, Christiane; JENSEN, Jørgen; JOCKENHÖVEL, Albrecht, MOHEN, Jean-Pierre (eds.) – *Gods and Heroes of the European Bronze Age*, Londres: Thames & Hudson, pp. 114-122.

DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, Marta (2010) – *Las estelas decoradas en la Prehistoria de la Península Ibérica*, Universidad Complutense de Madrid (tese de doutoramento em ficheiro .pdf), catálogo: nº 120.

21 – Cabeço da Mina II



(Orlando Sousa, segundo JORGE, 1999 e DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, 2010)

Tipo: Estela

Localização: Cabeço da Mina, Assares, Vila Flor (Bragança) - 41° 19' 28" Lat. N; 7° 03' 45" Long. W

Enquadramento geo-morfológico: Ver Cabeço da Mina I.

Medidas: 0,61 m de altura; 0,09 m de largura; 0,06 m de grossura.

Suporte: Xisto

Condições de achado: Ver Cabeço da Mina I.

Conservação: Em relativamente boas condições de conservação.

Técnica: Gravação em picotado sobre suporte não preparado.

Motivos: No terço superior foram gravadas duas linhas horizontais paralelas, formando uma banda paralela ao longo do monumento, sendo gravado no interior motivos em “X”, em ambas as faces. Por baixo foi gravado no anverso um motivo zoomórfico, em traço mais fino que os restantes motivos.

Cronologia: Calcolítico / Idade do Bronze.

Paradeiro: Propriedade privada.

Bibliografia:

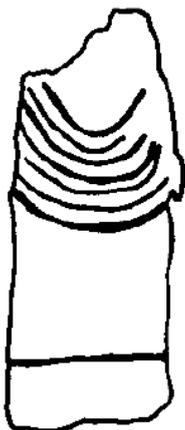
JORGE, Vítor Oliveira e JORGE, Susana Oliveira (1990) – “Statues-menhirs et stèles du Nord du Portugal”, *Revista da Faculdade de Letras*, II série, vol. VII, Porto: Faculdade de Letras, pp. 304-313.

JORGE, Vítor Oliveira e JORGE, Susana Oliveira (1993) – “Statues-menhirs et stèles du Nord du Portugal”, *Les Représentations humaines du Néolithique à l'Âge du Fer – actes du 115e Congrès des Sociétés Savantes (Avignon, 1990)*, Paris: C.T.H.S.

SOUSA, Orlando (1996) - *Estatuária Antropomórfica Pré e Proto-histórica do Norte de Portugal*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

JORGE, Susana Oliveira (1999) – “Cabeço da Mina (Vila Flor, Portugal): A Late Prehistoric Sanctuary with ‘Stelai’ of the Iberian Peninsula” in DEMAKOPOULOU, Katie; ELUÈRE, Christiane; JENSEN, Jørgen; JOCKENHÖVEL, Albrecht, MOHEN, Jean-Pierre (eds.) – *Gods and Heroes of the European Bronze Age*, Londres: Thames & Hudson, pp. 137-141.

DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, Marta (2010) – *Las estelas decoradas en la Prehistoria de la Peninsula Iberica*, Universidad Complutense de Madrid (tese de doutoramento em ficheiro .pdf), catálogo: n° 121.



(Orlando Sousa, segundo JORGE, 1999 e DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, 2010)

Tipo: Ídolo-estela

Localização: Cabeço da Mina, Assares, Vila Flor (Bragança) - 41° 19' 28" Lat. N; 7° 03' 45" Long. W

Enquadramento geo-morfológico: Ver Cabeço da Mina I.

Medidas: 0,60 m de altura; 0,24 m de largura; 0,15 m de grossura.

Suporte: Granito.

Condições de achado: Ver Cabeço da Mina I.

Conservação: Apresenta diversas fracturas.

Técnica: Gravação.

Motivos:

- Colar: Na zona superior, que está fracturada, consegue-se ainda identificar sete semi-círculos, tratando-se possivelmente de um colar múltiplo.
- Linha: Junto à extremidade inferior, uma linha horizontal circunda a peça.

Cronologia: Calcolítico / Idade do Bronze.

Paradeiro: Propriedade privada.

Bibliografia:

JORGE, Vítor Oliveira e JORGE, Susana Oliveira (1990) – “Statues-menhirs et stèles du Nord du Portugal”, *Revista da Faculdade de Letras*, II série, vol. VII, Porto: Faculdade de Letras, pp. 304-313.

JORGE, Vítor Oliveira e JORGE, Susana Oliveira (1993) – “Statues-menhirs et stèles du Nord du Portugal”, *Les Représentations humaines du Néolithique à l'Âge du Fer – actes du 115e Congrès des Sociétés Savantes (Avignon, 1990)*, Paris: C.T.H.S.

SOUSA, Orlando (1996) - *Estatuária Antropomórfica Pré e Proto-histórica do Norte de Portugal*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

JORGE, Susana Oliveira (1999) – “Cabeço da Mina (Vila Flor, Portugal): A Late Prehistoric Sanctuary with ‘Stelai’ of the Iberian Peninsula” in DEMAKOPOULOU, Katie; ELUÈRE, Christiane;

JENSEN, Jørgen; JOCKENHÖVEL, Albrecht, MOHEN, Jean-Pierre (eds.) – *Gods and Heroes of the European Bronze Age*, Londres: Thames & Hudson, pp. 137-141.

DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, Marta (2010) – *Las estelas decoradas en la Prehistoria de la Peninsula Iberica*, Universidad Complutense de Madrid (tese de doutoramento em ficheiro .pdf), catálogo: n° 122.

23 – Cabeço da Mina IV



(Orlando Sousa, segundo JORGE, 1999 e DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, 2010)

Tipo: Ídolo-estela

Localização: Cabeço da Mina, Assares, Vila Flor (Bragança) - 41° 19' 28" Lat. N; 7° 03' 45" Long. W

Enquadramento geo-morfológico: Ver Cabeço da Mina I.

Medidas: 0,33 m de altura; 0,29 m de largura; 0,05 m de grossura.

Suporte: Granito.

Condições de achado: Ver Cabeço da Mina I.

Conservação: Bastante fracturado, quer na zona inferior, quer na parte superior, conservando-se apenas o terço superior do monumento.

Técnica: Gravação em suporte preparado.

Motivos:

- Rosto: Duas pequenas covinhas circulares foram utilizadas para representar os olhos, enquanto o nariz aparece gravado num motivo sub-retangular colocado na vertical. Uma linha aproximadamente horizontal delimita a zona inferior do rosto (“pescoço”).
- Colar: Três linhas semi-circulares desenham-se por baixo desta linha horizontal, numa representação de um colar múltiplo.

Cronologia: Calcolítico / Idade do Bronze.

Paradeiro: Propriedade privada.

Bibliografia:

JORGE, Vítor Oliveira e JORGE, Susana Oliveira (1990) – “Statues-menhirs et stèles du Nord du Portugal”, *Revista da Faculdade de Letras*, II série, vol. VII, Porto: Faculdade de Letras, pp. 304-313.

JORGE, Vítor Oliveira e JORGE, Susana Oliveira (1993) – “Statues-menhirs et stèles du Nord du Portugal”, *Les Représentations humaines du Néolithique à l'Âge du Fer – actes du 115e Congrès des Sociétés Savantes (Avignon, 1990)*, Paris: C.T.H.S.

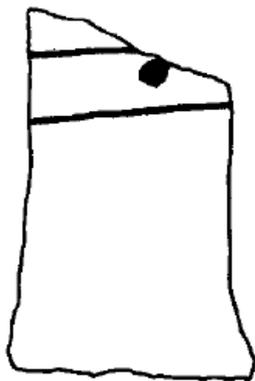
SOUSA, Orlando (1996) - *Estatuária Antropomórfica Pré e Proto-histórica do Norte de Portugal*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

JORGE, Susana Oliveira (1999) – “Cabeço da Mina (Vila Flor, Portugal): A Late Prehistoric Sanctuary with ‘Stelai’ of the Iberian Peninsula” in DEMAKOPOULOU, Katie; ELUÈRE, Christiane;

JENSEN, Jørgen; JOCKENHÖVEL, Albrecht, MOHEN, Jean-Pierre (eds.) – *Gods and Heroes of the European Bronze Age*, Londres: Thames & Hudson, pp. 137-141.

DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, Marta (2010) – *Las estelas decoradas en la Prehistoria de la Peninsula Iberica*, Universidad Complutense de Madrid (tese de doutoramento em ficheiro .pdf), catálogo: n° 123.

24 – Cabeço da Mina V



(Orlando Sousa, segundo JORGE, 1999 e DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, 2010)

Tipo: Ídolo-estela

Localização: Cabeço da Mina, Assares, Vila Flor (Bragança) - 41° 19' 28" Lat. N; 7° 03' 45" Long. W

Enquadramento geo-morfológico: Ver Cabeço da Mina I.

Medidas: 0,66 m de altura; 0,44 m de largura; 0,09 m de grossura.

Suporte: Granito.

Condições de achado: Ver Cabeço da Mina I.

Conservação: Visivelmente fracturado.

Técnica: Gravação em suporte preparado.

Motivos: Conserva-se apenas parte de uma banda horizontal, junto à parte superior do fragmento. Esta banda é constituída por duas linhas horizontais paralelas (havendo uma que circunda o monumento) e, no seu interior, um motivo circular. Poderá tratar-se de um possível cinturão.

Cronologia: Calcolítico / Idade do Bronze.

Paradeiro: Propriedade privada.

Bibliografia:

JORGE, Vítor Oliveira e JORGE, Susana Oliveira (1990) – “Statues-menhirs et stèles du Nord du Portugal”, *Revista da Faculdade de Letras*, II série, vol. VII, Porto: Faculdade de Letras, pp. 304-313.

JORGE, Vítor Oliveira e JORGE, Susana Oliveira (1993) – “Statues-menhirs et stèles du Nord du Portugal”, *Les Représentations humaines du Néolithique à l'Âge du Fer – actes du 115e Congrès des Sociétés Savantes (Avignon, 1990)*, Paris: C.T.H.S.

SOUSA, Orlando (1996) - *Estatuária Antropomórfica Pré e Proto-histórica do Norte de Portugal*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

JORGE, Susana Oliveira (1999) – “Cabeço da Mina (Vila Flor, Portugal): A Late Prehistoric Sanctuary with ‘Stelai’ of the Iberian Peninsula” in DEMAKOPOULOU, Katie; ELUÈRE, Christiane; JENSEN, Jørgen; JOCKENHÖVEL, Albrecht, MOHEN, Jean-Pierre (eds.) – *Gods and Heroes of the European Bronze Age*, Londres: Thames & Hudson, pp. 137-141.

DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, Marta (2010) – *Las estelas decoradas en la Prehistoria de la Península Ibérica*, Universidad Complutense de Madrid (tese de doutoramento em ficheiro .pdf), catálogo: nº 124.

25 – Cabeço da Mina VI



(Orlando Sousa, segundo JORGE, 1999 e DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, 2010)

Tipo: Ídolo-estela

Localização: Cabeço da Mina, Assares, Vila Flor (Bragança) - 41° 19' 28" Lat. N; 7° 03' 45" Long. W

Enquadramento geo-morfológico: Ver Cabeço da Mina I.

Medidas: 0,27 m de altura; 0,18 m de largura; 0,10 m de grossura.

Suporte: Granito.

Condições de achado: Ver Cabeço da Mina I.

Conservação: Apresenta-se fracturado.

Técnica: Gravação.

Motivos:

- Olhos: Os únicos motivos que se registam no monumento são duas covinhas, provavelmente representações de olhos.

Cronologia: Calcolítico / Idade do Bronze.

Paradeiro: Propriedade privada.

Bibliografia:

JORGE, Vítor Oliveira e JORGE, Susana Oliveira (1990) – “Statues-menhirs et stèles du Nord du Portugal”, *Revista da Faculdade de Letras*, II série, vol. VII, Porto: Faculdade de Letras, pp. 304-313.

JORGE, Vítor Oliveira e JORGE, Susana Oliveira (1993) – “Statues-menhirs et stèles du Nord du Portugal”, *Les Représentations humaines du Néolithique à l'Âge du Fer – actes du 115e Congrès des Sociétés Savantes (Avignon, 1990)*, Paris: C.T.H.S.

SOUSA, Orlando (1996) - *Estatuária Antropomórfica Pré e Proto-histórica do Norte de Portugal*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

JORGE, Susana Oliveira (1999) – “Cabeço da Mina (Vila Flor, Portugal): A Late Prehistoric Sanctuary with ‘Stelai’ of the Iberian Peninsula” in DEMAKOPOULOU, Katie; ELUÈRE, Christiane; JENSEN, Jørgen; JOCKENHÖVEL, Albrecht, MOHEN, Jean-Pierre (eds.) – *Gods and Heroes of the European Bronze Age*, Londres: Thames & Hudson, pp. 137-141.

DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, Marta (2010) – *Las estelas decoradas en la Prehistoria de la Península Ibérica*, Universidad Complutense de Madrid (tese de doutoramento em ficheiro .pdf), catálogo: nº 125.

26 – Cabeço da Mina VII



(Orlando Sousa, segundo JORGE, 1999 e DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, 2010)

Tipo: Ídolo-estela

Localização: Cabeço da Mina, Assares, Vila Flor (Bragança) - 41° 19' 28" Lat. N; 7° 03' 45" Long. W

Enquadramento geo-morfológico: Ver Cabeço da Mina I.

Medidas: 0,38 m de altura; 0,16 m de largura; 0,05 m de grossura.

Suporte: Granito.

Condições de achado: Ver Cabeço da Mina I.

Conservação: Bom estado de conservação.

Técnica: Gravação.

Motivos:

- Olhos: Apenas são visíveis, na extremidade superior, duas covinhas, correspondendo provavelmente a olhos.

Cronologia: Calcolítico / Idade do Bronze.

Paradeiro: Propriedade privada.

Bibliografia:

JORGE, Vítor Oliveira e JORGE, Susana Oliveira (1990) – “Statues-menhirs et stèles du Nord du Portugal”, *Revista da Faculdade de Letras*, II série, vol. VII, Porto: Faculdade de Letras, pp. 304-313.

JORGE, Vítor Oliveira e JORGE, Susana Oliveira (1993) – “Statues-menhirs et stèles du Nord du Portugal”, *Les Représentations humaines du Néolithique à l'Âge du Fer – actes du 115e Congrès des Sociétés Savantes (Avignon, 1990)*, Paris: C.T.H.S.

SOUSA, Orlando (1996) - *Estatuária Antropomórfica Pré e Proto-histórica do Norte de Portugal*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

JORGE, Susana Oliveira (1999) – “Cabeço da Mina (Vila Flor, Portugal): A Late Prehistoric Sanctuary with ‘Stelai’ of the Iberian Peninsula” in DEMAKOPOULOU, Katie; ELUÈRE, Christiane; JENSEN, Jørgen; JOCKENHÖVEL, Albrecht, MOHEN, Jean-Pierre (eds.) – *Gods and Heroes of the European Bronze Age*, Londres: Thames & Hudson, pp. 137-141.

DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, Marta (2010) – *Las estelas decoradas en la Prehistoria de la Península Iberica*, Universidad Complutense de Madrid (tese de doutoramento em ficheiro .pdf), catálogo: nº 126.

27 – Cabeço da Mina VIII



(Orlando Sousa, segundo JORGE, 1999 e DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, 2010)

Tipo: Ídolo-estela

Localização: Cabeço da Mina, Assares, Vila Flor (Bragança) - 41° 19' 28" Lat. N; 7° 03' 45" Long. W

Enquadramento geo-morfológico: Ver Cabeço da Mina I.

Medidas: 0,65 m de altura; 0,20 m de largura; 0,05 m de grossura.

Suporte: Xisto.

Condições de achado: Ver Cabeço da Mina I.

Conservação: Muito fragmentado de um dos lados, junto à extremidade superior.

Técnica: Gravação e possível talhe.

Motivos: Sensivelmente a meio do anverso, existe um motivo constituído por duas linhas paralelas horizontais, entre as quais foi gravado um “X”. No lado não fracturado é visível o que parece ser uma escotadura talhada na rocha, deixando imaginar uma escotadura semelhante no lado oposto.

Cronologia: Calcolítico / Idade do Bronze.

Paradeiro: Propriedade privada.

Bibliografia:

JORGE, Vítor Oliveira e JORGE, Susana Oliveira (1990) – “Statues-menhirs et stèles du Nord du Portugal”, *Revista da Faculdade de Letras*, II série, vol. VII, Porto: Faculdade de Letras, pp. 304-313.

JORGE, Vítor Oliveira e JORGE, Susana Oliveira (1993) – “Statues-menhirs et stèles du Nord du Portugal”, *Les Représentations humaines du Néolithique à l'Âge du Fer – actes du 115e Congrès des Sociétés Savantes (Avignon, 1990)*, Paris: C.T.H.S.

SOUSA, Orlando (1996) - *Estatuária Antropomórfica Pré e Proto-histórica do Norte de Portugal*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

JORGE, Susana Oliveira (1999) – “Cabeço da Mina (Vila Flor, Portugal): A Late Prehistoric Sanctuary with ‘Stelai’ of the Iberian Peninsula” in DEMAKOPOULOU, Katie; ELUÈRE, Christiane;

JENSEN, Jørgen; JOCKENHÖVEL, Albrecht, MOHEN, Jean-Pierre (eds.) – *Gods and Heroes of the European Bronze Age*, Londres: Thames & Hudson, pp. 137-141.

DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, Marta (2010) – *Las estelas decoradas en la Prehistoria de la Peninsula Iberica*, Universidad Complutense de Madrid (tese de doutoramento em ficheiro .pdf), catálogo: n° 127.



(Orlando Sousa, segundo JORGE, 1999 e DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, 2010)

Tipo: Ídolo-estela

Localização: Cabeço da Mina, Assares, Vila Flor (Bragança) - 41° 19' 28" Lat. N; 7° 03' 45" Long. W

Enquadramento geo-morfológico: Ver Cabeço da Mina I.

Medidas: 0,38 m de altura; 0,20 m largura; 0,11 m de grossura.

Suporte: Granito.

Condições de achado: Ver Cabeço da Mina I.

Conservação: Fracturada na extremidade inferior.

Técnica: Gravação.

Motivos:

- Linhas: Apenas se conservam duas linhas paralelas horizontais, junto à parte inferior do fragmento, circundando toda a peça.

Cronologia: Calcolítico / Idade do Bronze.

Paradeiro: Propriedade privada.

Bibliografia:

JORGE, Vítor Oliveira e JORGE, Susana Oliveira (1990) – “Statues-menhirs et stèles du Nord du Portugal”, *Revista da Faculdade de Letras*, II série, vol. VII, Porto: Faculdade de Letras, pp. 304-313.

JORGE, Vítor Oliveira e JORGE, Susana Oliveira (1993) – “Statues-menhirs et stèles du Nord du Portugal”, *Les Représentations humaines du Néolithique à l'Âge du Fer – actes du 115e Congrès des Sociétés Savantes (Avignon, 1990)*, Paris: C.T.H.S.

SOUSA, Orlando (1996) - *Estatuária Antropomórfica Pré e Proto-histórica do Norte de Portugal*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

JORGE, Susana Oliveira (1999) – “Cabeço da Mina (Vila Flor, Portugal): A Late Prehistoric Sanctuary with ‘Stelai’ of the Iberian Peninsula” in DEMAKOPOULOU, Katie; ELUÈRE, Christiane; JENSEN, Jørgen; JOCKENHÖVEL, Albrecht, MOHEN, Jean-Pierre (eds.) – *Gods and Heroes of the European Bronze Age*, Londres: Thames & Hudson, pp. 137-141.

DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, Marta (2010) – *Las estelas decoradas en la Prehistoria de la Península Ibérica*, Universidad Complutense de Madrid (tese de doutoramento em ficheiro .pdf), catálogo: nº 128.

29 – Cabeço da Mina X



(Orlando Sousa, segundo JORGE, 1999 e DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, 2010)

Tipo: Ídolo-estela

Localização: Cabeço da Mina, Assares, Vila Flor (Bragança) - 41° 19' 28" Lat. N; 7° 03' 45" Long. W

Enquadramento geo-morfológico: Ver Cabeço da Mina I.

Medidas: 0,50 m de altura; 0,20 m de largura; 0,08 m de grossura.

Suporte: Granito.

Condições de achado: Ver Cabeço da Mina I.

Conservação: Em bom estado de conservação.

Técnica: Gravação.

Motivos:

- Peito: Apresenta, na zona mesial do anverso, dois motivos semi-circulares aproximadamente simétricos que se prolongam para o reverso, onde se cruzam.
- Cinturão: Contornando todo o monumento, a meio da peça, aparece uma banda composta por duas linhas horizontais paralelas. Esta banda é preenchida com motivos em zig-zag. Poderá tratar-se da representação de um cinturão.

Cronologia: Calcolítico / Idade do Bronze.

Paradeiro: Propriedade privada.

Bibliografia:

JORGE, Vítor Oliveira e JORGE, Susana Oliveira (1990) – “Statues-menhirs et stèles du Nord du Portugal”, *Revista da Faculdade de Letras*, II série, vol. VII, Porto: Faculdade de Letras, pp. 304-313.

JORGE, Vítor Oliveira e JORGE, Susana Oliveira (1993) – “Statues-menhirs et stèles du Nord du Portugal”, *Les Représentations humaines du Néolithique à l'Âge du Fer – actes du 115e Congrès des Sociétés Savantes (Avignon, 1990)*, Paris: C.T.H.S.

SOUSA, Orlando (1996) - *Estatuária Antropomórfica Pré e Proto-histórica do Norte de Portugal*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

JORGE, Susana Oliveira (1999) – “Cabeço da Mina (Vila Flor, Portugal): A Late Prehistoric Sanctuary with ‘Stelai’ of the Iberian Peninsula” in DEMAKOPOULOU, Katie; ELUÈRE, Christiane; JENSEN, Jørgen; JOCKENHÖVEL, Albrecht, MOHEN, Jean-Pierre (eds.) – *Gods and Heroes of the European Bronze Age*, Londres: Thames & Hudson, pp. 137-141.

DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, Marta (2010) – *Las estelas decoradas en la Prehistoria de la Península Ibérica*, Universidad Complutense de Madrid (tese de doutoramento em ficheiro .pdf), catálogo: nº 129.

30 – Cabeço da Mina XI



(Orlando Sousa, segundo JORGE, 1999 e DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, 2010)

Tipo: Ídolo-estela

Localização: Cabeço da Mina, Assares, Vila Flor (Bragança) - 41° 19' 28" Lat. N; 7° 03' 45" Long. W

Enquadramento geo-morfológico: Ver Cabeço da Mina I.

Medidas: 0,38 m de altura; 0,25 m de largura; 0,08 m de grossura.

Suporte: Granito.

Condições de achado: Ver Cabeço da Mina I.

Conservação: Muito fragmentado.

Técnica: Gravação.

Motivos:

- Linha: Apenas se conserva uma linha horizontal, que aparentemente circundaria todo o monumento.

Cronologia: Calcolítico / Idade do Bronze.

Paradeiro: Propriedade privada.

Bibliografia:

JORGE, Vítor Oliveira e JORGE, Susana Oliveira (1990) – “Statues-menhirs et stèles du Nord du Portugal”, *Revista da Faculdade de Letras*, II série, vol. VII, Porto: Faculdade de Letras, pp. 304-313.

JORGE, Vítor Oliveira e JORGE, Susana Oliveira (1993) – “Statues-menhirs et stèles du Nord du Portugal”, *Les Représentations humaines du Néolithique à l'Âge du Fer – actes du 115e Congrès des Sociétés Savantes (Avignon, 1990)*, Paris: C.T.H.S.

SOUSA, Orlando (1996) - *Estatuária Antropomórfica Pré e Proto-histórica do Norte de Portugal*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

JORGE, Susana Oliveira (1999) – “Cabeço da Mina (Vila Flor, Portugal): A Late Prehistoric Sanctuary with ‘Stelai’ of the Iberian Peninsula” in DEMAKOPOULOU, Katie; ELUÈRE, Christiane; JENSEN, Jørgen; JOCKENHÖVEL, Albrecht, MOHEN, Jean-Pierre (eds.) – *Gods and Heroes of the European Bronze Age*, Londres: Thames & Hudson, pp. 137-141.

DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, Marta (2010) – *Las estelas decoradas en la Prehistoria de la Península Ibérica*, Universidad Complutense de Madrid (tese de doutoramento em ficheiro .pdf), catálogo: nº 130.



(Orlando Sousa, segundo JORGE, 1999 e DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, 2010)

Tipo: Ídolo-estela

Localização: Cabeço da Mina, Assares, Vila Flor (Bragança) - 41° 19' 28" Lat. N; 7° 03' 45" Long. W

Enquadramento geo-morfológico: Ver Cabeço da Mina I.

Medidas: 0,65 m de altura; 0,20 m de largura; 0,14 m de grossura.

Suporte: Granito.

Condições de achado: Ver Cabeço da Mina I.

Conservação: Muito deteriorado.

Técnica: Gravação.

Motivos:

- Olhos: Apenas se observam duas pequenas covinhas junto ao topo da peça, tratando-se possivelmente de olhos.

Cronologia: Calcolítico / Idade do Bronze.

Paradeiro: Propriedade privada.

Bibliografia:

JORGE, Vítor Oliveira e JORGE, Susana Oliveira (1990) – “Statues-menhirs et stèles du Nord du Portugal”, *Revista da Faculdade de Letras*, II série, vol. VII, Porto: Faculdade de Letras, pp. 304-313.

JORGE, Vítor Oliveira e JORGE, Susana Oliveira (1993) – “Statues-menhirs et stèles du Nord du Portugal”, *Les Représentations humaines du Néolithique à l'Âge du Fer – actes du 115e Congrès des Sociétés Savantes (Avignon, 1990)*, Paris: C.T.H.S.

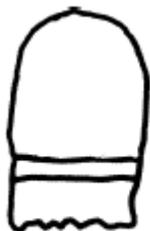
SOUSA, Orlando (1996) - *Estatuária Antropomórfica Pré e Proto-histórica do Norte de Portugal*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

JORGE, Susana Oliveira (1999) – “Cabeço da Mina (Vila Flor, Portugal): A Late Prehistoric Sanctuary with ‘Stelai’ of the Iberian Peninsula” in DEMAKOPOULOU, Katie; ELUÈRE, Christiane;

JENSEN, Jørgen; JOCKENHÖVEL, Albrecht, MOHEN, Jean-Pierre (eds.) – *Gods and Heroes of the European Bronze Age*, Londres: Thames & Hudson, pp. 137-141.

DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, Marta (2010) – *Las estelas decoradas en la Prehistoria de la Península Iberica*, Universidad Complutense de Madrid (tese de doutoramento em ficheiro .pdf), catálogo: n° 131.

32 – Cabeço da Mina XIII



(Orlando Sousa, segundo JORGE, 1999 e DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, 2010)

Tipo: Ídolo-estela.

Localização: Cabeço da Mina, Assares, Vila Flor (Bragança) - 41° 19' 28" Lat. N; 7° 03' 45" Long. W

Enquadramento geo-morfológico: Ver Cabeço da Mina I.

Medidas: 0,29 m de altura; 0,18 m de largura; 0,07 m de grossura.

Suporte: Granito.

Condições de achado: Ver Cabeço da Mina I.

Conservação: Fracturada na parte inferior.

Técnica: Gravação sobre superfície polida.

Motivos: Apenas se observam duas linhas paralelas horizontais que circundam toda a peça.

Cronologia: Calcolítico / Idade do Bronze.

Paradeiro: Propriedade privada.

Bibliografia:

JORGE, Vítor Oliveira e JORGE, Susana Oliveira (1990) – “Statues-menhirs et stèles du Nord du Portugal”, *Revista da Faculdade de Letras*, II série, vol. VII, Porto: Faculdade de Letras, pp. 304-313.

JORGE, Vítor Oliveira e JORGE, Susana Oliveira (1993) – “Statues-menhirs et stèles du Nord du Portugal”, *Les Représentations humaines du Néolithique à l'Âge du Fer – actes du 115e Congrès des Sociétés Savantes (Avignon, 1990)*, Paris: C.T.H.S.

SOUSA, Orlando (1996) - *Estatuária Antropomórfica Pré e Proto-histórica do Norte de Portugal*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

JORGE, Susana Oliveira (1999) – “Cabeço da Mina (Vila Flor, Portugal): A Late Prehistoric Sanctuary with ‘Stelai’ of the Iberian Peninsula” in DEMAKOPOULOU, Katie; ELUÈRE, Christiane; JENSEN, Jørgen; JOCKENHÖVEL, Albrecht, MOHEN, Jean-Pierre (eds.) – *Gods and Heroes of the European Bronze Age*, Londres: Thames & Hudson, pp. 137-141.

DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, Marta (2010) – *Las estelas decoradas en la Prehistoria de la Península Ibérica*, Universidad Complutense de Madrid (tese de doutoramento em ficheiro .pdf), catálogo: nº 132.

33 – Cabeço da Mina XIV



(Orlando Sousa, segundo JORGE, 1999 e DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, 2010)

Tipo: Ídolo-estela.

Localização: Cabeço da Mina, Assares, Vila Flor (Bragança) - 41° 19' 28" Lat. N; 7° 03' 45" Long. W

Enquadramento geo-morfológico: Ver Cabeço da Mina I.

Medidas: 0,30 m de altura; 0,31 m de largura; 0,11 m de grossura.

Suporte: Granito.

Condições de achado: Ver Cabeço da Mina I.

Conservação: Muito fragmentado.

Técnica: Gravação.

Motivos: Apenas se preserva um fragmento de uma banda composta por duas linhas horizontais paralelas, preenchida com motivos em zig-zag.

Cronologia: Calcolítico / Idade do Bronze.

Paradeiro: Propriedade privada.

Bibliografia:

JORGE, Vítor Oliveira e JORGE, Susana Oliveira (1990) – “Statues-menhirs et stèles du Nord du Portugal”, *Revista da Faculdade de Letras*, II série, vol. VII, Porto: Faculdade de Letras, pp. 304-313.

JORGE, Vítor Oliveira e JORGE, Susana Oliveira (1993) – “Statues-menhirs et stèles du Nord du Portugal”, *Les Représentations humaines du Néolithique à l'Âge du Fer – actes du 115e Congrès des Sociétés Savantes (Avignon, 1990)*, Paris: C.T.H.S.

SOUSA, Orlando (1996) - *Estatuária Antropomórfica Pré e Proto-histórica do Norte de Portugal*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

JORGE, Susana Oliveira (1999) – “Cabeço da Mina (Vila Flor, Portugal): A Late Prehistoric Sanctuary with ‘Stelai’ of the Iberian Peninsula” in DEMAKOPOULOU, Katie; ELUÈRE, Christiane; JENSEN, Jørgen; JOCKENHÖVEL, Albrecht, MOHEN, Jean-Pierre (eds.) – *Gods and Heroes of the European Bronze Age*, Londres: Thames & Hudson, pp. 137-141.

DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, Marta (2010) – *Las estelas decoradas en la Prehistoria de la Península Ibérica*, Universidad Complutense de Madrid (tese de doutoramento em ficheiro .pdf), catálogo: nº 133.



(Orlando Sousa, segundo JORGE, 1999 e DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, 2010)

Tipo: Ídolo-estela

Localização: Cabeço da Mina, Assares, Vila Flor (Bragança) - 41° 19' 28" Lat. N; 7° 03' 45" Long. W

Enquadramento geo-morfológico: Ver Cabeço da Mina I.

Medidas: 0,27 m de altura; 0,30 m de largura; 0,13 m de grossura.

Suporte: Granito.

Condições de achado: Ver Cabeço da Mina I.

Conservação: Muito fragmentado.

Técnica: Gravação.

Motivos: Conserva-se parte de uma banda composta por duas linhas horizontais paralelas, preenchida com motivos em zig-zag, que circundaria a peça.

Cronologia: Calcolítico / Idade do Bronze.

Paradeiro: Propriedade privada.

Bibliografia:

JORGE, Vítor Oliveira e JORGE, Susana Oliveira (1990) – “Statues-menhirs et stèles du Nord du Portugal”, *Revista da Faculdade de Letras*, II série, vol. VII, Porto: Faculdade de Letras, pp. 304-313.

JORGE, Vítor Oliveira e JORGE, Susana Oliveira (1993) – “Statues-menhirs et stèles du Nord du Portugal”, *Les Représentations humaines du Néolithique à l'Âge du Fer – actes du 115e Congrès des Sociétés Savantes (Avignon, 1990)*, Paris: C.T.H.S.

SOUSA, Orlando (1996) - *Estatuária Antropomórfica Pré e Proto-histórica do Norte de Portugal*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

JORGE, Susana Oliveira (1999) – “Cabeço da Mina (Vila Flor, Portugal): A Late Prehistoric Sanctuary with ‘Stelai’ of the Iberian Peninsula” in DEMAKOPOULOU, Katie; ELUÈRE, Christiane; JENSEN, Jørgen; JOCKENHÖVEL, Albrecht, MOHEN, Jean-Pierre (eds.) – *Gods and Heroes of the European Bronze Age*, Londres: Thames & Hudson, pp. 137-141.

DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, Marta (2010) – *Las estelas decoradas en la Prehistoria de la Península Ibérica*, Universidad Complutense de Madrid (tese de doutoramento em ficheiro .pdf), catálogo: nº 134.

35 – Cabeço da Mina XVI



(Orlando Sousa, segundo JORGE, 1999 e DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, 2010)

Tipo: Ídolo-estela

Localização: Cabeço da Mina, Assares, Vila Flor (Bragança) - 41° 19' 28" Lat. N; 7° 03' 45" Long. W

Enquadramento geo-morfológico: Ver Cabeço da Mina I.

Medidas: 0,34 m de altura; 0,11 m de grossura.

Suporte: Granito.

Condições de achado: Ver Cabeço da Mina I.

Conservação: Muito fragmentado, afectando a decoração.

Técnica: Gravação.

Motivos: Na parte superior do fragmento é ainda visível parte de uma banda horizontal, preenchida com motivos em zig-zag.

Cronologia: Calcolítico / Idade do Bronze.

Paradeiro: Propriedade privada.

Bibliografia:

JORGE, Vítor Oliveira e JORGE, Susana Oliveira (1990) – “Statues-menhirs et stèles du Nord du Portugal”, *Revista da Faculdade de Letras*, II série, vol. VII, Porto: Faculdade de Letras, pp. 304-313.

JORGE, Vítor Oliveira e JORGE, Susana Oliveira (1993) – “Statues-menhirs et stèles du Nord du Portugal”, *Les Représentations humaines du Néolithique à l'Âge du Fer – actes du 115e Congrès des Sociétés Savantes (Avignon, 1990)*, Paris: C.T.H.S.

SOUSA, Orlando (1996) - *Estatuária Antropomórfica Pré e Proto-histórica do Norte de Portugal*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

JORGE, Susana Oliveira (1999) – “Cabeço da Mina (Vila Flor, Portugal): A Late Prehistoric Sanctuary with ‘Stelai’ of the Iberian Peninsula” in DEMAKOPOULOU, Katie; ELUÈRE, Christiane; JENSEN, Jørgen; JOCKENHÖVEL, Albrecht, MOHEN, Jean-Pierre (eds.) – *Gods and Heroes of the European Bronze Age*, Londres: Thames & Hudson, pp. 137-141.

DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, Marta (2010) – *Las estelas decoradas en la Prehistoria de la Península Ibérica*, Universidad Complutense de Madrid (tese de doutoramento em ficheiro .pdf), catálogo: n° 135.



(Orlando Sousa, segundo JORGE, 1999 e DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, 2010)

Tipo: Ídolo-estela

Localização: Cabeço da Mina, Assares, Vila Flor (Bragança) - 41° 19' 28" Lat. N; 7° 03' 45" Long. W

Enquadramento geo-morfológico: Ver Cabeço da Mina I.

Medidas: 0,41 m de altura; 0,17 m de largura; 0,08 m de grossura.

Suporte: Granito.

Condições de achado: Ver Cabeço da Mina I.

Conservação: Em relativamente boas condições de conservação.

Técnica: Gravação em superfície polida.

Motivos:

- Cinturão: A meio da peça, uma banda composta por duas linhas horizontais paralelas rodeia todo o monumento. Este motivo é preenchido por motivos em zig-zag (cinturão?).

Cronologia: Calcolítico / Idade do Bronze.

Paradeiro: Propriedade privada.

Bibliografia:

JORGE, Vítor Oliveira e JORGE, Susana Oliveira (1990) – “Statues-menhirs et stèles du Nord du Portugal”, *Revista da Faculdade de Letras*, II série, vol. VII, Porto: Faculdade de Letras, pp. 304-313.

JORGE, Vítor Oliveira e JORGE, Susana Oliveira (1993) – “Statues-menhirs et stèles du Nord du Portugal”, *Les Représentations humaines du Néolithique à l'Âge du Fer – actes du 115e Congrès des Sociétés Savantes (Avignon, 1990)*, Paris: C.T.H.S.

SOUSA, Orlando (1996) - *Estatuária Antropomórfica Pré e Proto-histórica do Norte de Portugal*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

JORGE, Susana Oliveira (1999) – “Cabeço da Mina (Vila Flor, Portugal): A Late Prehistoric Sanctuary with ‘Stelai’ of the Iberian Peninsula” in DEMAKOPOULOU, Katie; ELUÈRE, Christiane; JENSEN, Jørgen; JOCKENHÖVEL, Albrecht, MOHEN, Jean-Pierre (eds.) – *Gods and Heroes of the European Bronze Age*, Londres: Thames & Hudson, pp. 137-141.

DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, Marta (2010) – *Las estelas decoradas en la Prehistoria de la Península Ibérica*, Universidad Complutense de Madrid (tese de doutoramento em ficheiro .pdf), catálogo: nº 136.



(Orlando Sousa, segundo JORGE, 1999 e DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, 2010)

Tipo: Ídolo-estela

Localização: Cabeço da Mina, Assares, Vila Flor (Bragança) - 41° 19' 28" Lat. N; 7° 03' 45" Long. W

Enquadramento geo-morfológico: Ver Cabeço da Mina I.

Medidas: 0,36 m de altura; 0,12 m de largura; 0,08 m de grossura.

Suporte: Granito.

Condições de achado: Ver Cabeço da Mina I.

Conservação: Bom estado de conservação.

Técnica: Gravação em suporte polido.

Motivos:

- Cinturão: A meio da peça, uma banda composta por duas linhas horizontais paralelas circunda o monumento, sendo preenchida com motivos em zig-zag (possível cinturão).

Cronologia: Calcolítico / Idade do Bronze.

Paradeiro: Propriedade privada.

Bibliografia:

JORGE, Vítor Oliveira e JORGE, Susana Oliveira (1990) – “Statues-menhirs et stèles du Nord du Portugal”, *Revista da Faculdade de Letras*, II série, vol. VII, Porto: Faculdade de Letras, pp. 304-313.

JORGE, Vítor Oliveira e JORGE, Susana Oliveira (1993) – “Statues-menhirs et stèles du Nord du Portugal”, *Les Représentations humaines du Néolithique à l'Âge du Fer – actes du 115e Congrès des Sociétés Savantes (Avignon, 1990)*, Paris: C.T.H.S.

SOUSA, Orlando (1996) - *Estatuária Antropomórfica Pré e Proto-histórica do Norte de Portugal*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

JORGE, Susana Oliveira (1999) – “Cabeço da Mina (Vila Flor, Portugal): A Late Prehistoric Sanctuary with ‘Stelai’ of the Iberian Peninsula” in DEMAKOPOULOU, Katie; ELUÈRE, Christiane; JENSEN, Jørgen; JOCKENHÖVEL, Albrecht, MOHEN, Jean-Pierre (eds.) – *Gods and Heroes of the European Bronze Age*, Londres: Thames & Hudson, pp. 137-141.

DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, Marta (2010) – *Las estelas decoradas en la Prehistoria de la Península Ibérica*, Universidad Complutense de Madrid (tese de doutoramento em ficheiro .pdf), catálogo: n° 137.



(Orlando Sousa, segundo JORGE, 1999 e DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, 2010)

Tipo: Ídolo-estela

Localização: Cabeço da Mina, Assares, Vila Flor (Bragança) - 41° 19' 28" Lat. N; 7° 03' 45" Long. W

Enquadramento geo-morfológico: Ver Cabeço da Mina I.

Medidas: 0,28 m de altura; 0,22 m de largura.

Suporte: Granito.

Condições de achado: Ver Cabeço da Mina I.

Conservação: Muito fragmentado.

Técnica: Gravação.

Motivos:

- Colar: Conservam-se apenas quatro linhas semi-circulares paralelas, tratando-se provavelmente de um colar múltiplo.

Cronologia: Calcolítico / Idade do Bronze.

Paradeiro: Propriedade privada.

Bibliografia:

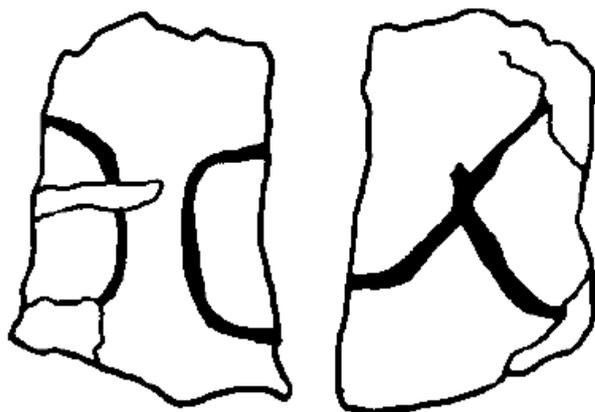
JORGE, Vítor Oliveira e JORGE, Susana Oliveira (1990) – “Statues-menhirs et stèles du Nord du Portugal”, *Revista da Faculdade de Letras*, II série, vol. VII, Porto: Faculdade de Letras, pp. 304-313.

JORGE, Vítor Oliveira e JORGE, Susana Oliveira (1993) – “Statues-menhirs et stèles du Nord du Portugal”, *Les Représentations humaines du Néolithique à l'Âge du Fer – actes du 115e Congrès des Sociétés Savantes (Avignon, 1990)*, Paris: C.T.H.S.

SOUSA, Orlando (1996) - *Estuária Antropomórfica Pré e Proto-histórica do Norte de Portugal*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

JORGE, Susana Oliveira (1999) – “Cabeço da Mina (Vila Flor, Portugal): A Late Prehistoric Sanctuary with ‘Stelai’ of the Iberian Peninsula” in DEMAKOPOULOU, Katie; ELUÈRE, Christiane; JENSEN, Jørgen; JOCKENHÖVEL, Albrecht, MOHEN, Jean-Pierre (eds.) – *Gods and Heroes of the European Bronze Age*, Londres: Thames & Hudson, pp. 137-141.

DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, Marta (2010) – *Las estelas decoradas en la Prehistoria de la Península Ibérica*, Universidad Complutense de Madrid (tese de doutoramento em ficheiro .pdf), catálogo: nº 138.



(Orlando Sousa, segundo JORGE, 1999 e DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, 2010)

Tipo: Ídolo-estela

Localização: Cabeço da Mina, Assares, Vila Flor (Bragança) - 41° 19' 28" Lat. N; 7° 03' 45" Long. W

Enquadramento geo-morfológico: Ver Cabeço da Mina I.

Medidas: 0,45 m de altura; 0,28 m de largura; 0,08 m de grossura.

Suporte: Granito.

Condições de achado: Ver Cabeço da Mina I.

Conservação: Muito fragmentado.

Técnica: Gravação.

Motivos: Conservam-se apenas dois semi-círculos simétricos (no anverso), que se prolongam para o reverso e aí se cruzam em “X”.

Cronologia: Calcolítico / Idade do Bronze.

Paradeiro: Propriedade privada.

Bibliografia:

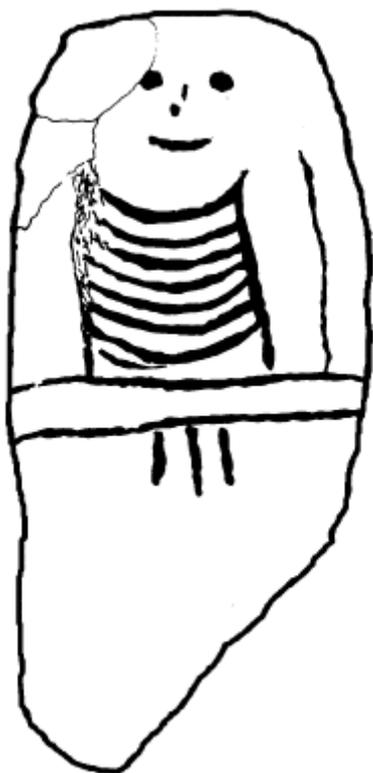
JORGE, Vítor Oliveira e JORGE, Susana Oliveira (1990) – “Statues-menhirs et stèles du Nord du Portugal”, *Revista da Faculdade de Letras*, II série, vol. VII, Porto: Faculdade de Letras, pp. 304-313.

JORGE, Vítor Oliveira e JORGE, Susana Oliveira (1993) – “Statues-menhirs et stèles du Nord du Portugal”, *Les Représentations humaines du Néolithique à l'Âge du Fer – actes du 115e Congrès des Sociétés Savantes (Avignon, 1990)*, Paris: C.T.H.S.

Sousa, Orlando (1996) - *Estatuária Antropomórfica Pré e Proto-histórica do Norte de Portugal*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

JORGE, Susana Oliveira (1999) – “Cabeço da Mina (Vila Flor, Portugal): A Late Prehistoric Sanctuary with ‘Stelai’ of the Iberian Peninsula” in DEMAKOPOULOU, Katie; ELUÈRE, Christiane; JENSEN, Jørgen; JOCKENHÖVEL, Albrecht, MOHEN, Jean-Pierre (eds.) – *Gods and Heroes of the European Bronze Age*, Londres: Thames & Hudson, pp. 137-141.

DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, Marta (2010) – *Las estelas decoradas en la Prehistoria de la Península Iberica*, Universidad Complutense de Madrid (tese de doutoramento em ficheiro .pdf), catálogo: nº 139.



(Orlando Sousa, segundo JORGE, 1999 e DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, 2010)

Tipo: Ídolo-estela.

Localização: Cabeço da Mina, Assares, Vila Flor (Bragança) - 41° 19' 28" Lat. N; 7° 03' 45" Long. W

Enquadramento geo-morfológico: Ver Cabeço da Mina I.

Medidas: 0,68 m de altura; 0,32 m de largura; 0,15 m de grossura.

Suporte: Granito, estando o terço inferior do monumento preparado para ser fincado no solo.

Condições de achado: Ver Cabeço da Mina I.

Conservação: Fracturado no canto superior direito da peça.

Técnica: Gravação.

Motivos:

- Rosto: No terço superior do monumento, é visível uma representação esquemática de um rosto, composta por dois olhos, nariz e boca, ligeiramente arqueada.
- Colares: Sob o rosto, encontram-se gravados sete segmentos de círculo paralelos, representando provavelmente colares. Delimitando os colares estão dois traços paralelos sub-verticais (poderá tratar-se da representação de algum tipo de veste?).
- Cinturão: A figura é concluída, mais ao menos a meio do suporte, pela representação de um cinturão, através de duas linhas paralelas. Esta banda circunda todo o suporte. A meio do anverso saem, a partir da parte inferior da banda, três linhas verticais, tratando-se possivelmente de algum tipo de adereço do cinturão.

Cronologia: Calcolítico / Idade do Bronze.

Paradeiro: Propriedade privada.

Bibliografia:

JORGE, Vítor Oliveira e JORGE, Susana Oliveira (1990) – “Statues-menhirs et stèles du Nord du Portugal”, *Revista da Faculdade de Letras*, II série, vol. VII, Porto: Faculdade de Letras, pp. 304-313.

JORGE, Vítor Oliveira e JORGE, Susana Oliveira (1993) – “Statues-menhirs et stèles du Nord du Portugal”, *Les Représentations humaines du Néolithique à l'Âge du Fer – actes du 115e Congrès des Sociétés Savantes (Avignon, 1990)*, Paris: C.T.H.S.

SOUSA, Orlando (1996) - *Estuária Antropomórfica Pré e Proto-histórica do Norte de Portugal*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

JORGE, Susana Oliveira (1999) – “Cabeço da Mina (Vila Flor, Portugal): A Late Prehistoric Sanctuary with ‘Stelai’ of the Iberian Peninsula” in DEMAKOPOULOU, Katie; ELUÈRE, Christiane; JENSEN, Jørgen; JOCKENHÖVEL, Albrecht, MOHEN, Jean-Pierre (eds.) – *Gods and Heroes of the European Bronze Age*, Londres: Thames & Hudson, pp. 137-141.

DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, Marta (2010) – *Las estelas decoradas en la Prehistoria de la Península Ibérica*, Universidad Complutense de Madrid (tese de doutoramento em ficheiro .pdf), catálogo: nº 140.



(VASCONCELOS, 1910)

Tipo: Ídolo-estela

Localização: Quinta do Couquinho, Vide, Moncorvo (Bragança) – 41° 15' 25" Lat. N; 7° 08' 51" Long. W.

Enquadramento geo-morfológico: A Quinta do Couquinho situa-se a cerca de 1,3 km a Norte de Vide, junto as margens do Ribeiro Grande. Está localizada num vale, a cerca de 200 m de altitude, ladeada por encostas acentuadas, pelas quais descem alguns cursos de água mais pequenos.

Medidas: 0,31 m de altura; 0,23 m de largura máxima; 0,07 m de espessura máxima.

Suporte: Granito.

Condições de achado: As condições em que foi encontrado este exemplar são desconhecidas. Sabe-se que foi oferecido ao Museu Etnológico Português por José Augusto Tavares, abade de Carviçais.

Conservação: Bom estado de conservação.

Técnica: Gravação sobre suporte ligeiramente afeixado.

Motivos:

- Rosto: A estátua representa um rosto humano. Duas covinhas ao centro representam os olhos, enquanto o nariz é representado por um traço vertical que os separa. As arcadas supraciliares são representadas por um traço horizontal acima dos olhos, enquanto um outro traço horizontal por baixo dos mesmos representa a boca. A parte superior da face é delimitada por um comprido sulco em arco (diadema ?).
- Colar: Por baixo da boca aparece um colar múltiplo, representado por três semi-círculos concêntricos.

Cronologia: Calcolítico / Bronze Médio.

Paradeiro: Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa.

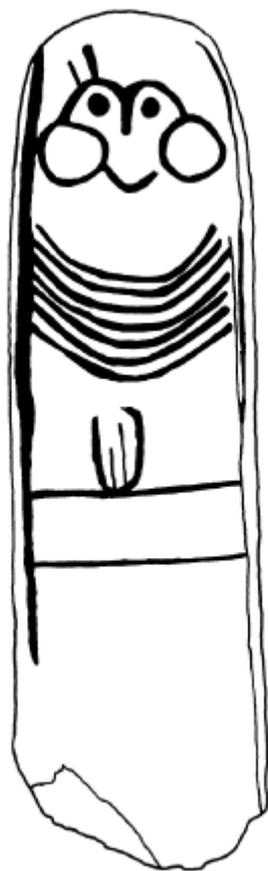
Bibliografia:

VASCONCELOS, José Leite de (1910) – “Esculturas pré-históricas do Museu Etnológico Português”, *Arqueólogo Português*, série 1, vol. 15, n.º. 1-12, pp. 31-39;

JORGE, Vítor Oliveira e JORGE, Susana Oliveira (1990) – “Statues-menhirs et stèles du Nord du Portugal”, *Revista da Faculdade de Letras*, II série, vol. VII, Porto: Faculdade de Letras, pp. 304-313.



(CAMPOS, 2002)



(DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, 2010 [levantamento a partir de fotografia])

Tipo: Ídolo-estela.

Localização: Quinta de Vila Maior, Cabeça Boa, Moncorvo (Bragança) - 41° 11' 38" Lat. N; 7° 06' 42" Long. W.

Enquadramento geo-morfológico: A Quinta de Vila Maior localiza-se na margem direita do Rio Sabor, na extremidade Sul do Vale da Vilarça. Situa-se a cerca de 150 m de altitude, no amplo vale delimitado, a Este e a Oeste, por relevos acentuados. Hidrograficamente é uma zona interessante, já que a confluência entre a Ribeira da Vilarça e o Rio Sabor se localiza a apenas 1100 m para Nordeste, enquanto a foz do Rio Sabor (afluente do Rio Douro) se situa a pouco mais de 2 km para Sul. O Rio Sabor tem o seu curso a cerca de 900 m para Este. Junto à Quinta de Vila Maior corre ainda a Ribeira dos Cavalos, afluente do Sabor.

Medidas: 1,57 m de altura; 0,45 m de largura; 0,24 m de grossura.

Suporte: Laje de granito acastanhado claro, de grão médio.

Condições de achado: Identificada no decorrer de trabalhos agrícolas, podendo estar fora do seu contexto original, já que se identificou no mesmo lugar um *vicus* romano.

Conservação: Apresenta-se algo danificada pela erosão e pela acção dos arados.

Técnica: Gravação.

Motivos:

- Rosto: Na parte superior do monumento, duas pequenas covinhas representam os olhos. A definir o nariz e a arcada supraciliar apresenta-se um motivo em “T” arqueado. Os arcos superiores deste “T” terminam, cada um, num grande círculo de 12 cm de diâmetro (“maças do rosto”? adornos?). A boca apresenta-se como um pequeno sulco em arco, sob o nariz. De registar ainda a presença de dois traços paralelos na “sobrancelha” direita.
- Colares: Sobre o peito da figura aparecem representados sete semi-círculos paralelos, representando provavelmente colares.
- Motivo sub-rectangular: Sob os colares, e justaposto à parte superior do cinturão, aparece um motivo sub-rectangular bastante erodido. No seu interior desenham-se duas linhas paralelas verticais, mais finas.
- Cinturão: A meio do suporte aparecem gravadas duas linhas horizontais paralelas, formando uma banda que deverá ser interpretada como um cinturão.
- Linhas: Toda a área gravada se encontra delimitada por linhas laterais.

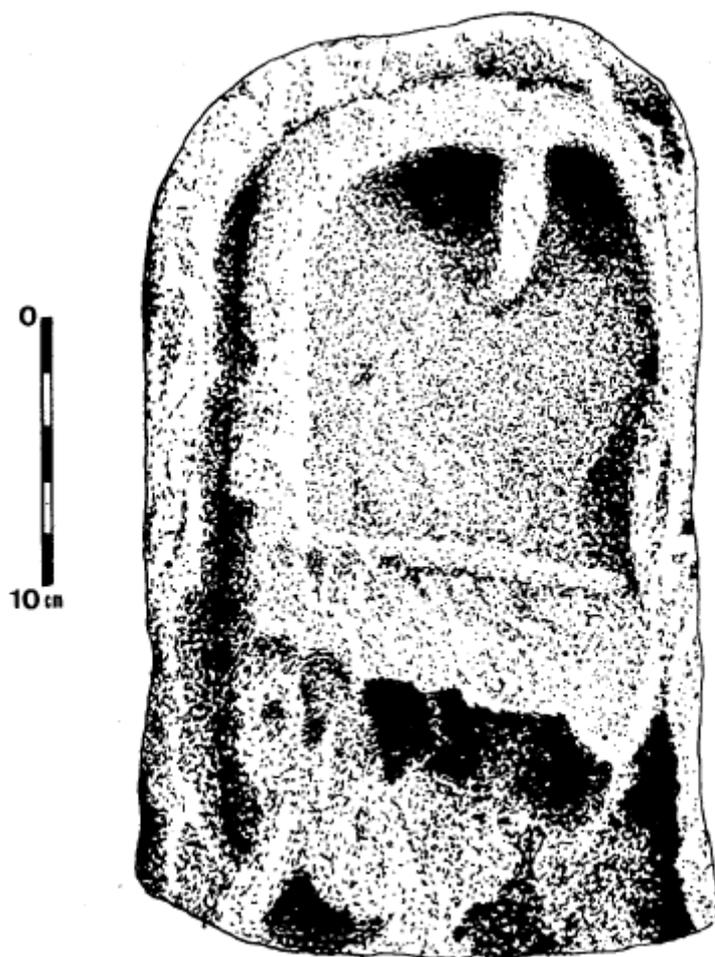
Cronologia: Calcolítico

Paradeiro: Museu do Ferro e da Região de Moncorvo (Moncorvo).

Bibliografia:

CAMPOS, Nuno (2002) – “Estela antropomórfica. Qta. de Vila Maior, Cabeça Boa”, *Catálogo Museu do Ferro e da Região de Moncorvo*, vol. 1, Torre de Moncorvo, pp. 161-162.

DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, Marta (2010) – *Las estelas decoradas en la Prehistoria de la Península Iberica*, Universidad Complutense de Madrid (tese de doutoramento em ficheiro .pdf), catálogo: nº 159.



(ARNAL, 1976)

Tipo: Estátua-menir

Localização: Concelho de Moncorvo (Bragança).

Enquadramento geo-morfológico: Desconhecido.

Medidas: 0,35 m de altura; 0,19 m de largura máxima; 0,07 m de espessura máxima.

Suporte: Granito.

Condições de achado: Desconhecidas. Sabe-se apenas que provem do concelho de Moncorvo e, à semelhança da estátua-menir da Quinta do Couquinho, foi oferecida ao Museu Etnológico Português pelo abade José Augusto Tavares.

Conservação: Bastante danificada e fracturada na parte inferior. A zona do “rosto”, no entanto, está relativamente bem conservada.

Técnica: Utilização do relevo na representação do nariz e da moldura que define o “rosto”.

Motivos:

- Rosto: A decoração deste monumento consiste numa representação muito esquemática de um rosto humano. É definido por uma moldura em relevo, apresentando ainda um

nariz também em relevo. A face propriamente dita é apresentada em baixo relevo, com duas depressões na zona dos olhos.

Cronologia: Calcolítico.

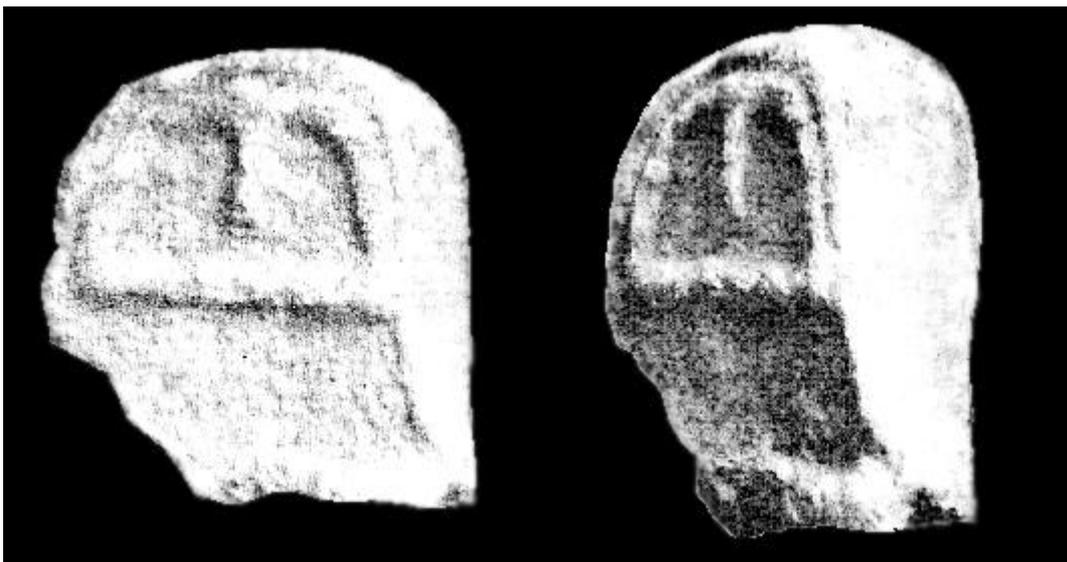
Paradeiro: Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa.

Bibliografia:

VASCONCELOS, José Leite de (1910) – “Esculturas pré-históricas do Museu Etnológico Português”, *Arqueólogo Português*, série 1, vol. 15, nº. 1-12, pp. 31-39;

ARNAL, Jean (1976) – *Les Statues-menhirs, hommes et dieux*, Toulouse: Editions des Hespérides;

JORGE, Vítor Oliveira e JORGE, Susana Oliveira (1990) – “Statues-menhirs et stèles du Nord du Portugal”, *Revista da Faculdade de Letras*, II série, vol. VII, Porto: Faculdade de Letras, pp. 304-313.



(a partir de SANTOS JÚNIOR, 1975)

Tipo: Estátua-menir

Localização: Monte de Santa Luzia, Freixo de Espada à Cinta (Bragança) – 41° 06' 41" Lat. N; 6° 46' 59" Long. W.

Enquadramento geo-morfológico: O monte de Santa Luzia localiza-se a cerca de 3 km a Nordeste de Freixo de Espada à Cinta, na margem direita do Ribeiro da Coraceira. O Rio Douro corre a apenas 2 km para Este, num troço em que serve de fronteira entre Portugal e Espanha. É um relevo de vertentes não muito íngremes, atingindo no topo uma altitude máxima de 520 m. A vertente mais abrupta é a do lado Norte, que dá para o Ribeiro da Coraceira.

Medidas: 0,23 m de altura; cerca de 0,18 m de largura máxima; cerca de 0,08 m de espessura.

Suporte: Bloco de granito.

Condições de achado: Numa das visitas que fez ao suposto povoado da Idade do Ferro existente no monte, Santos Júnior identificou este exemplar em cima de uma parede.

Conservação: A parte inferior do monumento está fracturada.

Técnica: Utilização de relevo.

Motivos:

- Rosto: A moldura que compõe o suposto rosto aparece em alto-relevo. Tem uma forma aproximadamente semi-circular, com uma base recta. Apresenta um nariz, que parte da zona superior e quase que se estende até à base, dividindo a face em dois campos, dando a ideia de dois olhos. Para baixo do rosto vê-se que a superfície do monumento foi rebaixada e facetada, mas a fractura da peça nesta zona não permite adiantar mais pormenores.

Cronologia: Calcolítico.

Paradeiro: Museu do Abade de Baçal (Bragança).

Bibliografia:

SANTOS JÚNIOR, Joaquim Rodrigues dos (1975) – “A cultura berrões no Nordeste de Portugal”, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. XXII, fasc. 4, Porto, pp. 353-516;

JORGE, Vítor Oliveira e JORGE, Susana Oliveira (1990) – “Statues-menhirs et stèles du Nord du Portugal”, *Revista da Faculdade de Letras*, II série, vol. VII, Porto: Faculdade de Letras, pp. 304-313.

45 – Santa Luzia II



(DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, 2010)

Tipo: Estátua-menir

Localização: Monte de Santa Luzia, Freixo de Espada à Cinta (Bragança) – 41° 06' 41" Lat. N; 6° 46' 59" Long. W.

Enquadramento geo-morfológico: Ver Santa Luzia I.

Medidas: 0,32 m de altura; cerca de 0,21 m de largura; 0,12 m de espessura.

Suporte: Bloco de granito.

Condições de achado: Estaria incorporada numa parede.

Conservação: A parte inferior do monumento está fracturada.

Técnica: Alto-relevo.

Motivos: O fragmento que se conservou apresenta uma série de motivos em “U”, em alto-relevo.

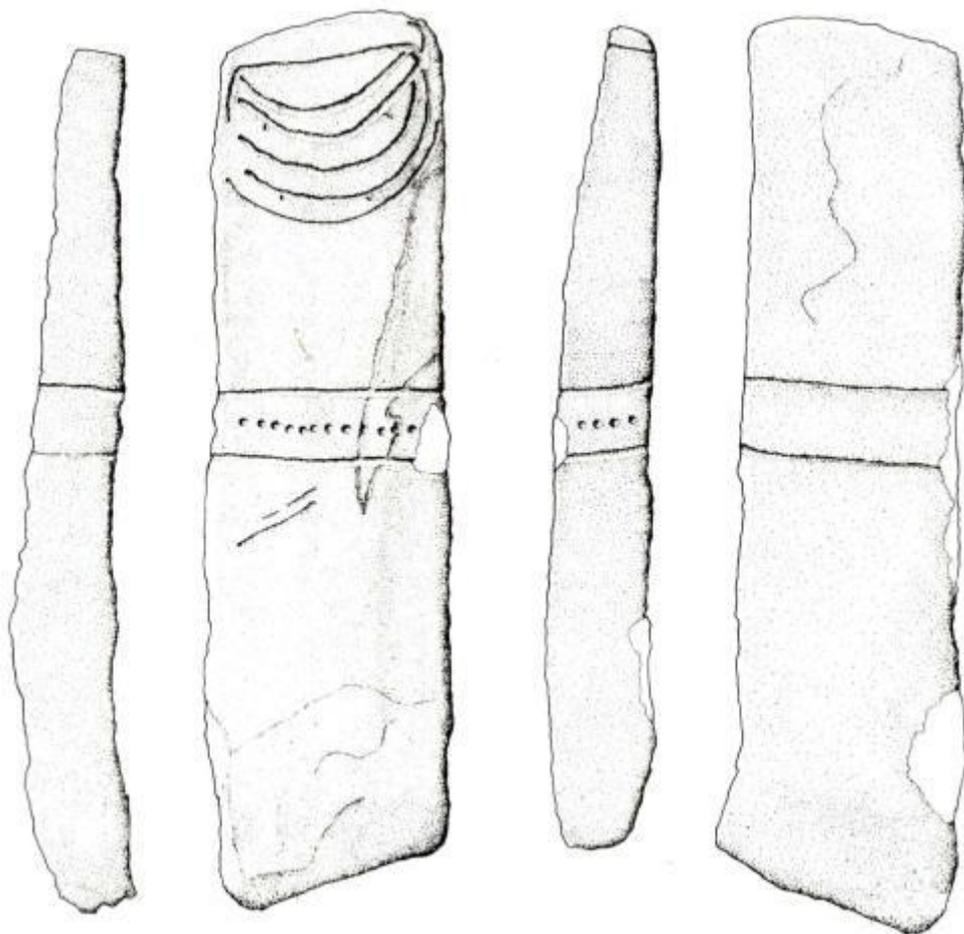
Cronologia: Indeterminada.

Paradeiro: Museu do Abade de Baçal (Bragança).

Bibliografia:

SANTOS JÚNIOR, Joaquim Rodrigues dos (1975) – “A cultura berrões no Nordeste de Portugal”, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. XXII, fasc. 4, Porto, pp. 353-516;

DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, Marta (2010) – *Las estelas decoradas en la Prehistoria de la Península Iberica*, Universidad Complutense de Madrid (tese de doutoramento em ficheiro .pdf), catálogo: nº 115.



(CARVALHO *et al.*, 1999)

Tipo: Estátua-menir

Localização: Alto da Escrita, Vale de Figueira, Tabuaço (Viseu) – 41° 06' 44" Lat. N; 7° 34' 32" Long. W.

Enquadramento geo-morfológico: Encontrava-se a cerca de 860 m de altitude, junto ao sítio do Alto da Escrita, freguesia de Vale de Figueira. O Alto da Escrita é um relevo com 929 m de altitude máxima, existindo em duas das suas vertentes (Oeste e a Este, onde se encontrava a peça) pequenas nascentes de água. Localiza-se perto da foz do Rio Távora (afluente do Douro), possuindo ainda um amplo alcance visual sobre a paisagem envolvente.

Medidas: 1,66 m de altura; 0,44 m de largura máxima; 0,10 m de espessura no topo, 0,18 m na zona central e 0,11 m na base.

Suporte: Bloco paralelepípedo de granito.

Condições de achado: Foi identificada em 1997, com a face decorada voltada para cima, sobre um muro junto a um pequeno carreiro que vai até Vale de Figueira.

Conservação: Apresenta pequenos lascamentos, um dos quais afecta parcialmente o cinturão. São visíveis ainda algumas marcas de arado, principalmente no reverso e nos lados.

Técnica: Gravação por picotagem, nalguns pontos seguida de alisamento, sobre superfície preparada. As gravações apresentam secção em “U”.

Motivos:

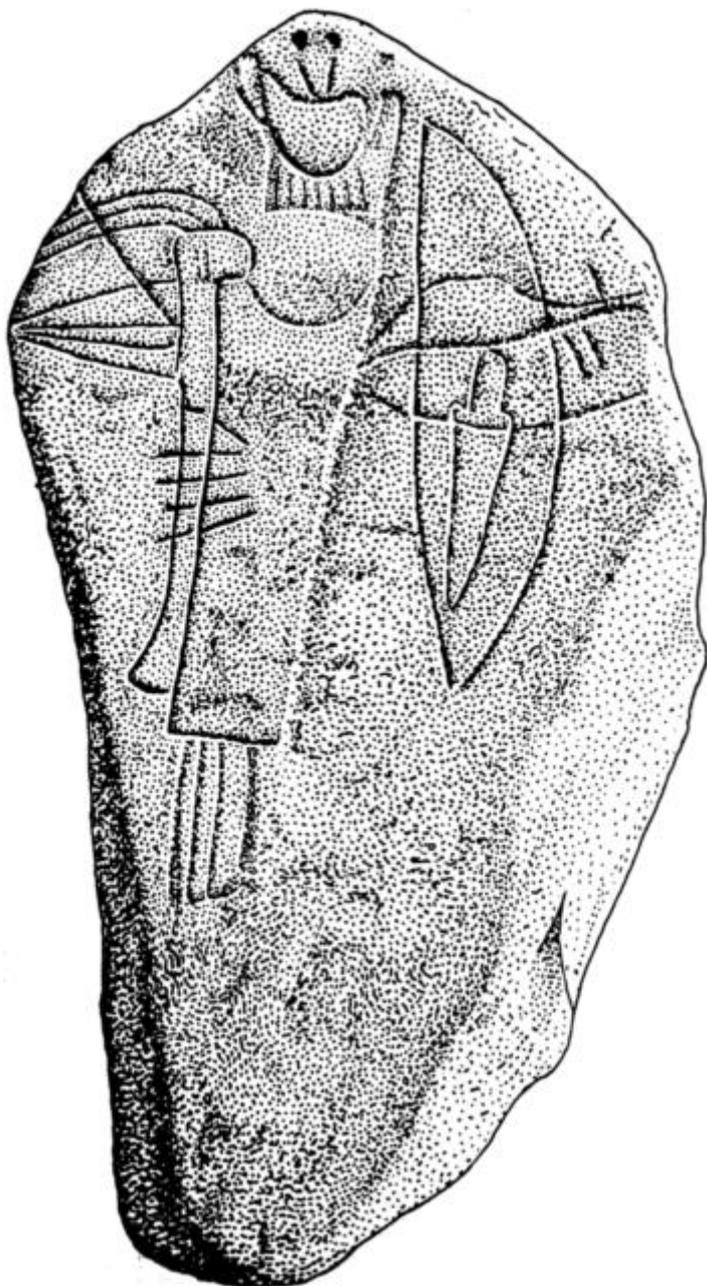
- Colares: Junto ao topo do monumento, um conjunto de cinco linhas arqueadas formam o que aparenta ser um conjunto de colares (ou um colar múltiplo). São encimadas por um linha recta, que no lado direito vira num ângulo de sensivelmente 90°, formando um curto sulco sub-vertical ligeiramente arqueado. Sob o segundo e quarto sulcos aparecem gravados dois pequenos pontos / traços, podendo representar pequenos adornos do colar. Na face esquerda da peça, junto ao topo, aparece também a gravação de um sulco recto, tendencialmente horizontal.
- Cinturão: A meio do monumento aparece a representação de um cinturão, com 12 cm de largura. É composto por duas linhas paralelas, que circundam o monumento (apesar de no reverso a gravação apresentar uma menor qualidade). No anverso, ao centro do cinturão, é visível um alinhamento horizontal de doze pontos, enquanto outros quatro aparecem alinhados na face esquerda do monumento.
- Arma (?): À direita do observador, começando junto aos colares e atravessando o cinturão, desenha-se uma linha oblíqua. Uma outra linha, mais sinuosa, parte ligeiramente acima do cinturão e intercepta a primeira linha um pouco abaixo deste, criando uma forma afiada. Poderá ser interpretada como algum tipo de lâmina / arma.
- Linhas oblíquas: Sob o cinturão aparecem ainda duas pequenas linhas oblíquas paralelas.

Cronologia: Calcolítico Final / Bronze Médio.

Paradeiro: Galeria Municipal de Turismo de Tabuaço.

Bibliografia:

CARVALHO, Pedro Sobral, GOMES, Luís Filipe, FRANCISCO, João Paulo Almeida (1999) – “A estátua-menir do Alto da Escrita (Tabuaço, Viseu)”, *Estudos Pré-Históricos*, VII, Viseu, pp. 251-256.



(ALMAGRO BASCH, 1966)

Tipo: Estela

Localização: Quinta Nova da Canameira, Longroiva, Mêda (Guarda) - 41° 00' 26" Lat. N; 7° 11' 07" Long. W.

Enquadramento geo-morfológico: A estela de Longroiva apareceu na Quinta Nova da Canameira (a cerca de 5 km a Norte da povoação de Longroiva). Estava situada numa zona de vale, muito próxima da Ribeira de Piscos.

Medidas: 2,40 m de altura; 1,40 m de largura máxima; 0,28 m de grossura média.

Suporte: Laje de granito cinzento

Condições de achado: Terá sido encontrada na freguesia de Longroiva por Adriano Vasco Rodrigues, em Abril de 1964.

Conservação: Com algumas fracturas nas margens do suporte. Os elementos gravados encontram-se, contudo, relativamente bem preservados.

Técnica: Representação das figuras através de gravação no lado mais regular do suporte.

Motivos:

- **Figura antropomórfica:** A figura antropomórfica (com cerca de 2 m de altura) é o elemento central da composição. No topo da estela vemos uma representação da face, com olhos, nariz e boca / barba (?). Por baixo da barba encontra-se o que pode ser interpretado como o pescoço (adornado?), representado através de uma linha horizontal do qual saem, para cima, uma série de oito linhas verticais. Mais abaixo, na zona do peito, vemos uma linha curva que pode simbolizar um colar. O corpo é representado por uma forma aproximadamente rectangular, estreita e alongada (podendo ser encarada como uma túnica). Na base da túnica vemos as pernas representadas de forma esquemática, através de quatro linhas paralelas, que se desenham com a mesma orientação do corpo. De notar que o eixo de orientação do corpo (ligeiramente oblíquo) não é exactamente o mesmo do eixo da face (quase perfeitamente vertical).
- **Alabarda:** No lado direito da estela, junto à figura humana, está representada uma alabarda de tipo “Carrapatas”. Apresenta cabo comprido e grosso e lâmina triangular, esta voltada para a parte exterior e tendo claramente representada a nervura central. O cabo da arma encontra-se junto ao corpo, prolongando-se ao logo do mesmo. Na extremidade superior do cabo sai uma série de três linhas curvas, em jeito de penacho (e que formam uma linha concordante com o suposto colar). A meio do cabo um conjunto de cinco linhas rectas, parecendo representar os dedos do personagem a segurar a arma.
- **Arco:** No lado esquerdo temos a representação de um arco, representado de forma simples mas clara. Tem a particularidade de ter uma orientação levemente discordante dos outros artefactos gravados (alabarda e punhal) e do corpo, tendo uma orientação aproximadamente vertical, como acontece com a face do indivíduo.
- **Punhal:** O punhal (ou espada curta) encontra-se gravado dentro do arco. Apresenta uma lâmina triangular larga virada para baixo e uma empunhadura bem marcada, cuja extremidade é arredondada.
- **Linhas:** Existem uma série de linhas gravadas no lado esquerdo da estela. A que se encontra mais abaixo passa pela empunhadura e termina no corpo da figura, podendo ser entendida como uma correia onde estaria presa a arma. Outras duas gravações curvilíneas encontram-se desenhadas mais acima, podendo representar o braço da figura.

Cronologia: Bronze Inicial / Médio.

Paradeiro: Está depositada em propriedade privada, na Quinta Nova da Canameira, exposta junto à N102/E802.

Bibliografia:

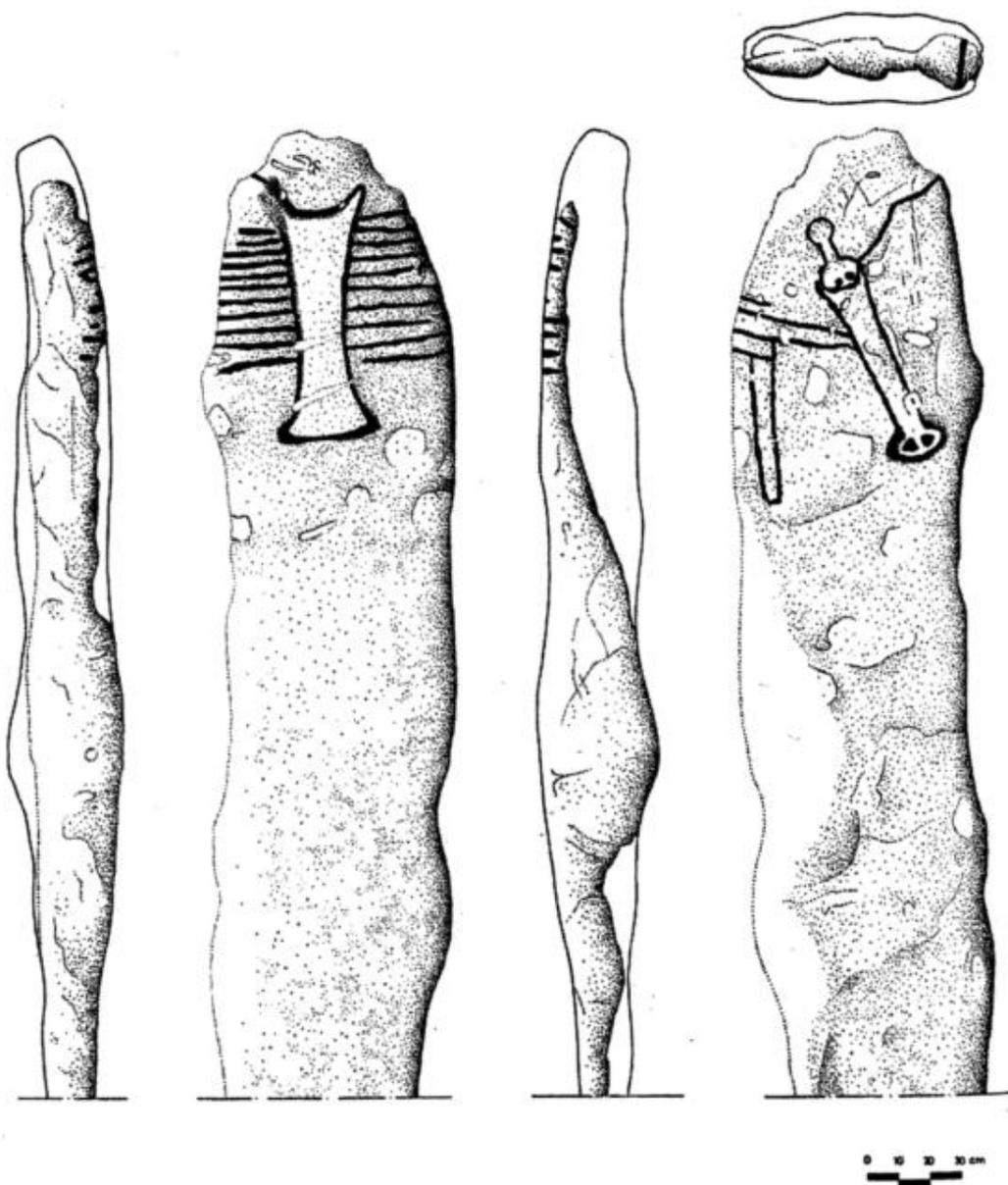
RODRIGUES, A. V. (1966) – “Termas de Meda”, Enciclopédia Luso-Brasileira, vol. IV, Verbo, pp. 89-96.

ALMAGRO BASCH, Martín (1966) – *Las estelas decoradas del Suroeste Peninsular*, Bibliotheca Preshitorica Hispana, vol. VIII, Madrid.

JORGE, Vítor Oliveira e JORGE, Susana Oliveira (1990) – “Statues-menhirs et stèles du Nord du Portugal”, *Revista da Faculdade de Letras*, II série, vol. VII, Porto: Faculdade de Letras, pp. 304-313;

JORGE, Susana de Oliveira [ed.] (1995) – *A Idade do Bronze em Portugal: discursos de poder*, Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.

HARRISON, Richard (2004) – *Symbols and Warriors: Images of the European Bronze Age*, Bristol: Western Academic & Specialist Press Limited.



(VILAÇA *et al.*, 2001)

Tipo: Estátua-menir

Localização: Quinta dos Marcelinos (anteriormente conhecida como Quinta dos Ataúdes), Figueira de Castelo Rodrigo (Guarda) – 40° 53' 27" Lat. N; 6° 55' 50" Long. E.

Enquadramento geo-morfológico: A sua localização original seria rica em recursos hidrográficos, estando numa região aplanada e com nascentes naturais nas redondezas.

Medidas: 2,96 m de altura visível (possivelmente 3,15 m de altura total); 0,79 m de largura máxima; 0,19 m de espessura média (0,38 m de espessura máxima).

Suporte: Granito de grão médio / grosseiro.

Condições de achado: Encontrada no ano de 1989, enterrada nos terrenos de aluvião (com cerca de 50 cm do monumento à vista), na sequência de trabalhos de construção de uma represa. Após ter sido

retirada com uma retroescavadora, foi utilizada como passagem no pontão da referida represa. Por volta de 1999, foi de novo deslocada e colocada verticalmente junto ao portão da quinta.

Conservação: A peça exhibe alguns danos recentes (provavelmente fruto das sucessivas deslocações que sofreu) e outros mais antigos, particularmente nos lados e zona da cabeça.

Técnica: Conjugação de relevo (através do desbaste em torno de motivos previamente definidos) com a gravação (obtida através de picotagem por precursão indirecta seguida de abrasão).

Motivos:

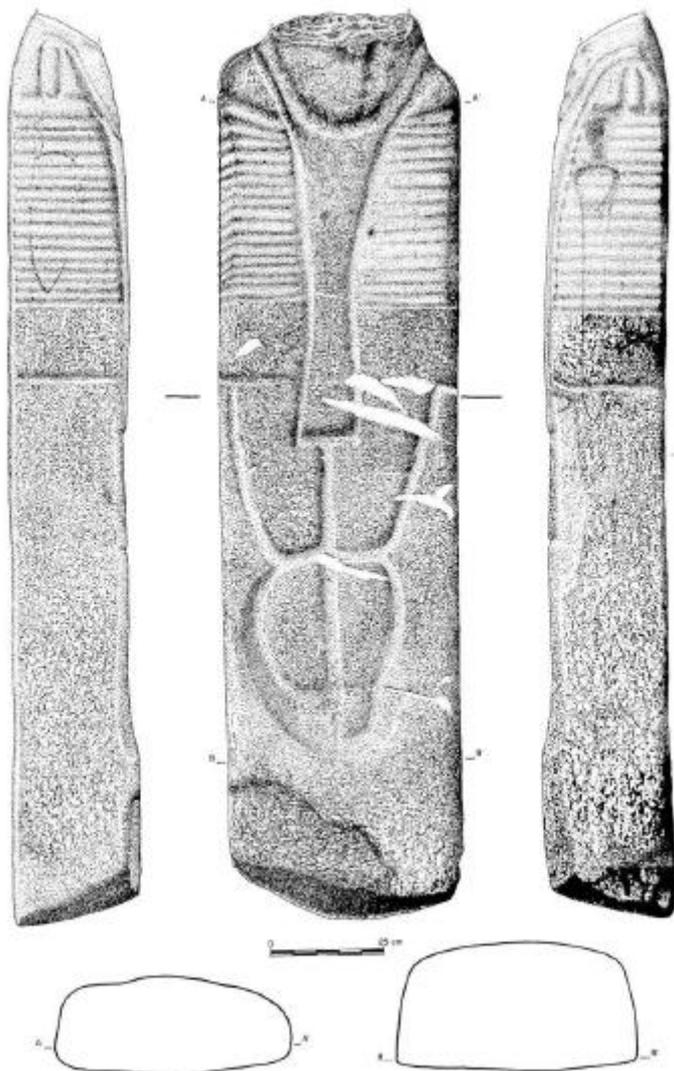
- “Insignia” sub-trapezoidal: Localizada no centro do que tem sido considerado como o anverso do monumento, esta figura em relevo está localizada no terço superior da peça (medindo cerca de 74 cm de altura por 16,5 cm de largura na sua zona central). Com os vértices bem marcados, apresenta os lados maiores e o topo claramente côncavos, enquanto a base é ligeiramente convexa.
- Linhas paralelas: Uma série de sulcos (onze do lado direito da figura sub-trapezoidal, dez do esquerdo) paralelos estão gravados no anverso do monumento, contornando-o parcialmente e prolongando-se em parte no reverso; ligam assim a “insignia” à espada representada no reverso. A interpretação deste conjunto de linhas não é de todo clara, podendo encarar-se como uma veste ou uma couraça, como sendo costelas da figura humana ou até como se tratando da representação de pinturas corporais / tatuagens.
- Cabeça e ombros: Devido à degradação da peça, a observação da cabeça da figura revela-se difícil. No entanto, um sulco bem marcado junto ao topo “insignia” evidencia a sua presença. Os ombros foram também talhados e alisados, destacando-se do tronco da figura. É possível que o desgaste da peça tenha ocultado os pormenores da face.
- Correia: Está representada uma correia para suspensão da espada, através de uma linha que parte do vértice superior direito da “insignia” e se prolonga até à arma, no reverso.
- Espada: No reverso da peça está representada uma espada embainhada, medindo cerca de 85 cm de comprimento e 16 cm de largura na zona dos rebites, e com uma orientação oblíqua da esquerda para a direita. A empunhadura da arma é bem visível e de grandes dimensões, terminando “em botão” e tendo dois (ou talvez quatro) rebites que a unem à lâmina. A lâmina é larga e a bainha da arma termina numa concha de configuração elipsoidal com travessão central.
- Forma sub-rectangular: Um último motivo, de configuração sub-rectangular alongada (46 cm de comprimento e 8 cm de largura máxima) e orientação tendencialmente vertical, foi gravado à esquerda da espada, já perto do bordo do monumento. É possível que seja o cabo de uma segunda arma.

Cronologia: Bronze Inicial / Médio.

Paradeiro: À data da publicação encontrava-se exposta na Quinta dos Marcelinos, Figueira de Castelo Rodrigo (Guarda).

Bibliografia:

VILAÇA, Raquel; CRUZ, Domingos Jesus; SANTOS, André Tomás; MARQUES, João Nuno (2001) – “A Estátua-menir de ‘Ataúdes’ (Figueira de Castelo Rodrigo, Guarda) no seu contexto regional”, *Estudos Pré-Históricos*, vol. IX, Viseu: Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta, pp. 69-82.



(LÓPEZ PLAZA *et al.*, 1996)

Tipo: Estátua-menir

Localização: Tremedal de Tormes, Ledesma (Salamanca) – 41° 04' 26" Lat. N; 6° 10' 55" Long. W.

Enquadramento geo-morfológico: Apesar do contexto original exacto ser desconhecido, a localidade de Tremedal de Tormes localiza-se na Meseta Norte, numa região aplanada a cerca de 800 m de altitude. A cerca de 1,5 km para Este da povoação corre a Ribeira de Tremedal.

Medidas: 1,81 m de altura máxima; 51,5 m de largura máxima e 0,26 m de espessura máxima.

Suporte: Bloco paralelepipedico granítico de grão médio.

Condições de achado: Foi encontrada por Ramón Grande del Brío nos arredores de Tremedal de Tormes. Terá estado algum tempo depositada junto a uma fonte de águas termais, vindo a ser identificada perto da igreja local.

Conservação: Bastante erodida, apresentando a extremidade superior fracturada, assim como algumas “cicatrices” ao longo da peça.

Técnica: Conjugação de gravação e baixo-relevo (principalmente na zona inferior do monumento) em suporte nitidamente preparado (sendo que o reverso e a parte inferior do monumento, que estaria enterrada, não apresentam qualquer tratamento), com rebaixamento seguido de polimento. A gravação é feita por picotagem seguida de abrasão, resultando num sulco de secção em “U” largo.

Motivos:

- Colar: Localizado junto à base do pescoço, desenha-se um motivo semi-circular, sendo possivelmente a representação de um colar. Imediatamente acima o monumento encontra-se fracturado, havendo provavelmente uma representação de uma cabeça. Para tal aponta a existência, junto ao colar, de uma zona intencionalmente rebaixada, aliado a um pequeno traço. Poderão ser detalhes da face da figura.
- “Insignia” subtrapezoidal: Na zona central do monumento, sobre o “peito”, aparece representado em baixo-relevo um “insignia” sub-trapezoidal alongada. Na zona superior, as extremidades aparecem dispostas em torno do pescoço; poderá isto indiciar que a peça seria usada suspensa ao pescoço?
- Sulcos: Marcando o parte superior do “peito” da figura, e continuando para os lados, encontram-se uma série de traços horizontais (15 do lado esquerdo e 18 do lado direito). A técnica utilizada na sua representação foi o baixo-relevo. Poderão estes sulcos ser interpretados como costelas, alguma peça de vestuário ou armadura, ou ainda como tatuagens ou pinturas corporais.
- Cinturão: A meio do monumento parece estar gravado um cinturão, através de um sulco horizontal bem marcado. Este atravessa toda a largura do anverso da estátua e prolonga-se para ambos os lados.
- Pernas (?): Por baixo do cinturão, na parte inferior do anverso, aparece representado um motivo, ovalado e com três sulcos que o ligam ao cinturão. Pode ser encarado como uma representação das pernas, com os músculos desenhados, mas tal não é de todo claro.
- “Divisas”: Na zona dos ombros, em cada um dos lados da estátua, encontra-se gravado um pequeno motivo, composto por dois sulcos verticais e paralelos, rematados por um sulco horizontal. O resultado assemelha-se a “galões” ou “divisas” envergadas nos ombros.
- Armas: Em ambas as faces laterais foram ainda representadas duas armas (representações essas que estão bastante erodidas). Na face esquerda observa-se uma espada de lâmina longa (50 cm), que alarga junto à empunhadura, terminando este em pomo tendencialmente circular. Por baixo da espada, com a mesma orientação, poderá existir uma forma sub-retangular com cerca de 26 cm de altura. A sua observação é difícil e pouco clara, podendo-se talvez tratar de uma segunda lâmina nesta face. Mais clara é a existência, na face oposta, de um punhal de lâmina larga, representada através de um ténue baixo-relevo e delimitado com uma fina linha gravada. Tal dificulta a observação correcta da forma da empunhadura, sendo que o motivo teria cerca de 32 cm de altura e 6 cm de largura no terço inferior.

Cronologia: Bronze Médio.

Paradeiro: Museu de Belas Artes de Salamanca.

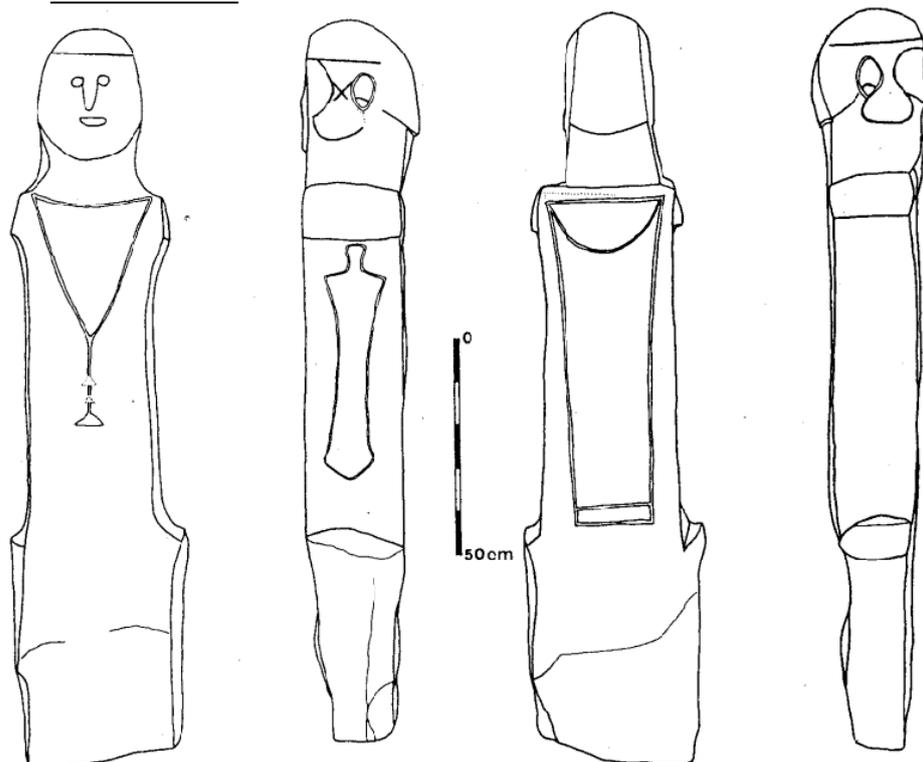
Bibliografia:

LÓPEZ PLAZA, María Socorro, SEVILLANO JOSÉ, María Cármen e GRANDE DEL BRÍO, Ramón (1996) – “Estatua-menhir de Tremedal de Tormes (Salamanca)”, *Zephyrus*, 49, Salamanca, pp. 295-303.

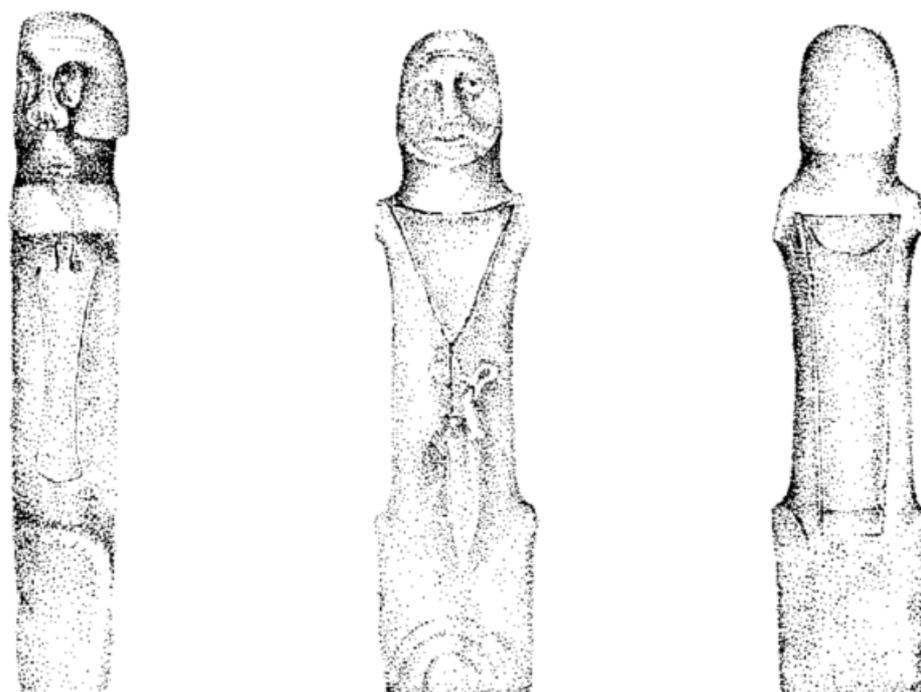
III – Beira Central e Ocidental

- 50 – S. João de Ver
- 51 – Chão do Brinco
- 52 – Caparrosa
- 53 – Serra da Nave I
- 54 – Serra da Nave II
- 55 – Orca dos Padrões

50 – S. João de Ver



(JORGE e JORGE, 1983)



(SILVA, 2007)

Tipo: Estátua-menir

Localização: S. João de Ver, Santa Maria da Feira (Aveiro) [localização possível].

Enquadramento geo-morfológico: O contexto geo-morfológico da sua localização original é desconhecido.

Medidas: 1,73 m de altura; 0,41 m de largura máxima; 0,27 m de espessura máxima.

Suporte: Monólito paralelepípedo de granito.

Condições de achado: Pertencia este monumento ao arquitecto Fernando Távora, que o tinha comprado a um antiquário da Póvoa de Varzim por volta de 1967. Segundo Armando Coelho da Silva, em comunicação efectuada em 1988, proviria da região de S. João de Ver, Santa Maria da Feira (Aveiro).

Conservação: Relativamente em boas condições de conservação, apesar de apresentar pequenos danos e manchas devido às condições em que esteve armazenada.

Técnica: Gravação por picotado e fricção, com uso pontual do relevo, num bloco antropomorfizado polido em todas as faces (excepto nas zonas que ficariam enterradas).

Motivos:

- Face: A face da figura apresenta uma configuração sub-circular, com um sulco horizontal a delimitar a testa. Abaixo deste sulco apresentam-se dois olhos, feito com duas covinhas de 2,5 cm de diâmetro, aproximadamente. O nariz, com cerca de 6 cm de comprimento, encontra-se em relevo. A boca, de contorno irregular, mede também cerca de 6 cm.
- Capacete: Cobrindo a cabeça está o que parece ser um capacete, representado aliás com algum pormenor. Em ambos os lados da cabeça são visíveis apêndices do capacete, de terminação em sub-elipsoidal, que contornam as orelhas (estas representadas em relevo). É também possível que se trate de uma representação estilizada de cabelo, talvez preso à frente por uma fita ou diadema; a hipótese de se tratar de um capacete, contudo, parece ser mais segura.
- Pescoço: O pescoço, plano e largo, encontra-se sob a face, algo recuado, conferindo um certo relevo a esta última.
- Ombros: Os ombros encontram-se na base do pescoço, representados em relevo, indiciando o início dos braços.
- Pendente: Sobre o peito da figura encontramos um motivo sub-triangular invertido. Do vértice central sai um sulco que termina num triângulo (não-invertido) com 7 cm de base, com o interior totalmente picotado. Parecem existir outros dois triângulos, menos perceptíveis e de menores dimensões, acima deste. No levantamento apresentado por Armando Coelho da Silva dá-se espaço à interpretação de que este conjunto de triângulos seria, na verdade, um punhal de antenas suspenso ao pescoço.
- Escudo: O referido levantamento apresenta também, na base da estátua, um conjunto de três semi-círculos concêntricos, representando talvez um escudo.
- Arma: No lado esquerdo da estátua está a representação de uma arma, colocada na vertical e com a ponta virada para baixo. Apresenta-se embainhada, com a empunhadura claramente individualizada e a terminação basal pronunciada. Mede 55 cm de comprimento e 14 cm de largura na junção da lâmina com a empunhadura.
- “Insígnia” sub-trapezoidal: No reverso, a meio das costas da personagem é visível um motivo sub-trapezoidal que se aproxima daqueles muitas vezes encontrados em estátuas-menires. É bastante comprido, estendendo-se da zona dos ombros à zona da cintura. Constituído na sua quase totalidade por linhas rectas, apresenta em baixo uma base mais estreita, em dupla linha horizontal, enquanto o topo da figura apresenta, internamente, um arco semi-circular. Para além do significado simbólico que teria, este motivo pode ser também a representação de algum tipo de veste envergada pelo personagem.

Cronologia: Primeira Idade do Ferro.

Paradeiro: Encontra-se em propriedade privada, numa casa em Guimarães que pertenceu a Fernando Távora.

Bibliografia:

JORGE, Vítor Oliveira e JORGE, Susana Oliveira (1983) – “Nótula preliminar sobre uma nova estátua-menir no Norte de Portugal”, *Arqueologia*, 7, Porto, pp. 44-81;

JORGE, Vítor Oliveira e JORGE, Susana Oliveira (1990) – “Statues-menhirs et stèles du Nord du Portugal”, *Revista da Faculdade de Letras*, II série, vol. VII, Porto: Faculdade de Letras, pp. 304-313;

SILVA, Armando Coelho Ferreira da (2007) – *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*, Porto: Universidade do Porto, 2ª edição (1ª edição – 1986), pp. 419 e 682.

51 – Chão do Brinco



(SILVA, 1993)

Tipo: Estela

Localização: Chão do Brinco, Cinfães (Viseu) – 41° 01' 32" Lat. N; 8° 07' 33" Long. W.

Enquadramento geo-morfológico: O Chão do Brinco localiza-se a cerca de 1000 m de altitude, sobre o vale de Ervilhais, a Norte da Serra de Montemuro. Implanta-se na vertente oposta à aldeia de Ervilhais, correndo o Ribeiro de Santa Marinha, afluente do Rio, pelo vale. Este comprido vale (com cerca de 10 km) tem uma orientação Nordeste / Sudoeste, ligando o Rio Douro ao Rio Ardena.

Medidas: 1,16 m de altura; 0,19 m de largura; 0,08 m de grossura.

Suporte: Laje de granito.

Condições de achado: Foi identificada em escavação arqueológica, servindo de esteio de cabeceira num monumento megalítico (que se encontra acompanhado doutros monumentos funerários deste tipo).

Conservação: Não apresenta grandes fracturas.

Técnica: Gravação na área mais plana do suporte.

Motivos: A estela apresenta uma representação esquemática de uma face humana, através de dois olhos e uma moldura em “T”, com sulcos laterais verticais, paralelos ao eixo central do motivo. Resulta assim a composição numa representação de um rosto rectangular e alongado.

Cronologia: Neolítico / Calcolítico.

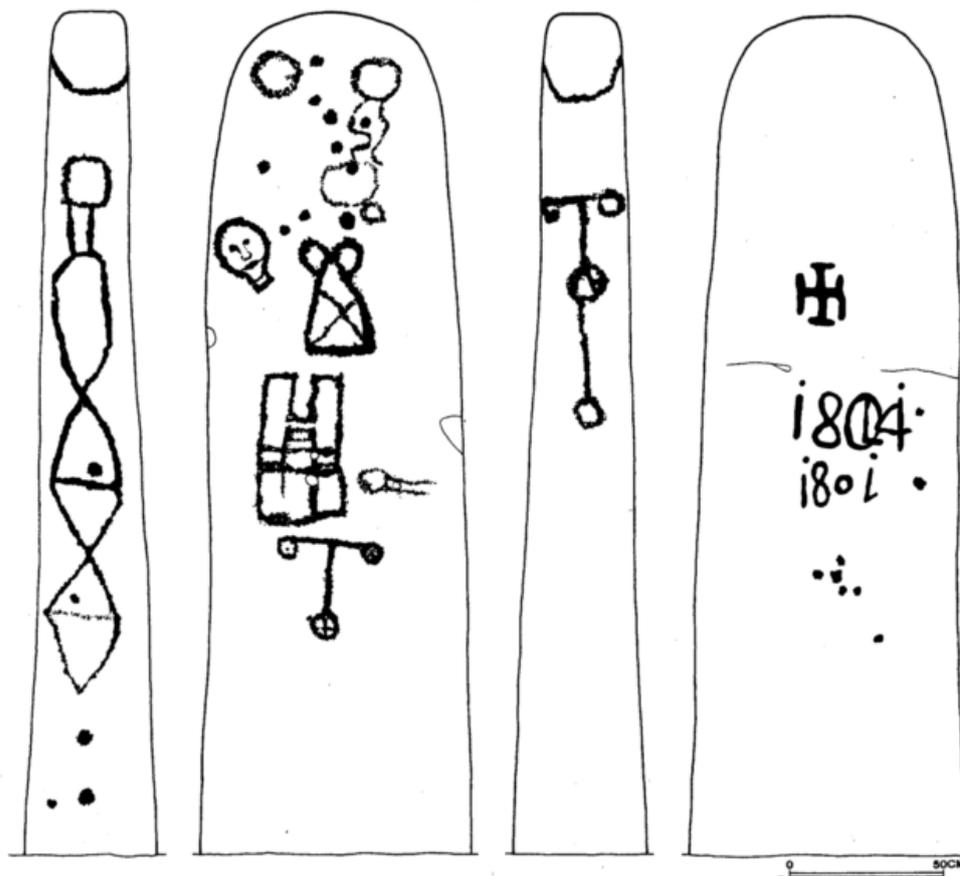
Paradeiro: In situ.

Bibliografia:

SILVA, Eduardo Lopes da (1993) – “Représentations humaines sur deux monuments mégalithiques de la région Nord du Portugal”, *Les Représentations humaines du Neolithique a l'Âge du Fer – actes du 115e Congrès des Sociétés Savantes (Avignon, 1990)*, Paris: C.T.H.S.

SILVA, Eduardo Lopes da (2003) – “Novos dados sobre o megalitismo do Norte de Portugal”, *Muitas Antas, Pouca Gente? Origens e Espaços do Megalitismo – Actas do II Colóquio Internacional sobre Megalitismo*, pp. 269-279.

DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, Marta (2010) – *Las estelas decoradas en la Prehistoria de la Peninsula Iberica*, Universidad Complutense de Madrid (tese de doutoramento em ficheiro .pdf), catálogo: n° 43.



(GOMES, 1993)

Tipo: Estela-menir

Localização: Tapada da Anta - Pendão, Caparrosa, Tondela (Viseu) – 40° 37' 59" Lat. N; 8° 05' 08" Long. W.

Enquadramento geo-morfológico: A estela-menir encontra-se a 484 m de altitude, numa barreira junto à E.N.228 (aberta aquando da construção desta) e serve de marco divisório entre as freguesias de Boa Aldeia e Caparrosa. Situa-se numa região predominantemente florestada com pinheiros, na vertente nascente de um pequeno relevo cortado pela estrada. O substrato geológico local é composto por granitos porfiríodes de grão variável e algumas manchas de xistos e grauvaques. A Sul corre a Ribeira das Lanças, afluente do Rio Dinha (cujo percurso passa a cerca de 1 km para Este do sítio da estela-menir), rio que por sua vez é subsidiário do Rio Dão.

O monumento encontra-se claramente *in situ*, estando na extremidade de um alinhamento de oito monólitos mais pequenos (< 1,20 m acima do solo), com cerca de 10 m de comprimento (estando o monólito mais afastado a uma cota mais alta em cerca de 1,50 m, atestando a grande inclinação do terreno). De notar ainda que, no solstício de Inverno, um observador que estivesse junto ao monumento podia assistir ao nascer do Sol junto ao topo do relevo defronte, enquanto durante o resto do ano a disposição do monólito permitia uma boa observação das figuras, particularmente durante os equinócios e solstício de Verão.

Medidas: 2,80 m de altura visível (possivelmente 3,50 m de altura total); 0,90 m de largura ao nível do solo (0,75 m no topo); 0,45 m de espessura a nível do solo (0,27 m no topo).

Suporte: Monólito paralelepípedico granítico de grão médio.

Condições de achado: Foi identificada pelos autores após informação de Fernando Patrício Curado.

Conservação: Em condições relativamente boas de conservação, mas algo danificada pelo alargamento de um caminho, já depois da publicação da primeira nota de descoberta do monumento.

Técnica: A técnica de gravação dos motivos, assim como os instrumentos utilizados na tarefa, variaram, logicamente, consoante a cronologia dos mesmos.

Anverso (voltado a Sul):

- Círculos no topo e linhas serpentiformes associadas: picotado denso mas não muito profundo, com artefactos líticos;
- Oval com círculo tangente: picotado pouco denso e não muito profundo, com artefactos líticos;
- Covinhas: Efectuadas por picotagem densa;
- Escutiforme triangular: Picotagem densa, larga e de negativos profundos, com instrumento lítico;
- Cabeça humana: Picotagem não muito profunda, de negativo circular / oval, com instrumento lítico;
- Escutiforme sub-rectangular: Picotagem pouco densa e pouco profunda, de negativos circulares;
- Círculos sobrepostos ao escutiforme sub-rectangular: Picotagem larga e profunda;
- Círculo com linhas paralelas: Picotagem pouco densa, pouco profunda, de negativos circulares;
- Letra T: Picotagem densa, profunda e regular, efectuada com artefacto metálico pouco cortante.

Reverso (voltado a Norte):

- Cruz de Cristo: Gravação de perfil em V, efectuada com artefacto metálico afiado.
- Data “1804”: Gravação de perfil em V, efectuada com artefacto metálico afiado.
- Data “1801”: Gravação de perfil em V, efectuada com artefacto metálico afiado.
- Covinhas: Picotagem utilizando, talvez, utensílio lítico.

Face lateral (voltada para Oeste):

- Semi-círculo distal: Gravação por picotagem.
- Motivos losangulares: Picotagem irregular, densa e muito profunda, com negativos circulares, efectuada com ferramentas líticas.

Face lateral (voltada para Este):

- Semi-círculo distal: Gravação por picotagem.
- Letra T: Picotagem densa, profunda e regular, efectuada com artefacto metálico pouco cortante.

Motivos:

Anverso (voltado a Sul):

- Círculos no topo e linhas serpentiformes associadas: Localizados no topo do monumento estão dois círculos (com cerca de 15 cm de diâmetro), dispostos de forma simétrica, como se de dois “olhos” se tratassem. Da base de um deles (círculo à direita do observador) partem duas linhas serpentiformes paralelas, com orientação sub-vertical e medindo cerca de 20 cm de comprimento. Deverão traduzir uma segunda fase artística do monumento. Tem paralelos em diversos monumentos megalíticos, como seja o menir 58 do Cromeleque dos Almendres.;
- Oval com círculo tangente: Mais abaixo está localizada uma oval com um círculo adjacente. A forma oval mede 18 cm de diâmetro máximo, sendo que o círculo a ela tangente mede cerca de 7 cm de diâmetro. Deverão pertencer ao mesmo momento artístico dos motivos anteriores;
- Covinhas: Um conjunto de dez covinhas espalha-se de pelo terço superior do anverso, com diâmetros que variam entre os 3 e os 6 cm. Seis destas covinhas parecem estar alinhadas numa linha quase vertical e ligeiramente serpenteante. São mais recentes que o motivo oval já referido, uma vez que a ele se sobrepõem;
- Escutiforme triangular: Sensivelmente a meio da estela está desenhada uma forma triangular, medindo 40 cm de altura e 25 cm de largura na base. No seu interior cruzam-se duas linhas oblíquas, em X. Tem o vértice orientado para cima, junto ao qual estão

anexos duas formas circulares. Será um dos elementos mais antigos da estela-menir, com alguns paralelos na arte megalítica da Bretanha;

- Cabeça humana: Perto do motivo anterior, à esquerda do observador, está a representação de uma cabeça humana circular e inclinada, com pescoço, olhos, nariz e boca. Mede 26 cm de altura e 18 de largura máxima. Mário Varela Gomes (1993, p. 18) acredita que esta representação terá relação com as práticas rituais do “círculo das cabeças cortadas” ou “cabeças troféu” da II Idade do Ferro, mencionadas por Estrabão e Diodoro. Esta interpretação será reforçada pela presença de um povoado proto-histórico perto da aldeia de Caparrosa;
- Escutiforme sub-rectangular: Por baixo do motivo triangular desenha-se um motivo escutiforme sub-rectangular, dividido interiormente por duas linhas paralelas horizontais e por outras duas verticais. Outras duas pequenas linhas horizontais ligam ainda as verticais. Mede 50 cm de altura e 30 cm de largura. Trata-se de um motivo escutiforme com paralelos também na arte megalítica da Bretanha (ARNAL, 1976, p. 108);
- Círculos sobrepostos ao escutiforme sub-rectangular: Dois pequenos círculos (com 2 cm e 4 cm de diâmetro) estão sobrepostos ao motivo supramencionado;
- Círculo com linhas paralelas: À direita do observador, ao lado do escutiforme sub-rectangular, está desenhado um círculo com 8 cm de diâmetro, do qual saem duas linhas paralelas horizontais, voltadas para p exterior do monumento;
- Letra T: Uma letra “T” (inicial de “Tondela”, estando o anverso voltado para este concelho) com 33 cm de altura e 35 de largura máxima está desenhada por baixo dos motivos referidos. Apresenta três círculos, um em cada extremidade da letra. O círculo inferior tem desenhados dois diâmetros, perpendiculares. O círculo à direita do observador está preenchido com picotado, enquanto o do lado oposto apresenta apenas um ponto no centro do círculo.

Reverso (voltado a Norte):

- Cruz de Cristo: Localizada na parte superior do terço médio do reverso está gravada uma Cruz de Cristo, com 20 cm de altura por 16 cm de largura. Estará ligada ao facto da Ordem de Cristo ter herdado as propriedades da região que anteriormente se encontravam nas mãos do Templários.
- Data “1804”: Abaixo da Cruz de Cristo está gravada a data de 1804, com um “L” gravado dentro do “0”. A altura dos caracteres oscila entre os 15 cm e os 18 cm. Apresenta três pontos gravados em seu redor, um sobre o “1”, outro sobre o “4” e um terceiro ao lado deste último algarismo. Tanto esta data como a seguinte devem estar ligadas a levantamentos cadastrais ou de confirmação dos limites administrativos, já que este monumento serve de fronteira entre duas freguesias (Caparrosa e Boa Aldeia) e dois concelhos (Tondela e Viseu).
- Data “1801”: Imediatamente por baixo desta data está gravada uma outra, “1801”. Os caracteres são ligeiramente mais pequenos, com alturas entre os 6 cm (o “0”) e os 15 cm. O último “1” tem uma forma algo semelhante a um “L”, o que não se verifica no primeiro, e ambos apresenta um ponto gravado por cima. Um outro ponto está gravado um pouco afastado à direita da data, alinhado verticalmente com ponto que ladeia o “4”.
- Covinhas: Uma série de outros pontos ou covinhas marcam a parte inferior da superfície gravada. Pela pátina aparentam ser anteriores às outras inscrições.

Face lateral (voltada para Oeste):

- Semi-círculo distal: Linha picotada no topo do monumento que acompanha a curvatura da estela.
- Motivos losangulares: Preenchendo toda a área mesial desta face existe um motivo composto por uma cadeia de losangos irregulares. Começa no topo com uma figura sub-circular de 16 cm de diâmetro, da base da qual saem duas linhas paralelas verticais. Destas duas linhas parte um encadeamento de três losangos bastante irregulares. Os dois últimos losangos são ambos divididos a meio por uma linha recta horizontal. Em cada metade superior destes dois losangos existe uma covinha, assim como outras três em “L” por baixo da composição (com diâmetros entre os 3 cm e os 6 cm). No total, o conjunto mede 1,80 m de altura e 26 cm de largura máxima. Deve ser um dos motivos mais antigos do monumento.

Face lateral (voltada para Este):

- Semi-círculo distal: À semelhança da face oposta, existe também uma linha picotada no topo do monumento, sensivelmente simétrica à anterior.

- Letra T: Esta segunda letra T é semelhante à já anteriormente descrita. Para além dos três círculos que já a anterior apresentava (tendo um “V” invertido gravado no interior do círculo inferior), ostenta uma continuação da haste e um quarto círculo na base desta (com 10 cm de diâmetro). No total, este motivo mede 35 cm de altura e 28 cm de largura máxima.

Cronologia: Neolítico (mas com gravações efectuadas numa longa diacronia, até à Época Contemporânea).

Anverso (voltado a Sul):

- Círculos no topo e linhas serpentiformes associadas: Neolítico final;
- Oval com círculo tangente: Neolítico final;
- Covinhas: Neolítico final / Calcolítico;
- Escutiforme triangular: Neolítico;
- Cabeça humana: Idade do Ferro;
- Escutiforme sub-rectangular: Neolítico;
- Círculos sobrepostos ao escutiforme sub-rectangular: Neolítico final;
- Círculo com linhas paralelas: Neolítico final;
- Letra T: Idade Moderna.

Reverso (voltado a Norte):

- Cruz de Cristo: Idade Média.
- Data “1804”: Idade Contemporânea.
- Data “1801”: Idade Contemporânea.
- Covinhas: Pré-contemporâneas, talvez neolíticas ou calcolíticas.

Face lateral (voltada para Oeste):

- Semi-círculo distal: Neolítico.
- Motivos losangulares: Neolítico.

Face lateral (voltada para Este):

- Semi-círculo distal: Neolítico.
- Letra T: Idade Moderna.

Paradeiro: À data da última publicação encontrava-se ainda onde foi identificada.

Bibliografia:

GOMES, Mário Varela e MONTEIRO, Jorge Pinho (1974/1977) – “A Estela-menir decorada da Caparrosa - Beira Alta: nota de descoberta”, *O Arqueólogo Português*, VII-IX, III série, Lisboa, p.89-93;
 GOMES, Mário Varela (1993) – “O Marco de Anta ou Estela-menir de Caparrosa (Tondela – Viseu)”, *Estudos Pré-Históricos*, vol. I, Viseu: Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta.



(DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, 2010)

Tipo: Estátua-menir

Localização: Chã das Lameiras, Peravelha, Moimenta da Beira (Viseu) – 40° 56' 29" Lat. N; 7° 40' 24" Long. W.

Enquadramento geo-morfológico: Esta estátua-menir parece ter sido identificada *in situ*, numa plataforma aplanada do topo da Serra da Nave (a cerca de 950 m de altitude). Existem nesta região vários cursos hidrográficos: o Ribeiro da Nave (com a nascente a cerca de 2 km para Norte), a Ribeira dos Cubos (que nasce a cerca de 300 m) e o Corgo da Requeixada (cuja nascente se encontra a cerca de 1,5 km para Nordeste).

Medidas: 1,36 m de altura (acima do solo); 0,56 – 0,42 m de largura; 0,31 – 0,24 m de espessura na base e 0,10 m no topo.

Suporte: Bloco de granito, de configuração irregular de tendência paralelepípedica.

Condições de achado: Encontrada em prospecção por uma equipa liderada por Luís Filipe Coutinho Gomes, da empresa Arqueohoje, Ld.^a.

Conservação: Razoáveis condições de conservação, com alguns lascamentos.

Técnica: Gravação em suporte previamente preparado, com os cantos superiores boleados e todas as faces alisadas (com a excepção do reverso), dando uma ligeira configuração de “cabeça” e “ombros” no topo do monumento. No nariz parece existir o uso de relevo (ou aproveitamento dos relevos naturais da pedra).

Motivos:

- Cabeça: Partindo dos vértices do rectângulo gravado em baixo saem dois sulcos que delimitam a cabeça, terminando no reverso junto ao conjunto de incisões interpretadas como “pregas”. A cabeça apresenta uma configuração sensivelmente trapezoidal. Existe a representação dos olhos, através de duas pequenas covinhas (algo desgastadas) e ainda a insinuação de nariz, através de um pequeno relevo.

- Pescoço: No anverso vemos gravado um retângulo, sob a cabeça, devendo tratar-se da representação do pescoço do personagem. O seu lado superior é simultaneamente o lado mais pequeno do trapézio que forma a cabeça.
- “Pregas”: Saindo dos lados maiores do referido retângulo e dos vértices “insígnia” sub-trapezoidal, uma série de seis sulcos contornam o monumento. No reverso existem mais dois sulcos semelhantes, que encurvam no sentido do topo da estátua. Podem ser representações de vestuário, com “pregas” ou “folhos”.
- “Insígnia” sub-trapezoidal: Este motivo (semelhante ao já referido na estátua-menir de Ataúdes) encontra-se gravado no anverso e ocupa a posição central na composição do monumento. Apresenta uma configuração alongada, com os lados maiores côncavos e a base ligeiramente convexa.
- Sulco horizontal: Gravado junto à base do monumento encontra-se um sulco horizontal, que envolve todas as faces do monumento (sendo mais difuso no reverso). Verificam-se alguns lascamentos sob este sulco, criando uma “franja”, com pátina distinta, mas que poderão ser de origem natural e não antrópica.

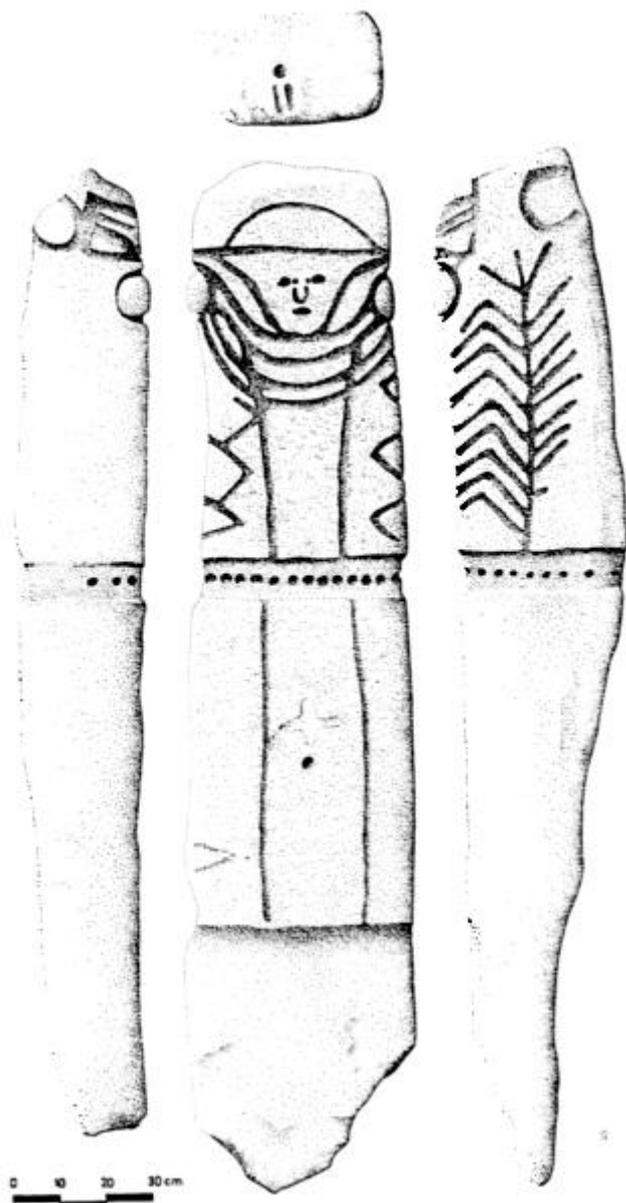
Cronologia: Bronze Inicial / Médio.

Paradeiro: Continua *in situ*.

Bibliografia:

CRUZ, Domingos Jesus (2001) – *O Alto-Paiva: Megalítico, diversidade tumular e práticas rituais durante a Pré-História Recente*, Coimbra: Faculdade de Letras – Universidade de Coimbra, pp. 171-178;

DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, Marta (2010) – *Las estelas decoradas en la Prehistoria de la Península Iberica*, Universidad Complutense de Madrid (tese de doutoramento em ficheiro .pdf), catálogo: nº 153.



(CRUZ, 2001)

Tipo: Estátua-menir

Localização: Trogal, Alvite, Moimenta da Beira (Viseu) – 40° 57' 40" Lat. N; 7° 42' 18" Long. W.

Enquadramento geo-morfológico: Apesar de ter sido encontrada no sítio do Trogal, informações orais relataram que teria sido transportada das imediações da Quinta da Nave / Quinta dos Caetanos, ou seja, a cerca de 1,5 km para Sul e a 2,5 km da estátua-menir I. Esta localização (a 940 m de altitude), contudo, não seria também o seu local original, como se pode deduzir por um cruciforme gravado no anverso e pela informação de que estaria também aqui posicionada de forma invertida. É possível contudo que esta anterior localização não distasse muito da localização original, talvez perto do Ribeiro da Nave, que corre a menos de 300 m. Como no caso da estátua I, também aqui a zona é rica em recursos hídricos e com elevados índices de humidade, o que teria proporcionado bons pastos para o gado.

Medidas: 2,33 m de altura; 0,49 – 0,55 m de largura; 0,24 – 0,38 m de espessura.

Suporte: Bloco paralelepípedo de granito de arestas angulosas.

Condições de achado: Identificada em prospeção no lugar do Trogal, fora do seu contexto original, estando invertida e utilizada como divisão de propriedade.

Conservação: A base do monumento encontra-se fracturada. Apresenta uma fractura antiga no lado esquerdo do topo do monumento, assim como algumas fracturas e marcas resultantes do seu transporte em tempos mais recentes, como seja a marca em “V” no lado direito da base.

Técnica: Uso da gravação e baixo / alto-relevo em suporte previamente preparado, com o anverso e os lados alisados.

Motivos:

- Toucado: Adornando a cabeça estão uma série de motivos na parte superior da estátua, conjugando sulcos gravados com motivos em alto e baixo-relevo. No topo da estátua, ao centro, encontram-se alguns sulcos gravados na pedra e uma pequena covinha. Este conjunto pode ser interpretado como um toucado que adornaria a cabeça do personagem.
- Cabeça: Na cabeça encontra-se desenhada uma face sub-triangular, com gravação dos dois olhos, nariz em “U” e boca. Por cima do nariz, entre os olhos, encontram-se gravados dois pequenos pontos simétricos. No topo da face está gravada uma linha horizontal que se prolonga ligeiramente para os lados, por cima da qual está desenhada uma forma semi-circular (dando a ideia de um capacete ou chapéu).
- Colares: Por baixo da face, sobre o peito, encontram-se gravados uma série de quatro sulcos semi-circulares, interpretados como colares. Estes sulcos unem-se em cada um dos lados da estátua, num elemento circular insculturado ao nível da face.
- Veste: O antropomorfo representado na estátua encontra-se vestido com uma comprida veste que lhe cobre a totalidade do corpo. A representação foi conseguida mediante o rebaixamento lateral da superfície e a gravação de sulcos de orientação vertical. Estes sulcos vão até à base da zona insculturada (marcada por um veio regular de quartzo), sendo na zona inferior pouco profundos mas bem marcados.
Acima da cintura a veste apresenta-se decorada. No anverso são visíveis formas triangulares junto aos limites laterais, enquanto no lado esquerdo do monumento é visível uma decoração em “espinha de peixe” (linhas paralelas com inflexões), num motivo com cerca de 60 cm de altura.
- “Insígnia” sub-trapezoidal: Adivinha-se aqui uma insígnia sub-trapezoidal, incorporada na veste, sobre a parte central do peito da personagem e sobre o topo da qual se desenham os colares.
- Cinturão: A meio do monumento, na zona da cintura, foi desenhada uma faixa em baixo-relevo que rodeia a peça quase na sua totalidade (não se prolongando muito no reverso), no interior da qual foram gravados vinte e quatro orifícios alinhados.

Cronologia: Bronze Inicial / Médio.

Paradeiro: Encontra-se no sítio do Trogal.

Bibliografia:

CRUZ, Domingos Jesus (2001) – *O Alto-Paiva: Megalítico, diversidade tumular e práticas rituais durante a Pré-História Recente*, Coimbra: Faculdade de Letras – Universidade de Coimbra, pp. 171-178.



(CARVALHO e GOMES, 1995)

Tipo: Estela

Localização: Padrões, Mangualde (Viseu) – 40° 33' 22" Lat. N; 7° 45' 58" Long. W.

Enquadramento geo-morfológico: O monumento está localizado nos planaltos centrais do Norte das Beiras, junto a uma pequena elevação (Padrões) com 470 m de altitude.

Medidas: Cerca de 2,80 m de altura; cerca de 2 m de largura; cerca de 0,40 m de largura.

Suporte: Granito.

Condições de achado: Encontrada (possivelmente) reutilizada num *dolmen* de corredor.

Conservação: O suporte apresenta algumas fracturas.

Técnica: Gravação, baixo-relevo e talhe.

Motivos: Ao suporte foi conferido um formato vagamente antropomórfico, com a presença de uma possível cabeça. Esta seria delimitada por uma zona rebaixa e um sulco, registando-se ainda a presença de algumas covinhas na face posterior.

Cronologia: O monumento onde foi encontrada a estela datará do Neolítico, com possível reutilização no Calcolítico Final / Bronze Inicial.

Paradeiro: *In situ*.

Bibliografia:

CARVALHO, Pedro Sobral e GOMES, Luís Filipe Coutinho (1995) – “A Orca dos Padrões (Mangualde, Viseu)”, *Estudos Pré-Históricos*, III, Viseu, pp. 39-79;

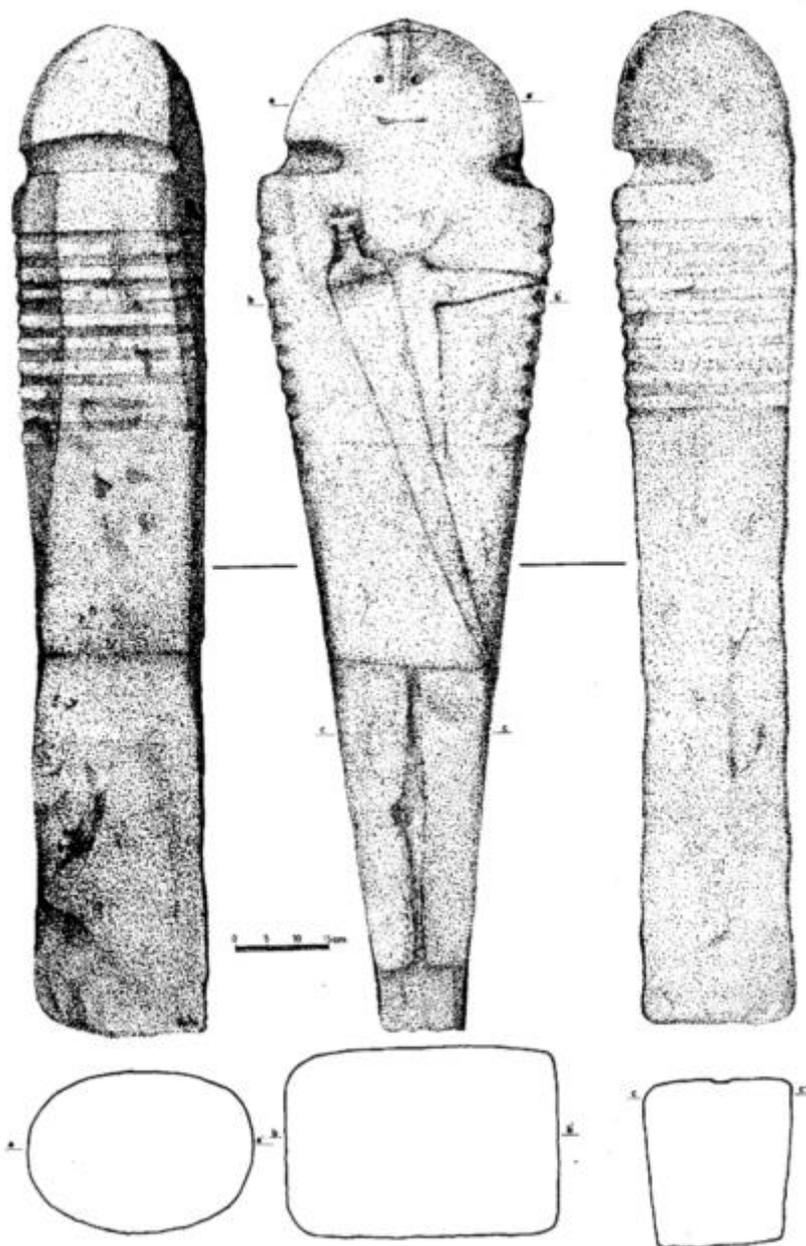
DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, Marta (2010) – *Las estelas decoradas en la Prehistoria de la Peninsula Iberica*, Universidad Complutense de Madrid (tese de doutoramento em ficheiro .pdf), catálogo: nº 65.

IV – Centro e Sul da Beira Interior e órbita da Serra de Gata³

- 56 – Valdefuentes de Sangusín
- 57 – Los Santos
- 58 – A-de-Moura
- 59 – Ciudad Rodrigo I
- 60 – Ciudad Rodrigo II
- 61 – Agallas
- 62 – El Cerezal I
- 63 – El Cerezal II
- 64 – Riomalo de Abajo
- 65 – Arrocerozo
- 66 – Cambroncino
- 67 – Robledillo de Gata
- 68 – Hernán Pérez I
- 69 – Hernán Pérez II
- 70 – Hernán Pérez III
- 71 – Hernán Pérez IV
- 72 – Hernán Pérez V
- 73 – Hernán Pérez VI
- 74 – Hernán Pérez VII
- 75 – Hernán Pérez
- 76 – Pedra da Atalaia I
- 77 – Pedra da Atalaia II
- 78 – Aldeia Velha
- 79 – Baraçal I
- 80 – Baraçal II
- 81 – Robleda
- 82 – Fóios
- 83 – Meimão
- 84 – San Martín de Trevejo
- 85 – Segura de Toro
- 86 – Jarandilla
- 87 – Guadalperal
- 88 – La Cerca I
- 89 – La Cerca III
- 90 – Corgas
- 91 – S. Martinho I
- 92 – S. Martinho II
- 93 – S. Martinho III

56 – Valdefuentes de Sangusín

³ Existem ainda outro monumento, a estela antropomórfica dos Zebros, Idanha-a-Nova, que aguarda publicação: CARDOSO, João Luís; HENRIQUES, Francisco e CHAMBINO, Mário (no prelo) – “A estela antropomórfica dos Zebros 2 (Zebreira, Idanha-a-Nova)”, *Actas das IV Jornadas Raianas – Estelas e estátuas-menires: da Pré à Proto-história (23 e 24 de Outubro de 2009, Sabugal)*, Sabugal: Museu do Sabugal. Além deste exemplar, teria sido encontrado ainda um monumento antropomorfo no lugar de La Coronita (Cáceres), perto de El Cerezal; o exemplar, contudo, ter-se-á perdido (BUENO RAMÍREZ e GONZÁLEZ CORDERO, 1995: 104).



(SANTONJA GÓMEZ e SANTONJA ALONSO, 1978)

Tipo: Estátua-menir

Localização: Las Lanchetas, Valdefuentes de Sangusín (Salamanca) - 40° 29' 37" Lat. N; 5° 51' 03" Long. W.

Enquadramento geo-morfológico: A zona de Valdefuentes de Sangusín e o sítio da localização do monumento apresentam-se deveras interessantes do ponto de vista da geo-morfologia. Como se refere aquando da sua publicação (SANTONJA GÓMEZ e SANTONJA ALONSO, 1978), o exemplar estava localizado numa “posição topograficamente dominante sobre o curso do rio Sangusín”. Para além do mais, o vale de Sangusín integra “o melhor caminho natural que existe no Oeste do Sistema Central entre as duas Submesetas”. O monumento estava a cerca de 890 m de altitude, numa paisagem pontuada por diversos afloramentos graníticos, semelhantes ao utilizado na elaboração da estátua-menir.

Medidas: 1,65 m de altura; 0,47 m de largura máxima; espessura média de aproximadamente 0,30 m.

Suporte: Granito com grandes cristais de feldspato.

Condições de achado: A estátua foi encontrada por um grupo de alunos do Colégio Nacional “Filiberto Villalobos”, deitada sobre um muro de propriedade, onde já se encontraria há mais de vinte anos.

Conservação: Em bom estado de conservação.

Técnica: Insculturação e gravação do monumento para lhe dar uma configuração antropomórfica, com preparação das superfícies.

Motivos:

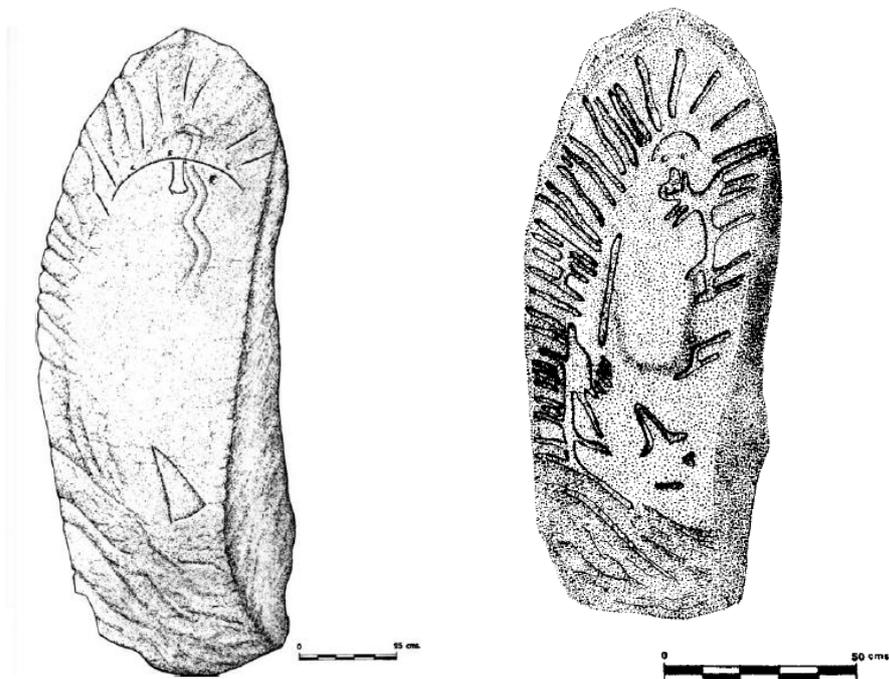
- Cabeça: A cabeça apresenta uma configuração arredondada, de corte elipsoidal. Na sua parte frontal vemos a gravação de dois olhos, através de duas pequenas covinhas. Entre estes adivinha-se um nariz, sobre o qual foi gravada uma pequena incisão, que marcará a arcada supraciliar. Por baixo aparece a boca, representada também através uma pequena incisão horizontal.
- Pescoço: A cabeça encontra-se delimitada por dois sulcos largos e profundos. No lado direito da estátua este sulco prolonga-se por toda a face do monumento, enquanto no lado esquerdo apenas chega até meio.
- “Costelas”: Na zona do peito do antropomorfo, em ambas as faces laterais, aparecem gravados motivos que podem ser interpretados como “costelas” ou talvez parte de alguma veste. É constituído por bandas paralelas horizontais, alternando entre linhas profundas com linhas em relevo.
- Colar (?): Um aparente semi-círculo em relevo por baixo da cabeça e sobre as armas, ao centro do peito, indicia a presença de um possível colar.
- Espada: Atravessando obliquamente todo o tronco encontra-se um espada. Apresenta uma lâmina comprida e larga, de ponta aguçada. A empunhadura encontra-se delimitada em relação à lâmina. Está desenhada em baixo-relevo, de forma pormenorizada. A empunhadura tem 8,2 cm de comprimento, tendo a espada um comprimento total de 82 cm e um largura máxima na lâmina de 11 cm.
- Correia (?): No lado direito do monumento, unindo-se à empunhadura da espada, encontra-se um linha irregular que poderá ser interpretada (com algumas reservas) como sendo uma correia de suspensão da arma.
- Alabarda: Justaposta à espada encontra-se a representação da parte superior de uma alabarda, à direita do observador. A lâmina triangular tem cerca de 19 cm de comprimento e 7 de largura máxima.
- Cinturão: É visível um linha, tenuemente gravada, que atravessando o anverso da estátua e cortando as armas, unindo a base das “costelas” de um lado e de outro. Poderá ser uma representação de um cinturão.
- Pernas: A parte inferior do monumento encontra-se demarcada do resto do monumento, tendo a superfície sido rebaixada no anverso e no lado direito da peça. No anverso é visível ao centro um linha vertical, dando uma imagem das pernas do personagem.

Cronologia: Bronze Antigo / Médio.

Paradeiro: Museu Provincial de Salamanca.

Bibliografia:

SANTONJA GÓMEZ, M. e SANTONJA ALONSO, M. (1978) – “La estatua-menhir de Valdefuentes de Sangusín (Salamanca)”, *Boletín Informativo de la Asociación Española de Amigos de la Arqueología*, 10, pp. 19-24.



(BUENO RAMÍREZ *et al.*, 2005)

(Primitiva Bueno, segundo DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, 2010)

Tipo: Estátua-menir

Localização: Los Santos (Salamanca).

Enquadramento geo-morfológico: A povoação de Los Santos localiza-se na Meseta Superior, junto ao sopé de um monte que se destaca na paisagem aplanada que o envolve, a partir de onde existem boas condições de visibilidade sobre o espaço em redor.

Medidas: 1,65 m de altura; 0,63 m de largura; 0,13 m de espessura.

Suporte: Bloco de quartzito de secção oval e afiado nos extremos.

Condições de achado: Tratou-se de um achado fortuito.

Conservação: Os motivos observam-se com muita dificuldade.

Técnica: Gravação e baixo-relevo.

Motivos: São apresentados dois levantamentos bastante distintos desta peça.

No levantamento apresentado em BUENO RAMÍREZ *et al.*, 2005 vemos que o monumento apresenta uma série de traços radiais, acompanhados na parte superior por uma linha semi-circular. Junto a esta linha aparece representado um pequeno motivo, semelhante às “insígnias” sub-trapezoidais. É acompanhado por um motivo serpentiforme, formado por duas linhas paralelas, para além de uma série de covinhas. No terço inferior é apresentado um motivo triangular, sendo uma possível lâmina (de alabarda?).

No levantamento reproduzido em DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, 2010, é igualmente apresentada a “moldura” em traços radiais. No centro da composição aparece uma figura antropomórfica, com uma face e braços esquemáticos. Sob a figura humana aparece, em baixo-relevo, um motivo triangular (possível lâmina de alabarda).

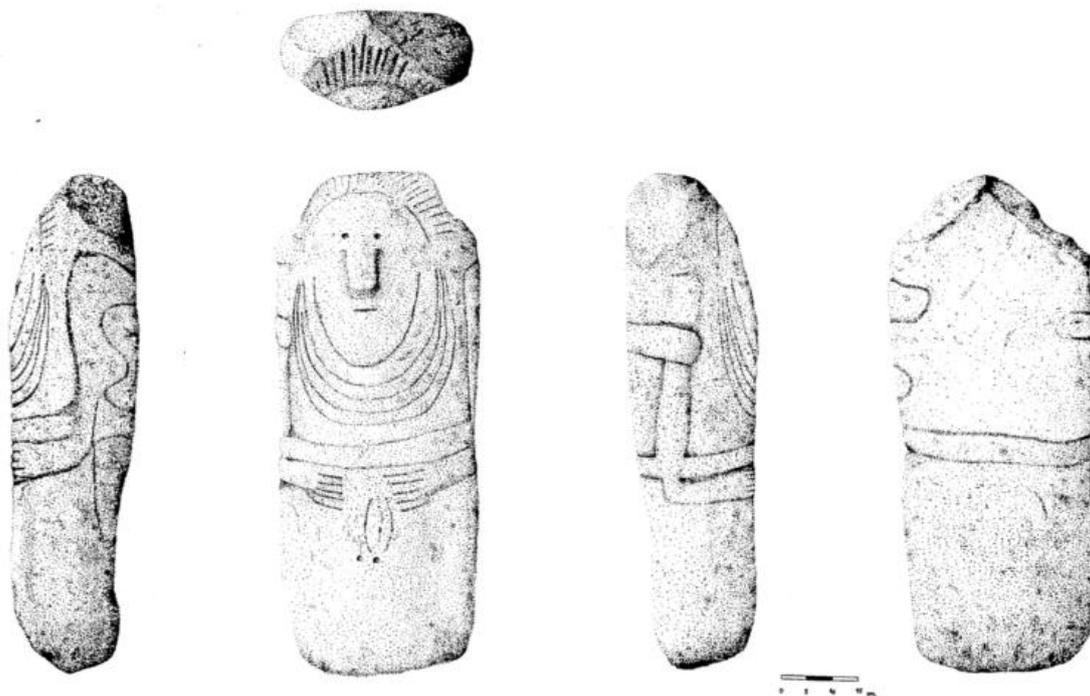
Cronologia: Neolítico / Idade do Bronze.

Paradeiro: Museu Provincial de Salamanca.

Bibliografia:

BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo e BARROSO BERMEJO, Rosa (2005) – “Hiérarchisation et métallurgie : statues armées dans la Péninsule Ibérique”
L'Anthropologie, vol. 109, n.º 4, pp. 577-640;

DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, Marta (2010) – *Las estelas decoradas en la Prehistoria de la Península Iberica*, Universidad Complutense de Madrid (tese de doutoramento em ficheiro .pdf),
catálogo: n.º 198.



(SILVA, 2000)

Tipo: Ídolo-estela

Localização: Tapada, A-de-Moura (ou Demoura), Santana de Azinha (Guarda) – 40° 27' 17" Lat. N; 7° 12' 37" Long. W.

Enquadramento geo-morfológico: Este ídolo foi encontrado junto a um caminho (ligando A-de-Moura à aldeia de Santa Madalena), cravada no solo junto a um pequeno muro. Trata-se de uma zona de vale, perto da Ribeira de Adão, a cerca de 860 m de altitude. O relevo não é aqui muito acidentado, tendencialmente plano, com alguns afloramentos graníticos a destacarem-se na paisagem. O substrato rochoso é, de resto, composto essencialmente por granitos de grão médio / grosseiro. Não estando *in situ*, a peça não parece no entanto ter provindo de longe, já que na zona são abundantes blocos de granito semelhantes ao utilizado neste monumento.

Medidas: 1,02 m de altura; 0,42 m de largura no topo e 0,40 m na base; 0,20 m de espessura na zona medial.

Suporte: Monólito granítico de grão médio e de secção plano-convexa.

Condições de achado: Encontrada em Novembro de 2000 por Marcos Osório da Silva, arqueólogo da Câmara Municipal do Sabugal, alertado por um morador local.

Conservação: Bom estado de conservação, mas com algumas fracturas pontuais.

Técnica: Gravação com instrumento lítico, existindo uma preferência notória (mas não exclusiva) pelo averso do monumento. As incisões são de secção em “U” aberto. Uso do talhe na zona dos ombros e do relevo no nariz.

Motivos: O monumento apresenta uma configuração antropomórfica, explícita nomeadamente pela clara representação dos ombros. Não existe, contudo, qualquer representação de pernas ou pés.

- Diadema: Na parte superior da estátua existe uma série de traços radiais (à volta de 22, bastante desgastados) que enquadram a face da figura. Estes traços podem ser interpretados como representações esquemáticas de um diadema (à semelhança do que vem a encontrar mais tarde nas ditas “estelas diademadas”), mas também como se tratando de um toucado, penachos ou até cabelo.
- Rosto: A parte superior do anverso do monumento é marcada pela representação estilizada de uma face humana. O seu contorno é feito por uma incisão semi-circular no topo (de onde saem os traços raiados do diadema) e outra mais alongada, de tendência semi-elipsoidal na parte inferior. Duas pequenas covinhas assinalam os olhos, por baixo das quais está representado em relevo um nariz de configuração sub-rectangular. Para finalizar, foi desenhada uma pequena boca sob o nariz, através de uma breve incisão horizontal.
- Colares: Quatro grandes traços semi-circulares, relativamente paralelos à face, partem dos lados da mesma, unindo-se ao nível do nariz. Representam claramente colares ou adornos usados ao pescoço.
- Cinturão: A meio do monumento (e reforçado pelo estreitamente simétrico da peça, representando a cintura) figura um cinturão, liso, com 5-6 cm de largura.
- Braços: Em ambos os lados do monumento estão representados os braços da figura, que inflectem e se desenhavam depois para o anverso, onde podemos encontrar as mãos, sob o cinturão. As mãos são simétricas, apresentando cada uma nitidamente os cinco dedos. A parte superior dos braços, por seu lado, prolonga-se ligeiramente para o reverso do monumento.
- Bracelete: No topo braço direito da personagem está representado aquilo que parece ser um bracelete, com 6 cm de largura e prolongando-se para o reverso da estátua.
- Serpentina: Uma linha serpentina está localizada no lado oposto da estátua, ligando o braço da figura ao cinturão.
- Símbolo sexual: Abaixo das mãos e ao centro do monumento encontramos aquilo que poderá ser a representação de um falo, representado por duas linhas curvilíneas de orientação vertical. Poderá, no entanto, ter um sentido totalmente oposto e tratar-se de um órgão sexual feminino. Sob as linhas encontramos ainda duas pequenas covinhas. Em época indeterminada da biografia deste monumento, o símbolo fálico foi propositadamente picado, com o intuito de o danificar ou mesmo apagar. Segundo BUENO RAMÍREZ *et al.*, 2005: 609, poderá tratar-se de um pequeno machado.

Cronologia: Calcolítico Final / Bronze Médio.

Paradeiro: Museu Regional da Guarda.

Bibliografia:

SILVA, Marcos Daniel Osório da (2000) – “Estátua-menir de A-de-Moura (Santana de Azinha, Guarda)”, *Estudos Pré-Históricos*, vol. VIII, Viseu: Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta, pp. 229-236.

BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo e BARROSO BERMEJO, Rosa (2005) – “Hiérarchisation et métallurgie: statues armées dans la Péninsule Ibérique” *L'Anthropologie*, vol. 109, n.º 4, pp. 577-640.



(ALMAGRO BASCH, 1972)

Tipo: Ídolo-estela

Localização: Praça do Trigo, Ciudad Rodrigo (Salamanca) – 40° 35' 47" Lat. N; 6° 31' 58" Long. W.

Enquadramento geo-morfológico: Ciudad Rodrigo localiza-se numa paisagem planáltica característica da Meseta Superior, estando a cidade implantada junto ao Rio Águeda.

Medidas: 0,40 m de altura; 0,20 m de largura máxima; 0,14 m de espessura máxima.

Suporte: Basalto negro.

Condições de achado: Apareceu por volta de 1930 no decurso de obras na Praça do Trigo (possivelmente onde hoje se encontra a Praça do Poeta Cristóbal de Castillejo), em Ciudad Rodrigo.

Conservação: Em relativamente boas condições de conservação, com uma fractura na base que não afecta a parte decorada.

Técnica: Gravação, utilizando a face mais plana do bloco basáltico.

Motivos:

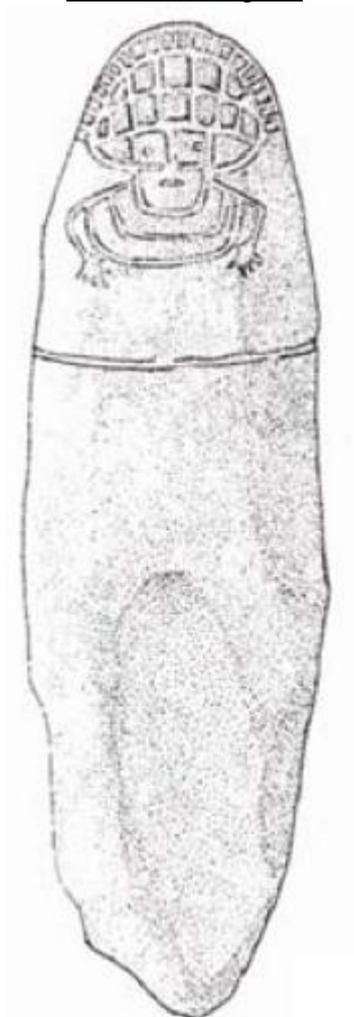
- Rosto: Esta estela-ídolo apresenta uma figura humana gravada de pé. O seu rosto é apenas sugerido por duas covinhas (olhos), separadas por um sulco vertical profundo (nariz) e rematado por um outro traço horizontal (boca). Por baixo do olho esquerdo existe um outro furo, aparentando ser bastante antigo, que Almagro Basch (1969) apresenta como se tratando de uma possível tatuagem facial.
- Diadema: Por cima da cabeça do personagem desenha-se o que parece ser um diadema, composto por três sulcos semicirculares paralelos, subdivididos em pequenos rectângulos por pequenos traços rectos entre eles.
- Colares: Ocultando o corpo da figura estão a representação de colares / colar múltiplo (ou talvez representações de barba e / ou túnica). Este motivo é constituído por um arco elipsoidal praticamente fechado, apenas aberto na parte superior, na zona da cabeça do indivíduo. No seu interior aparecem outros três sulcos em arco, abertos também para a parte superior da peça. Notam-se ainda dois pequenos furos, no lado direito dos intervalos dos três arcos inferiores.
- Braços: Partindo de ambos os lados do corpo (sendo que o braço direito começa ao nível de metade do corpo, enquanto o braço esquerdo começa já a nível da cabeça) saem os braços, cada um terminando numa mão de cinco dedos. De notar que, no braço esquerdo, parece ter havia um primeiro ensaio na gravação do desenho, depois corrigido, de forma a ser obtida uma maior simetria dos membros.
- Pernas: Por baixo do corpo aparecem representadas de forma bastante esquemática (indicando que estariam despidas?) as pernas, em “L” invertido.

Cronologia: Calcolítico Final / Bronze Médio.

Paradeiro: Museu Arqueológico Nacional, Madrid.

Bibliografia:

- ALMAGRO BASCH, Martín (1969) – “El ídolo de Ciudad Rodrigo y el ídolo de Rodicol”, *Trabajos de Prehistoria*, 26, pp. 321-323;
- ALMAGRO BASCH, Martín (1972) – “Los ídolos y la estela decorada de Hernán Pérez (Cáceres) y el ídolo-estela de Tabuyo del Monte (Léon)”, *Trabajos de Prehistoria*, 29, pp. 83-124;
- ALMAGRO GORBEA, Martín (1977) - *El Bronce Final y el Período Orientalizante en Extremadura*, Biblioteca Praehistorica Hispanica, 14, Madrid;
- BUENO RAMÍREZ, Primitiva (1990) – “Statues-menhirs et stèles anthropomorphes de la Péninsule Ibérique”, *L'Anthropologie*, 94, nº 1, pp. 85-110;
- SEVILLANO SAN JOSÉ, Maria del Cármen (1991) – “Conexiones de las estelas antropomorfas salmantinas y extremeñas. Análisis de nuevos datos para su estudio en la provincia de Salamanca”, *Del Paleolítico a la Historia*, Salamanca: Museu de Salamanca, pp. 99-116.



(BUENO RAMÍREZ, 1990)

Tipo: Ídolo-estela.

Localização: Lerilla, Zamarra, Ciudad Rodrigo (Salamanca).

Enquadramento geo-morfológico: A zona de Zamarra é marcada pelos rios Águeda (a Oeste) e Barbadillo (a Sul), afluente do primeiro (e perto do qual deverá ter sido achado o monumento). É uma área planáltica integrada na Meseta Superior, onde os maiores acidentes no relevo são os vales por onde correm os referidos rios. Esta paisagem encontra-se delimitada por duas pequenas serras: a Sul pela Serra de Canchera, pertencente ao sistema da Serra de Gata, e a Este pela Serra del Carazo.

Medidas: 1,20 m de altura; 0,39 m de largura.

Suporte: Arenito.

Condições de achado: Foi encontrado no castro abandonado de Lerilla, em 1965.

Conservação: Em bom estado de conservação.

Técnica: Gravação com traço de secção em “U” (no antropomorfo) e em “V” (no cinturão).

Motivos:

- Diadema: Junto ao topo da peça está representado um diadema. Possui uma primeira banda em semi-círculo, dividida por uma série de pequenos traços dispostos de forma radial. O interior do semi-círculo está preenchido com linhas horizontais e verticais, formando um padrão quadriculado.
- Rosto: O rosto tem uma forma sub-retangular, integrando-se no diadema. A forma rectangular do rosto está dividida, no topo, em dois quadrados (no interior dos quais se gravaram os olhos), tendo-se gravado a meio do rosto. Duas linhas arqueadas, partindo sob os olhos, ligam a face ao diadema.
- Colares: Duas linhas semi-circulares (sendo que a superior é, em rigor, constituída por três segmentos de recta), colocadas por baixo do rosto, traduzem a presença de colares.
- Braços: O antropomorfo possui representados ainda os dois braços, flectidos para dentro, na extremidade dos quais se desenharam as mãos.
- Cinturão: Uma linha horizontal gravada a no fim do terço superior do suporte, rodeia todo o monumento e poderá traduzir a presença de um cinturão.

Cronologia: Calcolítico Final / Bronze Médio.

Paradeiro: Casa Municipal de Cultura de Ciudad Rodrigo (Ciudad Rodrigo).

Bibliografia:

BUENO RAMÍREZ, Primitiva (1990) – “Statues-menhirs et stèles anthropomorphes de la Péninsule Ibérique”, *L’Anthropologie*, 94, nº 1, pp. 85-110;

SEVILLANO SAN JOSÉ, Maria del Cármen (1991) – “Conexiones de las estelas antropomorfas salmantinas y extremeñas. Análisis de nuevos datos para su estudio en la provincia de Salamanca”, *Del Paleolítico a la Historia*, Salamanca: Museu de Salamanca, pp. 99–116;

DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, Marta (2010) – *Las estelas decoradas en la Prehistoria de la Peninsula Iberica*, Universidad Complutense de Madrid (tese de doutoramento em ficheiro .pdf), catálogo: nº 184.



(BUENO RAMÍREZ *et al.*, 2005)

Tipo: Ídolo-estela

Localização: Agallas, Salamanca - 40° 26' 53" Lat. N; 6° 26' 37" Long. W.

Enquadramento geo-morfológico: Agallas fica numa zona de relevos suaves, na orla Norte da Serra de Gata; localiza-se a uma altitude média de 817 m.

Medidas: 1,03 m de altura; 0,38 m de largura; 0,25 m de espessura.

Suporte: Bloco de xisto rolado.

Condições de achado: Encontrada no Inverno de 1983, no decurso do levantamento dos bens móveis pertencentes à diocese de Ciudad Rodrigo, levado a cabo por José Ignacio Martín Benito. A peça estava fincada no solo, servindo de marco em terrenos pertencentes à Igreja de S. Pedro de Agallas. Os motivos apenas ficaram totalmente visíveis em 1987, quando o exemplar foi removido.

Conservação: Apresenta algumas fracturas que desfiguram os motivos gravados.

Técnica: Picotado de secção em “U”.

Motivos:

- Diadema: No levantamento apresentado em BUENO RAMÍREZ *et al.*, 2005 é visível que este ídolo envergaria também um diadema, através da gravação de pequenos traços radiais nos arcos sobre a cabeça. Um semicírculo sobre o rosto marca o início do diadema.
- Rosto: O rosto do personagem está representado de forma bastante esquemática. Duas pequenas covinhas formam os olhos, divididas por um nariz vertical. É ainda possível ver o que seria talvez parte da boca da figura.
- Colares: Um conjunto de quatro elipses rodeia o rosto, servindo simultaneamente para representar colares (na zona inferior) e o diadema (na parte superior). A zona central dos colares encontra-se destruída por uma grande fractura.
- Braços: De ambos os lados da peça saem os braços, orientados para o interior do monumento. Cada um é constituído por duas linhas relativamente paralelas, terminando em cinco traços horizontais e paralelos (dedos). O braço direito da figura encontra-se bastante danificado.
- Símbolo sexual: No já referido levantamento de BUENO RAMÍREZ *et al.*, 2005 é apresentado um novo elemento. Entre as mãos foi desenhada uma forma sub-retangular, gravada num traço mais fino. É possível que este signo se trate de uma representação de um órgão sexual, talvez masculino.
- Alabarda: Sobre o braço esquerdo, com traços muito finos, foi gravada uma alabarda. A lâmina triangular da arma está orientada para o interior do monumento. Um cabo, sub-retangular, desce da lâmina com uma orientação vertical.

Cronologia: Calcolítico Final / Bronze Médio.

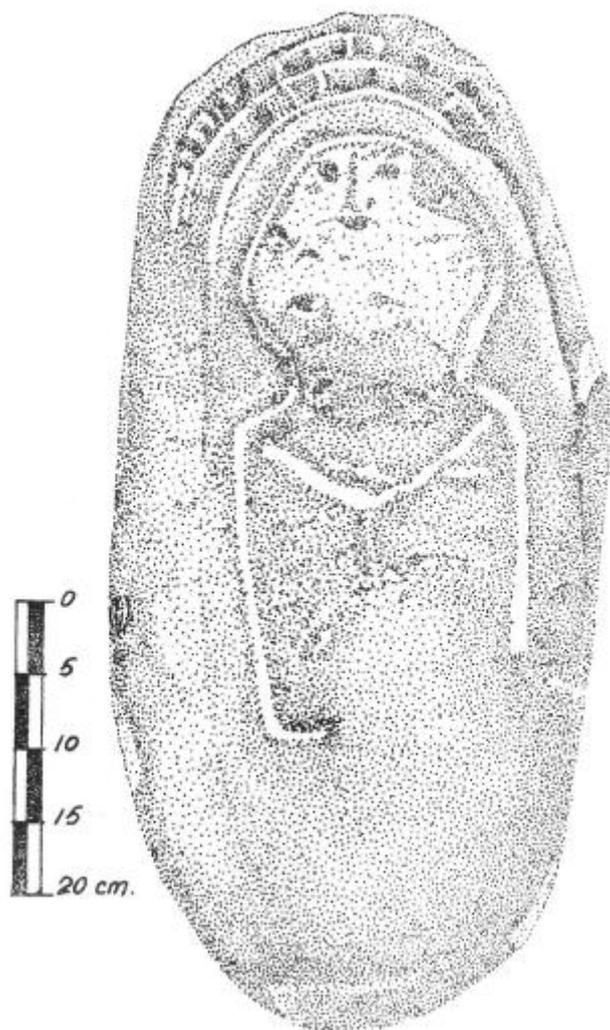
Paradeiro: Museu Provincial de Salamanca.

Bibliografia:

BENITO DEL REY, Luis; MARTÍN BENITO, José Ignacio; GRANDE DEL BRIO, Ramón y BENITO ÁLVAREZ, José Manuel (1987) – "Miscelánea arqueológica salmantino-zamorana", *Studia Zamorensia*, VIII, pp. 9-27;

SEVILLANO SAN JOSÉ, Maria del Carmen (1991) – “Conexiones de las estelas antropomorfas salmantinas y extremeñas. Análisis de nuevos datos para su estudio en la provincia de Salamanca”, *Del Paleolítico a la Historia*, Salamanca: Museu de Salamanca, pp. 99-116;

BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo e BARROSO BERMEJO, Rosa (2005) – “Hiérarchisation et métallurgie : statues armées dans la Péninsule Ibérique” *L'Anthropologie*, vol. 109, n.º 4, pp. 577-640.



(SEVILLANO SAN JOSÉ, 1982)

Tipo: Ídolo-estela

Localização: La Lancha, El Cerezal (Cáceres) – 40° 23' 40" Lat. N; 6° 16' 00" Long. W.

Enquadramento geo-morfológico: Encontrava-se numa encosta a cerca de 1 km da povoação de El Cerezal e a 3 km de Nuñomoral. A vertente está orientada a Sudeste, correndo diversos cursos de água nos profundos vales em redor.

Medidas: 0,60 m de altura; 0,28 m de largura; 0,14 m de espessura.

Suporte: Xisto claro.

Condições de achado: O exemplar estava incorporado num pequeno muro de divisão de propriedade, junto aos limites de um corta-fogo. Foi encontrado em 1979 por um guarda-florestal, que o levou depois para sua casa. Informações orais dizem que, antes de ter sido utilizada no muro, a peça teria sido encontrada fincada no chão, perto de umas lajes que teriam o aspecto de sepulturas.

Conservação: Os motivos gravados estão muito erodidos.

Técnica: Gravação com cinzel e percutor, de traço largo e profundo de secção em “U”.

Motivos:

- Diadema: No topo do monumento está representado um diadema. Este, ligeiramente fracturado no lado esquerdo, é composto por três arcos semicirculares paralelos, subdivididos por traços radiais, formando rectângulos.
- Figura antropomórfica: Sob o diadema é visível uma figura antropomórfica. O seu contorno é feito por um sulco único, que desenha a cabeça e o tronco do antropomorfo. No rosto são visíveis dois olhos, feitos com covinhas, um sulco vertical correspondente ao nariz e um pequeno sulco horizontal para representar a boca. A linha da cabeça, de formato ovalado, estreita na zona do pescoço para logo de seguida se alargar, formando os ombros. Desce depois na vertical, deixando adivinhar os braços e, no braço esquerdo, um pequeno sulco horizontal, curvando para dentro, parece deixar adivinhar uma representação esquemática da mão.
- Colar: Por baixo do pescoço desenha-se um arco, traduzindo a existência de um colar. Mais ou menos a meio parece existir uma linha sub-vertical, mais fina, que parte do colar. Poder-se-á tratar da representação de um pendente.

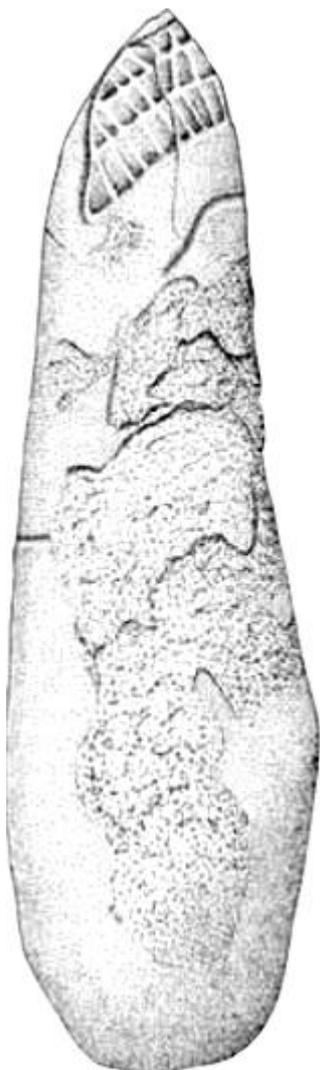
Cronologia: Calcolítico Final / Bronze Médio.

Paradeiro: Museu Provincial de Cáceres.

Bibliografia:

SEVILLANO SAN JOSÉ, Maria del Carmen (1982) – “Un nuevo hallazgo en Extremadura: el ídolo-estela de El Cerezal”, *Zephyrus*, 34-35, pp. 165-171;

SEVILLANO SAN JOSÉ, Maria del Carmen (1991) – “Conexiones de las estelas antropomorfas salmantinas y extremeñas. Análisis de nuevos datos para su estudio en la provincia de Salamanca”, *Del Paleolítico a la Historia*, Salamanca: Museu de Salamanca, pp. 99–116.



(SEVILLANO SAN JOSÉ, 1991)

Tipo: Estátua-menir

Localização: El Mijo, El Cerezal (Cáceres) – 40° 24' 33" Lat. N; 6° 16' 05" Long. W.

Enquadramento geo-morfológico: Estava localizada a cerca de 1 km para Oeste de El Cerezal, numa encosta junto a um caminho que liga as povoações de Fragosa a Asegur.

Medidas: 0,98 m de altura; 0,30 m de largura; 0,30 m de largura máxima e 0,16 m de largura na parte superior.

Suporte: Bloco de xisto.

Condições de achado:

Conservação: Em más condições de conservação, tendo o suporte sofrido inúmeras fracturas e lascamentos que destruíram grande parte dos elementos gravados.

Técnica: Incisão larga de perfil em “U”.

Motivos:

- Diadema: No topo do monumento é visível a representação de um diadema, delimitado a toda a volta um sulco, sendo o seu interior dividido por outros três sulcos paralelos sub-horizontais. Estes são divididos por sua vez por diversos traços radiais sub-verticais, originando um padrão em rectângulos. Estes dispõem-se da seguinte forma: nove na banda inferior, oito na intermédia e sete na superior.
- Rosto: É visível uma pequena parte do traço que delimitaria o rosto, sob o diadema, devendo este ter tido uma configuração ovalada.
- Cinturão: A 33 cm do diadema, sensivelmente a meio da peça, é visível o início de um traço horizontal, que provavelmente será tudo o que se conserva de uma representação de um cinturão.

Cronologia: Calcolítico Final / Bronze Médio.

Paradeiro: Não existe informação.

Bibliografia:

BUENO RAMÍREZ, Primitiva (1990) – “Statues-menhirs et stèles anthropomorphes de la Péninsule Ibérique”, *L’Anthropologie*, 94, nº 1, pp. 85-110;

SEVILLANO SAN JOSÉ, Maria del Carmen (1991) – “Conexiones de las estelas antropomorfas salmantinas y extremeñas. Análisis de nuevos datos para su estudio en la provincia de Salamanca”, *Del Paleolítico a la Historia*, Salamanca: Museu de Salamanca, pp. 99–116.



(BUENO RAMÍREZ, 1990)

Tipo: Ídolo-estela

Localização: Riomalo de Abajo, Caminomorisco (Cáceres) – 40° 24' 08" Lat. N; 6° 04' 49" Long. W.

Enquadramento geo-morfológico: Este monumento foi encontrado perto da foz do Rio Ladrillar (que desagua num meandro do Rio Alagón), a Este de Riomalo de Abajo. O Rio Ladrillar corre num profundo vale, com mais de 15 km de comprimento, ligando Riomalo de Abajo (na extremidade Sudeste) a Riomalo de Arriba (na extremidade Noroeste).

Medidas: 0,39 m de altura; 0,26 m de largura; 0,10 m de grossura.

Suporte: Bloco grauváquico arredondado.

Condições de achado: O monumento foi encontrado num muro divisório de propriedade junto ao Rio Ladrillar. É possível que tenha vindo originalmente da povoação de Cabaloria (hoje abandonada), muito próxima de Riomalo de Abajo.

Conservação: Apresenta extensas fracturas na parte superior e no lado direito do suporte.

Técnica: Gravação.

Motivos:

- Diadema: Apesar de estar apenas parcialmente visível, observa-se no topo a presença de um diadema, composto por três linhas semi-circulares, paralelas, sub-divididas internamente em pequenos rectângulos, dispostos de forma concêntrica.

- Rosto: O rosto apresenta uma forma muito esquemática, observando-se os olhos, encimados por duas linhas oblíquas (sobrancelhas), um nariz (representado através de um sulco vertical largo) e uma boca horizontal.
- Colares: Sob o rosto são visíveis quatro linhas semi-circulares paralelas, representando um colar múltiplo. Este motivo está fracturado no lado direito. No lado esquerdo, contudo, observa-se que os semi-círculos são fechados por uma linha recta. Entre a extremidade do colar e do diadema desenha-se ainda um círculo (possivelmente um objecto de adorno) do qual sai em direcção ao reverso uma banda decorada, semelhante a uma trança.
- Braço: Devido à fractura do suporte, apenas se conserva o braço esquerdo. O braço em si consiste apenas num curto traço vertical. Na sua extremidade inferior são visíveis cinco traços mais pequenos, dispostos radialmente, representando os dedos.
- Linha: Existe ainda uma linha horizontal na parte inferior do monumento, podendo-se tratar de um cinturão.
- Pernas: Sob a linha na parte inferior do monumento, desenharam-se dois sulcos verticais, paralelos, devendo tratar-se da representação das pernas do personagem.

Cronologia: Calcolítico Final / Bronze Médio.

Paradeiro: Propriedade particular.

Bibliografia:

BUENO RAMÍREZ, Primitiva (1990) – “Statues-menhirs et stèles anthropomorphes de la Péninsule Ibérique”, *L’Anthropologie*, 94, nº 1, pp. 85-110;

DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, Marta (2010) – *Las estelas decoradas en la Prehistoria de la Peninsula Iberica*, Madrid: Universidad Complutense de Madrid (tese de doutoramento, em ficheiro .pdf), catálogo: nº 201.



(BUENO RAMÍREZ e GONZÁLEZ CORDERO, 1995)

Tipo: Ídolo-estela

Localização: Arrocereso, Caminomorisco (Cáceres) – 40° 18' 00" Lat. N; 6° 19' 00" Long. W.

Enquadramento geo-morfológico: Arrocereso é uma pequena povoação (*alquería*), hoje abandonada, na parte meridional do complexo montanhoso da Serra de Gata. Localiza-se na vertente Sudeste de um pequeno monte (com cerca de 640 m de altitude), sobranceira ao Rio de los Angeles. É uma zona interessante a nível das vias naturais de passagem; junto à vertente Norte do monte de Arrocereso desenvolve-se uma comprida zona de vale (com quase 25 km de comprimento), de orientação Este – Oeste, que marca o limite meridional deste sistema montanhoso e por onde, na actualidade, passa a EX-204 (Coria – Salamanca).

Medidas: 0,55 m de altura; 0,33 m de largura.

Suporte: Bloco arredondado de grauvaque.

Condições de achado: Foi identificado por F. Barroso e J. Roncero em Arrocereso, a Sudeste de Caminomorisco, num banco de pedra.

Conservação: Em razoáveis condições de conservação, havendo contudo alguns motivos que se apresentam deteriorados.

Técnica: Gravação em traço largo, de secção em “U”, sobre suporte não preparado.

Motivos:

- Diadema: Encimando o monumento está a representação de um diadema. Este possui um primeiro arco composto por onze covinhas alinhadas. Sob estas covinhas desenham-se duas linhas semi-circulares, aproximadamente paralelas, unidas entre si por uma série de onze linhas rectas, dispostas em leque concêntrico. Uma linha, que passa pela testa do antropomorfo, fecha a parte inferior do motivo. Este é completado com a representação, em cada um dos lados, de um motivo em “U” (que poderão ser uma representação das orelhas, de brincos ou de outro tipo de adorno).
- Rosto: O rosto é representado de forma esquemática, sendo os olhos duas pequenas covinhas, o nariz um sulco vertical e a boca um sulco horizontal. De notar ainda, sob o olho direito, a presença de duas pequenas linhas paralelas, mais finas.

- Colares: Quatro linhas semi-circulares paralelas desenham-se sob o rosto, representando colares (ou colar múltiplo). Este motivo apresenta-se algo degradado, principalmente na parte central.
- Braços: Duas linhas arqueadas, dispostas lateralmente, foram usadas para representar os braços da figura. Na extremidade inferior de cada uma, foram gravados cinco pequenos traços (dedos).
- Linha: Uma linha horizontal, na parte inferior do monumento, fecha a composição (cinturão?).

Cronologia: Calcolítico Final / Bronze Médio.

Paradeiro: Museu de las Hurdes (Horcajo, Pinofranqueado).

Bibliografia:

BUENO RAMÍREZ, Primitiva e GONZÁLEZ CORDERO, Antonio (1995) – “Nuevos datos para la contextualización arqueológica de estatuas-menhir e estelas antropomorfas en Extremadura” *Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular (Porto, 12-18 de Outubro de 1993)*, Porto, pp. 95-106;

DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, Marta (2010) – *Las estelas decoradas en la Prehistoria de la Peninsula Iberica*, Universidad Complutense de Madrid (tese de doutoramento em ficheiro .pdf), catálogo: nº 176.



(SEVILLANO SAN JOSÉ, 1991)

Tipo: Ídolo-estela

Localização: Cambroncino, Cáceres – 40° 20' 34" Lat. N; 6° 14' 17" Long. W.

Enquadramento geo-morfológico: Estava localizado numa zona de vale, a cerca de 7 km a Sul de Nuñomoral e a cerca de 5 km a Nordeste de Caminomorisco, junto a um curso de água, o Arroyo de Cambroncino.

Medidas: 0,54 m de altura; 0,20 m de largura máxima.

Suporte: Bloco de diabase bastante rolado.

Condições de achado: A peça estava junto à ponte sobre o Arroyo de Cambroncino, aproveitada em colmeias que pertenciam a Vicente Martín Iglesias.

Conservação: Tem uma grande fractura no lado esquerdo, afectando uma pequena parte da decoração.

Técnica: Gravação sobre superfície alisada.

Motivos:

- **Diadema**: Junto ao topo do monumento aparece o que deverá ser a representação de um diadema. Tem uma configuração arqueada, sendo contornado por um sulco. No seu interior existem três linhas tendencialmente horizontais. São depois divididas por pequenos traços radiais, formando um padrão de pequenos rectângulos.

- Rosto: O rosto é delimitado, na parte superior, pelo diadema, enquanto dos lados foram desenhados dos segmentos de circunferência, dando-lhe uma configuração circular. São visíveis dois olhos, feitos com covinhas, encimados pelas sobrancelhas ligeiramente arqueadas. A meio, na vertical, está gravado o nariz, estando por baixo deste desenhada uma boca arqueada, com os cantos revirados para baixo.
- Colares: Por baixo do rosto, entre as pernas (que, no topo, acabam por representar o pescoço e ombros), estão gravados três linhas semi-circulares concêntricas, devendo traduzir a presença de colares rituais.
- Tronco / pernas: Foi aqui utilizado uma interessante solução estilística para a representação do tronco e das pernas do personagem, usando as mesmas linhas. As linhas que originam as pernas partem do estreitamento que representa o pescoço, curvando na zona dos ombros, prolongando-se pelo tronco e depois nas pernas propriamente ditas, acabando cada um num pé de cinco dedos. Os dedos dos pés, partindo da extremidade de cada perna, estão ambos orientados para a esquerda do observador.
- Braços: De cada lado do tronco (mas sem chegarem a tocar no tronco) estão colocados os braços. São arqueados e orientados para baixo. A mão esquerda perdeu-se devido à fractura da peça, mas a mão direita é formada por cinco dedos, dispostos de forma simétrica e partindo todos da extremidade do braços.

Cronologia: Calcolítico Final / Bronze Médio.

Paradeiro:

Bibliografia:

BUENO RAMÍREZ, Primitiva (1990) – “Statues-menhirs et stèles anthropomorphes de la Péninsule Ibérique”, *L'Anthropologie*, 94, nº 1, pp. 85-110;

SEVILLANO SAN JOSÉ, Maria del Carmen (1991) – “Conexiones de las estelas antropomorfas salmantinas y extremeñas. Análisis de nuevos datos para su estudio en la provincia de Salamanca”, *Del Paleolítico a la Historia*, Salamanca: Museu de Salamanca, pp. 99–116;



(SEVILLANO SAN JOSÉ, 1974)

Tipo: Ídolo-estela

Localização: El Bardal, Robledillo de Gata (Cáceres).

Enquadramento geo-morfológico: A localidade de Robledillo de Gata fica localizada num comprido vale da Serra de Gata, a cerca de 576 m de altitude, encaixada entre relevos bem marcados. É uma zona rica hidrograficamente, alimentada pelos cursos de água que descem das vertentes. O exemplar foi encontrado numa destas encostas nas imediações da povoação.

Medidas: 0,80 m de altura; 0,33 m de largura máxima e 0,24 m de largura mínima; 0,73 m de perímetro na parte central.

Suporte: Bloco de xisto (“pizarra”) escuro e bastante compacto.

Condições de achado: Identificada após notícia no diário “Extremadura” de Cáceres, do dia 27 de Novembro de 1973. O monumento teria sido encontrado por um estudante ao lado de um caminho que subia o monte, parecendo ter sido removido por uma máquina para a construção do caminho.

Conservação: Com alguns danos provocados por uma máquina e, quando foi encontrado, apresentava algumas manchas de alcatrão. Apresenta-se também fortemente erodido em diversas partes.

Técnica: Gravação profunda com percutor.

Motivos:

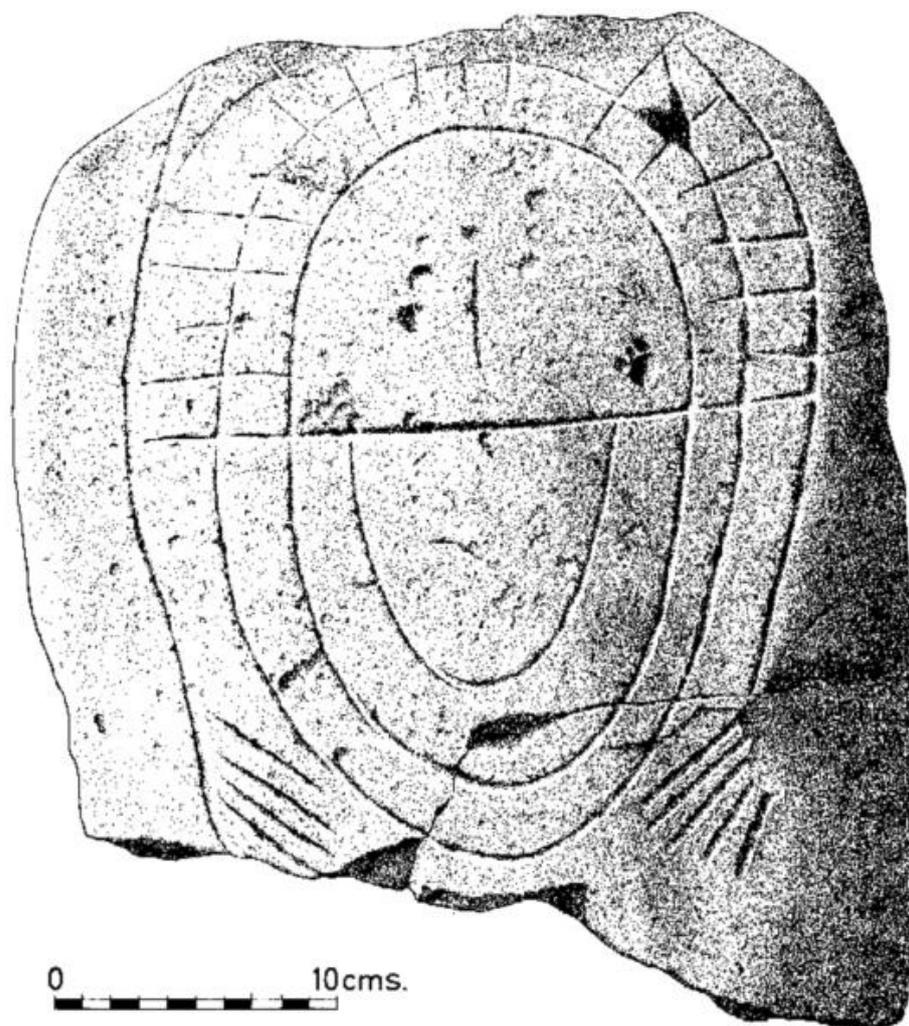
- Cara: O monumento apresenta uma representação de uma face humana, de configuração oval (marcada a toda a volta por um sulco). Duas pequenas covinhas representam os olhos. No meio delas adivinha-se um nariz, bastante erodido. A boca foi desenhada como uma linha horizontal com os cantos levemente arrebitados.
- Adornos: Duas linhas ovais, paralelas ao sulco que delimita o rosto da figura, circunscvem a face. Na parte superior estas são preenchidas com pequenos sulcos rectos e paralelos entre si, formando pequenos rectângulos, e encimadas por vinte e duas pequenas covinhas, dando a ideia de um diadema. As mesmas duas linhas contornam a parte inferior do rosto, aqui sem apresentarem rectângulos ou covinhas, dando a ideia de colares (ou de um colar múltiplo).
- Braço: De ambos os lados da peça, por baixo dos “colares”, aparece a representação de braços, flectidos para o interior. No braço direito da estátua ainda se consegue observar uma mão, constituída por um sulco vertical maior e cinco traços horizontais mais pequenos, representando os dedos.

Paradeiro: Museu Arqueológico de Cáceres.

Cronologia: Calcolítico Final / Bronze Médio.

Bibliografia:

- SEVILLANO SAN JOSÉ, Maria del Carmen (1974) – “Un nuevo ídolo de la Edad del Bronce aparecido en Robledillo de Gata (Cáceres)”, *Zephyrus*, 25, pp. 145-150;
- ALMAGRO GORBEA, Martín (1977) - *El Bronce Final y el Período Orientalizante en Extremadura*, Biblioteca Praehistorica Hispanica, 14, Madrid;
- BUENO RAMÍREZ, Primitiva (1990) – “Statues-menhirs et stèles anthropomorphes de la Péninsule Ibérique”, *L’Anthropologie*, 94, nº 1, pp. 85-110;
- SEVILLANO SAN JOSÉ, Maria del Carmen (1991) – “Conexiones de las estelas antropomorfas salmantinas y extremeñas. Análisis de nuevos datos para su estudio en la provincia de Salamanca”, *Del Paleolítico a la Historia*, Salamanca: Museu de Salamanca, pp. 99–116.



(ALMAGRO BASCH, 1972)

Tipo: Ídolo-estela

Localização: Hernán Pérez, Cáceres – 40° 13' 10" Lat. N; 6° 30' 02" Long. W.

Enquadramento geo-morfológico: A estela e os ídolo-estela de Hernán Pérez estavam localizados no sopé das Serras de los Angeles e del Moro, pertencentes ao sistema da Serra de Gata, a 2,5 – 3 km de Hernán Pérez. É uma zona de relevos não muito acentuados, nos contrafortes orientais dos relevos que delimitam o lado Este do grande vale de Cadalso – Robledillo de Gata. Em termos hidrográficos encontravam-se situadas entre o Rio Arrago e o seu afluente, Arroyo de las Herrerías. Este enclave entre os dois cursos de água é ainda irrigado por três cursos mais pequenos, afluentes do Arroyo de las Herrerías, que correm com orientações mais ou menos paralelas (de Noroeste para Sudeste): Regato de las Helechosas, Regato del Perro e Arroyo Canillas. Todos os exemplares, à exceção de Hernán Pérez VII, estavam colocados na faixa de terra entre os dois primeiros cursos de água, enquanto Hernán Pérez VII se encontrava entre os dois últimos.

No caso particular de Hernán Pérez I, este terá aparecido no ponto mais alto de uma pequena elevação, conhecida localmente como Teso del Medio ou Teso del Cabezo.

Medidas: 0,42 m de altura; 0,37 m de largura máxima; 0,12 m de espessura; 0,85 m de perímetro na parte central.

Suporte: Xisto negro.

Condições de achado: Julio Moriano, alcaide de Hernán Pérez, alertou Luis Blanco, seu conhecido, para a existência uma pedra gravada perto da povoação. Ambos fizeram então chegar, em 1971, um esboço da peça a Martín Almagro, conservador do Museu Arqueológico Nacional em Madrid. Luis Blanco comunicou ainda que Julio Moriano lhe tinha referido a existência de outras pedras gravadas, a Noroeste da povoação, descobertas aquando de trabalhos efectuados há alguns anos na floresta. As peças foram de seguida recolhidas e levadas para o Museu Arqueológico Nacional.

Conservação: Fracturada na parte inferior, danificando a parte decorada.

Técnica: Gravação por picotado profundo, feita com cinzel e percutor, seguida de abrasão. A excepção serão os traços radiais do diadema, feitos por incisão com objecto metálico.

Motivos:

- Rosto: O rosto da figura apresenta dois pequenos olhos, feitos com duas covinhas. Entre eles desenha-se um sulco vertical, representando o nariz. De notar que, por cima de cada olho, existe uma outra covinha, podendo-se tratar de representações anteriores / posteriores de olhos. Para além disso, na cara do personagem, são observáveis pelo menos mais quatro covinhas. Não parece existir, no entanto, uma representação da boca. A face é separada do corpo através de um comprido traço horizontal que divide a figura na sua totalidade. O sulco delimitador do rosto é o mesmo que define a parte inferior do diadema e pertence à mesma forma que compõe o segundo colar.
- Diadema: Rodeando a cabeça vemos a representação de um suposto diadema de forma semi-circular, composto pelo sulco que define a parte superior do rosto e outros dois sulcos concêntricos. As bandas entre os sulcos estão preenchidas por traços radiais, formando rectângulos.
- Colares: Por baixo da face aparece a representação de colares. É excepção do arco interior, todos os outros são continuações dos sulcos na parte superior do monumento, formando no conjunto formas elipsoidais. Os colares, ou colar múltiplo, são representados por três sulcos semi-circulares concêntricos.
- Braços: Partindo do arco exterior do diadema, desenham-se os braços, paralelos aos colares. O braço direito, em rigor, começa acima do próprio diadema e termina com quatro sulcos para o interior, representando os dedos. Esta zona encontra-se fracturada, podendo ter existido um quinto dedo. A mão esquerda apresenta os dedos cinco em leque fechado, estando também danificada por um lascamento.

Cronologia: Calcolítico Final / Bronze Médio.

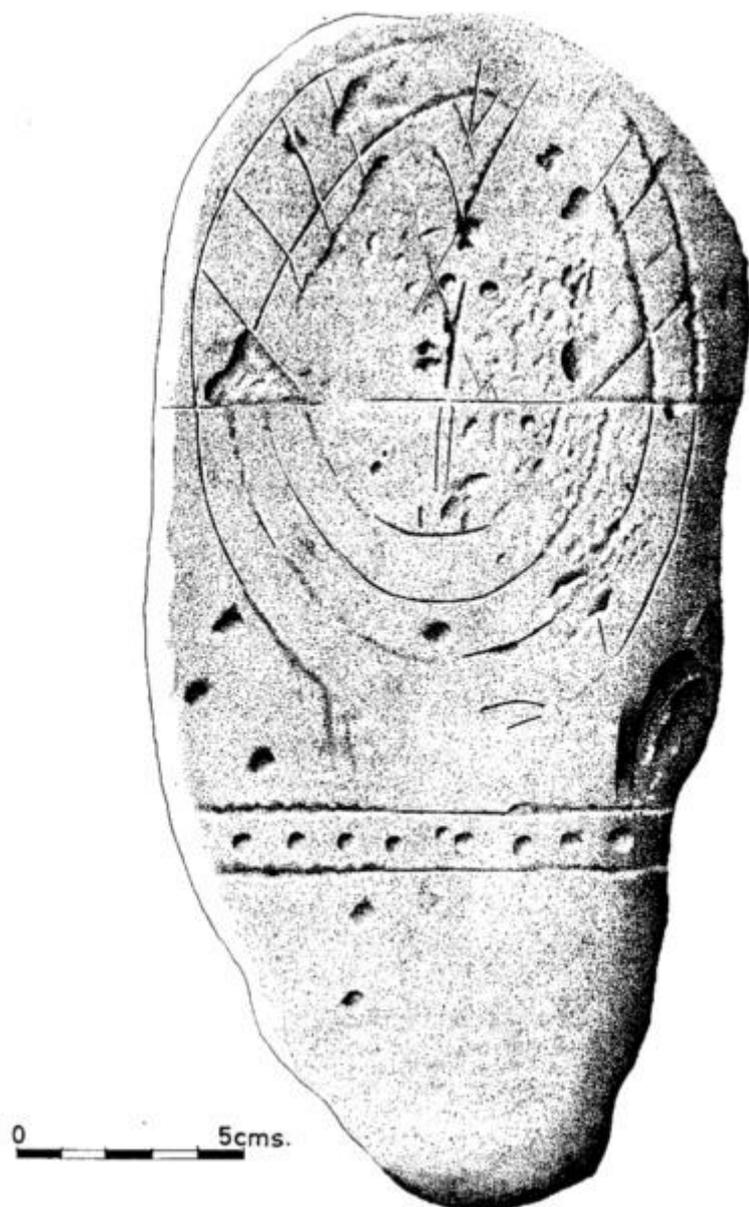
Paradeiro: Museu Arqueológico Nacional, Madrid.

Bibliografia:

ALMAGRO BASCH, Martín (1972) – “Los ídolos y la estela decorada de Hernán Pérez (Cáceres) y el ídolo-estela de Tabuyo del Monte (Léon)”, *Tabajos de Prehistoria*, 29, pp. 83-124;

ALMAGRO GORBEA, Martín (1977) - *El Bronce Final y el Período Orientalizante en Extremadura*, Biblioteca Praehistorica Hispanica, 14, Madrid;

BUENO RAMÍREZ, Primitiva (1990) – “Statues-menhirs et stèles anthropomorphes de la Péninsule Ibérique”, *L'Anthropologie*, 94, nº 1, pp. 85-110.



(ALMAGRO BASCH, 1972)

Tipo: Ídolo-estela

Localização: Hernán Pérez, Cáceres – 40° 13' 21" Lat. N; 6° 30' 29" Long. W.

Enquadramento geo-morfológico: (Ver ídolo-estela de Hernán Pérez I)
Estaria depositado numa zona plana, perto da margem esquerda do Regato de las Helechosas.

Medidas: 0,66 m de altura; 0,32 m de largura máxima; 0,14 m de espessura na parte superior e 0,05 m na parte inferior.

Suporte: Granito cinzento-escuro.

Condições de achado: (Ver estátua-menir de Hernán Pérez I)

Conservação: A peça encontra-se completa, apesar de alguns estragos que afectam parcialmente os motivos gravados.

Técnica: Gravação efectuada com cinzel pontiagudo.

Motivos:

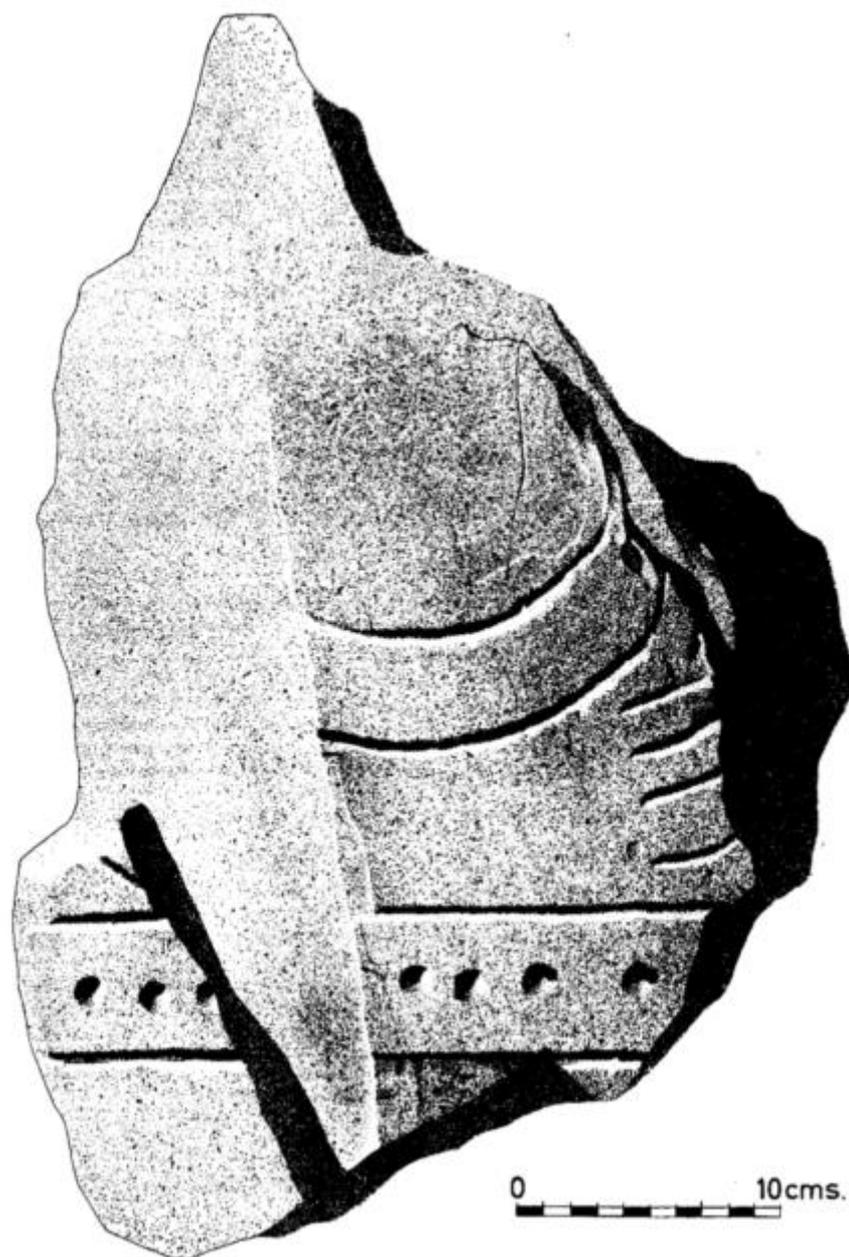
- Rosto: Toda a peça é muito semelhante ao ídolo de Hernán Pérez I, e tal sucede também com a face da figura. Apesar de bastante danificada, são visíveis dois olhos feitos com duas covinhas e o nariz, gravado na vertical entre as duas. Para além dos lascamentos, são visíveis diversas covinhas que poderão não ter sido intencionais. Não parece existir também aqui a representação da boca. Uma linha horizontal, que corta toda esta face do monumento, separa uma vez mais o rosto do corpo.
- Diadema: Um diadema semi-elíptico (mais afunilado na ponta superior, dando uma forma “ovóide” ao conjunto) circunda a cabeça da figura, composto por três linhas paralelas, preenchidas com incisões radiais. Este motivo encontra-se bastante desgastado, principalmente na sua zona superior, à direita do observador, sendo que a linha mais interior mal se consegue observar.
- Tatuagens (?): Alinhados com o nariz, na “testa” da figura, vemos algumas incisões rectas, formando ângulos. O primeiro conjunto forma “V”, enquanto o segundo conjunto, acima do primeiro, tem a forma de um “V” cortado a meio por uma incisão vertical, compondo um seta que aponta para baixo. De notar que estes traços aparentam ser prolongamentos (ou, pelo menos, estando com a mesma orientação) dos traços rectos que compõem o diadema. É possível interpretar estes motivos como representação de tatuagens ou pinturas faciais, ou ainda apliques do diadema que cairiam sobre o rosto. Perto do olho direito, e cortando o nariz, aparecem duas incisões semelhantes, em “X”.
- Colares: Três sulcos semi-circulares concêntricos, desenhados por baixo da face, representam os colares que seriam envergados pelo personagem. Como no ídolo anterior, também estes traços parecem ser todos (à excepção do sulco interior) prolongamentos das linhas do diadema. No semicírculo formado pelo arco mais pequeno e a linha horizontal que divide a face gravada em dois, aparecem gravados dois sulcos finos, paralelos e verticais – representação de um pendente ou, talvez, de uma barba ou tatuagem peitoral. Ao centro, entre as duas linhas exteriores, aparece uma covinha.
- Braços: Paralelos aos colares, e no prolongamento da linha exterior do diadema, aparecem os dois braços. Na sua terminação estariam representadas as mãos, mas estas encontram-se muito danificadas, não se preservando mais do que dois dedos em cada mão e estando estes, principalmente na mão direita, muito erodidos. No lado externo do braço direito aparecem ainda três covinhas.
- Cinturão: Na parte inferior da peça, já perto da base, aparece a representação de um cinturão. É composto por duas linhas horizontais paralelas que percorrem toda a face da pedra. Entre as duas desenha-se uma linha de oito covinhas circulares, com mais uma covinha de menores dimensões sensivelmente ao centro, algo desalinhada em relação às restantes. Por baixo do cinturão existem ainda mais duas covinhas, de forma mais irregular.

Cronologia: Calcolítico Final / Bronze Médio.

Paradeiro: Museu Arqueológico Nacional, Madrid.

Bibliografia:

- ALMAGRO BASCH, Martín (1972) – “Los ídolos y la estela decorada de Hernán Pérez (Cáceres) y el ídolo-estela de Tabuyo del Monte (Léon)”, *Tabajos de Prehistoria*, 29, pp. 83-124;
- ALMAGRO GORBEA, Martín (1977) - *El Bronce Final y el Período Orientalizante en Extremadura*, Biblioteca Praehistorica Hispanica, 14, Madrid;
- BUENO RAMÍREZ, Primitiva (1990) – “Statues-menhirs et stèles anthropomorphes de la Péninsule Ibérique”, *L'Anthropologie*, 94, nº 1, pp. 85-110.



(ALMAGRO BASCH, 1972)

Tipo: Ídolo-estela

Localização: Hernán Pérez, Cáceres – 40° 13' 48" Lat. N; 6° 30' 24" Long. W.

Enquadramento geo-morfológico: (Ver ídolo-estela de Hernán Pérez I)

Medidas: 0,58 m de altura; 0,33 m de largura máxima; 0,17 m de espessura; 0,80 m de perímetro na parte central.

Suporte: Calcário negro muito compacto.

Condições de achado: (Ver ídolo-estela de Hernán Pérez I)

Encontrada juntamente com os ídolos-estela IV, V, VI e a estela de guerreiro, no decurso de obras de reflorestação, a menos de 1 km para Norte do sítio onde estava localizado o ídolo-estela II. A maioria das pedras estaria fincada no chão.

Conservação: Muito fragmentado, apenas se conserva uma pequena parte dos motivos gravados.

Técnica: Gravação com cinzel e percutor.

Motivos:

- Colares: Uma vez que esta peça parece possuir características semelhantes às anteriores, é seguro afirmar que o fragmento encontrado pertenceria ao terço inferior do monumento. São visíveis dois arcos, paralelos, que corresponderão à parte inferior de colares.
- Mão: Por baixo dos colares, no lado esquerdo da peça, são visíveis quatro traços paralelos, que seriam os dedos de uma mão.
- Cinturão: Por baixo da mão aparece um fragmento do cinturão, constituído por dois traços horizontais, paralelos, no meio dos quais aparece uma fila de sete covinhas.

Cronologia: Calcolítico Final / Bronze Médio.

Paradeiro: Museu Arqueológico Nacional, Madrid.

Bibliografia:

ALMAGRO BASCH, Martín (1972) – “Los ídolos y la estela decorada de Hernán Pérez (Cáceres) y el ídolo-estela de Tabuyo del Monte (León)”, *Tabajos de Prehistoria*, 29, pp. 83-124;

ALMAGRO GORBEA, Martín (1977) - *El Bronce Final y el Período Orientalizante en Extremadura*, Biblioteca Praehistorica Hispanica, 14, Madrid;

BUENO RAMÍREZ, Primitiva (1990) – “Statues-menhirs et stèles anthropomorphes de la Péninsule Ibérique”, *L'Anthropologie*, 94, nº 1, pp. 85-110.



(ALMAGRO BASCH, 1972)

Tipo: Ídolo-estela

Localização: Hernán Pérez, Cáceres – 40° 13' 48" Lat. N; 6° 30' 24" Long. W.

Enquadramento geo-morfológico: (Ver ídolo-estela de Hernán Pérez I)

Medidas: 0,69 m de altura; 0,38 m de largura máxima; 0,18 m de espessura e 0,80 m de perímetro ao centro.

Suporte: Basalto.

Condições de achado: (Ver ídolo-estela de Hernán Pérez I e III)

Conservação: Bloco com diversas fracturas, algumas das quais afectam a parte decorada.

Técnica: Incisão profunda feita com objecto metálico.

Motivos:

- Rosto: O rosto deste ídolo-estela segue o modelo dos outros ídolos encontrados em Hernán Pérez. Para além das covinhas representando os olhos e o sulco vertical representando o nariz, este exemplar apresenta também uma boca, através de um sulco horizontal. Uma vez mais, a cabeça é separada do corpo através de uma linha horizontal que se desenha em toda a largura da superfície decorada.
- Diadema: Junto ao rosto, à direita do observador, é possível observar parte do diadema, constituído por três linhas em arco, paralelas entre si. O espaço entre elas é preenchido uma vez mais por traços radiais, formando quadrados.
- Colares: No prolongamento das três linhas do diadema surgem, por baixo da cara, três semicírculos que representarão os colares envergados pelo personagem. Por via das fracturas que a peça sofreu, encontram-se incompletos no lado direito do monumento.
- Mão: Junto à parte externa da peça é ainda visível a mão esquerda. É composta por cinco incisões que saem para o interior (dedos), partindo da terminação do braço. Do resto do braço, nada mais se conserva.
- Cinturão (?): Por baixo dos colares, na zona onde as outras peças (Hernán Pérez II, III, VI e VII) apresentam um cinturão, aparece aqui uma linha horizontal, atravessando a face decorada. Ao contrário dos exemplares referidos, este não é composto por duas linhas paralelas, nem apresenta covinhas. É provável que se trate, no entanto, de um cinturão também, representado de forma mais esquemática. Este motivo encerra a composição decorativa.

Cronologia: Calcolítico Final / Bronze Médio.

Paradeiro: Museu Arqueológico Nacional, Madrid.

Bibliografia:

- ALMAGRO BASCH, Martín (1972) – “Los ídolos y la estela decorada de Hernán Pérez (Cáceres) y el ídolo-estela de Tabuyo del Monte (Léon)”, *Tabajos de Prehistoria*, 29, pp. 83-124;
- ALMAGRO GORBEA, Martín (1977) - *El Bronce Final y el Período Orientalizante en Extremadura*, Biblioteca Praehistorica Hispanica, 14, Madrid;
- BUENO RAMÍREZ, Primitiva (1990) – “Statues-menhirs et stèles anthropomorphes de la Péninsule Ibérique”, *L'Anthropologie*, 94, nº 1, pp. 85-110.



(ALMAGRO BASCH, 1972)

Tipo: Ídolo-estela

Localização: Hernán Pérez, Cáceres – 40° 13' 48" Lat. N; 6° 30' 24" Long. W.

Enquadramento geo-morfológico: (Ver ídolo-estela de Hernán Pérez I)

Medidas: 0,80 m de altura; 0,46 m de largura máxima; 0,18 m de espessura na parte superior e 0,08 m na parte inferior; 1,03 m de perímetro na parte central.

Suporte: Granito rosáceo compacto, de grão fino, muito pontiagudo na extremidade inferior.

Condições de achado: (Ver ídolo-estela de Hernán Pérez I e III)

Conservação: Bastante fracturado na parte superior, afectando os motivos gravados.

Técnica: Gravação sobre superfície previamente preparada.

Motivos:

- Rosto: O rosto da figura apresenta um sulco vertical (nariz) acompanhado por outro horizontal (boca). Dos olhos, apenas um se conserva, no lado esquerdo da face. Uma vez mais, um longo sulco horizontal divide a composição em duas partes.
- Diadema: Devido às fracturas e lascamentos que a peça sofreu, apenas se conservam fragmentos do diadema, estando a parte superior destruída. Composto por três linhas semicirculares e paralelas, no lado esquerdo ainda se conservam os traços radiais que compõem os rectângulos no interior do diadema.
- Colares: Na continuação das linhas do diadema surgem as três linhas paralelas e semi-circulares que compõem os colares.
- Braços: Paralelamente aos colares desenham-se os braços, que partem dos limites externos da estátua. As mãos, compostas por cinco dedos gravados, desenvolvem-se para baixo, com os dedos a curvarem em direcção ao centro da peça.

Cronologia: Calcolítico Final / Bronze Médio.

Paradeiro: Museu Arqueológico Nacional, Madrid.

Bibliografia:

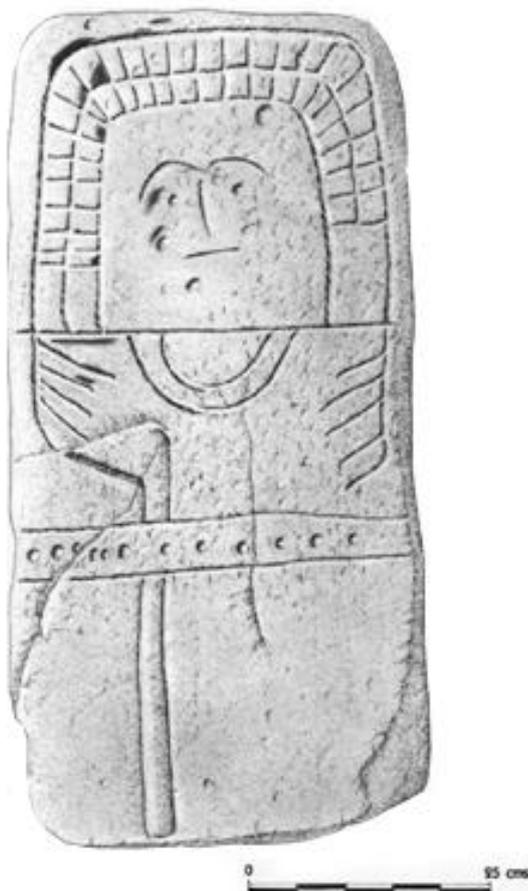
ALMAGRO BASCH, Martín (1972) – “Los ídolos y la estela decorada de Hernán Pérez (Cáceres) y el ídolo-estela de Tabuyo del Monte (Léon)”, *Tabajos de Prehistoria*, 29, pp. 83-124;

ALMAGRO GORBEA, Martín (1977) - *El Bronce Final y el Período Orientalizante en Extremadura*, Biblioteca Praehistorica Hispanica, 14, Madrid;

BUENO RAMÍREZ, Primitiva (1990) – “Statues-menhirs et stèles anthropomorphes de la Péninsule Ibérique”, *L'Anthropologie*, 94, nº 1, pp. 85-110.



(ALMAGRO BASCH, 1972)



(BUENO RAMÍREZ *et al.*, 2005)

Tipo: Ídolo-estela

Localização: Hernán Pérez, Cáceres – 40° 13' 48" Lat. N; 6° 30' 24" Long. W.

Enquadramento geo-morfológico: (Ver ídolo-estela de Hernán Pérez I)

Medidas: 0,86 m de altura; 0,40 m de largura máxima; 0,13 m de espessura na parte superior e 0,19 na parte inferior; 0,97 m de perímetro na parte central.

Suporte: Bloco paralelepípedo de granito.

Condições de achado: (Ver ídolo-estela de Hernán Pérez I e III)

Conservação: Em boas condições de conservação.

Técnica: Gravação por picotado.

Motivos:

- Rosto: No rosto do personagem aparecem figurados os olhos, através de duas covinhas, por cima das quais se desenham dois arcos, representando as sobrancelhas. A meio, na vertical, está o nariz, sob o qual se desenha horizontalmente a boca. Por cima de cada canto da boca aparece mais uma covinha. O rosto apresenta uma configuração

quadrangular, delimitada em baixo por um sulco comprido que divide a zona superior da composição da zona inferior.

- Diadema: Envolvendo a cabeça, e dando-lhe a sua configuração quadrangular, aparece o diadema. É composto por três linhas e, na parte superior, é cortado por traços radiais, formando pequenos rectângulos.
- Colares: Sob a zona central do rosto vemos dois traços semicirculares concêntricos, dando a ideia de colares.
- Mãos: Saindo de cada uma das extremidades da linha exterior do diadema aparece a representação das mãos. Partindo quase directamente do diadema (sendo os braços virtualmente inexistentes), vemos cinco traços orientados para o interior da peça, delineando os dedos.
- Cinturão: Na zona inferior do monumento aparecem duas linhas horizontais paralelas, no meio das quais se alinham um conjunto de doze covinhas.
- Alabarda: Ligeiramente à esquerda do observador, partindo do cinturão, aparecem duas linhas paralelas verticais, mais finas. Segundo BUENO RAMÍREZ *et al.*, 2005, seria o cabo de uma alabarda, com a ponta triangular virada para o lado esquerdo do observador (já observada em BUENO RAMÍREZ, 1984: 97).

Cronologia: Calcolítico Final / Bronze Médio.

Paradeiro: Museu Arqueológico Nacional, Madrid.

Bibliografia:

ALMAGRO BASCH, Martín (1972) – “Los ídolos y la estela decorada de Hernán Pérez (Cáceres) y el ídolo-estela de Tabuyo del Monte (León)”, *Tabajos de Prehistoria*, 29, pp. 83-124;

ALMAGRO GORBEA, Martín (1977) - *El Bronce Final y el Período Orientalizante en Extremadura*, Biblioteca Praehistorica Hispanica, 14, Madrid;

BUENO RAMÍREZ, Primitiva (1990) – “Statues-menhirs et stèles anthropomorphes de la Péninsule Ibérique”, *L'Anthropologie*, 94, n° 1, pp. 85-110;

BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo e BARROSO BERMEJO, Rosa (2005) – “Hiérarchisation et métallurgie: statues armées dans la Péninsule Ibérique” *L'Anthropologie*, vol. 109, n.º 4, pp. 577-640.



(ALMAGRO BASCH, 1972)

Tipo: Ídolo-estela

Localização: Hernán Pérez, Cáceres – 40° 13' 45" Lat. N; 6° 29' 55" Long. W.

Enquadramento geo-morfológico: (Ver ídolo-estela de Hernán Pérez I) De realçar que não existem, nas imediações, afloramentos graníticos do mesmo tipo de pedra usado neste exemplar.

Medidas: 0,37 m de altura; 0,37 m de largura máxima; 0,16 m de espessura; 1,00 m de perímetro.

Suporte: Granito cinzento de grão grosseiro.

Condições de achado: Foi recolhida pelo pai de Fulgencio Martínez, lavrador local. Estaria depositada um pouco a Este do sítio onde se identificaram os monumentos III, IV, V e VI e a estela de guerreiro, num local conhecido como Huertas del Arroyo de Canillas.

Conservação: Fracturado em ambas as extremidades, conservando-se apenas um fragmento da metade inferior. Alguns dos motivos gravados estão bastante erodidos.

Técnica: Gravação por picotado.

Motivos:

- Colares: No topo do fragmento adivinham-se duas linhas paralelas semicirculares, bastante erodidas. Seriam a representação de colares ou adornos peitorais.
- Braços: De cada lado da peça existe uma linha vertical (braços), terminando em linhas oblíquas paralelas orientadas para o interior (dedos). Na mão esquerda da figura são visíveis quatro dedos, enquanto na mão direita apenas dois, estando estes últimos bastantes desgastados.
- Cinturão: A meio do fragmento, com uma orientação horizontal, aparece a representação de um cinturão. É constituído por duas linhas paralelas, no meio das quais se desenham um alinhamento de covinhas, em número de doze.

Cronologia: Calcolítico Final / Bronze Médio.

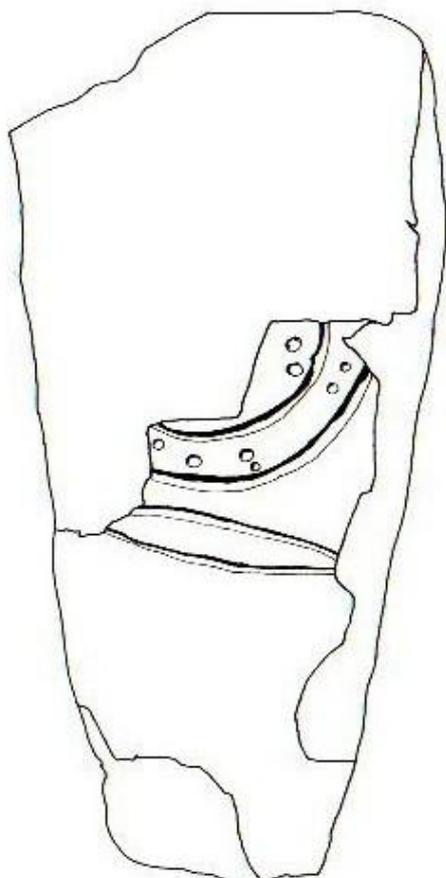
Paradeiro: Museu Arqueológico Nacional, Madrid.

Bibliografia:

ALMAGRO BASCH, Martín (1972) – “Los ídolos y la estela decorada de Hernán Pérez (Cáceres) y el ídolo-estela de Tabuyo del Monte (Léon)”, *Tabajos de Prehistoria*, 29, pp. 83-124;

ALMAGRO GORBEA, Martín (1977) - *El Bronce Final y el Período Orientalizante en Extremadura*, Biblioteca Praehistorica Hispanica, 14, Madrid;

BUENO RAMÍREZ, Primitiva (1990) – “Statues-menhirs et stèles anthropomorphes de la Péninsule Ibérique”, *L'Anthropologie*, 94, n° 1, pp. 85-110.



(CELESTINO PÉREZ, 2001)

Tipo: Estela

Localização: Hernán Pérez, Cáceres – 40° 13' 48" Lat. N; 6° 30' 24" Long. W.

Enquadramento geo-morfológico: (Ver ídolo-estela de Hernán Pérez I)

Medidas: 0,81 m de altura; 0,35 m de largura média; 0,20 m de espessura média.

Suporte: Xisto negro.

Condições de achado: Encontrada em 1971 juntamente com quatro estelas antropomorfas, Hernán Pérez III, IV, V e VI, e algumas lajes de pedra de grandes dimensões, que formariam sepulturas (ver ídolo-estela de Hernán Pérez I).

Conservação: Mau estado de conservação, principalmente na parte superior.

Técnica: Gravação com incisões largas e de média profundidade.

Motivos:

- Escudo: Tem um diâmetro que rondará os 20 cm, sendo visível parte de dois círculos concêntricos com pequenas incisões circulares (cravos).
- Espada: Devido ao estado de degradação da estela, apenas é visível, por baixo do escudo, parte de uma lâmina de espada bastante larga.

Cronologia: Bronze Final.

Paradeiro: Museu Arqueológico Nacional, Madrid.

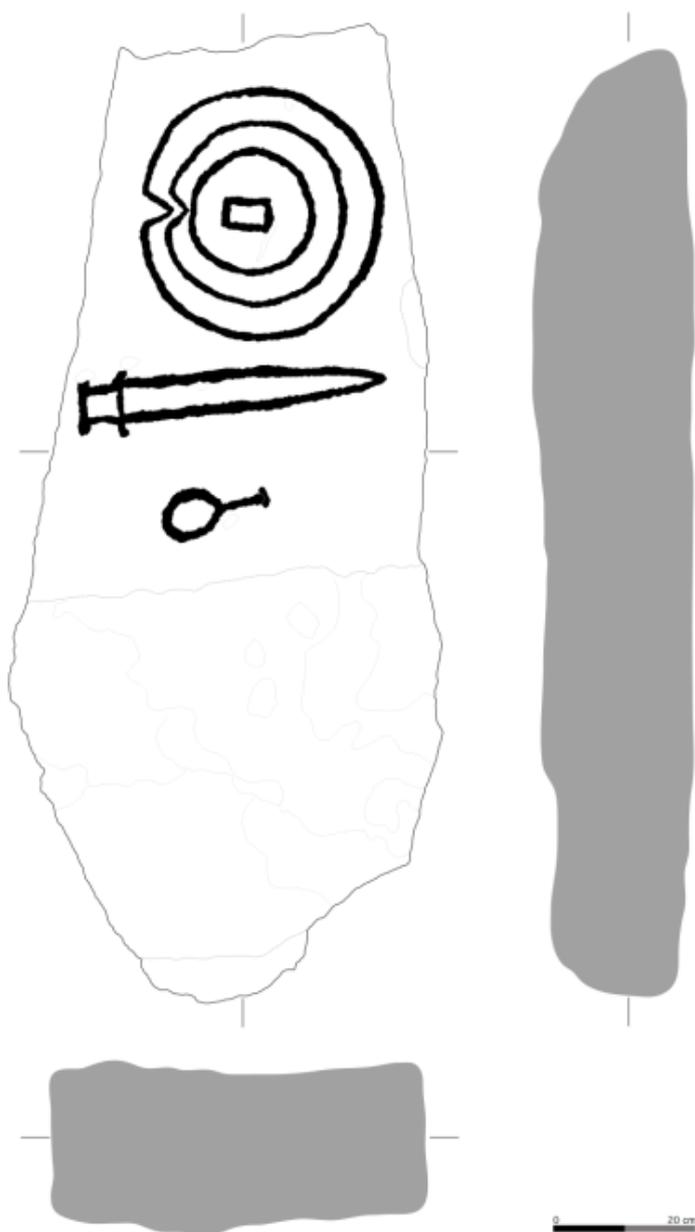
Bibliografía:

ALMAGRO BASCH, Martín (1972) – “Los ídolos y la estela decorada de Hernán Pérez (Cáceres) y el ídolo-estela de Tabuyo del Monte (Léon)”, *Tabajos de Prehistoria*, 29, pp. 83-124;

GALÁN DOMINGO, Eduardo (1993) – *Estelas, Paisaje y Territorio en el Bronce Final del Suroeste de la Península Iberica*, Complutum, Extra 3, Madrid: Editorial Complutense;

CELESTINO PÉREZ, Sebastian (2001) – *Estelas de guerrero y estelas diademazas – la precolonización y formación del mundo tartésico*, Barcelona: Bellaterra Arqueología, p. 325;

HARRISON, Richard (2004) – *Symbols and Warriors: Images of the European Bronze Age*, Bristol: Western Academic & Specialist Press Limited, pp. 189-191.



(VILAÇA *et al.*, no prelo)

Tipo: Estela

Localização: Pedra da Atalaia, Salgueirais, Celorico da Beira (Guarda) – 40° 35' 48" Lat. N; 7° 23' 15" Long. W.

Enquadramento geo-morfológico: Pedra da Atalaia é um cume da Serra do Ralo (que delimita a fronteira Norte do complexo montanhoso da Serra da Estrela), localizada a Sul de Celorico da Beira. Tem 1013 m de altitude e as suas encostas são marcadas pela existência de pequenos cursos de água (nomeadamente o Ribeiro de Marinha). Possui ótimas condições para o controlo visual da paisagem envolvente, particularmente sobre as vias naturais de passagem que contornam o sistema da Serra da Estrela por Norte, que incluem o vale por onde corre o Rio Mondego.

Medidas: 1,35 m de altura; 0,60 m de largura máxima; 0,20 m de grossura média.

Suporte: Granito.

Condições de achado: Foram os dois monumentos identificados em prospeção, na sequência de estudos de impacto ambiental no âmbito da construção de um parque eólico.

Conservação: Fracturada na extremidade superior.

Técnica: Gravação em suporte preparado (o terço inferior não sofreu preparação, destinando-se a ficar enterrado).

Motivos:

- Escudo: Encimando a composição está o escudo, constituído por três círculos concêntricos (apresentando os dois mais exteriores escotaduras em “V”). No centro está representada uma braçadeira rectangular, orientada de acordo com as escotaduras.
- Espada: Sob o escudo está representada uma espada, de lâmina larga de gume duplo e empunhadura rectangular, larga (de largura igual à da lâmina).
- Espelho: Na zona inferior do espaço decorado, vê-se a representação de um espelho, ovalado e com pega recta.

Cronologia: Bronze Final.

Paradeiro: Câmara Municipal de Celorico da Beira.

Bibliografia:

VILAÇA, Raquel (2009) – “Pré e Proto-história. Celorico antes dos Romanos”, AA. VV., *Celorico da Beira Através da História*, Câmara Municipal de Celorico da Beira / Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

VILAÇA, Raquel; SANTOS, André Tomás; GOMES, Sofia Melo (no prelo) – “As estelas de Pedra da Atalaia (Celorico da Beira, Guarda) no seu contexto geoarqueológico”, *Actas das IV Jornadas Raianas – Estelas e estátuas-menires: da Pré à Proto-história (23 e 24 de Outubro de 2009, Sabugal)*, Sabugal: Museu do Sabugal.

DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, Marta (2010) – *Las estelas decoradas en la Prehistoria de la Peninsula Iberica*, Universidad Complutense de Madrid (tese de doutoramento em ficheiro .pdf), catálogo: nº 327.

77 – Pedra da Atalaia II



(VILAÇA *et al.*, no prelo)

Tipo: Estela

Localização: Pedra da Atalaia, Salgueirais, Celorico da Beira (Guarda) – 40° 35' 48" Lat. N; 7° 23' 15" Long. W.

Enquadramento geo-morfológico: Ver Pedra da Atalaia I.

Medidas: 0,31 m de altura; 0,37 m de largura; 0,12 m de grossura.

Suporte: Granito.

Condições de achado: Ver Pedra da Atalaia I.

Conservação: Apenas se preserva um fragmento da parte superior do suporte, bastante erodido.

Técnica: Gravação em suporte preparado.

Motivos:

- **Motivo quadriculado**: Um motivo aproximadamente semi-circular, cortado por uma linha recta, marca o centro do fragmento. O seu interior é dividido em quadrados e rectângulos, colocados de forma desencontrada. Poderá tratar-se de um possível toucado / diadema.
- **Semi-círculos**: Na parte inferior do fragmento (e cortados pela fractura) estão dois arcos semi-circulares paralelos, que poderiam pertencer à representação de um rosto ou, talvez, de um escudo.

Cronologia: Bronze Final.

Paradeiro: Câmara Municipal de Celorico da Beira.

Bibliografia:

VILAÇA, Raquel (2009) – “Pré e Proto-história. Celorico antes dos Romanos”, AA. VV., *Celorico da Beira Através da História*, Câmara Municipal de Celorico da Beira / Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

VILAÇA, Raquel; SANTOS, André Tomás; GOMES, Sofia Melo (no prelo) – “As estelas de Pedra da Atalaia (Celorico da Beira, Guarda) no seu contexto geoarqueológico”, *Actas das IV Jornadas Raianas – Estelas e estátuas-menires: da Pré à Proto-história (23 e 24 de Outubro de 2009, Sabugal)*, Sabugal: Museu do Sabugal.

DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, Marta (2010) – *Las estelas decoradas en la Prehistoria de la Península Iberica*, Universidad Complutense de Madrid (tese de doutoramento em ficheiro .pdf), catálogo: n° 200.

Tipo: Estela

Localização: Aldeia Velha, Sabugal (Guarda) – 40° 20' 35" Lat. N; 6° 51' 47" Long. W.

Enquadramento geo-morfológico: A localidade de Aldeia Velha encontra-se a cerca de 20 km a Este da cidade do Sabugal, a uma altitude de 890 m. Apresenta-se numa posição dominante sobre o território, com um amplo domínio visível sobre o Alto Côa. A Sul / Sudoeste desenvolve-se o complexo montanhoso de Serra Alta / Serra do Homem de Pedra. Hidrograficamente, há a registar junto à povoação a presença de diversos cursos de água, o mais importante dos quais será o Ribeiro da Aldeia Velha (na margem direita do qual se desenvolveu a aldeia), afluente do Rio Côa. Quanto ao substrato geológico, este é composto por granitos porfiróides de grão grosseiro.

Medidas: 1,88 m de altura; 0,53 m de largura máxima; 0,26 m / 0,28 m de espessura.

Suporte: Monólito de granito local, porfiróide e de grão médio / grosseiro, de cor acizentada. Apresenta-se como um bloco sub-retangular, com quatro faces (adoptando uma certa configuração “em pilar”, estando apenas uma das faces gravada).

Condições de achado: Dado a conhecer por informação do proprietário, habitante de Aldeia Velha, tendo Marcos Osório, arqueólogo da Câmara Municipal do Sabugal, confirmado esta informação em Março de 2008. Encontrava-se numa habitação há já diversas décadas, não existindo já memória do seu local original de achado.

Conservação: O monumento encontra-se fracturado na parte superior.

Técnica: Gravação por picotagem, com preparação grosseira do suporte. O picotado apresenta várias profundidades e grossuras nos diferentes motivos. Na lâmina e parte do cabo da lança existe ainda polimento do sulco.

Motivos:

- Capacete e face humana: Junto ao topo do monumento foi gravado a representação de um capacete tendencialmente cónico (incompleto devido à fractura do suporte). Na parte central gravou-se um motivo triangular de base recta, com um sulco formando dois semi-círculos. Este sulco poderá ser decorativo ou reproduzir a existência de olhos / viseira. Observam-se ainda duas covinhas sob o sulco. Todo o conjunto é rodeado por uma outra forma sub-triangular, de base semi-elíptica. Um outro sulco arranca do triângulo interior para rodear toda a parte inferior desta composição, podendo corresponder a um adorno ou à barba do indivíduo.
- Motivo multi-curvilíneo: Um motivo de significação desconhecida aparece representado sob a face com capacete. É composto por múltiplas linhas curvas e uma covinha. Os autores da publicação deste monumento propõem que se trate de um motivo aviforme (VILAÇA *et al.*, no prelo).
- Lança: Elemento tradicionalmente presente nas estelas “de guerreiro”, a lança aqui representada mede 46 cm de comprimento. É composta por uma haste recta simples e uma lâmina ligeiramente inclinada, foliforme e sem nervura central.
- Escudo: É constituído por três círculos concêntricos e uma oval (sendo que esta é paralela à braçadeira, rectangular e de cantos arredondados e alinhada com as escotaduras em “V”). A mencionada escotadura em “V” está presente nos três círculos, sendo que no círculo externo ainda se adivinha a linha circular que fecharia a forma, num primeiro esboço do motivo. O escudo tem um diâmetro máximo de 40 cm.
- Espada: Sob o escudo, e com orientação contrária à lança, está gravada uma espada com 28 cm de comprimento. A lâmina apresenta o lado superior recto, enquanto no lado inferior a ponta é convexa. A empunhadura é triangular, com o vértice colocado junto à lâmina. A configuração da lâmina poderá indiciar que se trata de uma arma de um só gume (estilo falcata).

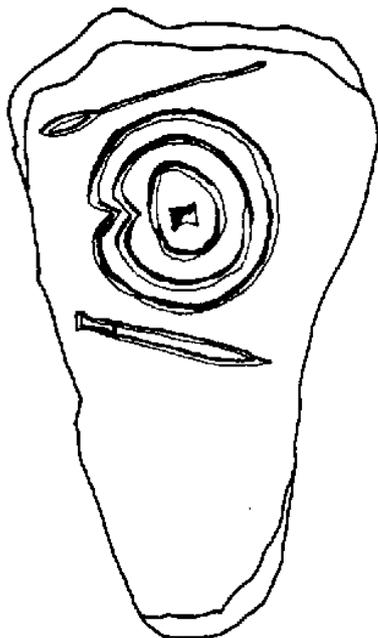
- Covinha e sulco: Na zona inferior do monumento foi gravada uma pequena covinha, para além de um sulco recto.

Cronologia: Bronze Final

Paradeiro: Museu Municipal do Sabugal.

Bibliografia:

VILAÇA, Raquel; OSÓRIO, Marcos e SANTOS, André Tomás (no prelo) – “Nova peça insculturada da região raiana do Sabugal (Beira Interior, Portugal): uma primeira abordagem”, *Actas das IV Jornadas Raianas – Estelas e estátuas-menires: da Pré à Proto-história (23 e 24 de Outubro de 2009, Sabugal)*, Sabugal: Museu do Sabugal.



(CELESTINO PÉREZ, 2001)

Tipo: Estela

Localização: Piçarreiras, Baraçal, Sabugal (Guarda) – 40° 24' 10" Lat. N; 7° 04' 10" Long. W.

Enquadramento geo-morfológico: Foi encontrada a cerca de 2 km da aldeia do Baraçal, na margem direita do Rio Côa. A sua localização situa-se a uma altitude de cerca de 730 m, numa região que se encaixa entre as serras de Gata e da Estrela, numa paisagem que se apresenta ligeiramente acidentada. Não estaria *in situ*, certamente, mas é credível que a sua localização original não se encontrasse muito afastada.

Medidas: 1,55 m de altura; 0,83 m de largura máxima no topo e 0,57 m na base; 0,30 m de espessura média.

Suporte: Granito cinzento claro de grão fino.

Condições de achado: Identificada em 1978, tombada num caminho, dificultando a passagem de veículos.

Conservação: Bom estado geral de conservação.

Técnica: Destaca-se das restantes estelas pela utilização da técnica de relevo (após prévio alisamento do suporte) para a representação dos elementos decorativos, caso único no seio das chamadas “estelas de guerreiro”.

Motivos:

- Lança: Lança de ponta larga, com 57 cm de comprimento.
- Escudo: Com cerca de 46 cm de diâmetro, é composto por três círculos concêntricos (apresentando os dois exteriores chanfraduras em V) e braçadeira com ligeiro prolongamento nos ângulos.
- Espada: De configuração pistiliforme e com um comprimento máximo de 56 cm (sendo que 46 cm correspondem à lâmina).

Cronologia: Bronze Final.

Paradeiro: Museu Municipal do Sabugal, Sabugal (Guarda).

Bibliografia:

CURADO, Fernando Patrício (1984) – “Uma nova estela do Bronze Final na Beira Alta”, *Arqueologia*, 9, Porto, pp. 81-85;

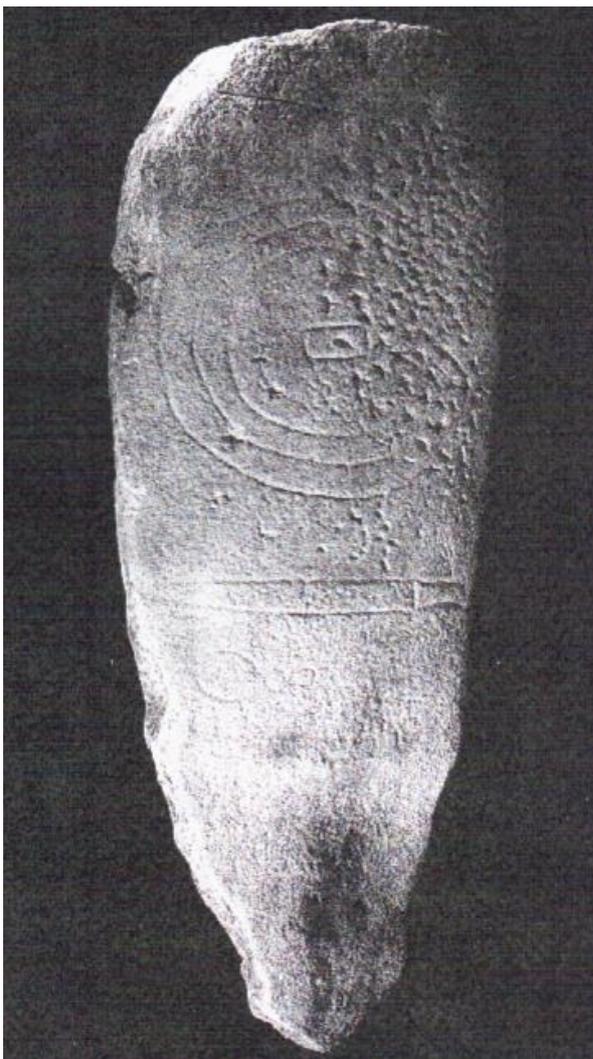
GALÁN DOMINGO, Eduardo (1993) – *Estelas, Paisaje y Territorio en el Bronce Final del Suroeste de la Península Iberica*, Complutum, Extra 3, Madrid: Editorial Complutense;

VILAÇA, Raquel (1995) – *Aspectos do Povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos Finais da Idade do Bronze*, Trabalhos de Arqueologia, 9, Lisboa: IPPAR;

CELESTINO PÉREZ, Sebastian (2001) – *Estelas de guerrero y estelas diademazas – la precolonización y formación del mundo tartésico*, Barcelona: Bellaterra Arqueología, p. 327;

HARRISON, Richard (2004) – *Symbols and Warriors: Images of the European Bronze Age*, Bristol: Western Academic & Specialist Press Limited, pp. 192-193.

VILAÇA, Raquel; SANTOS, André Tomás; MARQUES, João Nuno (no prelo) – “As Estelas do Baraçal, Sabugal (Beira Interior, Portugal)”, *Actas das IV Jornadas Raianas – Estelas e estátuas-menires: da Pré à Proto-história (23 e 24 de Outubro de 2009, Sabugal)*, Sabugal: Museu do Sabugal.



(VILAÇA, 2007)

Tipo: Estela

Localização: Baraçal, Sabugal (Guarda) – 40° 23' 43" Lat. N; 7° 05' 42" Long. W.

Enquadramento geo-morfológico: A aldeia do Baraçal, onde apareceu a peça, fica localizada a cerca de 4 km a Norte da cidade do Sabugal.

Cronologia: Bronze Final.

Medidas: 1,90 m de altura; 0,64 m de largura máxima; 0,24 m de espessura média.

Suporte: Granito cinzento, de grão fino.

Condições de achado: O monumento foi identificado em Maio de 2006, aquando da realização de obras de uma habitação (com cerca de 150 anos) na zona mais antiga da aldeia do Baraçal, estando a servir de banco (com os motivos virados para baixo). Apesar de as pessoas mais idosas se lembrarem de sempre aí terem visto a pedra (tendo sido utilizada também para bater o linho e lavar a roupa), informações orais apontam como possível origem da pedra a zona de Vilares.

Conservação: Encontra-se praticamente completa. Parte da superfície gravada foi fortemente picotada.

Técnica: Gravação por picotagem indirecta com instrumento lítico de ponta romba, em superfície previamente preparada.

Motivos:

- Linhas: No topo da peça encontra-se gravado um motivo de difícil interpretação. É composto por uma linha recta, horizontal, e outra perpendicular. Ambas as linhas estão incompletas devido a fractura da peça.
- Lança: O monumento ostenta a representação de uma lança, na horizontal, medindo 48,30 cm de comprimento. A lâmina tem uma configuração triangular (não sendo possível, devido à superfície danificada, determinar se possuiriam nervura central).
- Escudo: Com uma posição central na composição figura o escudo, composto por quatro círculos concêntricos (tendo um diâmetro máximo de 52 cm). Apresenta a característica escotadura em “V” nos três círculos exteriores. No centro do motivo foi representada ainda uma braçadeira rectangular de cantos arredondados.
- Espada: Sob o escudo está gravada, na horizontal, uma espada com 53,30 cm de comprimento, com sentido inverso à lança. A lâmina apresenta uma configuração pistiliforme, tendo a empunhadura dois apêndices levemente excêntricos.
- Espelho: O espelho encontra-se igualmente disposto na horizontal. Afigura-se como uma forma circular, com 9,8 cm de diâmetro, apresentando um cabo galonado, composto por dois círculos mais pequenos. O cabo tem um comprimento total de 9 cm.

No reverso do monumento foi ainda gravado, com instrumento de ferro, um motivo sub-rectangular (com 56 cm por 42 cm). É constituído por um sulco (com 2 cm de largura e 1 cm de profundidade). Foi ainda ravado um pequeno canal junto ao rectângulo, com uma forma sub-triangular.

Paradeiro: Propriedade privada.

Bibliografia:

VILAÇA, Raquel (2007) – “Todos os caminhos vão dar ao Ocidente: trocas e contactos no Bronze Final”, *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 15, Oeiras, pp. 135-154.

VILAÇA, Raquel; SANTOS, André Tomás; MARQUES, João Nuno (no prelo) – “As Estelas do Baraçal, Sabugal (Beira Interior, Portugal)”, *Actas das IV Jornadas Raianas – Estelas e estátuas-menires: da Pré à Proto-história (23 e 24 de Outubro de 2009, Sabugal)*, Sabugal: Museu do Sabugal.



(MARTÍN BENITO, 2009)

Tipo: Estela

Localização: El Pinar de Descargamaría, Robleda (Salamanca) – 40° 20' 51" Lat. N; 6° 33' 05" Long. W.

Enquadramento geo-morfológico: Esta estela foi encontrada a cerca de 875 m de altitude, perto de uma pequena linha de cumeeada que marca a fronteira Norte da Serra de Gata (localizada a menos de 1 km para Sudeste). Para Norte do monumento estendem-se as paisagens planálticas da Meseta Superior. A cerca de 100 m do sítio onde foi identificada a estela corre um pequeno regato.

Medidas: 1,50 m de altura; 0,49 m de largura; 0,18 m de grossura.

Suporte: Xisto.

Condições de achado: A estela foi encontrada no lugar de El Pinar de Descargamaría, em finais de 2009, por um habitante local. Estava tombada, perto de um regato e junto a um caminho florestal, aparentemente movida por máquinas no decurso de obras no referido caminho.

Conservação: O monumento apresenta alguns lascamentos que danificaram a decoração.

Técnica: Gravação em sulco bem marcado.

Motivos:

- Espelho: Encimendo a composição, foi gravado um espelho, de formato oval e com pega rectilínea.
- Lança: Por baixo do espelho foi gravada uma lança, de cabo curto.
- Escudo: O escudo, de configuração circular, ocupa o lugar central da composição. É composto por três circunferências concêntricas e, ao centro, uma braçadeira rectangular. Ao longo das duas bandas exteriores, foram gravados diversos pontos (“cravos”), agrupados em conjuntos de três (cinco conjuntos na banda externa e possivelmente três conjuntos na banda intermédia). Apesar de se apresentar parcialmente lascado, consegue-se observar ainda parte da tradicional escotadura em “V”.

- Espada: Sob o escudo foi representada uma espada, não se conservando a empunhadura. A lâmina desta arma apresenta-se larga e ocupa quase toda a largura do anverso.

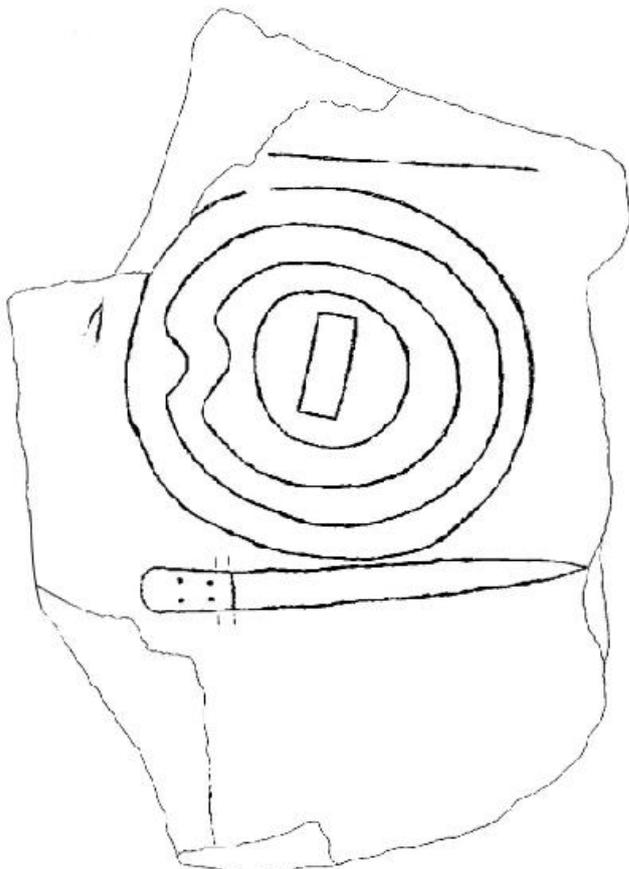
Cronologia: Bronze Final.

Paradeiro: Museu de Salamanca.

Bibliografia:

MARTÍN BENITO, José Ignacio (2009) – “Hallazgo arqueológico en El Rebollar – una estela de la Edad del Bronce en Robleda (Salamanca)” [publicado *on-line* em: <http://patrimoniodecastillayleon.blogspot.com/2009/11/hallazgo-arqueologico-en-el-rebollar.html>];

TOMÁS MUÑOZ, Juan (2009) – “La estela de Robleda” [publicado *on-line* em: <http://patrimoniodecastillayleon.blogspot.com/2009/12/la-estela-de-robleda.html>].



(CURADO, 1986)

Tipo: Estela

Localização: Eiras, junto à aldeia de Fóios, Sabugal (Guarda) – 40° 18' 15" Lat. N; 6° 52' 44" Long. W.

Enquadramento geo-morfológico: A localização no sítio das Eiras, na margem direita do Rio Côa e na vertente Norte da Serra da Malcata. Esta serra encontra-se no prolongamento da Serra de Gata, formando um sistema montanhoso que delimita a Sul o planalto de Sabugal – Guarda, término ocidental da Meseta. Segundo as coordenadas avançadas pelo publicador, o sítio do achado localiza-se a uma altitude que ronda os 1000 m acima do nível do mar, numa elevação sobranceira ao vale onde passa o Rio Côa e onde se situa a aldeia de Fóios. Terá sido encontrada numa pequena elevação, sobranceira ao vale onde se encontra a aldeia de Fóios e por onde corre o Rio Côa, que nasce a cerca de 3,5 km a Sudeste.

Medidas: Altura máxima de 0,93 m; 0,66 m de largura máxima; 0,08 m de espessura média.

Suporte: Laje de xisto micáceo.

Condições de achado: Encontrada perto da aldeia de Fóios nos anos 30 do séc. XX, soterrada, e utilizada depois na construção de uma habitação, onde se manteve até meados da década de 1980.

Conservação: Relativamente completa, com algumas fracturas.

Técnica: Gravação por picotado com profundidade, seguido de incisão por abrasão.

Motivos:

- Lança: com cerca de 30 cm, encontra-se fracturada na zona da ponta.

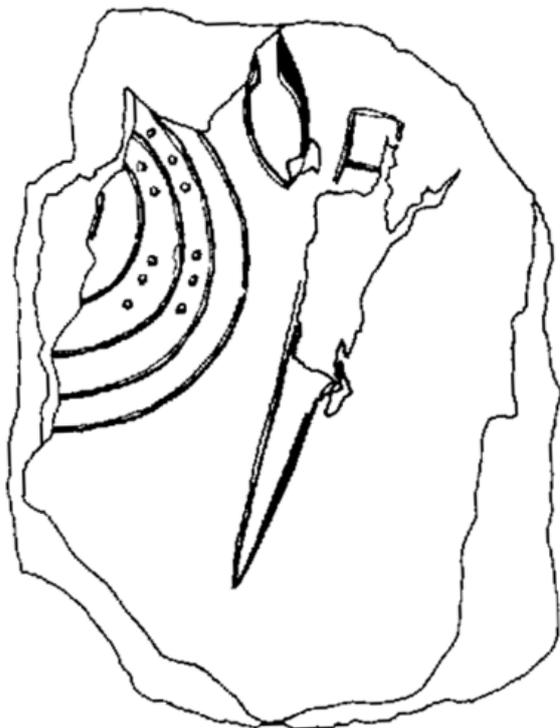
- Escudo: Com um diâmetro que ronda os 43 cm, é composto por quatro círculos concêntricos (sendo que os dois do meio apresentam escotadura em V, de ângulo pouco pronunciado) e braçadeira rectangular (esta com a particularidade de se encontrar com uma orientação perpendicular às escotaduras; mede 11 cm de comprimento por 4 cm de largura).
- Espada: Com 47 cm de comprimento total, apresenta empunhadura rectangular de pomo arredondado. A lâmina rectangular apresenta-se na continuação da empunhadura e termina em ponta. Na transição entre a empunhadura e a lâmina são visíveis quatro traços perpendiculares à espada (de gravação possivelmente posterior).
- Fíbula (?): É possível que no lado direito da peça esteja representada uma fíbula. Este elemento, contudo, é duvidoso, não aparecendo representado noutros levantamentos (ver CELESTINO PÉREZ, 2001:328).

Cronologia: Bronze Final.

Paradeiro: Museu Municipal do Sabugal, Sabugal (Guarda).

Bibliografia:

- CURADO, Fernando Patrício (1986) – “Mais uma estela do Bronze Final na Beira Alta (Fóios, Sabugal – Guarda)”, *Arqueologia*, 14, Porto, pp. 103-109;
- GALÁN DOMINGO, Eduardo (1993) – *Estelas, Paisaje y Territorio en el Bronce Final del Suroeste de la Península Iberica, Complutum*, Extra 3, Madrid: Editorial Complutense;
- VILAÇA, Raquel (1995) – *Aspectos do Povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos Finais da Idade do Bronze*, *Trabalhos de Arqueologia*, 9, Lisboa: IPPAR;
- CELESTINO PÉREZ, Sebastian (2001) – *Estelas de guerrero y estelas diademazas – la precolonización y formación del mundo tartésico*, Barcelona: Bellaterra Arqueología, p. 328;
- HARRISON, Richard (2004) – *Symbols and Warriors: Images of the European Bronze Age*, Bristol: Western Academic & Specialist Press Limited, pp. 193-195.



(CELESTINO PÉREZ, 2001)

Tipo: Estela

Localização: Cabeça Gorda, Meimão (Penamacor) – 40° 16' 22" Lat. N; 7° 05' 46" Long. W.

Enquadramento geo-morfológico: Em prospeção efectuada no Verão de 2009 com Marcos Osório e Raquel Vilaça, foi possível identificar através de informações orais o local onde apareceu a estela. O monte da Cabeça Gorda é uma elevação perto da aldeia de Meimão, no meio de uma paisagem acidentada e com um óptimo controlo visual sobre todo o espaço a Sul, particularmente sobre o vale de Meimão.

Medidas: 0,69 m de altura; 0,83 m de largura máxima; 0,18 m de espessura máxima.

Suporte: Laje de xisto.

Condições de achado: Encontrada durante a realização de trabalhos agrícolas.

Conservação: Em más condições de conservação.

Técnica: Alisamento do suporte para regularizar a superfície. Os elementos decorativos foram desenhados através de gravação com incisões de reduzida profundidade.

Motivos:

- Escudo: Com um diâmetro que ronda os 43 cm, é composto por quatro círculos concêntricos (sendo que os dois do meio apresentam escotadura em V, de ângulo pouco pronunciado), incisões circulares (cravos) e braçadeira rectangular (esta com a singularidade de ter uma orientação perpendicular às escotaduras; mede 11 cm de comprimento por 4 cm de largura).
- Lança: Apenas se preserva a ponta, com 22 cm de comprimento.
- Espada: Apesar de algo danificada, é visível a lâmina de ponta pronunciada (com 61 cm de comprimento total) e a empunhadura da arma, claramente individualizadas.

Cronologia: Bronze Final.

Paradeiro: Museu Diocesano do Porto.

Bibliografia:

RODRIGUES, A. V. (1958) – “Novos elementos para o estudo da Idade do Bronze. A estela de Meimão.”, *Studium Generale*, vol. V, pp. 5-10.

ALMAGRO BASCH, Martín (1966) – *Las estelas decoradas del Suroeste Peninsular*, Bibliotheca Preshitorica Hispana, vol. VIII, Madrid.

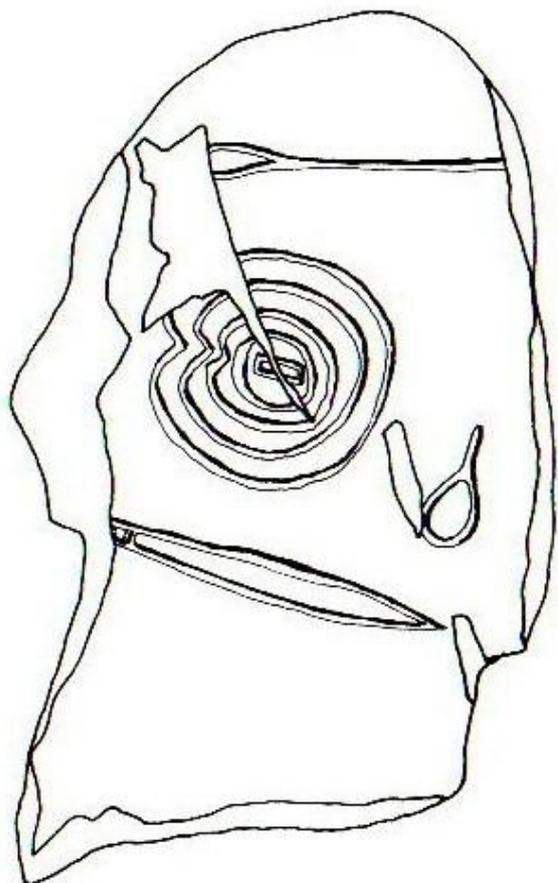
CURADO, Fernando Patrício Fernando Patrício (1986) – “Mais uma estela do Bronze Final na Beira Alta (Fóios, Sabugal – Guarda)”, *Arqueologia*, 14, Porto, pp. 103-109.

GALÁN DOMINGO, Eduardo (1993) – *Estelas, Paisaje y Territorio en el Bronce Final del Suroeste de la Peninsula Iberica*, Complutum, Extra 3, Madrid: Editorial Complutense;

VILAÇA, Raquel (1995) – *Aspectos do Povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos Finais da Idade do Bronze*, Trabalhos de Arqueologia, 9, Lisboa: IPPAR.

CELESTINO PÉREZ, Sebastian (2001) – *Estelas de guerrero y estelas diademazas – la precolonización y formación del mundo tartésico*, Barcelona: Bellaterra Arqueología, p. 326.

HARRISON, Richard (2004) – *Symbols and Warriors: Images of the European Bronze Age*, Bristol: Western Academic & Specialist Press Limited, pp. 191-192.



(CELESTINO PÉREZ, 2001)

Tipo: Estela

Localização: Los Herraderos, San Martín de Trevejo (Cáceres) – 40° 11' 40" Lat. N; 6° 48' 00" Long. W.

Enquadramento geo-morfológico: Foi encontrada no sítio de Los Herrederos, uma elevação junto a San Martín de Trevejo. Do cimo deste relevo, nos contrafortes meridionais da Serra de Gata, é possível abarcar uma vasta extensão para Sul, assim como dos vales a Este e a Oeste (onde corre a Ribeira de San Martín).

Medidas: 1,20 m de altura; 0,78 m de largura máxima; 0,21 m de espessura.

Suporte: Granito.

Condições de achado: Recuperada quase a um metro de profundidade por D. Fernando Martín em 1981, aquando da realização de trabalhos agrícolas.

Conservação: Relativamente completa, com algumas fracturas.

Técnica: Os elementos foram gravados na rocha através de incisões feitas por picotado de média profundidade, posteriormente alisado.

Motivos:

- Lança: Com cerca de 30 cm, encontra-se fracturada em ambas as extremidades

- Escudo: Com um diâmetro de 35 cm, é composto por quatro círculos concêntricos (sendo que os três exteriores apresentam escotadura em V) e braçadeira rectangular.
- Espada: Com 24 cm de comprimento, apresenta empunhadura rectangular (fracturada), lâmina ligeiramente alargada a meio comprimento e ponta aguçada.
- Espelho: Com uma largura de 16 cm, apresenta uma configuração ovalada.

Cronologia: Bronze Final.

Paradeiro: Exposta numa parede, protegida com vidro, junto à Plaza Mayor de San Martín de Trevejo (Cáceres).

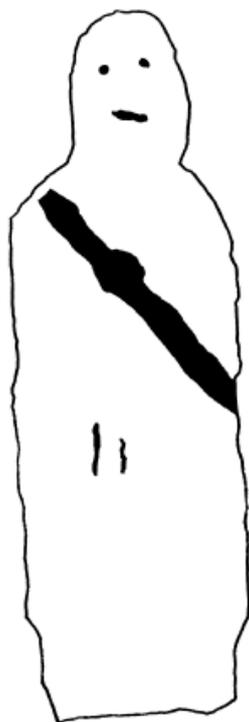
Bibliografia:

FIGUEROLA PANIAGUA, Miguel García de (1982) – “Nueva estela decorada del tipo II en San Martín de Trevejo (Cáceres)”, *Zephyrus*, 34-35, pp. 173-180;

GALÁN DOMINGO, Eduardo (1993) – *Estelas, Paisaje y Territorio en el Bronce Final del Suroeste de la Peninsula Iberica*, Complutum, Extra 3, Madrid: Editorial Complutense;

CELESTINO PÉREZ, Sebastian (2001) – *Estelas de guerrero y estelas diademazas – la precolonización y formación del mundo tartésico*, Barcelona: Bellaterra Arqueología, p. 324;

HARRISON, Richard (2004) – *Symbols and Warriors: Images of the European Bronze Age*, Bristol: Western Academic & Specialist Press Limited, pp. 188-189.



(DÍAZ-GUARDAMINO, 2010)

Tipo: Estátua-menir

Localização: Melchor, Segura de Toro (Cáceres).

Enquadramento geo-morfológico: A localidade de Segura de Toro localiza-se na Serra de las Cruces Altas / Serra de Segura, num esporão de onde se consegue manter um controlo visual sobre a Vía de la Plata, um dos principais caminhos que atravessam a Serra de Béjar.

Medidas: 1,09 m de altura; 0,31 m de largura.

Suporte: Bloco antropomorfizado de granito.

Condições de achado: Foi encontrada junto a uma parede na colina de Melchor, nas imediações de Segura de Toro.

Conservação: A peça encontra-se completa.

Técnica: Gravação, baixo-relevo e talhe.

Motivos:

- Figura antropomórfica: Ao suporte foi conferida uma forma antropomórfica, através de uma representação simples mas clara do tronco, ombros, pescoço e cabeça (arredondada). Nota-se ainda, junto à base, um estreitamento simétrico do suporte. Na cabeça foram gravados os dois olhos e a boca. A meio da peça aparecem ainda dois pequenos traços verticais, paralelos.
- Espada (?): Sobre o peito, e colocada obliquamente, aparece uma faixa representada em baixo-relevo. Poderá tratar-se de uma espada, com a guarda da empunhadura

arredondada. Poderá também tratar-se de ou de algum tipo de faixa envergada sobre o peito.

Cronologia: Idade do Bronze.

Paradeiro: Museu Provincial de Cáceres (Cáceres).

Bibliografía:

SAYANS CASTAÑOS, Marceliano (1966) – "Estela de guerrero céltico de Segura de Toro (Cáceres) y otros hallazgos", *IX Congreso Nacional de Arqueología*, pp. 206-209.

ALMAGRO GORBEA, Martín (1993) – "Les steles anthropomorphes de la Péninsule Ibérique", *Les Représentations humaines du Néolithique a l'Âge du Fer – actes du 115e Congrès des Sociétés Savantes (Avignon, 1990)*, Paris: C.T.H.S.

DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, Marta (2010) – *Las estelas decoradas en la Prehistoria de la Peninsula Iberica*, Universidad Complutense de Madrid (tese de doutoramento em ficheiro .pdf), catálogo: nº 164.

[Sem Imagem]

Tipo: Estela

Localização: Jarandilla de la Vera (Cáceres).

Enquadramento geo-morfológico: Jarandilla de la Vera é uma povoação localizada junto ao vale do Rio Jaranda, afluente do Rio Tiétar. Está situada no sopé da Serra de Gredos (a Norte), tendo-se um amplo controlo visual sobre o vale do Tiétar. Este é um vale bem marcado que se observa a Oeste / Sudoeste da povoação, desenvolvendo-se para Norte, para a Serra de Gredos. A Sul, a paisagem é eminentemente plana.

Medidas: 0,60 m de altura; 0,26 m de largura; 0,24 m de grossura.

Suporte: Granito.

Condições de achado: Estava integrado num muro da povoação de Jarandilla de la Vera, tendo-se encontrado o monumento aquando da demolição do muro.

Conservação: O monumento está completo.

Técnica: Gravação.

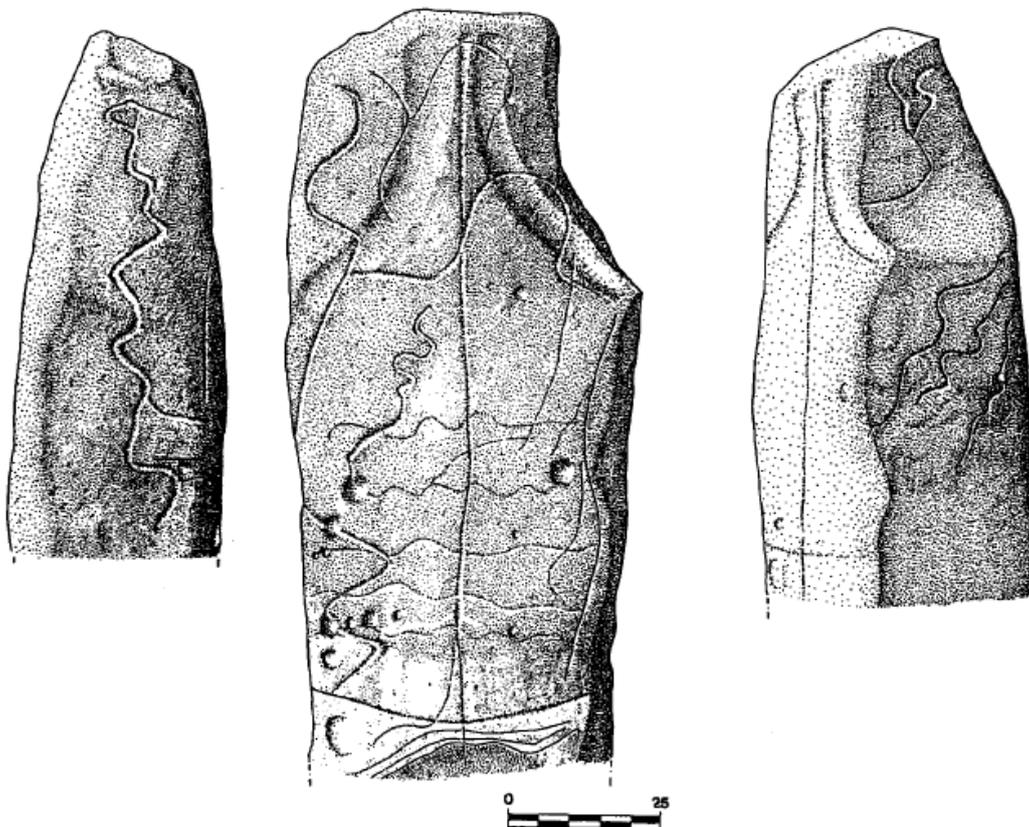
Motivos: O monumento representa uma figura humana, rodeada por duas cruzes e coberta com um traço anguloso, terminando este em dois círculos.

Cronologia:

Paradeiro: Propriedade particular.

Bibliografia:

DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, Marta (2010) – *Las estelas decoradas en la Prehistoria de la Peninsula Iberica*, Universidad Complutense de Madrid (tese de doutoramento em ficheiro .pdf), catálogo: n° 311.



(BUENO RAMÍREZ e BALBÍN BEHRMANN, 1995)

Tipo: Estátua-menir

Localização: Guadalperal, Peraleda de la Mata, Navalmoral de la Mata (Cáceres).

Enquadramento geo-morfológico: A zona de Peraleda de la Mata situa-se na Meseta Inferior, a Sul do complexo montanhoso da Serra de Gata. Aparece integrada numa paisagem aberta, caracterizada pela ausência de relevos acentuados e é marcada pela presença do Rio Tejo. A Sul da povoação, foi entretanto construída uma barragem, que alterou profundamente a paisagem pré-existente.

Medidas: 1,80 m de altura; 0,55 m de largura; 0,35 m de grossura.

Suporte: Bloco tendencialmente paralelepípedo em granito.

Condições de achado: Achado casual ocorrido depois da escavação, nos anos 90, do *dolmen* de “El Tesoro”, onde foi identificado o monumento.

Conservação: Em bom estado de conservação.

Técnica: Gravação e talhe.

Motivos: O suporte foi afeiçoado com vista à obtenção de uma configuração antropomórfica. Por todo o monumento foram gravadas linhas serpentiformes. É igualmente possível observar, no anverso, duas linhas simétricas, em arco e de gravação bastante larga, na zona dos “ombros”. Dividindo o anverso ao centro aparece uma linha vertical, que é depois cortada na perpendicular por uma linha horizontal, a meio do monumento, linha essa que fecha o espaço gravado. Observam-se ainda várias covinhas; duas delas,

localizadas sensivelmente a meio da superfície decorada do anverso, estão dispostas de forma simétrica e ligadas entre si por uma linha serpentiforme.

Cronologia: Neolítico / Calcolítico.

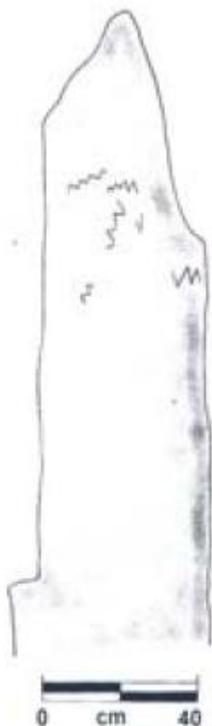
Paradeiro: Permanece *in situ*.

Bibliografia:

BUENO RAMÍREZ, Primitiva y BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo (1995) – "La graphie du serpent dans la culture mégalitique péninsulaire – représentations de plein air et représentations dolméniques", *L'Anthropologie*, vol. 99, pp. 357-381.

DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, Marta (2010) – *Las estelas decoradas en la Prehistoria de la Peninsula Iberica*, Universidad Complutense de Madrid (tese de doutoramento em ficheiro .pdf), catálogo: n° 52.

88 – La Cerca I



(Jiménez Guijarro, segundo DÍAZ-GUARDAMINO, 2010)

Tipo: Estátua-menir

Localização: Malpartida de Plasencia, Plasencia (Cáceres).

Enquadramento geo-morfológico: A zona onde foram identificados os menires situa-se perto dos rios Tejo e Tiétar (seu afluente). Este é ponto de acesso à vizinha Serra de Monfragüe, localizada a Sul de Malpartida de Plasencia e caracterizada geologicamente pela presença de substratos xistosos.

Medidas: 0,88 m de altura; 0,45 m de largura.

Suporte: Menir de secção oval e de ponta aguçada, em xisto.

Condições de achado: Tratou-se de um achado casual, tendo sido encontrado um conjunto de três menires, formando um “alinhamento triangular”. Dois deles apresentavam decoração (I e III), estando localizados a Norte e a Sul, enquanto o menir não gravado se situava mais para Este.

Conservação: O suporte não apresenta grandes fracturas.

Técnica: Gravação.

Motivos: São visíveis, gravadas no terço superior do monumento, diversas linhas em zig-zag.

Cronologia: Neolítico / Calcolítico.

Paradeiro: Permanece *in situ*.

Bibliografia:

DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, Marta (2010) – *Las estelas decoradas en la Prehistoria de la Península Iberica*, Universidad Complutense de Madrid (tese de doutoramento em ficheiro .pdf), catálogo: nº 17.

89 – La Cerca III



(Jiménez Guijarro, segundo DÍAZ-GUARDAMINO, 2010)

Tipo: Estátua-menir

Localização: Malpartida de Plasencia, Plasencia (Cáceres).

Enquadramento geo-morfológico: Ver La Cerca I.

Medidas: 1,59 m de altura; 0,54 m de largura.

Suporte: Menir fálico em xisto.

Condições de achado: Ver La Cerca I.

Conservação: O suporte não apresenta grandes fracturas.

Técnica: Gravação.

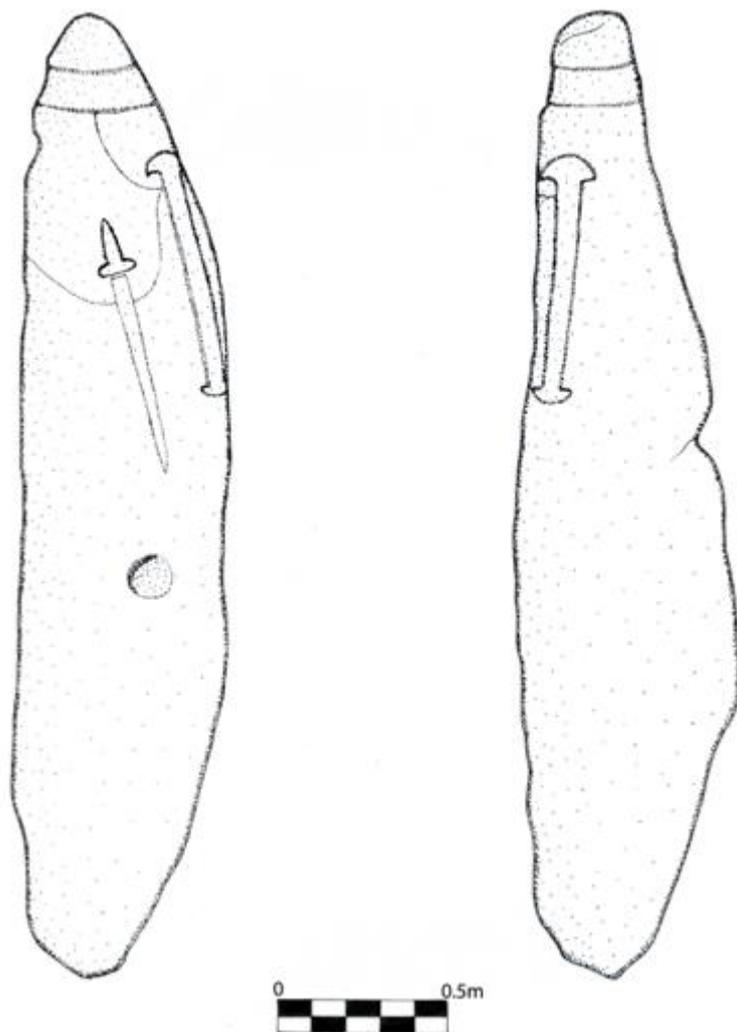
Motivos: São visíveis, gravadas no terço superior do monumento, diversas linhas em zig-zag.

Cronologia: Neolítico / Calcolítico.

Paradeiro: Permanece *in situ*.

Bibliografia:

DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, Marta (2010) – *Las estelas decoradas en la Prehistoria de la Peninsula Iberica*, Universidad Complutense de Madrid (tese de doutoramento em ficheiro .pdf), catálogo: nº 18.



(BANHA *et al.*, 2009)

Tipo: Estátua-menir

Localização: Corgas, Donas, Fundão (Castelo Branco) – 40° 08' 43" Lat. N; 7° 27' 08" Long. W.

Enquadramento geo-morfológico: Este monumento localiza-se na zona designada como Cova da Beira. A zona, cujo substrato geológico se define essencialmente pela presença de quartzodioritos e granodioritos biotíticos, é delimitada pelos relevos da Serra da Estrela e Serra da Gardunha. Ambas as serras são visíveis a partir da localização do monumento, assim como outros acidentes menores na paisagem, como a Serra de Peroviseu, a Norte. A cerca de 500 m para Oeste do sítio onde se encontrou a estátua-menir corre a Ribeira do Carvalhal, enquanto a Ribeira da Farinha encontra-se a cerca de 1 km para Nordeste.

Medidas: 2,80 m de altura; 0,65 m de largura máxima; 0,66 m de espessura máxima (pesando 1440 kg).

Suporte: Monólito granítico de grão médio e configuração ovóide.

Condições de achado: Encontrada durante a realização de trabalhos agrícolas numa propriedade da Sra. Isabel Trigueiros. Após ter sido dado notícia do achado, foi primeiramente identificada por André Mota Veiga. No decurso dos trabalhos, o monumento tinha sido deslocado cerca de 15 m para Oeste da sua localização original, tarefa que foi realizada com recurso a meios mecânicos.

Conservação: Bom estado de conservação, mas com uma forte fissura na parte inferior e lascamentos na parte média e superior, resultantes dos referidos trabalhos agrícolas e da deslocação do monumento por meios mecânicos. A parte decorada, no entanto, não foi afectada.

Técnica: A peça foi afeiçãoada nas faces frontal e (parcialmente) na lateral esquerda, onde foram representados os motivos decorativos (espada e bi-ancoriforme). Assiste-se a uma utilização do alto-relevo para a representação do bi-ancoriforme e da empunhadura da espada, enquanto a lâmina é desenhada por um único sulco.

Motivos:

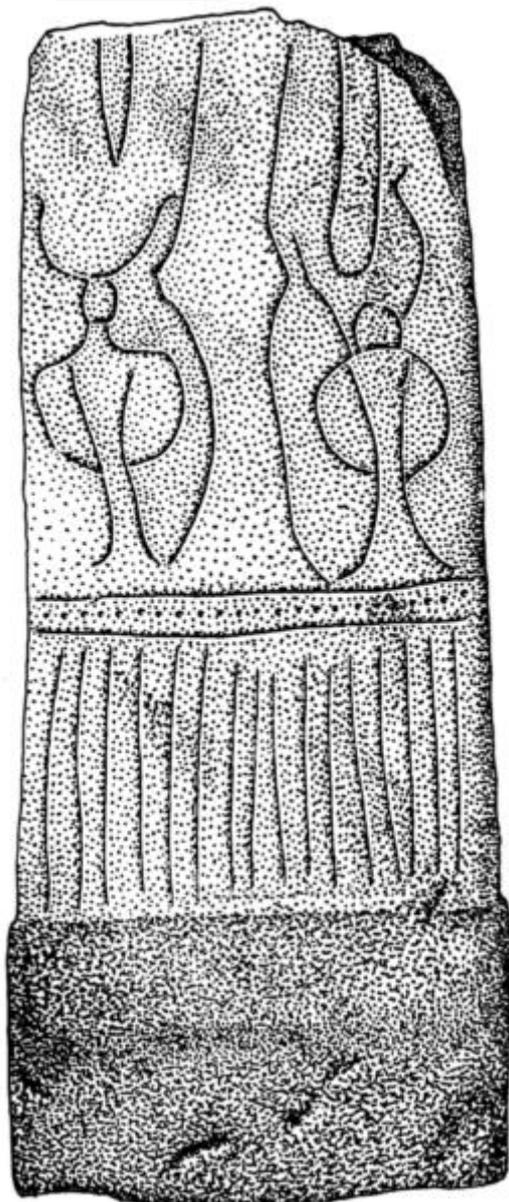
- Cabeça: O menir seria originalmente uma configuração fálica, mais tarde reconvertida em forma antropomórfica. Na parte superior procurou-se individualizar a cabeça, delimitando-a através de uma profunda gola.
- Bi-ancoriforme: Ao centro da face anterior do monumento aparece um bi-ancoriforme, semelhante aos que figuram nas ditas “estelas alentejanas”. O bi-ancoriforme localiza-se a 16 cm da gola e a 25 cm da espada, estando representado em alto-relevo. Tem 72 cm de comprimento máximo, 16 cm de largura máxima na lâmina superior e 11,5 cm na lâmina inferior.
- Espada: A espada encontra-se numa posição sub-vertical, com a empunhadura virada para cima. A empunhadura encontra-se representada também em alto-relevo, ao contrário da lâmina, delimitada por uma incisão. A lâmina mede 57 cm de comprimento e 5 cm de largura junto ao punho. A empunhadura tem 16,5 cm de comprimento e 9 cm de largura máxima.
- Correias: A espada e o bi-ancoriforme estão ligados à parte superior do monumento através de três sulcos, representando provavelmente correias de suspensão das armas / objectos.
- Covinha: A 25 cm da ponta da espada foi feita uma covinha de grandes dimensões. Tem 12,5 cm de diâmetro e 1 cm de profundidade máxima.

Cronologia: Seria um menir datado do Neolítico / Calcolítico, com reaproveitamento e “antropomorfização” durante a Idade do Bronze (Bronze Médio, meados do II milénio a.C.).

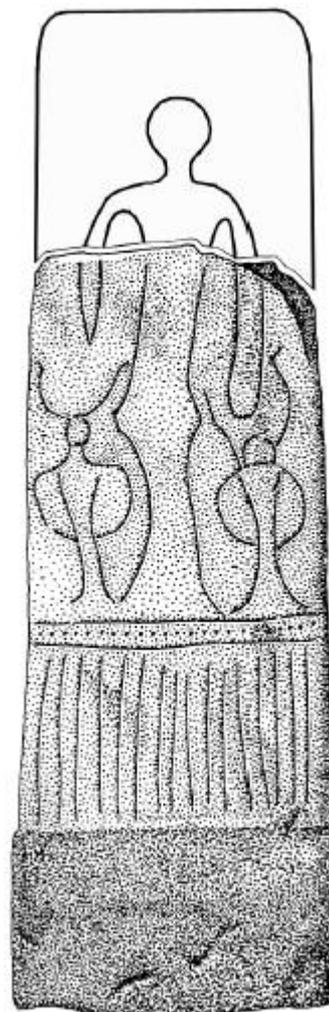
Paradeiro: Museu Arqueológico Municipal José Monteiro, Fundão (Castelo Branco).

Bibliografia:

BANHA, Carlos; VEIGA, André Mota; FERRO, Sara (2009) – “A Estátua-menir de Corgas (Donas, Fundão): contributo para o estudo da Idade do Bronze na Beira Interior”, *AÇAFA online*, 2, Associação de Estudos do Alto Tejo, pp. 1-16 [www.altotejo.org].



(ALMAGRO BASCH, 1966)



(ALARCÃO, 2001)

Tipo: Estela

Localização: Nossa Senhora de Mércules, Monte de S. Martinho (Castelo Branco) – 39° 48' 14" Lat. N; 7° 27' 51" Long. W.

Enquadramento geo-morfológico: O monte de S. Martinho localiza-se a sensivelmente 1,5 km a Sudeste da cidade de Castelo Branco. Com diversos afloramentos quartzíticos e uma vertente abruta a Sul (ao contrário do que se verifica nas restantes vertentes), o monte apresenta-se numa zona de confluência entre manchas de granitos porfiróides (a Norte) e o Complexo Xito-Grauváquico (a Oeste e Sul). Localizando-se perto do rio Ponsul e destacando-se na planície, o monte de S. Martinho é um relevo aplanado no topo, com um alargado controlo visual sobre a paisagem envolvente.

Medidas: Cerca de 1,65 m de altura; 0,65 m de largura; grossura que varia entre os 0,13 m e os 0,38 m.

Suporte: Granito rosáceo bastante compacto.

Condições de achado: Descoberta à superfície no topo do monte de S. Martinho (juntamente com a estela de S. Martinho II) no ano de 1903 por Tavares de Proença, que levava a cabo escavações arqueológicas no região.

Conservação: Fraturado na extremidade superior.

Técnica: Incisão profunda mas algo irregular, com abrasão por ponta metálica nas gravuras localizadas nos dois terços superiores da peça.

Motivos:

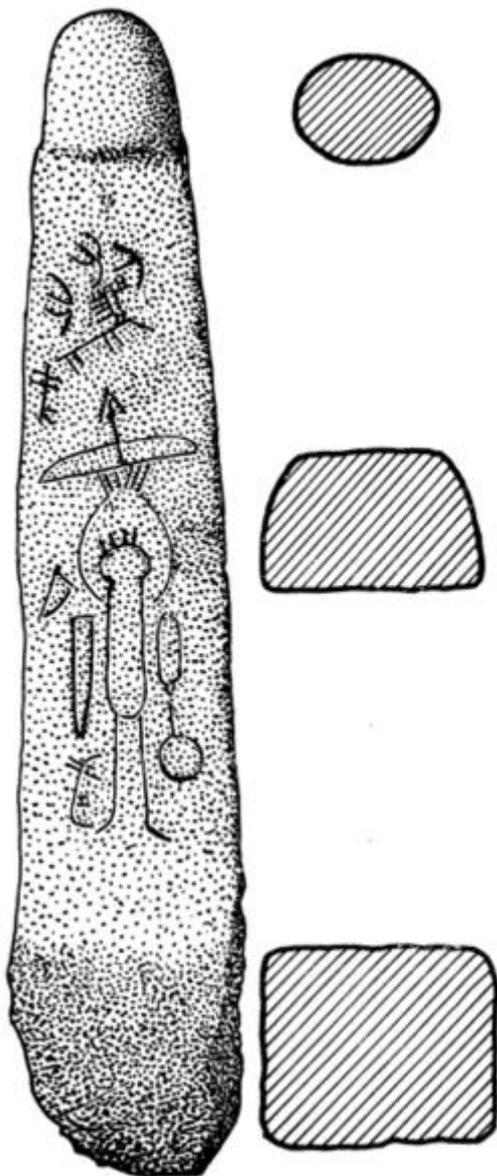
- Espada (?): É possível que a gravura (fraturada) no lado superior direito da estela fosse a ponta de uma lâmina de espada; o mesmo já será mais difícil de admitir para a do lado esquerdo.
- Figuras humanas: São visíveis pelo menos dois antropomorfos (sendo que é possível interpretar o motivo central como sendo um terceiro, de maiores dimensões – ALARCÃO, 2001: 334), representados de maneira extremamente esquemática, com cabeça circular e braços arqueados.
- Escudos (?): Os braços arqueados podem sugerir a representação de escudos colocados em frente ao corpo.
- Capacetes: Ambos os antropomorfos possuem chifres, indiciando a presença de capacetes. Os da figura localizada no lado direito da estela têm forma de U, enquanto os da esquerda têm uma configuração liriforme.
- Arcos (?): As linhas arqueadas com (sensivelmente) a mesma altura dos antropomorfos podem ser interpretadas como sendo arcos, se bem que tal interpretação seja potencialmente duvidosa.
- Cinturão: Na zona inferior encontra-se duas linhas paralelas que ocupam toda a largura da estela, sendo que entre as duas é observável uma outra linha paralela composta por 23 pontos. Da linha inferior saem, perpendicularmente, uma série de dezasseis linhas, resultando numa configuração semelhante a um cinturão. Celestino Pérez (2001: 358) estabelece um paralelo entre este motivo e as *estelas-guijarro*, levantando a hipótese de se tratar, na verdade, de um reaproveitamento de uma *estela-guijarro*.

Cronologia: Bronze Final.

Paradeiro: Museu de Castelo Branco.

Bibliografia:

- ALARCÃO, Jorge de (2001) – “Novas perspectivas sobre os Lusitanos (e outros mundos)”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 4, nº 2, Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, pp. 293-349;
- ALMAGRO BASCH, Martín (1966) – *Las estelas decoradas del Suroeste Peninsular*, Bibliotheca Preshistorica Hispana, vol. VIII, Madrid;
- ALMAGRO GORBEA, Martín (1993) – “La introducción del hierro en la Península Ibérica. Contactos precoloniales en el Período Protoorientalizante”, *Complutum*, vol. 4, pp. 81-94;
- GALÁN DOMINGO, Eduardo (1993) – *Estelas, Paisaje y Territorio en el Bronce Final del Suroeste de la Península Iberica*, Complutum, Extra 3, Madrid: Editorial Complutense;
- VILAÇA, Raquel (1995) – *Aspectos do Povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos Finais da Idade do Bronze*, Trabalhos de Arqueologia, 9, Lisboa: IPPAR;
- ALARCÃO, Jorge de (2001) – “Novas perspectivas sobre os Lusitanos (e outros mundos)”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 4, nº 2, Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, pp. 293-349;
- CELESTINO PÉREZ, Sebastian (2001) – *Estelas de guerrero y estelas diademazas – la precolonización y formación del mundo tartésico*, Barcelona: Bellaterra Arqueología, pp. 357-358;
- HARRISON, Richard (2004) – *Symbols and Warriors: Images of the European Bronze Age*, Bristol: Western Academic & Specialist Press Limited, 229-231;
- VILAÇA, Raquel (2004) – “O monte de S. Martinho, Castelo Branco, na Idade do Bronze”, *Arqueologia: coleções de Francisco Tavares Proença Júnior*, Castelo Branco, pp. 54-61;
- VILAÇA, Raquel; SANTOS, André Tomás; MARQUES, João Nuno (2004) – “O monte de S. Martinho na Idade do Bronze: Estátua-menir-76, Estátua-menir-77 e Menir-78”, *Arqueologia: Coleções de Francisco Tavares Proença Júnior*, Castelo Branco, pp. 159-165.



(ALMAGRO BASCH, 1966)

Tipo: Estela-menir

Localização: (ver estela de S. Martinho I)

Enquadramento geo-morfológico: (ver estela de S. Martinho I)

Medidas: Cerca de 2,22 m de altura; 0,40 m de largura máxima; 0,40 m de grossura média.

Suporte: Bloco monolítico de granito muito compacto, em forma de menir fálco.

Condições de achado: Encontrada por Tavares de Proença em 1903, a 0,60 m de profundidade e disposta horizontalmente, aquando da realização de escavações arqueológicas (ver estela de S. Martinho I).

Conservação: Óptimas condições de conservação devido ao facto de se ter conservado enterrada.

Técnica: O suporte parece ter sido preparado de ambos os lados (frente e verso), sendo arredondado no topo (que está individualizado através de rebatimento); a extremidade inferior (se seria fincada no chão) não apresenta decoração. A gravação apresenta um traço profundo e detalhado, com atenção aos pormenores.

Motivos:

- **Figura humana:** A estela representa uma cena de caça, em que o elemento central é claramente uma figura humana (com 55 cm dos pés à cabeça). O seu corpo e cabeça estão gravados numa única linha contínua, com os braços erguidos e arqueados, segurando um arco com uma flecha. Nas mãos são visíveis as representações dos dedos (através de 6 incisões).
- **Arco e flecha:** Com uma disposição horizontal, aparece um arco com flecha colocado por cima das mãos do antropomorfo. A seta é curta (10 cm) e está colocada a meio do arco, medindo este 30 cm de comprimento.
- **Fíbula:** Encontra-se uma pequena (menos de 1 cm de comprimento) fíbula de cotovelo à direita da figura humana. A agulha é ligeiramente mais comprida do que o corpo.
- **Espelho:** Do lado esquerdo do caçador está representado um espelho (15 cm de comprimento), constituído por um círculo e com o cabo virado para cima.
- **Aljava:** Junto ao ombro direito do antropomorfo está representado um objecto (de 29 cm) que tanto pode ser interpretado como uma lâmina de espada como uma aljava para flechas. Tendo em conta a cena e o conjunto em que se insere, esta última hipótese parece ser mais provável.
- **Forma ovalada:** Existe um signo alongado de configuração oval colocado por cima do cabo do espelho, à esquerda do caçador, com um pequeno apêndice na zona inferior. O significado deste símbolo revela-se difícil de apreender.
- **Pente:** De reduzidas dimensões (0,6 cm), está localizado à esquerda do espelho.
- **Animais:**
 - **Cervídeo:** Na zona superior da estela encontra-se gravado, com uma orientação horizontal, um cervídeo com as hastes bem desenhadas.
 - **Canídeos:** Com uma orientação vertical, existe um outro quadrúpede, que parece atacar o cervídeo. Com a mesma orientação está ainda um outro, aos pés do caçador. É lícito admitir que se trate de canídeos usados na actividade cinegética.
 - **Aves (?):** Por cima do cervídeo estão representadas três figuras que podem ser interpretadas como aves, talvez aves de caça, tendo em conta o enquadramento da cena.
- **Cruz:** Perto do topo, está gravada uma pequena cruz, inscrita dentro de um círculo.

Cronologia: Bronze Final.

Paradeiro: Museu de Castelo Branco.

Bibliografia:

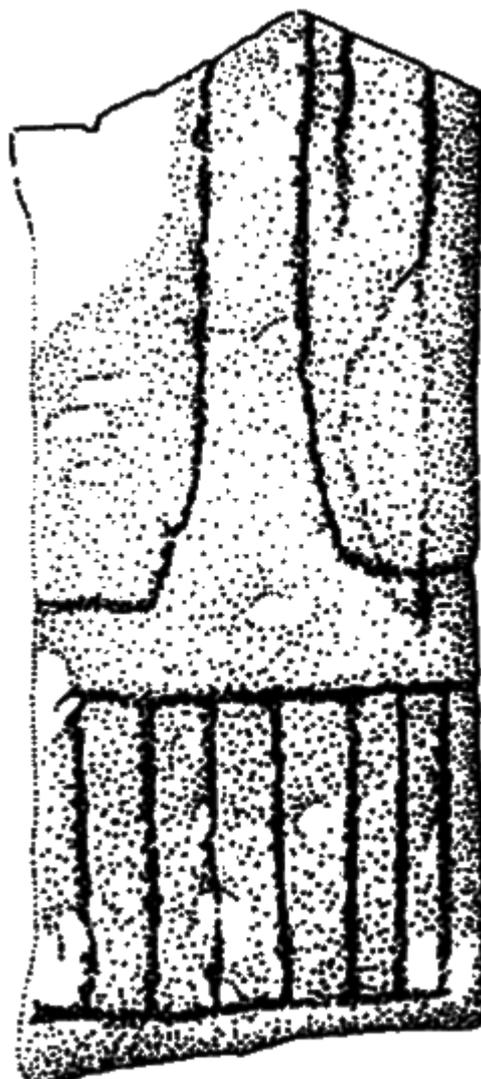
- ALMAGRO BASCH, Martín (1966) – *Las estelas decoradas del Suroeste Peninsular*, Bibliotheca Preshitorica Hispana, vol. VIII, Madrid;
- ALMAGRO GORBEA, Martín (1993) – "La introducción del hierro en la Península Ibérica. Contactos precoloniales en el Período Protoorientalizante", *Complutum*, vol. 4. pp. 81-94;
- GALÁN DOMINGO, Eduardo (1993) – *Estelas, Paisaje y Territorio en el Bronce Final del Suroeste de la Península Iberica*, Complutum, Extra 3, Madrid: Editorial Complutense;
- VILAÇA, Raquel (1995) – *Aspectos do Povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos Finais da Idade do Bronze*, Trabalhos de Arqueologia, 9, Lisboa: IPPAR;
- ALARCÃO, Jorge de (2001) – "Novas perspectivas sobre os Lusitanos (e outros mundos)", *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 4, nº 2, Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, pp. 293-349;
- CELESTINO PÉREZ, Sebastian (2001) – *Estelas de guerrero y estelas diademazas – la precolonización y formación del mundo tartésico*, Barcelona: Bellaterra Arqueología, pp. 359-360;
- HARRISON, Richard (2004) – *Symbols and Warriors: Images of the European Bronze Age*, Bristol: Western Academic & Specialist Press Limited, pp. 231-233;

VILAÇA, Raquel (2004) – “O monte de S. Martinho, Castelo Branco, na Idade do Bronze”, *Arqueologia: colecções de Francisco Tavares Proença Júnior*, Castelo Branco, pp. 54-61;

VILAÇA, Raquel; SANTOS, André Tomás; MARQUES, João Nuno (2004) – “O monte de S. Martinho na Idade do Bronze: Estátua-menir-76, Estátua-menir-77 e Menir-78”, *Arqueologia: Colecções de Francisco Tavares Proença Júnior*, Castelo Branco, pp. 159-165.



(ALMAGRO BASCH, 1966)



(VILAÇA *et al.*, 2004)

Tipo: Estela

Localização: (ver estela de S. Martinho I)

Enquadramento geo-morfológico: (ver estela de S. Martinho I)

Medidas: Cerca de 0,90 m de altura; cerca de 0,32 m de largura; 0,26 m de grossura média.

Suporte: Granito rosáceo bastante compacto.

Condições de achado: Encontrada por Tavares Proença posteriormente ao achado das anteriores (não se sabe exactamente quando), mas apenas dada a conhecer muito mais tarde, em 1964 por Almagro Basch, que a encontrou guardada no Museu de Castelo Branco.

Conservação: Apenas se conserva a parte central da estela, já que a peça está fragmentada em ambas as extremidades.

Técnica: Gravação profunda e larga.

Motivos:

- Espada (?): Na zona superior, do lado direito, encontra-se aquilo que pode ser parte da lâmina de uma espada. A figura poderá ter algumas semelhanças com a que está também gravada na zona superior direita da estela de S. Martinho I. No levantamento publicado por Raquel Vilaça e colaboradores em 2004 esta suposta espada não aparece.
- Linha: Do lado esquerdo está gravada uma linha vertical que, no levantamento mais recente, se prolonga quase até ao “cinturão” e é paralela a uma outra linha, mais curta (que no primeiro levantamento seria um dos gumes da “espada”).
- Veste: O já referido levantamento de 2004 distingue-se do primeiro levantamento apresentado por Almagro Basch, acima de tudo, pela identificação daquilo que pode ser interpretada como uma veste, aberta ao meio. Estes dois conjuntos de linhas, praticamente simétricos, formam dois ângulos sensivelmente rectos, abertos para o exterior da peça. Poder-se-á ver aqui alguma semelhança formal com a estela de S. Martinho I.
- Cinturão (?): Na zona inferior encontra-se uma figura formada por uma série de sete linhas verticais paralelas, dispostas entre duas linhas horizontais (paralelas entre si) que ocupam a totalidade da largura da peça. A configuração final sugere a forma de um cinturão, à semelhança do que encontramos na estela de S. Martinho I.

Cronologia: Bronze Final.

Paradeiro: Museu de Castelo Branco.

Bibliografia:

- ALMAGRO BASCH, Martín (1966) – *Las estelas decoradas del Suroeste Peninsular*, Bibliotheca Preshitorica Hispana, vol. VIII, Madrid;
- ALMAGRO GORBEA, Martín (1993) – “*La introducción del hierro en la Península Ibérica. Contactos precoloniales en el Período Protoorientalizante*”, *Complutum*, vol. 4, pp. 81-94;
- GALÁN DOMINGO, Eduardo (1993) – *Estelas, Paisaje y Territorio en el Bronce Final del Suroeste de la Peninsula Iberica*, Complutum, Extra 3, Madrid: Editorial Complutense;
- VILAÇA, Raquel (1995) – *Aspectos do Povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos Finais da Idade do Bronze*, *Trabalhos de Arqueologia*, 9, Lisboa: IPPAR;
- ALARCÃO, Jorge de (2001) – “Novas perspectivas sobre os Lusitanos (e outros mundos)”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 4, nº 2, Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, pp. 293-349;
- CELESTINO PÉREZ, Sebastian (2001) – *Estelas de guerrero y estelas diademazas – la precolonización y formación del mundo tartésico*, Barcelona: Bellaterra Arqueología, p. 361;
- HARRISON, Richard (2004) – *Symbols and Warriors: Images of the European Bronze Age*, Bristol: Western Academic & Specialist Press Limited, pp. 233-234;
- VILAÇA, Raquel (2004) – “O monte de S. Martinho, Castelo Branco, na Idade do Bronze”, *Arqueologia: colecções de Francisco Tavares Proença Júnior*, Castelo Branco, pp. 54-61;
- VILAÇA, Raquel; SANTOS, André Tomás; MARQUES, João Nuno (2004) – “O monte de S. Martinho na Idade do Bronze: Estátua-menir-76, Estátua-menir-77 e Menir-78”, *Arqueologia: Colecções de Francisco Tavares Proença Júnior*, Castelo Branco, pp. 159-165.

Cartografia

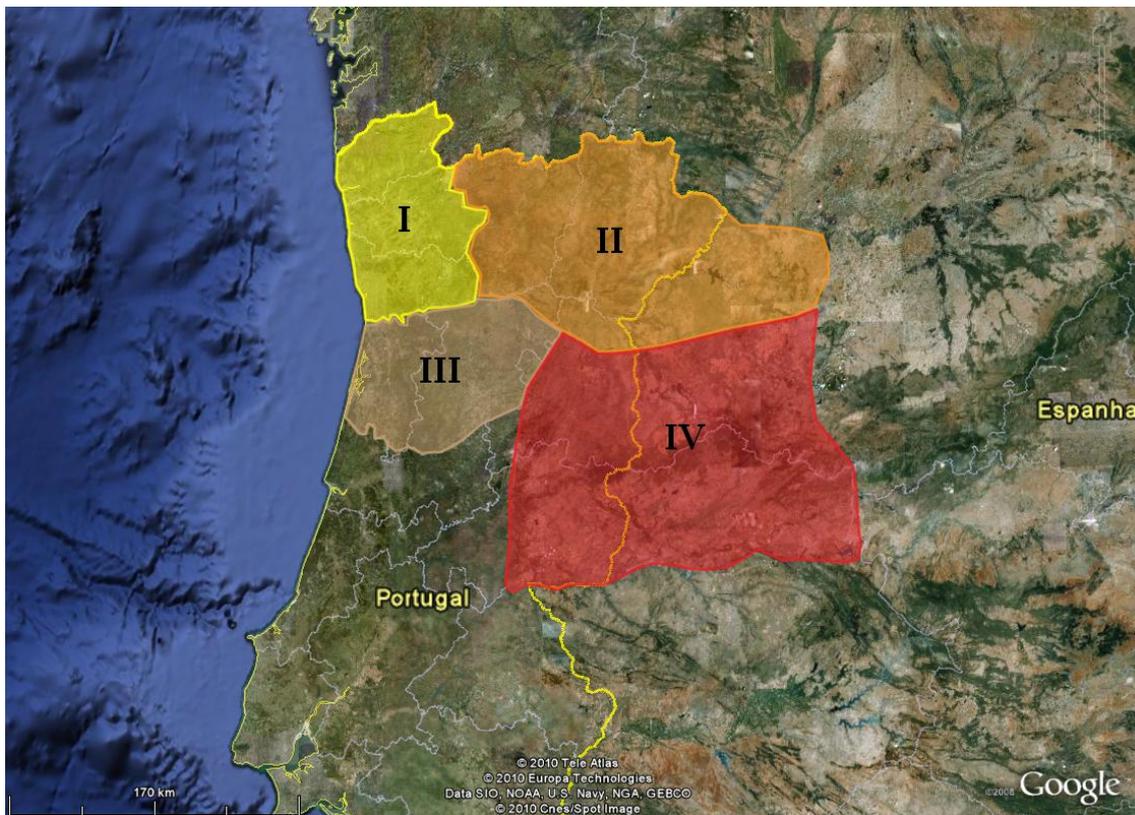


Fig. 1 – Zona em estudo e sub-regiões definidas no trabalho: I – Entre Douro e Minho; II – Trás-os-Montes, Alto Douro e Sudoeste da Meseta Superior; III – Beira Central e Ocidental; IV – Centro e Sul da Beira Interior e órbita da Serra de Gata (imagem Google Earth).



Fig. 2 – Distribuição dos monumentos identificados (imagem Google Earth).

1	Boulhosa	21	Quinta de Vila Maior	41	Ciudad Rodrigo I
2	Casal de Insalde	22	Moncorvo	42	Ciudad Rodrigo II
3	Cova da Moura	23	Santa Luzia I-II	43	Agallas
4	Afife	24	S. João de Ver	44	Robleda
5	Ermida	25	Chão do Brinco	45	Robledillo de Gata
6	S. Bartolomeu do Mar	26	Alto da Escrita	46	Hernán Pérez I-VII e estela
7	Cruz de Cepos	27	Serra da Nave II	47	Arrocerezo
8	Cervos	28	Serra da Nave I	48	El Cerezal II
9	Chaves	29	Longroiva	49	El Cerezal I
10	Faiões	30	Ataúdes	50	Cambroncino
11	Bouça	31	Tremedal de Tormes	51	Riomalo de Abajo
12	Lameira	32	Caparrosa	52	Valdefuentes de Sangusín
13	Castro da Barrega	33	Orca dos Padrões	53	Los Santos
14	Vilarinho de Samardã I-II	34	Pedra da Atalaia I-II	54	Segura de Toro
15	Marco	35	A-de-Moura	55	Jarandilla
16	Alijó K	36	Baraçal I-II	56	La Cerca I e III
17	Pena Mosqueira I-IV	37	Meimão	57	Guadalperal
18	Picote	38	Aldeia Velha	58	Corgas
19	Cabeço da Mina I-XXI	39	Fóios	59	Zebros
20	Quinta do Couquinho	40	San Martín de Trevejo	60	S. Martinho I-III



Fig. 3 – 1: Boulhosa; 2: Casal de Insalde (imagem Google Maps).



Fig. 4 – Ermida (imagem Google Maps).



Fig. 5 – 1: Faiões; 2: Chaves; 3: Bouça (imagem Google Maps).

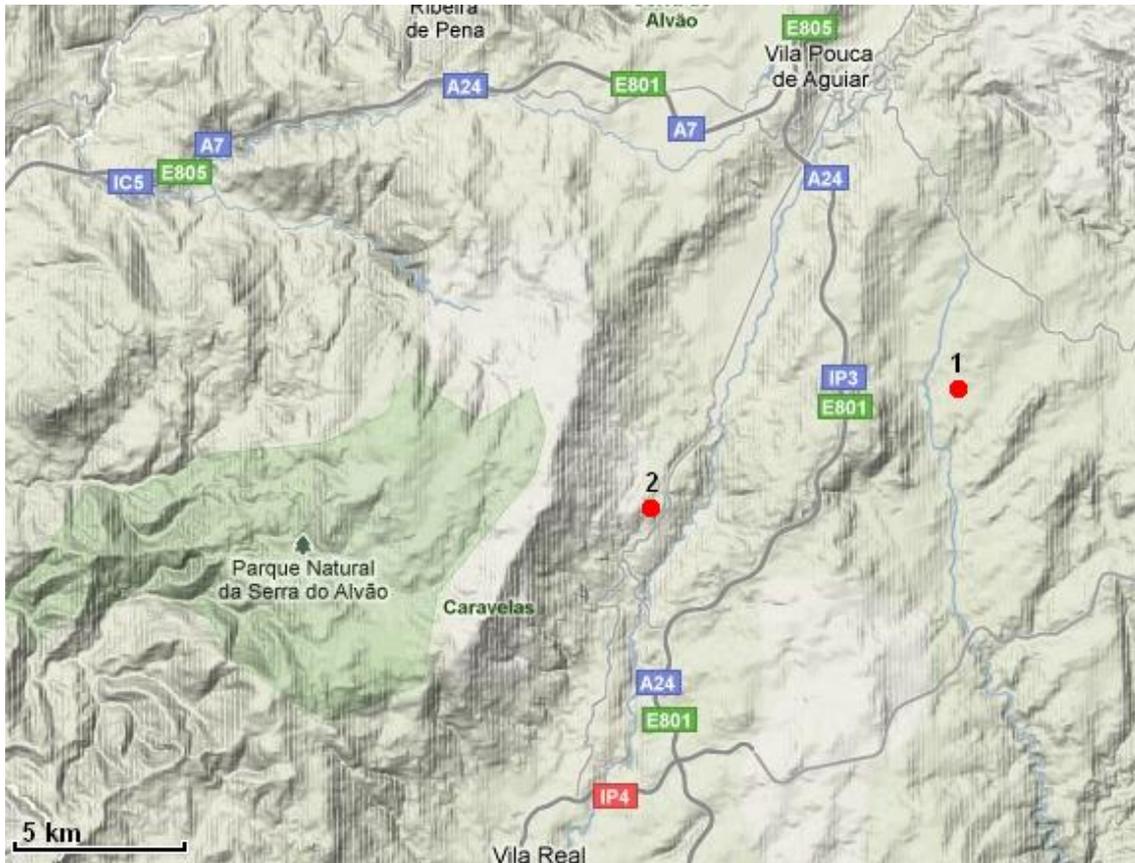


Fig. 6 – 1: Marco; 2: Vilarinho de Samardã (imagem Google Maps).

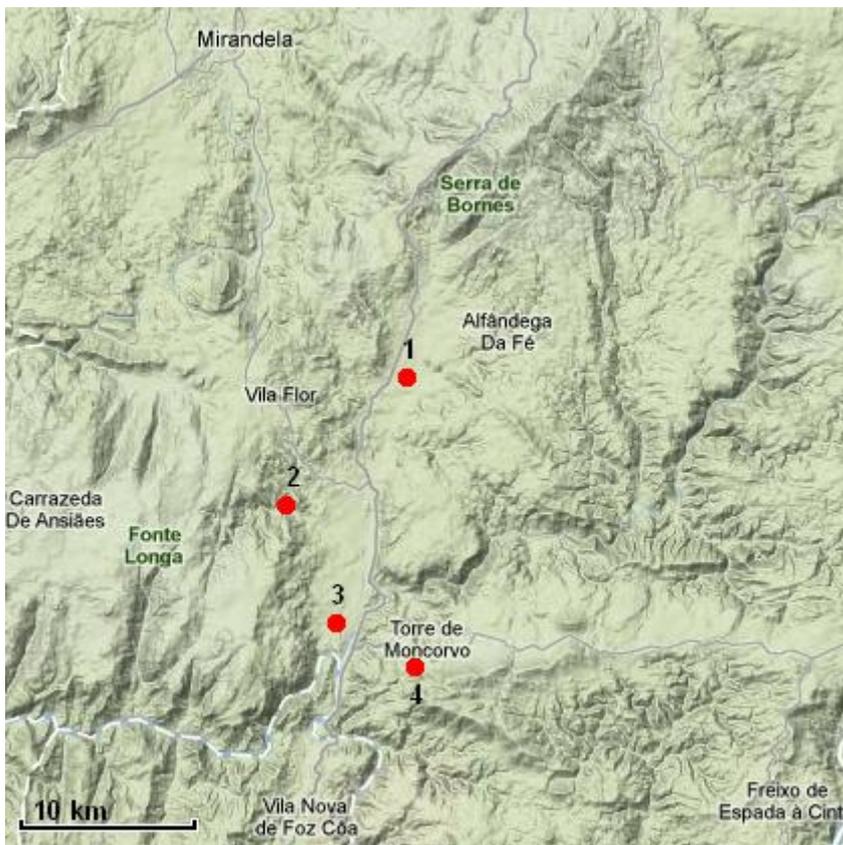


Fig. 7 – Vale da Vilarica. 1: Cabeço da Mina; 2: Quinta do Couquinho; 3: Quinta de Vila Maior; 4: Moncorvo (imagem Google Maps).

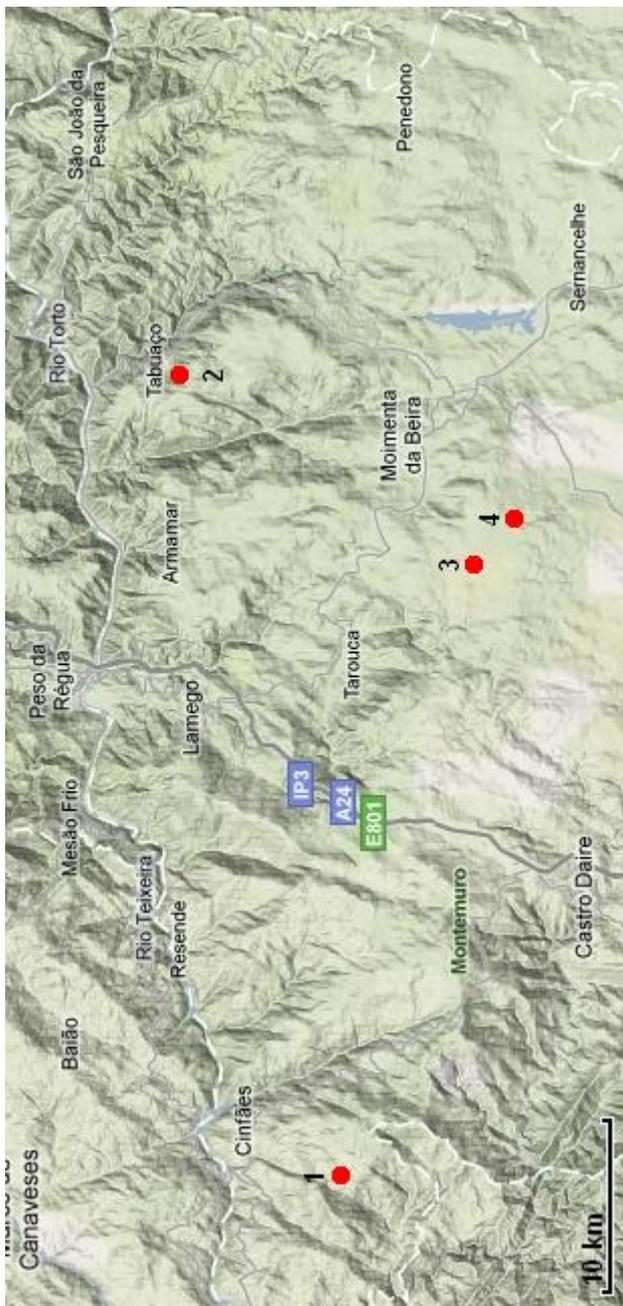


Fig. 8 – 1: Chão do Brinco; 2: Tabuaço; 3: Serra da Nave II; 4: Serra da Nave I (imagem Google Maps).

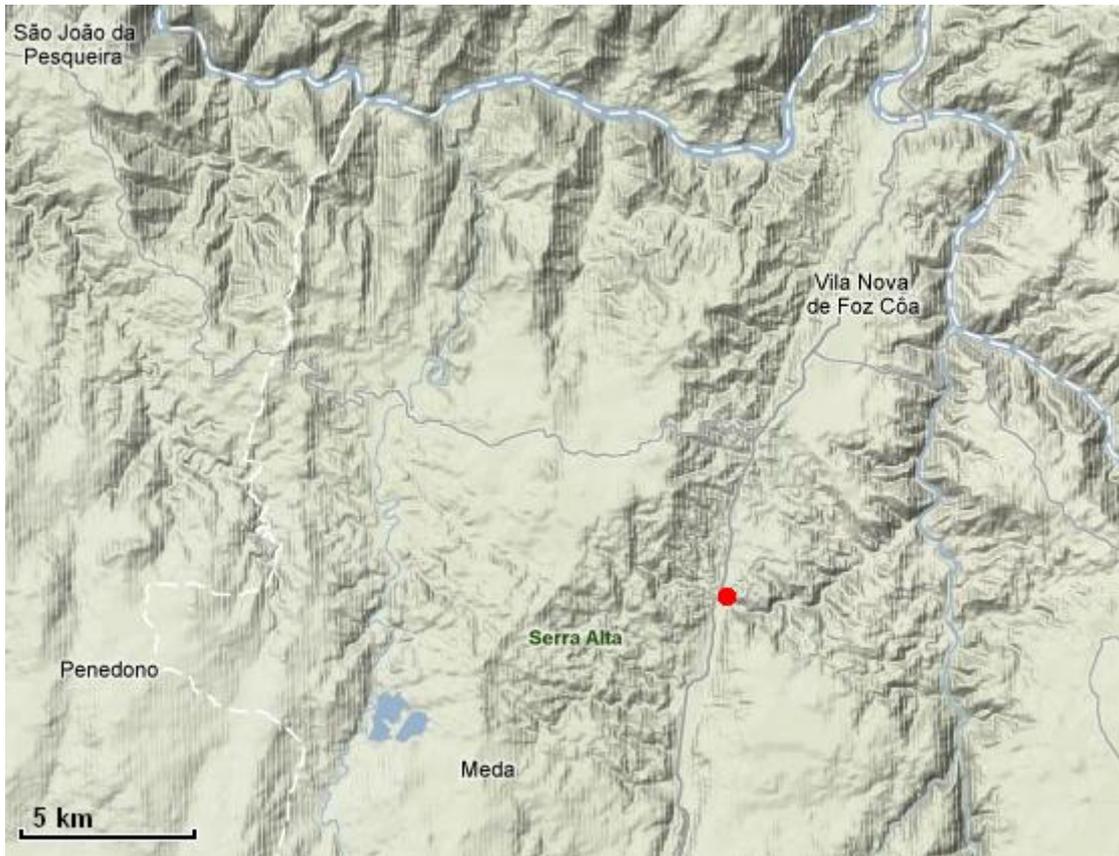


Fig. 9 – Longroiva (imagem Google Maps).

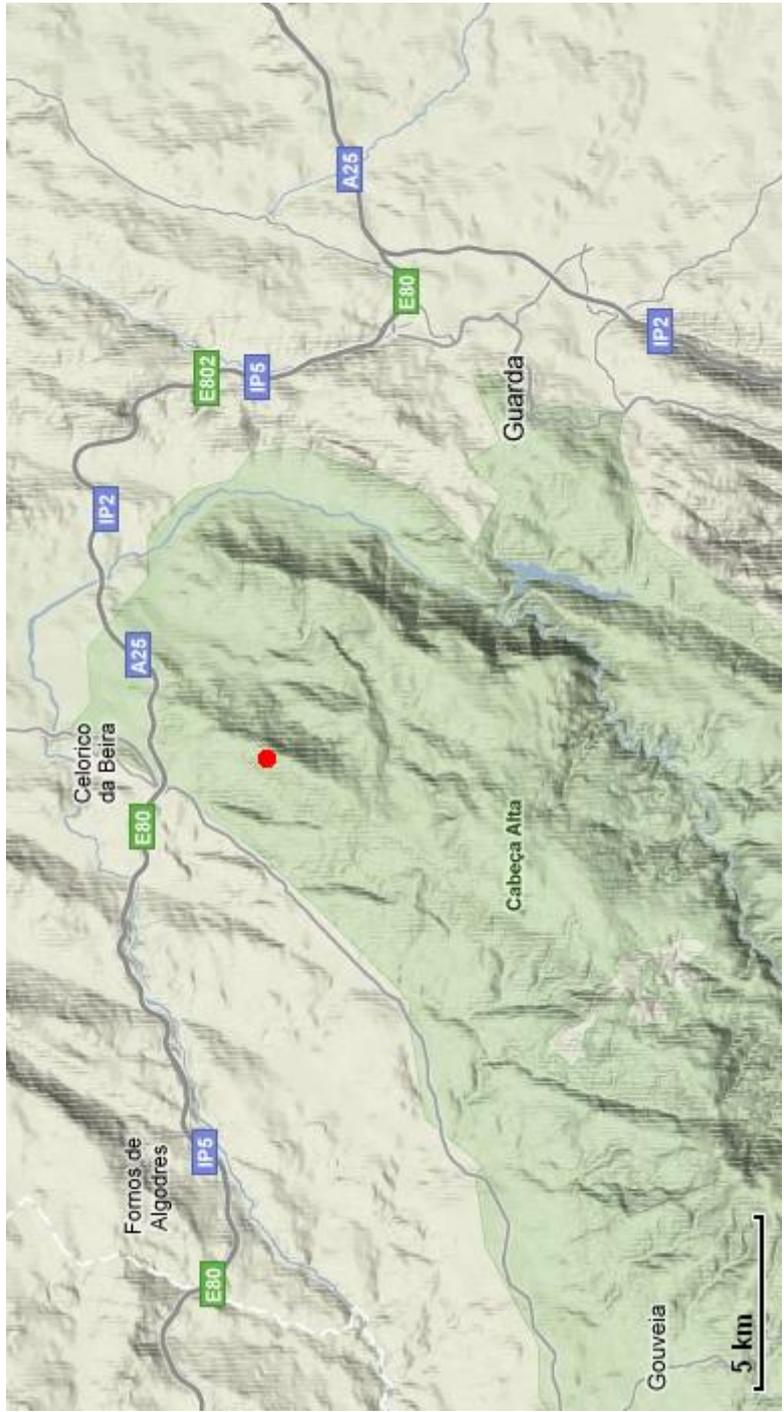


Fig. 10 – Pedra da Atalaia (imagem Google Maps).

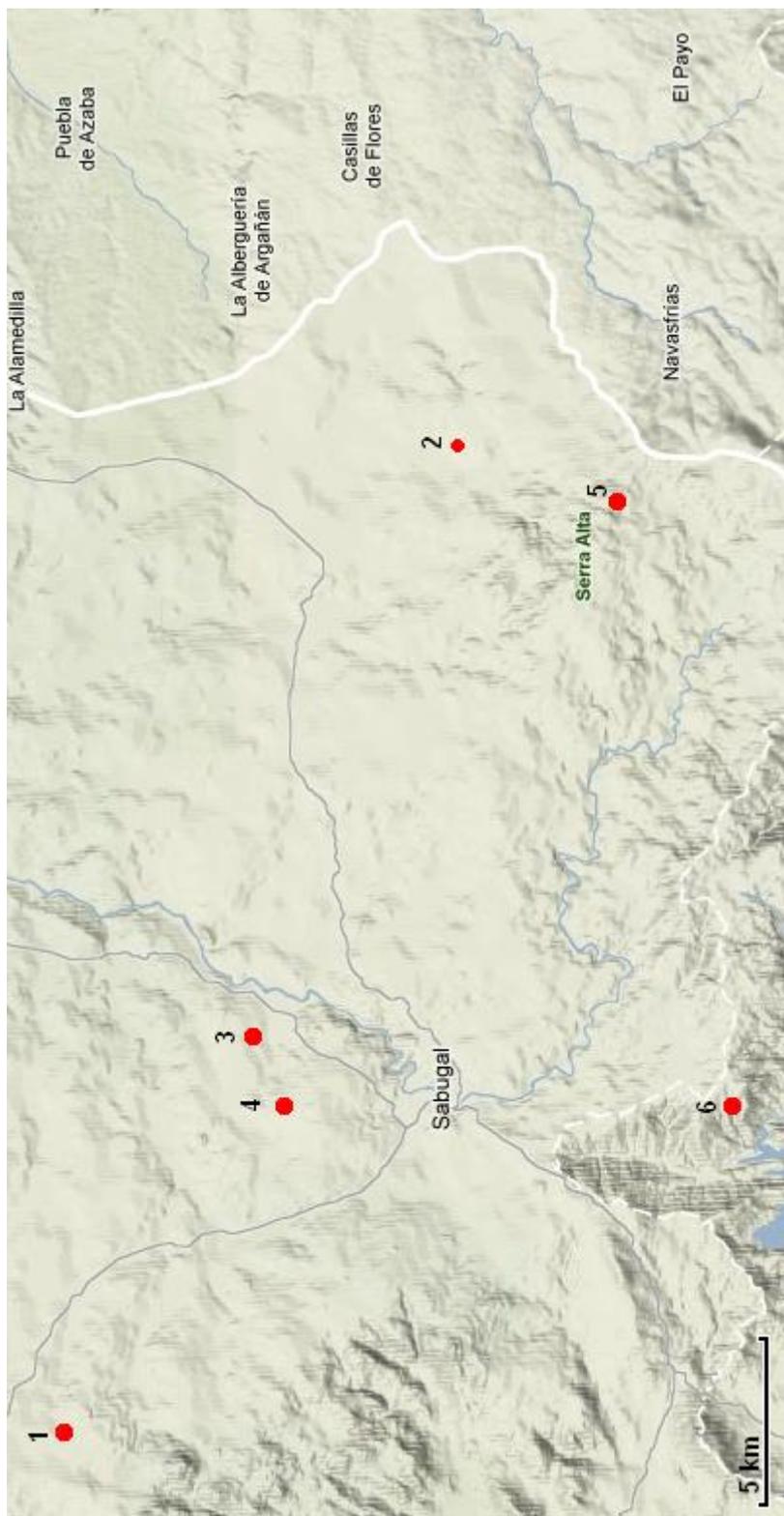


Fig. 11 – 1: A-de-Moura; 2: Aldeia Velha; 3: Baraçal I; 4: Baraçal II; 5: Fóios; 6: Meimão (imagem Google Maps).



Fig. 12 – Meimão no contexto da Serra da Malcata.

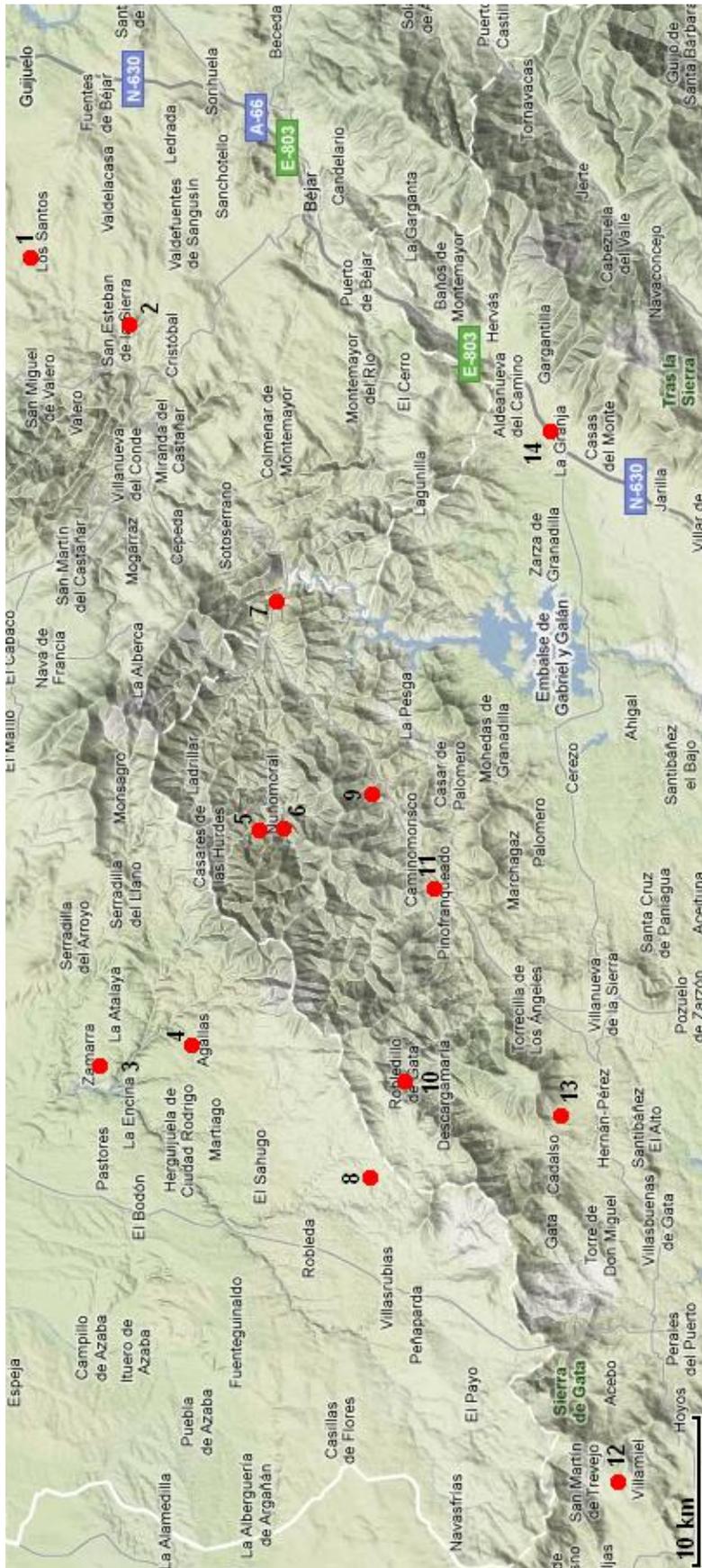


Fig. 13 – Serra de Gata. 1: Los Santos; 2: Valdefuentes de Sangusín; 3: Ciudad Rodrigo II; 4: Agallas; 5: El Cerezo II; 6: El Cerezo I; 7: Riomalo de Abajo; 8: Robleda; 9: Cambroncino; 10: Robledillo de Gata; 11: Arrocerezo; 12: San Martín de Trevejo; 13: Hernán Pérez; 14: Segura de Toro (imagem Google Maps).

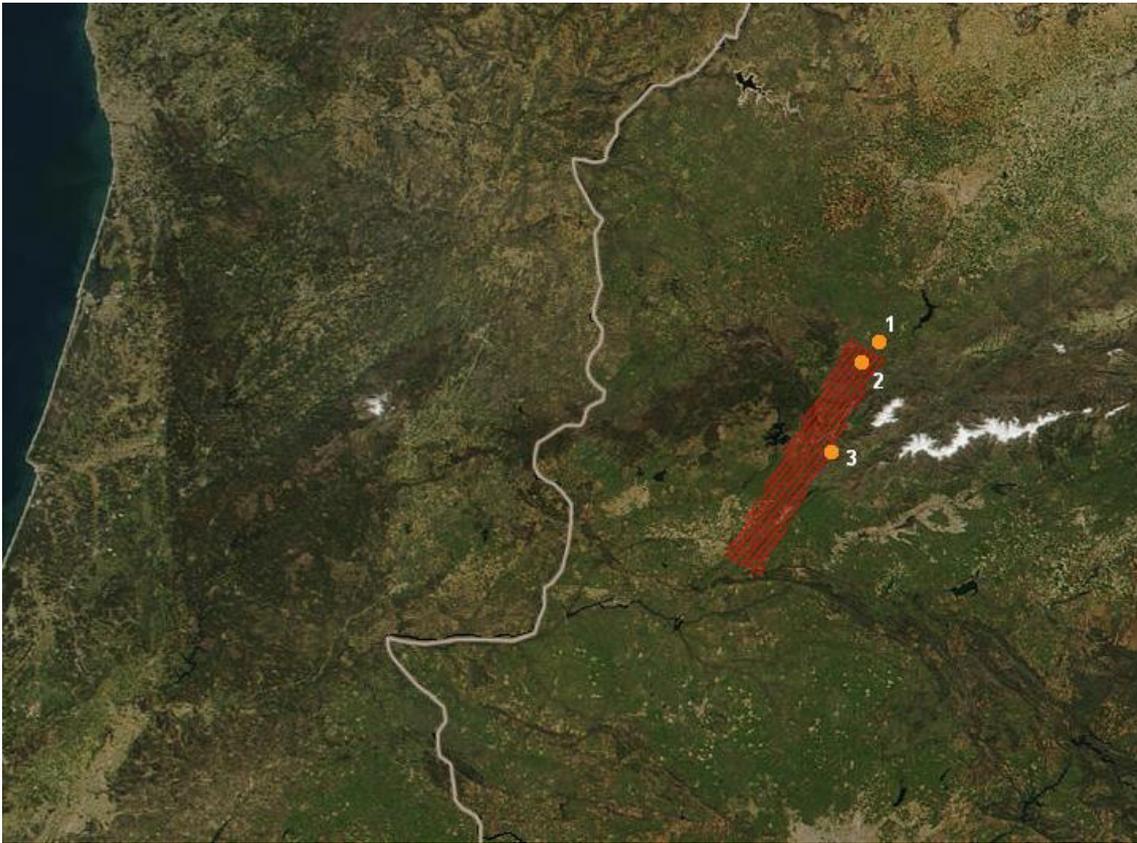


Fig. 14 – Zona de passagem preferencial entre as duas sub-mesetas. 1: Los Santos; 2: Valdefuentes de Sangusín; 3: Segura de Toro.



Fig. 15 – Corgas.

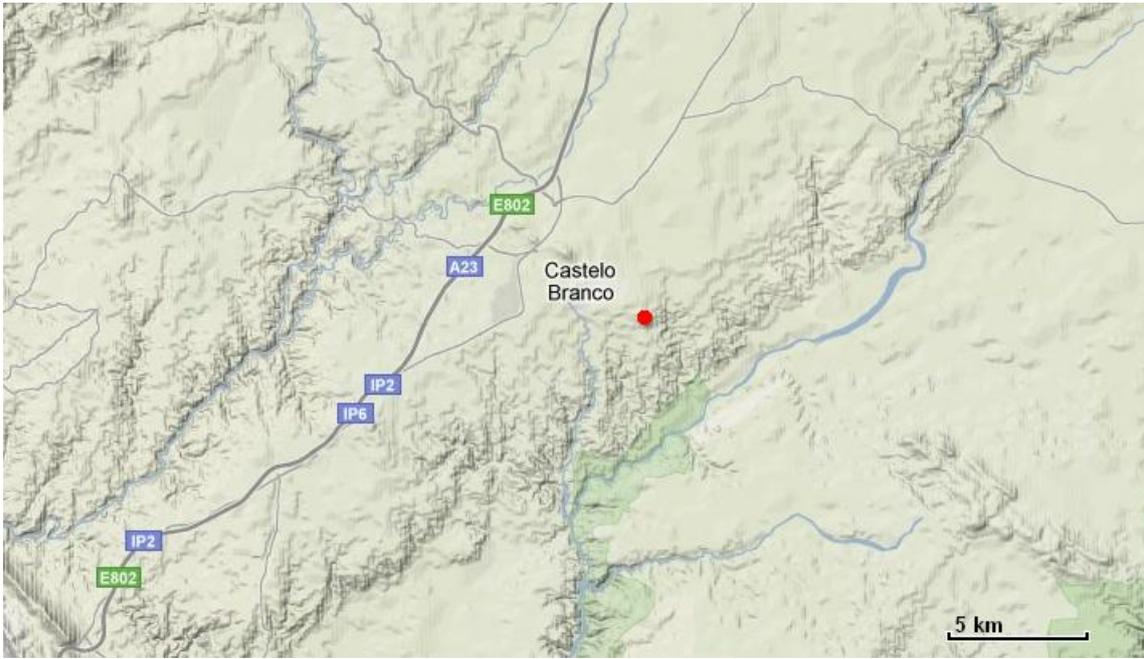


Fig. 16 – Monte de S. Martinho.